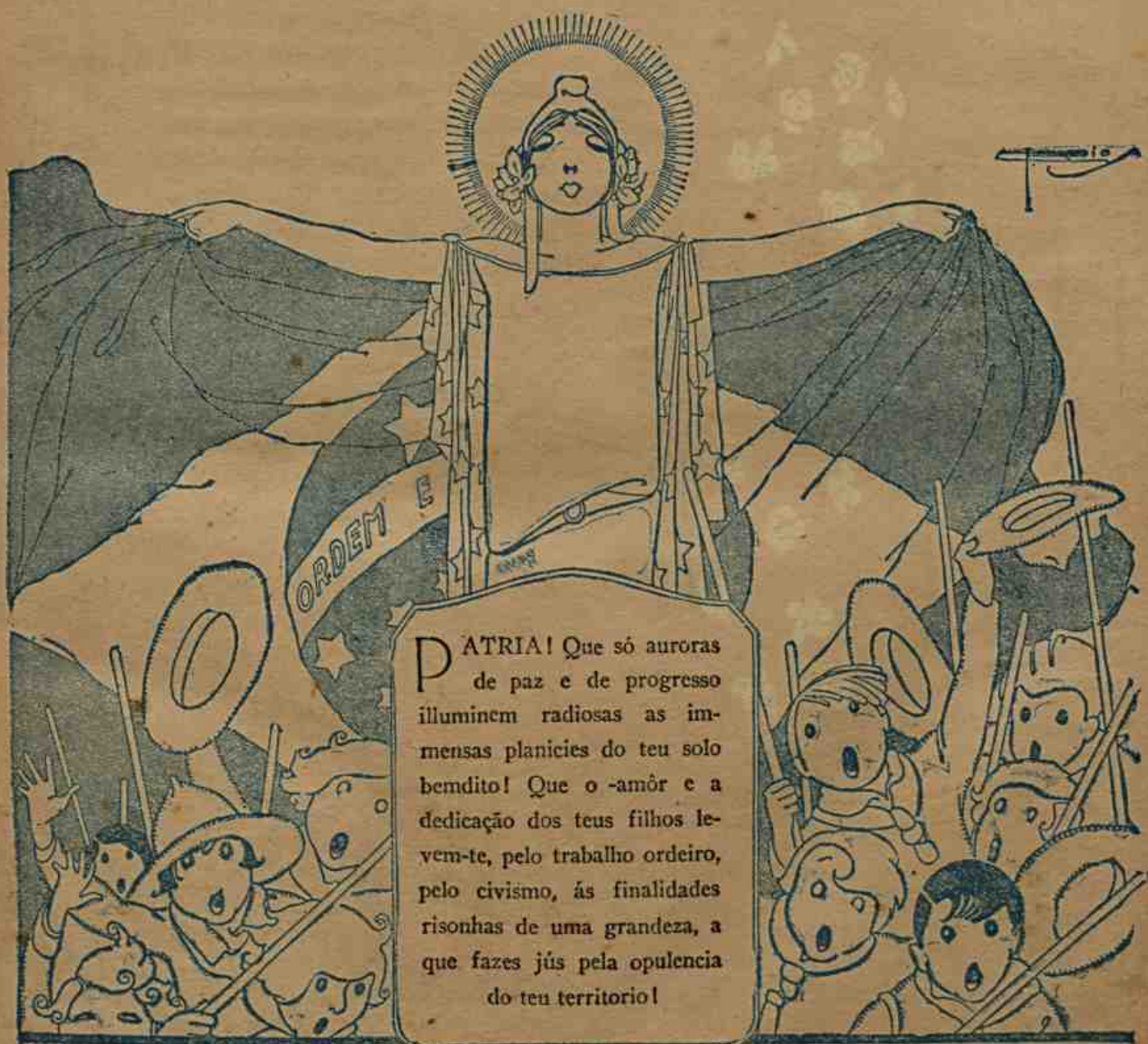
ALMANACH
DO "O TICO-TICO"
1926
PREÇO 5$000
PELO CORREIO 5$500

# P E L O   B R A S I L

O Brasil — immenso e fertil territorio que a Natureza brindou com privilegios de encantamento sem par — tem tido sempre uma marinha de guerra e um Exercito dignos das tradições gloriosas que possuem. Os feitos dos marujos brasileiros no Riachuelo, as victorias do exercito em Tuyuty, em Itororó, em Cerro Corá bem mostram o orgulho e o denodo dos militares ao serviço santo da defesa da Patria.

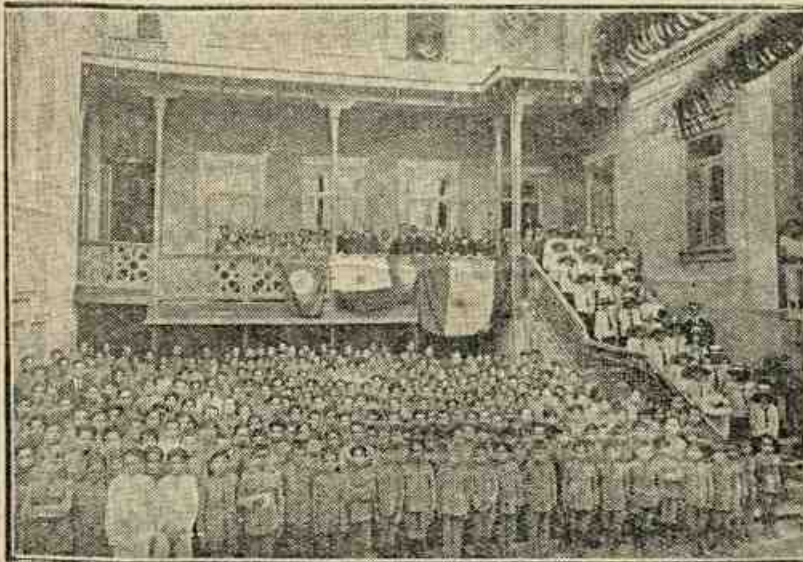
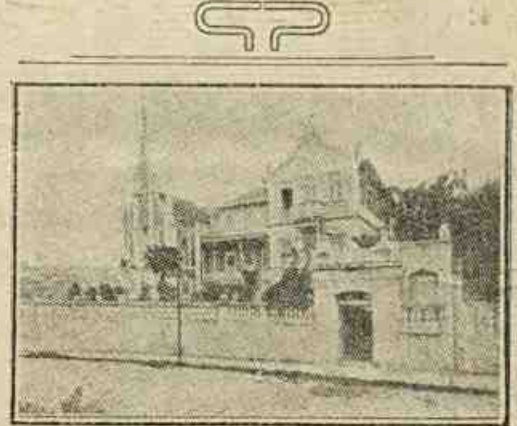
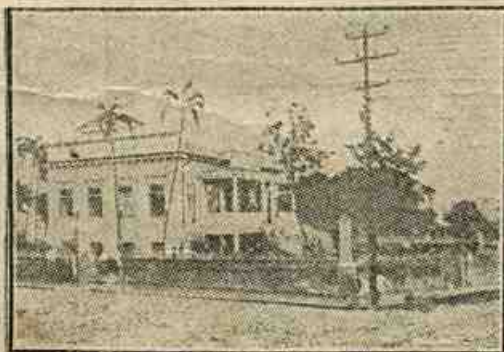
A mocidade de hoje, forte, unida, cheia de ardor patriotico tem como dever civico confirmar os gloriosos feitos de seus antepassados do Exercito e da Marinha de hontem. E de nenhum modo melhor póde se conduzir do que acudindo de bôa vontade, imbuida de amôr civico, ao alistamento militar. O Brasil só é digna patria dos cidadãos dignos de serem brasileiros. E nenhum joven é mais digno do que aquelle que serve á Patria nas fileiras do seu exercito e nos navios de sua marinha de guerra, para fazel-a respeitada e integra.

## *Moça, olha "O Malho"!*

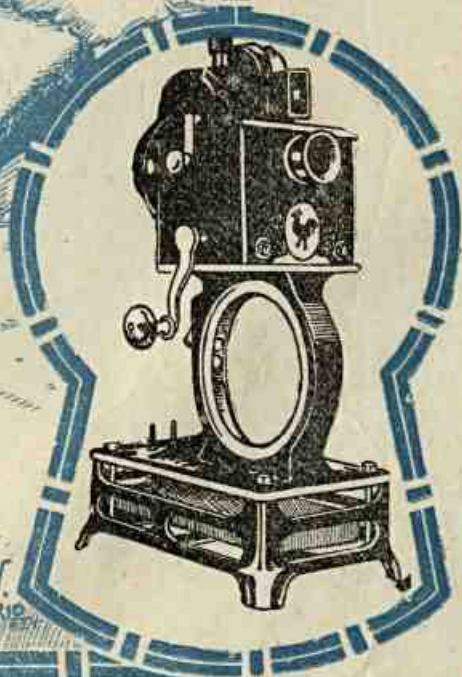
E realmente, a moça o olhou, comprou e leu, verificando ser «O Malho» o «leader» dos semanarios illustrados do Brasil, cheio de tradições gloriosas, que de semana em semana remoça na graça satyrica das suas «charges», na apresentação da mais completa reportagem photographica, nas diversas secções, commentando os casos da actualidade. Todos os sabbados "O Malho" offerece aos seus milhares de leitores os acontecimentos dos ultimos dias, em nitidos "clichés"; caricaturas de J. Carlos, Djalma e outros notaveis artistas; topicos sobre o momento politico, notas da semana, critica theatral, dados a respeito da avicultura e pecuaria; retratos graphologicos, charadas, xadrez, musica; a Caixa d'"O Malho", collaboração dos poetas novos, etc., etc., etc. Sempre na defesa das classes populares, a velha revista vive do povo para o povo!

# No Gymnasio Pio Americano

E NA

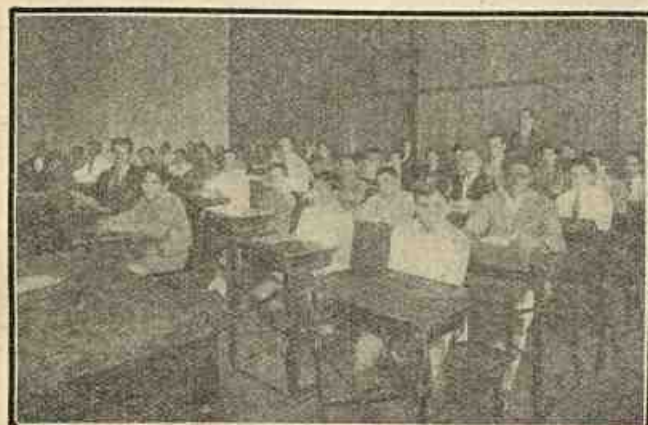
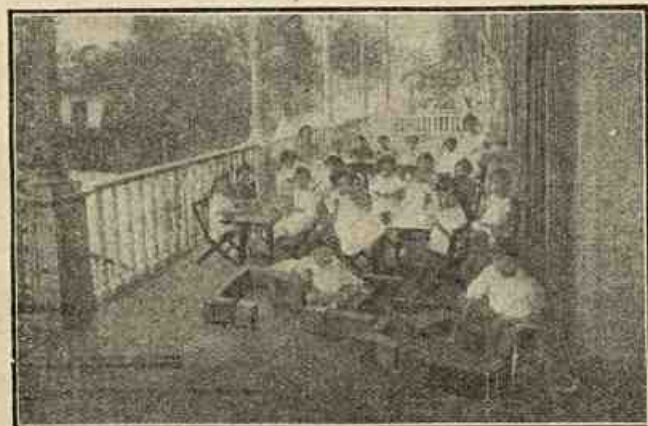
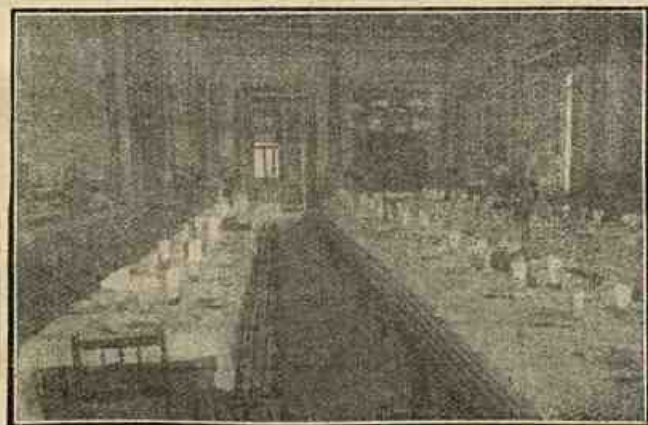
# SECÇÃO FEMININA DA ESCOLA BRASILEIRA

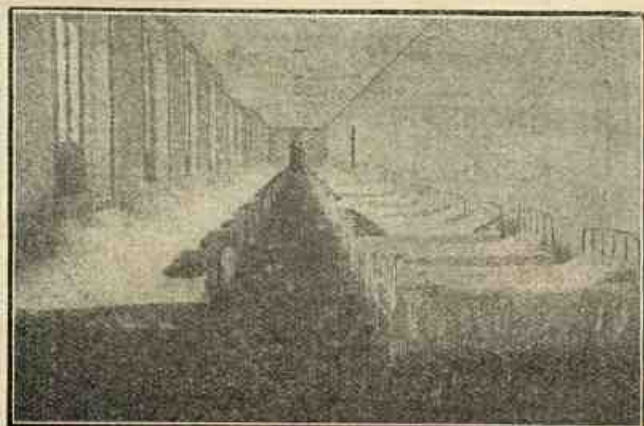
realizaram-se este anno importantes festas pela passagem das datas nacionaes e pelas bodas de prata de seus estimados directores geraes Professor João de Camargo e D. Amelia de Camargo.

Visita do Sr. Embaixador da França ao Gymnasio Pio Americano, retribuindo as homenagens que lhe foram prestadas no dia 14 de Julho

O Gymnasio Pio Americano, á Rua Teixeira Junior, 48

A Escola Brasileira á Rua Emerenciana, 2

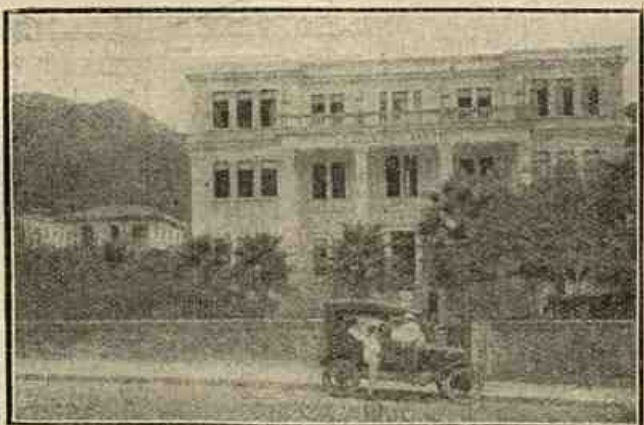
Grupo de alumnos e professores dos dois importantes collegios ao lado de seus directores no dia de suas bodas de prata

UM SONHO TORNANDO-SE REALIDADE. — O MELHOR PRESENTE PARA TODAS AS OCCASIÕES. DEMONSTRAÇÕES PERMANENTES

Rio de Janeiro — Rua Rodrigo Silva, 36 — São Paulo — Rua Libero Badaró, 133 2° — Agentes em todos os Estados — Peçam catalogos gratuitos

ORESTES ACQUARONE RIO 25
Nutrion
O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

# COLLEGIO AMERICANO
## RIO DE JANEIRO

*Aula no Curso Médio*

*Recreio no Jardim da Infancia á rua Haddock Lobo, 296*

*Um dos salões de refeitorio*

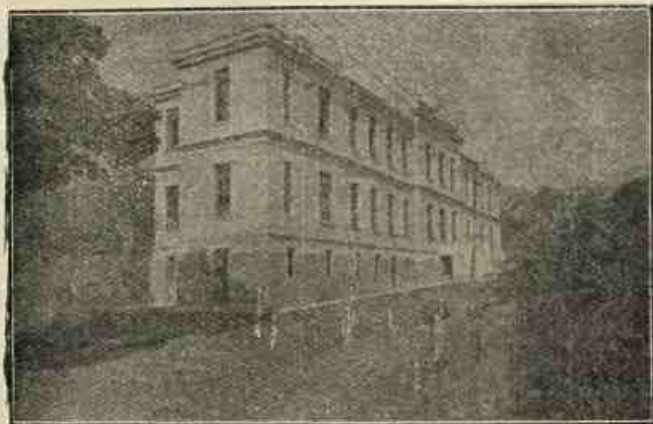
Este estabelecimento, que desde 1908 vêm se impondo ao conceito das populações desta capital e de outros centros adeantados de todo o Brasil, se destina a propor,onar á mocidade brasileira completa educação physic intellectual e moral, que é a melhor herança que os paes podem legar aos seus filhos. Mantém para este fim os cursos Jardim da Infancia, Primario, Complementar, Secundario, Preparatorio, Normal e Commercial. Tem Internatos e Externatos para ambos os sexos, localizados bellamente nas encostas da montanha Tijuca, rodeados de um ambiente physico de belleza inexcedivel. O Corpo Docente do Collegio é composto de setenta professores especialistas norte-americanos e brasileiros, de alta competencia.

*Um dos amplos e arejados dormitorios*

O collegio occupa seis grandes edificios modernos, sendo cinco de sua propriedade, situados em tres grandes chacaras, onde as condições hygienicas são das melhores possiveis nesta Capital. A Cultura Physica é organisada segundo os methodos norte-americanos e os

*Edificio "Judson-Hall", á rua José Hygino, 350*

mesmos methodos praticos vigoram em todas as aulas do estabelecimento.

A Escola Normal prepara professores technicamente para exercer as funcções do magisterio primario e secundario e brevemente será installada em edificio grande e moderno, junto com a sua Escola de Applicação.

# BAPTISTA
## BRASILEIRO
### RUA JOSÉ HYGINO, 350

O Departamento Commercial esplendidamente montado no edificio Judson proporciona grandes vantagens á mocidade que deseje se habilitar para o trabalho no Commercio. Foram formados já com o grão de guarda-livros e de dactylographos diversos alumnos pelo departamento. Nos cursos secundarios a adaptação ás necessidades da nova lei de ensino foi effectuada,

*Dormitorio para o sexo masculino*

cumprindo-se todas as condições necessarias para matriculas nas Escolas Superiores do paiz.

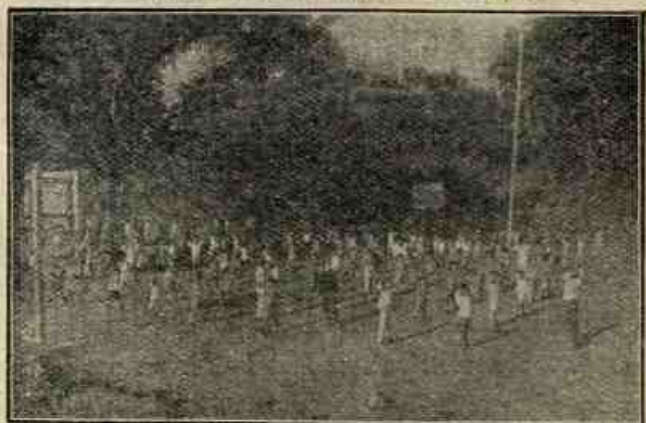
Neste estabelecimento ha duas epocas de matricula: em Fevereiro e Julho, quando novas turmas principiam os programmas. Ha completa liberdade de

*Edificio do Departamento Feminino, á rua Conde de Bomfim, 743*

crença, sendo facultado a todos seguirem a religião que quizerem.

O Collegio insiste em fazer um serviço serio e completo, empregando grandes recursos para este fim. Não ha um estabelecimento de ensino no Brasil, em condições melhores para receber a confiança dos dignos paes de familia e desempenhar o papel de administrar-

*Uuma outra vista do edificio dormitorio para o sexo masculino.*

*Alumnos do Departamento Feminino*

*Aula de gymnastica sueca*

lhes uma instrucção solida e completa, que o Collegio Baptista.

Educadores de longa experiencia e de grande habilidade collaboram nesta obra benemerita de edificar uma verdadeira instituição de ensino e digna deste nome.

Peçam prospectos ao director: J. M. SHEPARD. — Caixa, 828. — Capital Federal.

# Casa Mattos

## Uma homenagem significativa e util, dos Srs. Ferreira de Mattos & C.ª, proprietarios da Casa Mattos da Travessa S. Francisco de Paula, 22 e 24

A creditada "Casa Mattos", dos Srs. Ferreira de Mattos & C., estabelecidos á Travessa de S. Francisco de Paula, 22 e 24, hoje rua Ramalho Ortigão — acabam de lançar no mercado uma linda folhinha como homenagem ao intrepido e valoroso escoteiro Alvaro Silva, que realisou o *raid* Brasil-Chile, com grande brilhantismo. E' um trabalho patriotico e altamente artistico, pois representa a folhinha para 1926, a côres, em alto relevo, vendo-se ao centro, no meio dos pavilhões brasileiro e chileno, a figura em esmalte do heróe pedestrianista. Aos lados, na parte inferior, vêm-se os mappas com o traçado indicador do percurso e sobre elles duas figuras de bronze, que representam o escotismo dos dois paizes. O trabalho foi confeccionado na Allemanha, bem assim uma rica e variada collecção de postaes de todos os generos, desde o postal simples a uma côr, até ao postal de surpreza, machinado, todo em seda e relevo, bordado em péligrana, matisado a ouro, colorido a 7 côres, aquarellas dos melhores artistas, copias dos principaes quadros dos grandes museus; sépia e guache, rendilhado em papel, cartão e seda chineza, etc.

Uma variedade que não ha igual no mercado, pois a firma Ferreira de Mattos & C., ficou detentora de todas as novidades do anno, que venderá não só para o atacado como a varejo.

Adquiriram tambem, grande quantidade de artigos escolares, religiosos, molduras, vidros de todas as qualidades, para satisfazer as obras mais importantes e de maiores exigencias. Impõe-se uma visita ao grande e moderno estabelecimento, um dos primeiros no genero da America do Sul, em predio proprio, e que faz honra á nossa capital.

**TRAVESSA DE S. FRANCISCO DE PAULA, 22 24. — RIO DE JANEIRO**

**End. tel. FERRAMATOS. — Tel. C. 3552**

# Instituto La-Fayette

Ahi têm os leitores do O TICO-TICO uma interessante photographia parcial das aulas no Jardim da Infancia da séde do Instituto La-Fayette, á rua Haddock Lobo, 253.

A' sombra das arvores, entre flores, as creanças recebem a instrucção inicial, como si tudo fosse alegre divertimento.

A canceira das decorações absorventes e o horror ás licções interminaveis desapparecem alli como por encanto. Modernamente, aprendem as creanças as cousas uteis dadas sob a forma de leves passatempos.

A parte moral e civica mesmo é ministrada de modo interessante; cultivando flores e libertando aves nos respectivos dias das arvores e das flores, desenvolvem-se no coração infantil as qualidades que serão mais tarde o apanagio dos homens dignos e das mulheres nobres. As creanças aprendem a ter uma noção do nosso mundo de modo muito interessante.

No bello pavilhão especialmente construido para aulas do Jardim da Infancia em terreno do Departamento Feminino do Instituto La-Fayette, ha um lindo planispherio, cujo relevo dos continentes e archipelagos, todo em cimento, emerge dentre ás aguas de dois tanques circulares tangentes, de 1 metro e meio de raio cada um.

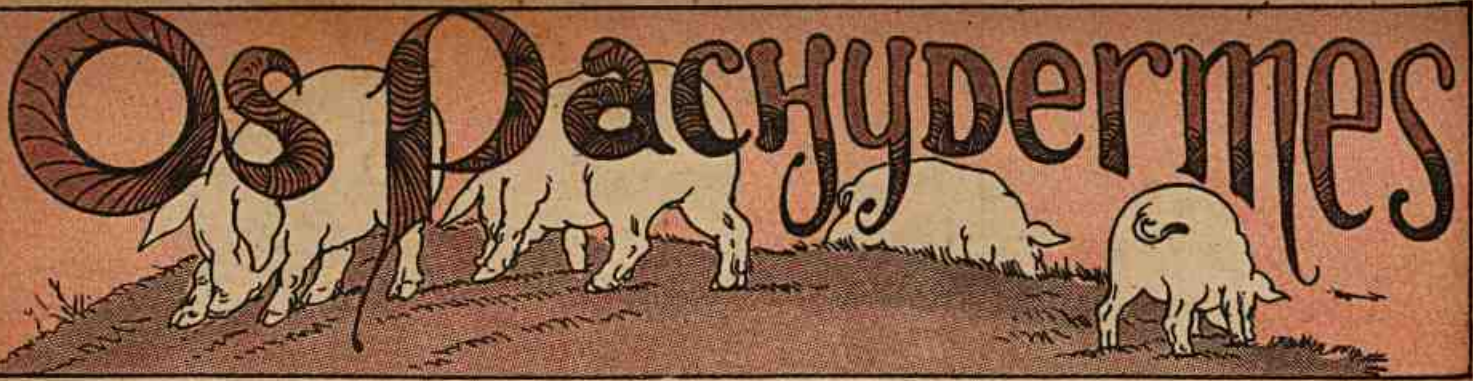
Nas cinco partes do mundo, correm os rios principaes, em filetes d'agua saidas das nascentes habilmente preparadas. As planicies são coloridas, bem como os planaltos e as montanhas, para se ter perfeita noção das alturas.

Singram as aguas dos oceanos pequenas caravellas brancas, refazendo o percurso dos antigos navegadores.

Deante desse planispherio concebem as creanças, naturalmente, o mundo que habitamos.

E' desse modo que a infancia, nos Jardins da Infancia do Instituto La-Fayette, se transporta aos poucos a plano intellectual mais elevado, sempre sem esforço, naturalmente, a sorrir e a brincar.

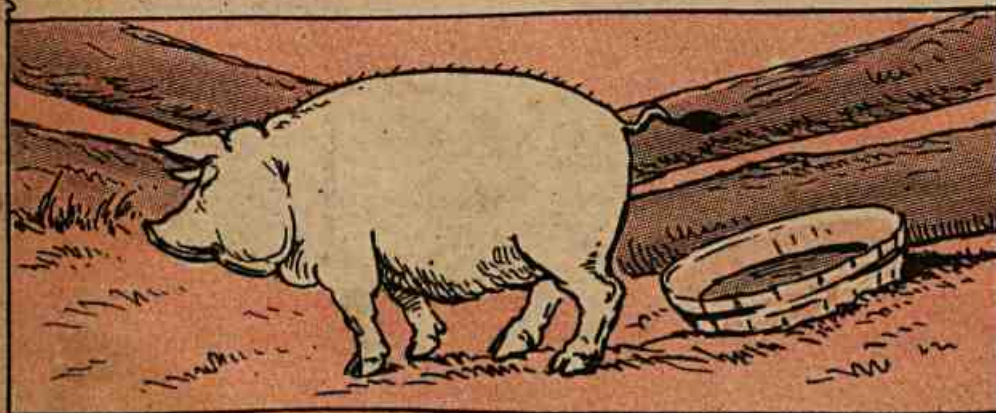
A disciplina intelligente ahi se faz pelo interesse proprio dos pequenos estudantes, coberto dos methodos antigos das decorações e dos castigos embrutecedores.

Na gravura acima verão os leitores do O TICO-TICO uma vista parcial das aulas no Jardim da Infancia da séde do Instituto La-Fayette, onde as creanças aprendem cousas uteis entre as arvores e as flores, num ambiente de alegria sã e de trabalho util.

ALMANACH DO "O TICO-TICO"

SE o envaidecimento fosse uma cousa permittida na vida de um jornal, **O Tico-Tico** e o seu **Almanach,** mais do que quaesquer outras entidades, seriam vaidosos, orgulhosos mesmo, de uma riqueza que possuem. Essa riqueza é a estima, incondicional e honrosa, de todas as creanças do Brasil. Tal estima é um thesouro que envaidece e conforta. E é na felicidade desse conforto que, á entrada do Anno Novo, **O Tico-Tico** e o seu **Almanach para 1926** enviam as mais effusivas saudações aos seus milhares de leitores.

1926

# Os Pachydermes

EM busca da matta virgem caminhavam alguns porcos domesticos, arrastados ou seduzidos por um delles que tinha o velho habito de se ausentar de casa, mórmente nas epochas de festas do Natal e de S. João. Esse porco achava a sua sorte avara, sem liberdade, preso naquelle pequeno terreiro da Fazenda. Elle pensava na liberdade dos outros animaes, pachydermes como elle: No elephante que nos sertões da Africa vivia em manadas, livre, sem o jugo dos homens, nutrindo-se de uma variedade de hervas, a seu gosto. Do rhinoceronte que, livre tambem, percorria os campos e si algum caçador delle se avisinhava, corria grande risco de perder a vida de baixo de suas patas, esmagado pelo peso do colosso. E o javali? O javali — o solitario — de enormes presas retorcidas; pello aspero, o porco-féra que a todos amedronta pela sua ferocidade, vive feliz em plena liberdade nas densas florestas onde o homem penetra com receio. O hippopotamo gordo, empanturrado, senhor dos lagos, herbivoro de grandes dentes, não tem senhor, vive para si. E, si alguma embarcação o ataca, elle fal-a sossobrar numa arremettida feróz, aggredindo depois os tripulantes. — Emfim, só nós, os porcos domesticos vivemos captivos e arriscados á faca do açougueiro...

Dias depois, esse porco seductor fôra preso num cercado para a engorda.

Foi ahi que elle viu que tudo é relativo, que naquelle cercado havia menos liberdade que no pequeno terreiro da Fazenda.

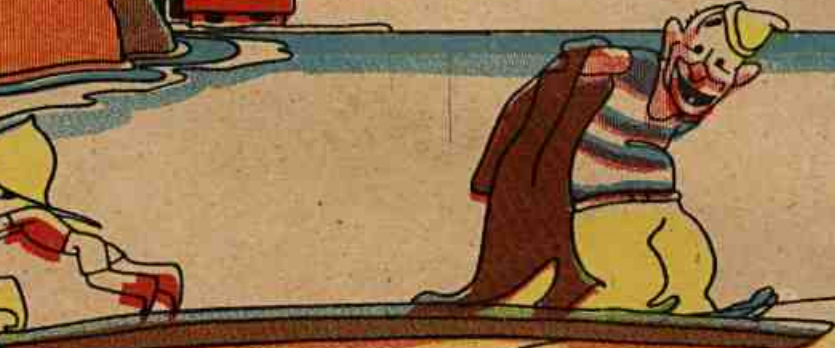
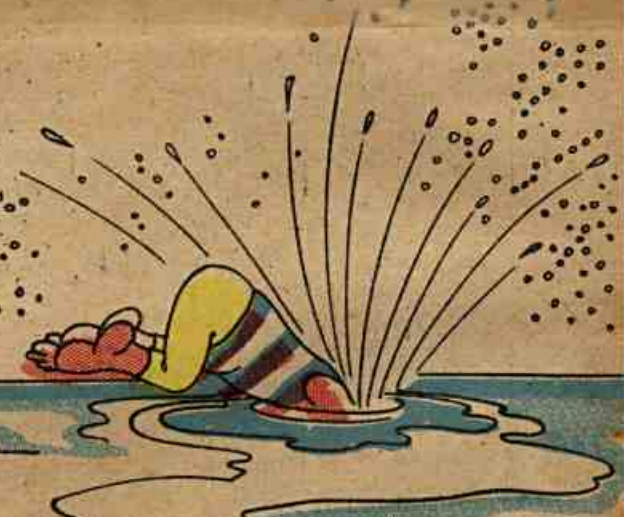
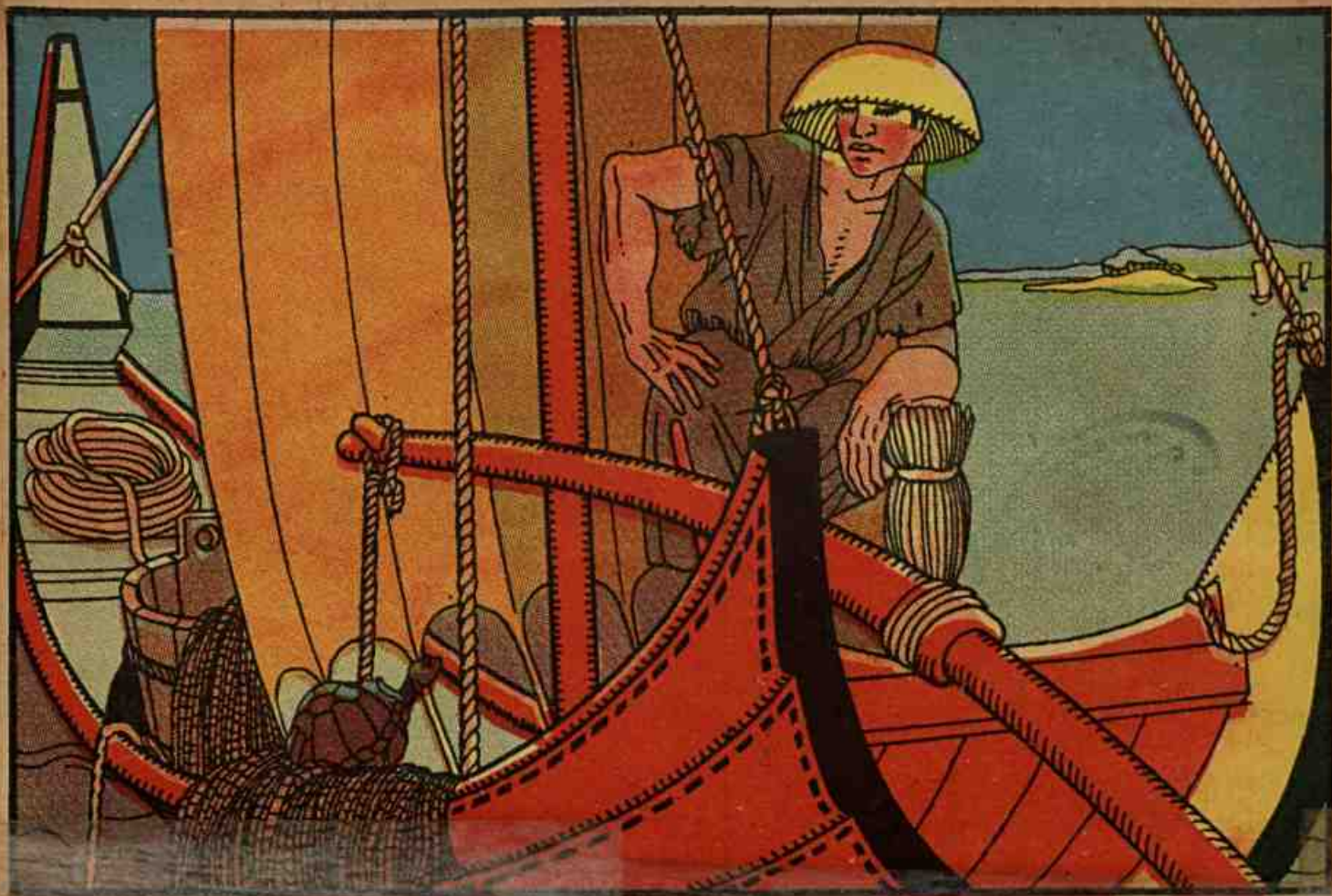
# A GAZELLA

AMBOLEANDO, pesados, deselegantes, andavam os ursos, uma vez, nos montes á cata de alimento. A caça, com o inverno, desapparecera e, só de quando em vez, encontravam um insecto que logo devoravam, como se fosse o melhor manjar. Entretanto, as onças, pantheras e demais felinos não se queixavam daquelle mal porque, para elles, a caça era abundante. Os animaes pequenos, para fugirem dos rigores do inverno, desciam das montanhas para a vargem onde a temperatura era mais supportavel. Entre esses animaes havia uma gazella arisca que, as vezes, se aventurava pelo interior dos bosques, deixando as campinas onde a herva rareava com os rigores do inverno.

A gazella velha, experiente, recommendava-lhe cuidado, mostrando-lhe os perigos. Um dia a gazellinha entrou no bosque, caminhou alguns metros e foi assaltada por um tigre.

A féra ali estava ha muito tempo espreitando a sua presa. Muitos dias antes o tigre procurava attingir o alvo, apanhal-a de surpresa, visto que, a agilidade da gazella lhe dava sérios cuidados.

Nesse dia foi-se a bella gazellinha.

A velha gazella pranteou a filha que pagou o seu tributo e recebeu o premio da sua desobediencia, perdendo a vida nas garras do tigre.

UM CASTIGO
CARRAPICHO E CARTOLA
Era um habito antigo que elle tinha. Ia, o Cartola, quasi todas as manhãs pescar na lagôa, installado na extremidade de uma taboa presa por uma grande pedra pousada na outra ponta.
Mas o Carrapicho não perdoa o seu inimigo. Surprehendeu-o a pescar tranquillo e tratou de remover a pedra de segurança. Cartola, entretanto,
percebeu o plano, tirou o casaco, deslisou pelo ar como a gaivota ligeira e mergulhou.
Carrapicho não contava com a manobra. Perdeu o equilibrio e foi com Jujuba tomar banho na lagoa mas muito contra vontade.

# O PESCADOR E A PRINCEZA

A princeza Otohnira era filha do imperador dos mares. Seu pae amava-a com tanta ternura que havia resolvido della nunca separar-se. Otohnira. a branca e linda princeza, tambem correspondia a tão grande afeição paterna, pois nunca se separara do poderoso rei dos mares. E por isso todas as vezes que um principe do imperio profundo e transparente dos mares pedia à mão da princeza esta respondia que quem quizesse ser seu esposo havia de jurar hospedar-se no palacio do imperador das aguas salgadas. Ninguem acceitava a condição e os pretendentes retiravam-se uns atraz dos outros.

Um dia, um lindo principe veiu pedir a princeza em casamento mas, ante a condição que lhe fôra imposta de morar no palacio no fundo dos mares, retirara-se, triste, contrariado.

Otohnira, ao vel-o partir, chorou e disse para a Tartaruga do Mar, sua aia de confiança:

— Em troca do meu amor filial é provavel que nunca me case e viva consummida e pensando por toda a existencia.

A Tartaruga do Mar, que era a melhor e mais compassiva das tartarugas nascidas e por nascer, se indignada contra os pretendentes que negavam á princeza uma mercê tão facil. E começou a pensar num meio de offerecer á princeza a sua tão almejada felicidade. Levou muitos dias a pensar. Numa manhã foi ella procurar a princeza e disse-lhe:

— Minha senhora, ouvi a vossa amiga. Deixae os principes do mar que não merecem o vosso coração. Voltae á alegria do vosso tempo de criança. Casae com um filho da terra, que seja moço e forte. Elle vos quererá mais que todos os principes das aguas.

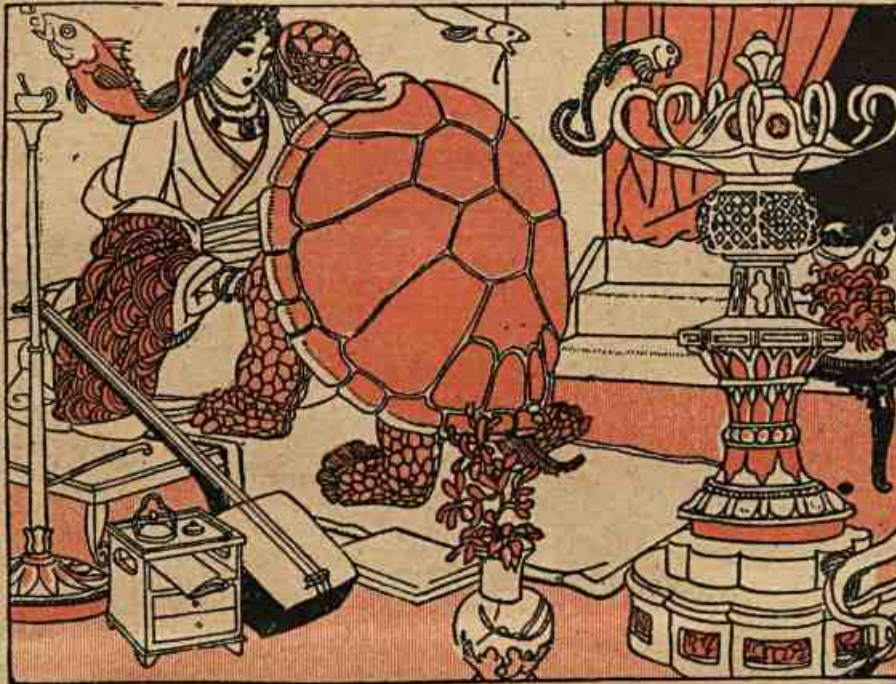
— Que dizes, minha querida? — Como poderia um filho da terra vir encontrar-me nas profundezas dos mares. Não acredito que nenhum homem seja capaz de vir buscar-me nestes abysmos diaphanos, onde todas as cousas parecem frageis como os sonhos. E, além disso, na terra haverá milhares de donzellas mais bellas e mais ricas do que eu!

— Não deveis falar assim, minha senhora — atalhou a Tartaruga. Não ha em todos os continentes uma mulher que se compare a vós. Quanto ás vossas riquezas e thesouros, augmentados dia a dia pelas dadivas dos naufragos, não ha rainha que os tenha iguaes. E se soubesseis como sabem amar e sacrificar-se os filhos da Terra! Só pensam na felicidade da mulher amada. Othonira enamorou-se das palavras da Tartaruga e pediu-lhe que falasse mais dos homens da Terra; que lhe dissesse o que faziam, quaes os seus usos e costumes, seus divertimentos. A Tartaruga não se fez de rogada e contou lindas historias dos homens que a princeza decidiu-se a casar com um habitante da Terra.

— Como escolherei um digno esposo na Terra?

— Tal cousa fica a meu cuidado — respondeu

a Tartaruga. Sei onde e como escolher e já o tenho em vistas.

— Será verdade? — indagou a princeza doida de alegria. Vae buscal-o já e traze-o á minha presença!

— Mais devagar, princezinha encantadora,— falou a Tartaruga. O mundo não se fez num dia. Antes de buscar o joven da Terra tenho de explicar-vos por que pensei que devieis casar com mancebo da Terra.

— Pois fala, anda — respondeu Otohnira. E a Tartaruga falou:

— Ha muito tempo, quando eu era menina muito curiosa, subi um dia á superficie do mar para ver o que lá se passava. E entretive-me a ver os grandes navios onde os homens navegavam e pescavam. Gritei, então, para os peixes que estavam proximos: Alerta com as rêdes dos pescadores! e emquanto dava aos outros um conselho tão prudente, vi-me colhida entre as malhas fortes de uma rêde. Antes que tivesse tempo de abrir a bocca estava eu içada ao bote pescador. Os pobres peixes, desolados companheiros de infortunio, foram logo atirados para dentro de uma enorme canastra. Eu, porém, ouvi o pescador dizer-me: — Olá, Tartaruguinha, solta os dentes da rêde! Estás segura!

— Compadece-te de mim, pescador, — falei então. Sou muito pequena, Solta-me, porque tua bella acção será um dia recompensada. Mais tarde, quando eu crescer, talvez me pesques de novo ou eu te possa ajudar num perigo qualquer!

O pescador, que se chamava Uraximataro, ouviu meus rogos e desprendendo-me da rêde atirou-me ao mar. A quéda atordoou-me e quando voltei a mim mergulhei correndo e fui para casa. Nunca contei minha aventura a ninguem porque temia ser ridicularisada. Agora, espero ser mais prudente, pois voltarei á superficie das aguas, escolherei um rochedo para ficar, de onde tudo possa descortinar sem perigo. Claro está, que meus olhos hão de buscar o valente Uraximataro, nos pontos do mar onde as ondas são mais altas e bravias. Elle é audaz e generoso e merece a felicidade de ser vosso esposo! - Assim falou a Tartaruga, emquanto Otohnira a ouvia com os olhos brilhantes de felicidade.

o o o

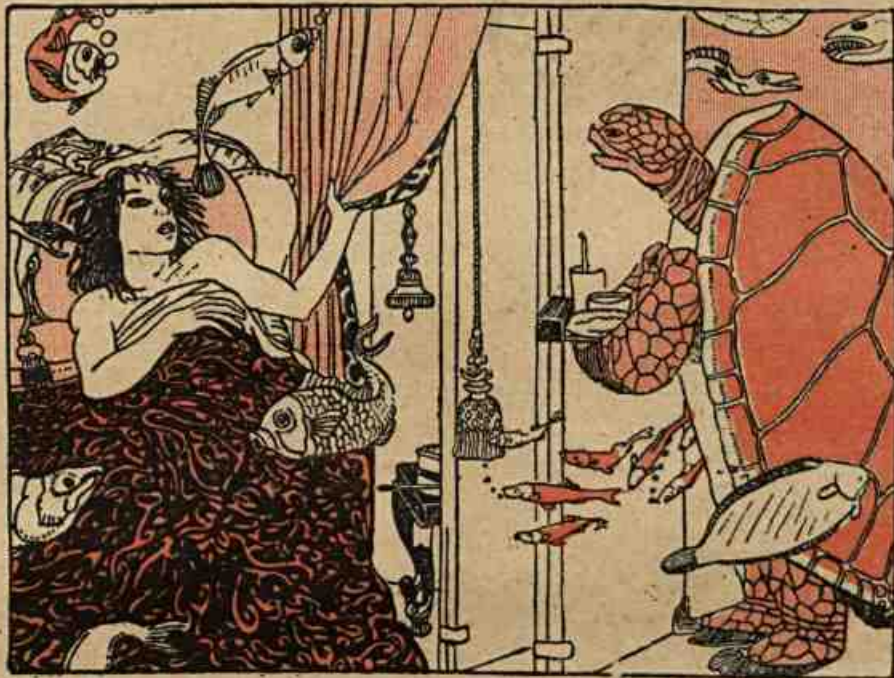
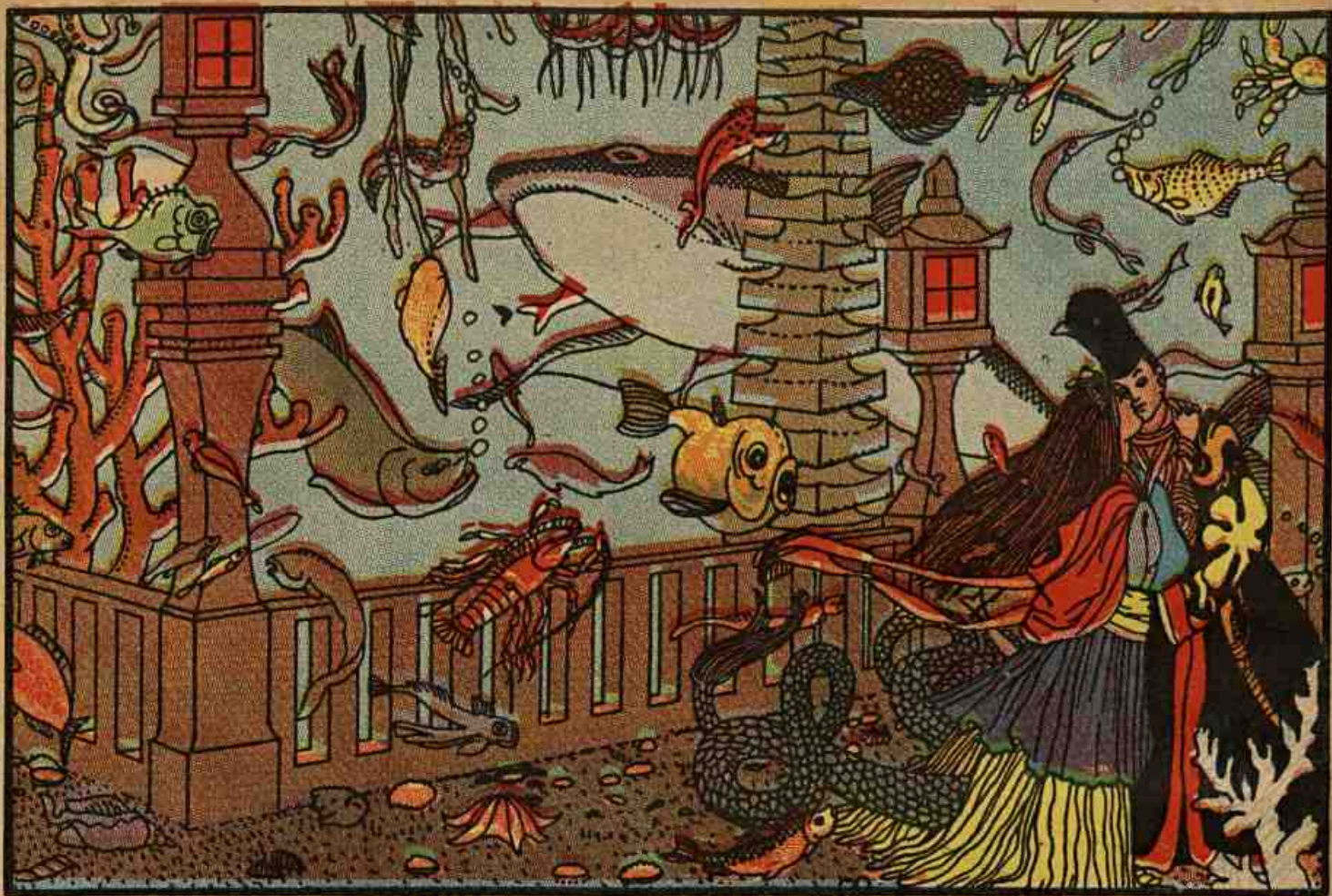
— Senta-te no meu dorso, porque te condu-

zirei a logar seguro e venturoso. Não me conhecês? Sou aquella Tartaruguinha a quem um dia déste liberdade. Chegou a occasião de recompensar tua generosidade.

O joven accedeu e a estranha montaria e original ginete afundaram-se nas aguas e foram parar á porta do palacio maravilhoso do imperador dos mares. Viu, então o pescador galerias deslumbrantes de ouro e perolas, atravessou jardins onde desabrochavam flores de varios matizes e cresciam arvores cujos fructos eram pedras preciosas, penetrou nas estancias de madreperola e marfim, chegando, por fim, a um salão onde, sob um pallio de ouro cinzelado, o esperava a princeza mais bella do que todas as maravilhas vistas e por ver.

Uraximataro, que não temia as borrascas nem empalledecia defronte da morte, viu-se vencido e só teve um gesto: arrojou-se aos pés de Otohnira. Esta viu logo que a Tartaruga não exagerava. Uraximataro era muito mas gentil do que todos os principes do mar. Convidou-o, numa voz que era uma musica, a levantar-se e explicar de que modo conseguira chegar até ali.

Quando a filha do rei dos mares soube de que modo Uraximataro chegara ao palacio, saudou-o com palavras acariciadoras e mandou que lhe servissem exquisitos manjares para retemperar-lhe as forças.

Uraximataro começou, desde logo, a gosar de prazeres sem fim. Aquelle pobre pescador, que nunca soube o que era o bem estar, verificou como voam as horas que se passam na felicidade e na indolencia. Sua ventura chegou ao cumulo no dia felicissimo em que o imperador dos mares lhe deu a filha como esposa. E' impossivel descrever a magnificencia das bodas. As festas duraram um mez. Um dia, porém, Uraximataro sentiu que as nevoas da tristeza baixavam-se-lhe ao coração. Tornou-se triste. A princeza pediu-lhe que dissesse o que o affligia. Mas Uraximataro temia ser ingrato, confessando-lhe que sentia saudades do seu rincão natal e sobretudo de seus velhos paes que viviam numa cabana miseravel, comendo uma vez por dia, emquanto elle se regalava com manjares exquisitos. Instado pela esposa, acabou dizendo-lhe toda a saudade que lhe encetava o coração, Otohnira ouviu-o e, chorando, pediu-lhe que não a abandonasse e que esquecesse os velhos paes, — Ficarás junto de mim

eternamente joven e ninguem virá ultrajar tua pessoa no fundo dos mars!

— Não, respondeu Uraximataro. Irei cumprir o meu dever de filho e voltarei para junto de ti dentro de tres dias.

Quando Uraximataro se despediu da esposa, esta lhe disse::

— Tenho medo que não voltes para junto de mim!

— Voltarei! — respondeu Uraximataro.

— Se assim é, — respondeu Otohnira — leva comtigo esta caixinha de ouro. E' um talisman que te protegerá. Não a abras,porém. Ella te servirá para, na praia chamar a Tartaruga fiel. Não abras, repito, a caixinha. Se o fizeres, nunca mais nos tornaremos a ver!

Decidido a cumprir a promessa feita, Uraximataro guardou a caixinha no peito e pulou para o dorso da Tartaruga que o foi deixar na praia do logar onde elle nascera. Uraximataro, mal pisara na praia, sem mesmo despedir-se da Tartaruga, sahiu a correr, através das ruas, em direcção á casa dos velhos paes. Nesse instante, porém, assaltou-o uma duvida: era aquelle seu verdadeiro logar de nascimento? Aquella gente era a mesma com quem havia vivido? que não conhecia uma só pessoa? Por que todos lhe pareciam estranhos? Uraximataro permaneceu muito tempo indeciso deante da casa onde nascera. Depois decidiu-se a entrar. Quando transpoz a porta só viu pessoas desconhecidas que nenhuma noticia lhe souberam dar dos paes. Espantadissmo, correu ao cemiterio e inspeccionou as lapides das catacumbas. No fim da ultima quadra verificou que seus paes haviam morrido ha mais de tresentos annos. Como o tempo passára! Acabrunhado, cheio de dôr, voltava á praia e lembrou-se da caixinha de ouro que Otohnira lhe dera. Tomou-a e disse:

— Talvez aqui dentro encontre um lenitivo para meu penar!

E, forçando a tampa, abriu a caixinha, de onde sahiu uma tenue fumaça que subiu e desappareceu no ar. Uraximataro, desentendido. quiz fechar de novo a caixinha mas seu braço, antes tão vigoroso, não tinha mais força para se erguer. Seu corpo, repentinamenté emmagrecera, a pelle encarquilhara-se. Inclinando o corpo para mirar-se nas aguas, a imagem que viu infundiu-lhe horror. Parecia uma mumia e não mais se sustinha de pé. Um viandante, compadecido, approximou-o mais da praia onde Uraximataro, com voz rouca e summida, chamou muitas vezes pela Tartaruga. Mas chamou em vão. A caixinha de ouro que Otohnira dera ao pescador côntinha, o segredo de eterna juventude. Se Uraximataro não a abrisse teria voltado ao reino feliz do imperador dos mares. Mas não quizera cumprir a promessa feita e sua vida extinguindo-se aos poucos, terminou horas depois na praia onde a Tartaruga, chamada tantas vezes, não appareceu.

Muitas de nossas leitoras já têm idade para merecer a devida licença da mamãe e mostrar de quanto são capazes no preparo de alguns saborosos doces. E por ser assim, nesta pagina, offerecemos varias receitas de appetitosas gulodices, a saber:

*Bolo Academico* — Faz-se a calda em ponto de espelho, juntam-se o leite e a agua de dois côcos e leva-se ao fogo para engrossar um pouco. Despeja-se em seguida numa vasilha e addicionam-se doze gemmas de ovos batidas e uma colher de sopa de manteiga. Depois que estiver frio deitam-se duzentas e cincoenta grammas de farinha de trigo e agua de flor de laranjeira, se quizer.

Vae ao forno em fôrmas untadas de manteiga.

*Bolo dos Desejos* — Junte-se ao leite de um côco um pouco de farinha de arroz e leve-se tudo ao fogo até ficar duro, quando se addicionam quatro ovos batidos, uma colher de sopa de manteiga, assucar quanto baste para adoçar. Depois, córe-se ao fôrno fraco em fôrmas untadas de manteiga.

*Bolo Americano* — Batem-se cinco gemmas de ovos em tres chicaras de assucar, addicionando-se, ainda, uma colher de sopa de manteiga, uma chicara de leite e um calice de *cognac*. Quando a massa estiver bem ligada, misturem-se cinco claras batidas, tres chicaras de farinha de trigo, passas, noz-moscada e faz-se novamente uma liga uniforme. Vae ao forno em fôrmas untadas de manteiga.

*Bolo Saboroso* — Deitem-se numa vasilha cinco colheres de farinha de trigo, oito colheres de assucar branco, uma colher de agua de flor de laranjeira, uma colher de manteiga, quatro gemmas de ovos, duas claras e o leite de um côco. Depois de tudo bem batido, levem ao fôrno em fôrma bem untada de manteiga.

*Bolo Ultramontano* — Ponham numa vasilha cinco colheres de farinha de trigo, oito colheres de assucar claro, uma colher de sopa de manteiga, quatro gemmas de ovos, duas claras e o leite de um côco.

Batam tudo muito bem e levem ao fôrno em fôrmas untadas.

*Bolo Economico* — Juntem cinco gemmas e tres claras de ovos em duas chicaras de assucar claro. Depois de bem batido, addicionem duas colheres de manteiga, tres chicaras de farinha de trigo, uma chicara de leite crú. Batido tudo muito bem, levem ao fôrno brando em fôrmas.

Eis ahi quatro receitas de gostosos bolos para as nossas graciosas leitoras mostrarem o quanto podem a habilidade e o gosto das amantes de fazer doces.

# BEBÉ QUER SER ASTRONOMO

Em redor do Sol gravitam os planetas que formam o systema solar e cujos movimentos foi um celebre astronomo allemão chamado Kepler que determinou.

Esses planetas, na ordem de distancia que cada um occupa em relação ao Sol, são os seguintes:

*Mercurio* e *Venus*, (commumente chamados planetas interiores), *Terra* e os planetas exteriores que são *Marte*, *Jupiter*, *Saturno*, *Urano* e *Neptuno*. Entre *Marte* e *Jupiter* existe ainda uma série de "planetas telescopicos", assim denominados por que só com o auxilio d'esses instrumentos de optica podem ser percebidos.

Varios d'esses planetas têm satellites, verdadeiras luas, que giram em torno dos mesmos. A *Lua* é o satellite da Terra. Vamos conhecer mais detalhadamente cada um d'esses planetas.

*Mercurio* — E' o planeta que fica mais proximo do Sol. Seu movimento de revolução dura pouco mais de oitenta e sete dias e o de rotação é ainda desconhecido. O "anno de Mercurio" dura pouco menos de tres mezes.

*Venus* — Todos vocês, meus netinhos, conhecem este planeta, porque o vêem, de manhã ou de noite, brilhando no espaço. E' a "estrella do pastor", como o povo a denominou. Cercado de densas "nuvens", o Sol, certamente, não a beija, como o faz com a Terra. Seu movimento de rotação é mal conhecido.

*Terra* — E' o immenso globo ou esphera, que habitamos. Possue um satellite, que é a Lua. Seu dia dura vinte e quatro horas. O anno da Terra é de trezentos e sessenta e cinco dias e seis horas.

*Marte* — E' o planeta a proposito do qual muito se tem falado e escripto no sentido de se positivar se é ou não habitado. Até hoje não se sabe se lá existem sêres vivos como tambem não se póde precisar se os famosos canaes que nelle os telescopios nos revelam são effeitos de illusão de observação. Seu movimento de rotação dura pouco mais de 24 horas e o de revolução 687 dias. Possue dois satellites.

*Jupiter* — Parece ser um mundo ainda em formação, como foi a Terra nas primeiras idades geologicas. Possue nove satellites. Seu dia dura 9 horas e 57 minutos e a revolução em torno do Sol, doze annos.

*Saturno* — E' achatado e tem dez satellites, dez "anneis", que lhe giram em torno. Seu movimento de rotação completa-se em dez horas e quinze minutos. O anno saturnino dura vinte e nove annos e meio.

*Urano* — Planeta muito mais achatado que Saturno, em virtude do seu veloz movimento de rotação, é desconhecido. Tem quatro satellites. A duração de seu movimento em torno do Sol é de oitenta e quatro annos.

*Neptuno* — E' o planeta que marca uma conquista scientifica do genio humano. Foi descoberto por calculo, antes de ser observado, pelo astronomo Le Verrier no anno de 1846. Não se conhece a duração do seu movimento de rotação. O de revolução completa-se em cento e sessenta e cinco annos!

# AS ESTRELLAS

A ASTRONOMIA FOI A PRIMEIRA SCIENCIA QUE OS ANTIGOS CONHECERAM

GRAÇAS AO TELESCOPIO, A VISTA HUMANA DEVASSA TODO O MYSTERIOSO ESPAÇO INFINITO

O QUE OS PASTORES E SACERDOTES DE BABYLONIA SABIAM A RESPEITO DAS ESTRELLAS

A astronomia foi a primeira sciencia que os homens aprenderam. Ha seis mil annos passados os pastores que habitavam as planicies da Chaldéa estudavam os movimentos das estrellas, servindo-se dos conhecimentos adquiridos nesse estudo, para orientar-se no meio daquelles campos immensos. E esses pastores conheciam as estações e sabiam determinar, consultando os astros, os pontos cardeaes.

Com este enorme apparelho de optica, que se chama equatorial, a vista humana penetra no mysterio dos mundos que vagam pelo espaço infinito

Mais tarde, os sacerdotes fizeram-se astronomos e das altas torres dos templos da cidade de Babylonia observavam os movimentos das estrellas e dos planetas, fazendo mappas do céo, predizendo eclipses e tratando ainda de averiguar se o destino dos homens estava ligado á marcha dos astros.

Embora o estudo e observação das estrellas tenha mais de sessenta seculos de antiguidade, foi sómente ha meio seculo que se chegou a saber alguma cousa de positivo sobre a sua natureza. Na antiguidade, os sacerdotes sabiam que as estrellas eram corpos celestes dotados de luz propria e suspeitavam que sua natureza devia ser analoga á do Sol.

Sabiam tambem que taes corpos celestes estavam a grande distancia da Terra mas essa distancia nunca poude ser calculada.

Nos dias que correm sabemos muito mais do que isso. Conhecemos as substancias de que são formadas as estrellas, as mesmas que as da Terra e chegamos a calcular a distancia a que se encontram mais de duas mil dellas. Conhecemos o grão de calor de sua temperatura, os seus tamanhos, maiores ou menores do que o Sol e do que a Terra. Não desconhecemos que todas as estrellas, além do movimento de rotação, possuem o de traslação. Se conhecemos todas essas cousas — dirão vocês — é que somos, na actualidade, mais estudiosos e intelligentes que os pastores e sacerdotes da antiguidade.

A razão, porém, não é essa. Todos os conhecimentos que possuimos

# PALAVRAS DE OLAVO BILAC SOBRE O ESCOTEIRISMO

O Escoteirismo é a educação completa dos adolescentes. O escoteiro desde que inicia no tirocinio, anda, corre, salta, nada, monta a cavallo, lucta, defende-se, maneja as armas; mántem-se num constante cuidado e asseio do corpo e da alma; afasta-se da pratica de todos os vicios; adquire noções de physica, chimica, botanica, zoologia, anatomia, geographia, topographia, astronomia; orienta-se pelo sol, pela posição das estrellas, pelo relogio, pela bussola; manuseia o thermometro e o barometro; mede o caminho que percorre; estuda os mappas; sabe accender fogo e cosinhar; faz acampamento; recebe e transmitte communicações pelo telegrapho Morse e Marconi, por meio de luzes, de signaes por bandeiras, e pelo gesto dos braços; instinctivamente aprende tactica e estrategia; póde efficazmente socorrer feridos e victimas de quaesquer desastres; alimenta e desenvolve os seus nobres sentimentos; abomina a mentira; reputa sagrada a sua palavra de honra; é disciplinado e obediente; é cortêz; considera como irmãos os seus companheiros; ampara as mulheres, os velhos, os enfermos; oppõe-se á crueldade sobre os animaes; é economico mas, condemna a avareza; respeitando a propria dignidade, respeita a dignidade alheia; é alegre; esforça-se para dizer claramente o que sente e exactamente descrever o que vê; pensa, raciocina, deduz; e emfim, conhece a historia e as leis do seu paiz; é patriota, estimula a iniciativa.

Basta isso para que se veja que no Escoteirismo se inclue todo o ensino da infancia e da adolecencia, como o comprehenddia Platão, dizendo: "A educação tem por fim dar ao corpo e ao espirito toda a belleza e perfeição de que elles são susceptiveis", e como concebia Spencer, professando: "A educação é a preparação para a vida completa". Esta admiravel escola ao ar livre abrange todos os pontos que se contém no programma da moderna pedagogia. Primeiro a instrucção physica, a conservação e o restabelecimento da saude pela hygiene e pela medicina, o desenvolvimento moral e progressivo de todas as funcções do corpo, pela gymnastica e pelos jogos escolares. Depois, a instrucção intellectual; o amestramento dos cinco sentidos, a percepção externa e interna, a congnição e a experiencia; a consciencia, a personalidade e a liberdade; a faculdade de conservação, — a memoria; e as faculdades de elaboração, — a attenção, a abstracção, a generalização, o juizo, o raciocinio, e a imaginação. Emfim a instrucção moral: A sensibilidade e sua cultura; o amor proprio, o amor e respeito da propriedade, do livre arbitrio, da independencia, da emulação; o altruismo, a benevolencia, a beneficencia, a amizade, a docilidade; o amor da patria, do bello e do bem; o brio, a coragem, a disciplina e a cultura da vontade e formação do caracter. E este curso completo de adextração é feito no seio da natureza na alegria da vida desportiva, pelo gosto proprio, pela pratica, pela lição de cousas.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

O juramento e o codigo dos escoteiros têm mais larga e mais bella significação do que as formulas dos ephebos. A moral e o governo de Sparta e de Athenas, tinham estreiteza, seccura de egoismo.

Se quizermos dar a ascendencia legitima e fóros e brasões de alta nobreza á moderna creação do escoteirismo, deveremos radical-o na tradicção medieval da Cavallaria Andante.

No escoteirismo, — e é esta sua maior e verdadeira belleza, — a exaltação reveste-se de um distinctivo pratico, sem perder a sua poesia sublime. Na cavallaria, ás vezes a idéa da honra era vaga; a da generosidade, indecisa; a da abnegação, indeterminada; ás vezes era o sacrificio perdido, a bravura sem proveito, a dedicação inutil. No escoteirismo a idéa da honra define-se: E' a honra do individuo, é a honra do cidadão. O desinteresse e a magnanimidade não são apenas gestos formosos: são acções justas, e uteis, — justas para perfeição humana, e uteis para a grandeza da Patria.

Tal é, em suas linhas fundamentaes, a moderna creação do escoteirismo.

---

das estrellas, dos astros em geral devemol-os a um maravilhoso instrumento, chamado espectrocopio, com o auxilio do qual podemos medir a distancia a que se encontra qualquer corpo celeste, saber a direcção de seu movimento de traslação e até determinar a velocidade desse movimento. O espectrocopio nos revela tambem as substancias que entram na composição dos mundos longinquos e outros detalhes interessantes e surprehendentes. As distancias a que se encontram da Terra algumas das estrellas, medidas com o auxilio do apparelho a que fazemos referencia, causam verdadeiro assombro e para exprimil-as arranjou-se uma unidade chamada **anno de luz**, que vocês já conhecem, tão infima era a unidade kilometro para represental-a.

# O ANÃO ENCANTADO

Certo negociante tinha tres filhas e queria-lhes muito bem.

Tendo de emprehender uma viagem, perguntou-lhes o que desejavam que trouxesse a cada uma como lembrança.

A mais velha pediu um vestido de seda, a segunda um collar de perolas e a terceira quiz apenas um ramo de violetas.

Riram-se da mais nova as outras duas irmãs; porque, sendo então a bella estação das flores, violeta era cousa que se encontrava em qualquer parte. A menina, porém, não se deixou abalar pelas observações das irmãs e ficou firme no seu pedido.

Beijou o pae as tres filhas e despediu-se, promettendo estar de volta dentro de mez e meio.

Passaram-se, porém, seis semanas, e o pae ainda não tinha chegado. O navio que o levára para atravessar os mares, havia desgarrado da sua rota, impellido por ventos contrarios e temporaes. E nisso passou-se a primavera, veiu o verão, depois o outomno e, quando o navio tornava da longa viagem, era já pleno inverno. Em vesperas de recolher-se ao lar, o negociante tratou de obter os objectos que as filhas lhe haviam pedido. Comprou um vestido de seda para a mais velha, um lindo collar de perolas para a segunda; mas as violetas para a filhinha mais nova, em parte nenhuma poude encontrar.

Cobria a neve campos e jardins; asperrimo vento soprava pelos galhos desnudados das arvores, e as pessoas a quem o negociante manifestava desejos de obter violetas nessa época, riam-se e achavam a idéa summamente extravagante. E, no emtanto, razões tinha esse homem para insistir e procurar as flores: doloroso seria o tornar a ver a filhinha, justamente a sua predilecta, sem lhe trazer a lembrança pedida.

Triste e pesaroso cavalgava elle já caminho de casa, quando avistou do lado esquerdo da estrada uma casinhola branca com um jardimzinho na frente. Ahi, arvores e arbustos erguiam-se hirtos e sem folhagem como nos outros logares; mas no centro do jardim havia um pequeno trecho onde verdejava a relva e, no meio dessa relva, via-se uma quantidade enorme de cheirosas violetas. Radiante de alegria, o negociante fez parar o animal, desmontou, amarrou-o a uma arvore e entrou na casinhola branca. Lá dentro encontrou sentado sobre uma grande almofada encarnada um anão horrendo, de olhos esbugalhados e nariz medonho. O anão, ao ver tão inesperada visita, exclamou zangado: "Que vens tu fazer aqui?"

"Perdão!", disse o negociante, "se me quizerdes ceder um raminho de violetas para minha filhinha mais nova, pagarei de boa vontade o preço que exigirdes". O anão meneou a cabeça, resmungando; mas o negociante insistiu na sua supplica, até que por fim o monstrengo lhe

respondeu assim: "Duas cousas ha pelas quaes te posso satisfazer o pedido. Dinheiro e valores que representem dinheiro não me servem; agora, se tu estiveres disposto a me dar uma de tuas filhas por mulher ou um anno de tua vida, terás as violetas".

O negociante reflectiu um momento e disse depois: "Filha não posso dar nenhuma, mas ficará sendo teu o ultimo anno de minha vida; dá-me agora as violetas". Levantou-se então o anão, encaminhou-se com as pernas tortas para o jardim, colheu um ramo de cheirosas violetas e falou:

"Para que saibas quando se extingue o prazo de tua vida, terás um signal por estas flores: oito dias antes de começar o ultimo anno da tua vida, as violetas, então seccas, hão de readquirir o seu frescor primitivo. Recommenda, pois lá á tua menina que as guarde bem guardadas."

O negociante tornou a montar e, alegre e satisfeito, tratou de partir para casa, porque estava com muita saudade das filhas. Ellas o receberam muito contentes e, quando o pae fez a distribuição dos presentes, a alegria chegou ao auge; nenhuma, porém, ficou mais satisfeita do que a caçula, a qual tanto agradeceu e tão amorosa se mostrou, que o pae deu por duplamente bem empregado o sacrificio que fizera, trocando um anno de existencia pelas violetas.

Passados uns seis mezes depois da festiva chegada do negociante ao seu lar, entrou certa manhã a filha mais moça, muito sobresaltada e quasi sem poder tomar respiração, e contou ao pae que as violetas que elle lhe tinha trazido e as quaes, tendo ficado murchas, ella havia guardado na sua caixinha de joias, da noite para o dia tinham readquirido milagrosamente a belleza e o frescor de outr'ora. Trazia-as na mão e, de facto, estavam viçosas e exhalavam perfume como se acabassem de ser colhidas no jardim.

Um susto terrivel se apoderou do negociante, que ficou branco como cêra, e as lagrimas lhe brotaram dos olhos; tinha agora a certeza de que em oito dias terminava a sua vida.

A menina comprehendeu logo que alguma forte angustia lhe oppprimia o peito, e pediu e supplicou que dissesse a causa de tamanha afflicção. Mas o pae não quiz confessar. Só no terceiro dia, não podendo mais resistir ás supplicas da filha, decidiu-se a narrar tudo o que lhe occorrera quando regressava da viagem.

A menina quasi morre de susto e de dôr ao ouvir que foi por causa de um pedido della que o pae fez sacrificio do derradeiro anno de vida. Logo, porém, ella tomou uma resolução; beijou o pae sem proferir palavra e retirou-se. Em todo o silencio preparou então uma cestinha, encheu-a de pão e fructas, e sahiu da casa ás escondidas. Sem receio de nada, a boa menina partiu sózinha pelo caminho que o pae lhe descrevera ao narrar a triste historia da volta; a sua preoccupação unica era chegar ainda a tempo ao termo da sua viagem. Finalmente, tendo caminhado tres longos dias, avistou ella a pequena casa branca com o jardim na frente, o qual,

agora, em pleno verão, floria e verdejava em todo o esplendor. Sem receio algum, a menina entrou, com alegria no coração por haver acertado. com a casa. O feio anão lá estava sentado no mesmo logar e resmungou as mesmas palavras: "Que vens tu fazer aqui?"

"Caro senhor", disse ella com bons modos, "ha seis mezes vós obtivestes de meu pae um anno de vida em troca de um ramo de violetas. Disseste-lhe tambem naquella occasião que dispensarieis esse anno de existencia, se recebesseis uma das suas filhas como mulher. Eu sou a filha mais nova, por amor de quem meu pae acceitou o ramo de violetas, e venho hoje pedir-vos que me tomeis como vossa mulher, restituindo a meu pae o anno de existencia. Para provar que sou eu propria essa menina, trago aqui as violetas."

O anão tomou as flores, examinou-as bem e reconheceu que eram as taes. Tornou a dar-lh'as, dizendo em tom de agastado: "Pois bem; se estás disposta a ficar aqui os dois dias que restam para expirar o prazo a teu pae concedido, de sorte que eu possa ver que és docil e sabes trabalhar, concordarei".

A dedicada filha beijou agradecida as rudes mãos do monstrengo; repugnava-lhe fazel-o, mas era grande allivio o que sentia, certa de que o pae já não morreria por causa della

Os dias de provação começaram logo. Foi a menina fazer toda a limpeza da casa e preparar para o anão os acepipes mais gostosos; elle, porém, nada lhe deu a comer e, quanto á cama para passar a noite, indicou-lhe um feixe de palha. Pela manhã chamou-a para que viesse pentear-lhe os cabellos desgrenhados e hediondos, e durante o dia, se dos serviços da casa sobrava algum momento, obrigava-a a ir ao jardim apanhar as petalas que se haviam desprendido das flores; porque o anão só queria dormir em leito atapetado de flores. E ella a trabalhar sem descansar um só instante, e o demonio do anão a ralhar e a rosnar o dia inteiro, não achando nada direito, por mais que a boa menina fizesse. Esta, porém, soffria tudo com a maior resignação, lembrando-se unicamente do pae extremoso que não hesitára sacrificar uma parte da sua vida só para não ver a filha privada de um contentamento.

No terceiro dia, pela manhã, encaminhou-se humilde para o anão e disse: "Se achastes que fiz o meu dever nesses dias em que me puzestes á prova, cumpri a vossa palavra: hoje á noite expira o prazo da vida de meu pae, e eu faço a promessa sagrada de ser vossa esposa obediente durante toda a minha vida".

"Está dito!" respondeu o anão, sem todavia mostrar-se mais affavel do que dantes. "Approxima-te e dá-me um beijo, que és minha mulher desde já". A pobre menina curvou-se e beijou o repellente anão.

No mesmo instante transformou-se aquelle ente disforme em um bello e alto mancebo, que abraçou a menina e a apertou ao peito, agradecendo-lhe por havel-o libertado daquelle encanto em que tantos annos vivera. Referiu então que era filho de um grande feiticeiro que, por um acto qualquer de desobediencia, o havia transformado em anão, e, como condição para fazer desapparecer tal encanto, impuzera que só o beijo dado alegre e espontaneamente por uma donzella lhe poderia restituir a primitiva fórma humana.

O velho feiticeiro bastas vezes se arrependera mais tarde, mas elle proprio não podia desfazer a sentença, e até então todas as donzellas haviam fugido espavoridas, sempre que se lhes falava

# O CORVO E SEUS FILHOS

(De Tolstoi)

Um côrvo fez um ninho em uma ilha, e quando teve filhos, quiz transportal-os ao continente. Primeiro tomou um para atravessar o mar; porém chegado a meio caminho sentiu-se fatigado, avagou o seu vôo e disse para si:

— Agora que sou forte e elle debil, posso leval-o; porém quando elle seja forte e a velhice me debilite, lembrar-se-ha de meus cuidados e me levará de um logar para outro?

Perguntou a seu filho:

— Quando fôres forte e eu debil, levar-me-has assim? Responde com franqueza!

O filho, temendo que elle o deixasse cahir no mar, respondeu:

— Sim, hei-de levar-te!

Porém o côrvo não acreditou no seu filho, e abriu as garras.

Como uma bala, o filho cahiu na agua e se afogou.

O velho voltou á ilha, tomou outro filho e atravessou de novo o mar.

De novo fatigado, perguntou a seu filho:

— Levar-me-has de sitio para sitio, como eu a ti agora, quando eu fôr velho?

Com o mesmo temor que seu irmão, o côrvo filho respondeu: Sim.

O pae tambem não o acreditou, e soltou-o.

Quando regressou á ilha, no ninho só havia um filho.

Tomou o seu ultimo filho e dirigiu seu vôo para o mar.

Outra vez fatigado, perguntou:

— Vaes manter-me na minha velhice e transportar-me assim quando esteja debil?

E o côrvo joven respondeu: Não.

— Por que? — lhe perguntou o pae.

— Quando fôres velho, eu serei forte, terei um ninho meu, e acaso filhos a quem terei de alimentar e transportar como hoje o fazes commigo.

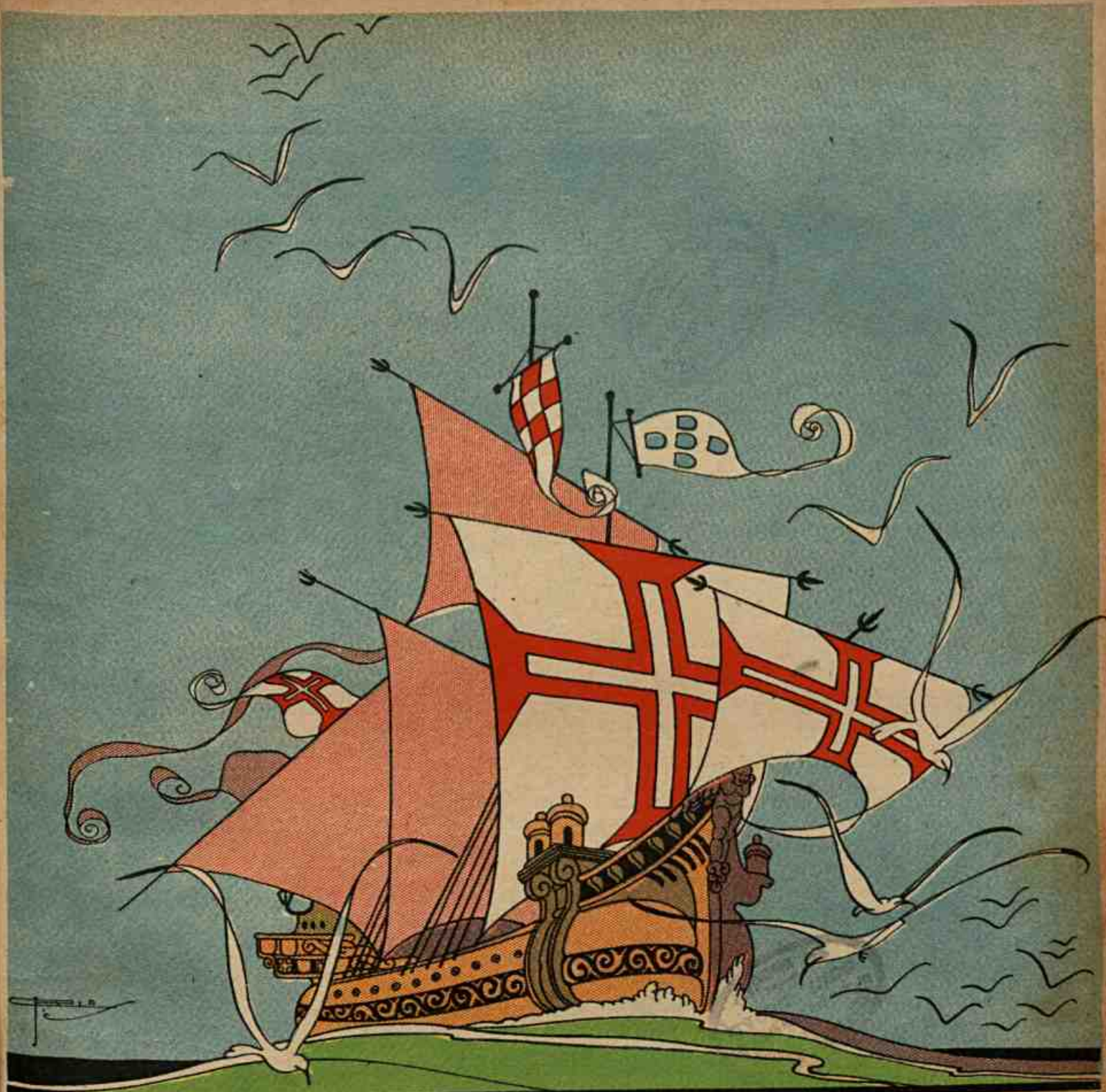
Então pensou o velho:

— Ha dito a verdade. Em recompensa vou leval-o até a margem. E assim o fez.

---

em beijar o hediondo anão. Estava agora sanado todo o mal, e o mancebo e a menina partiram para a casa do negociante. O dia que devia ser o derradeiro da vida do carinhoso pae, passara-o elle abatido e afflicto, tanto mais que a idolatrada filha havia desapparecido; mas, ao cahir da tarde, desannuviou-se-lhe a fronte e indescriptivel alegria voltou ao coração paterno, quando, em rica carruagem, viu chegar a filha em companhia do seu noivo.

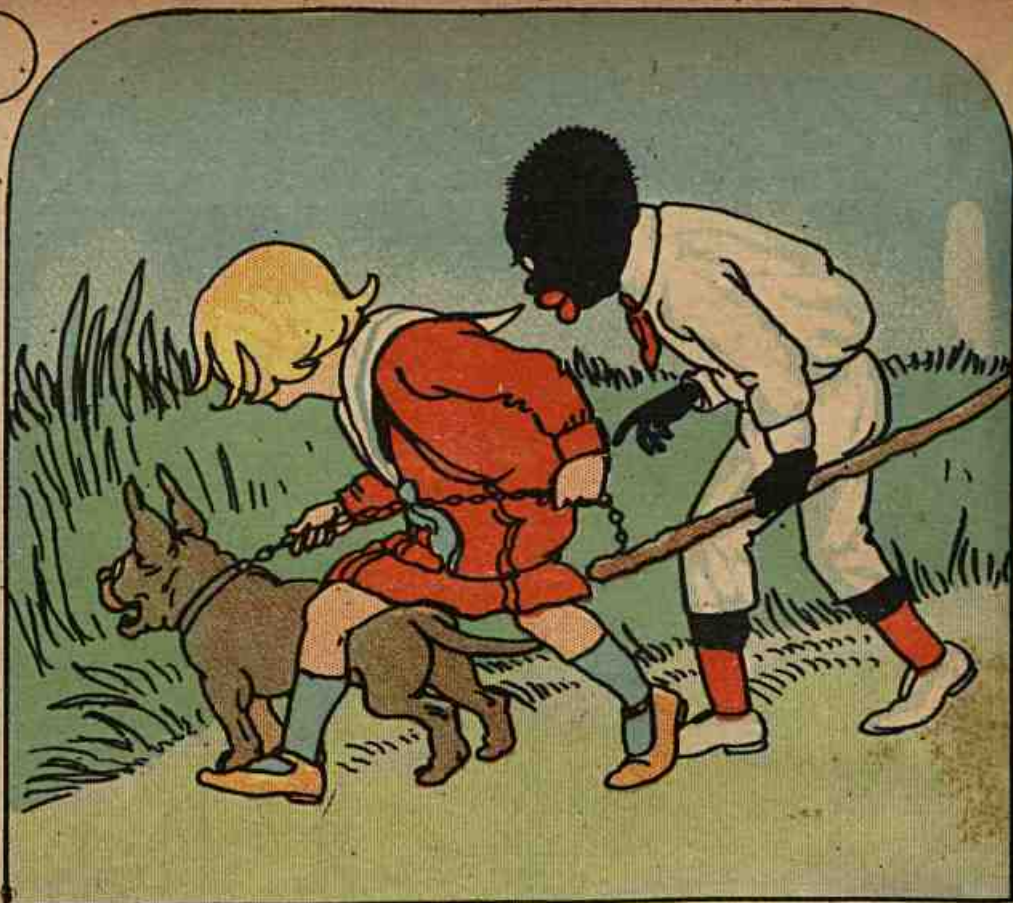
Estavam narrando uns aos outros os successos dos ultimos dias, eis que appareceu de repente no meio delles o velho feiticeiro e abraçou contente o filho ora livre do encanto. E, para agradecer á menina a felicidade que lhe tornara, empregou as suas artes magicas e conseguiu que a vida do negociante, em vez de terminar um anno depois, se prolongasse por muitos e muitos annos.

O ramo das violetas trouxe-o a filha ao peito no dia do casamento, estimando-o mais do que a mais preciosa joia. Estavam viçosas as flores e exhalavam doce aroma e assim se conservaram sem nunca fenecerem.

PEDRO ALVARES CABRAL, almirante portuguez, commandava uma frota de possantes caravellas que ia ás Indias firmar um tratado de commercio.

A navegação, naquelle tempo, era feita em navios a vela e a inconstancia dos ventos não permittia um roteiro seguro aos navegantes. Por isso a frota de Cabral perdera o rumo da viagem e, a 22 de Abril do anno de 1500, descobrira a Terra de Santa Cruz — maravilhoso paiz que as quatro estrellas do Cruzeiro illuminam e protegem. O Brasil foi colonia de Portugal até 1822 e Imperio até 1889, quando foi proclamada a Republica.

Repubilca é o governo de um povo feito pelo proprio povo, que élege os seus dirigentes e representantes nas Camaras e Senados. O Brasil é a mais joven Republica do continente americano. Nem por ser joven, porém, tem a Republica deixado de progredir e trabalhar para tornar o Brasil unido e forte.

# AS AVENTURAS DO CHIQUINHO — Os caçadores de preá

*Chiquinho* foi a um convescote em Guaratiba e, aproveitando-se da distracção de seus paes, afastou-se do grupo e acompanhado de *Benjamin*...

...e *Jagunço*, poz-se a andar. Havia por ali um capinzal e *Jagunço* deu signal de caça á vista. Poz-se a abanar a cauda fixar a attenção para um determinado logar na moita de capim. *Benjamin e Chiquinho* muniram-se de um cacete para enfrentarem a...

...*fera*, isto é, o preá. Iam praticar um acto de selvageria — matar o pobre roedor, talvez prejudicando a sua prole. O preá sentindo-se perseguido tratou de metter-se na toca, um buraco fundo, onde nem *Jagunço* e nem os improvisados caçadores...

...podiam chegar. O preá tinha a sua prole e vivia naquelle buraco e não lhe faltavam inimigos, posto que as cobras e os...

continúa

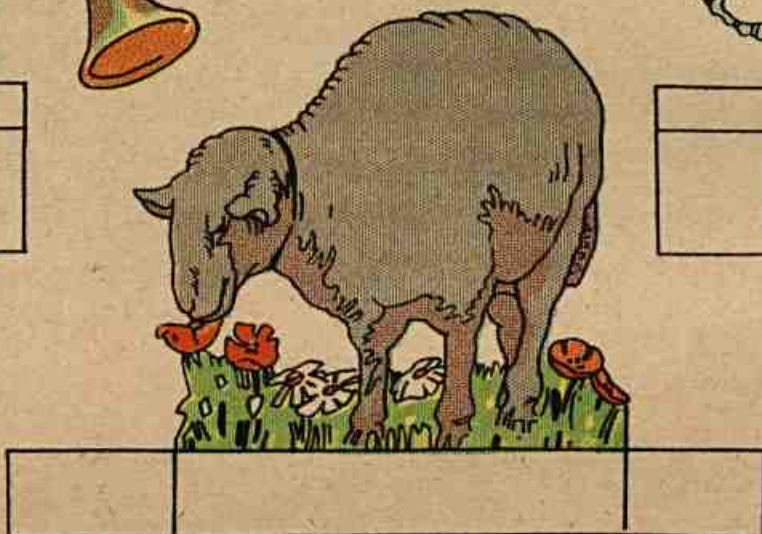
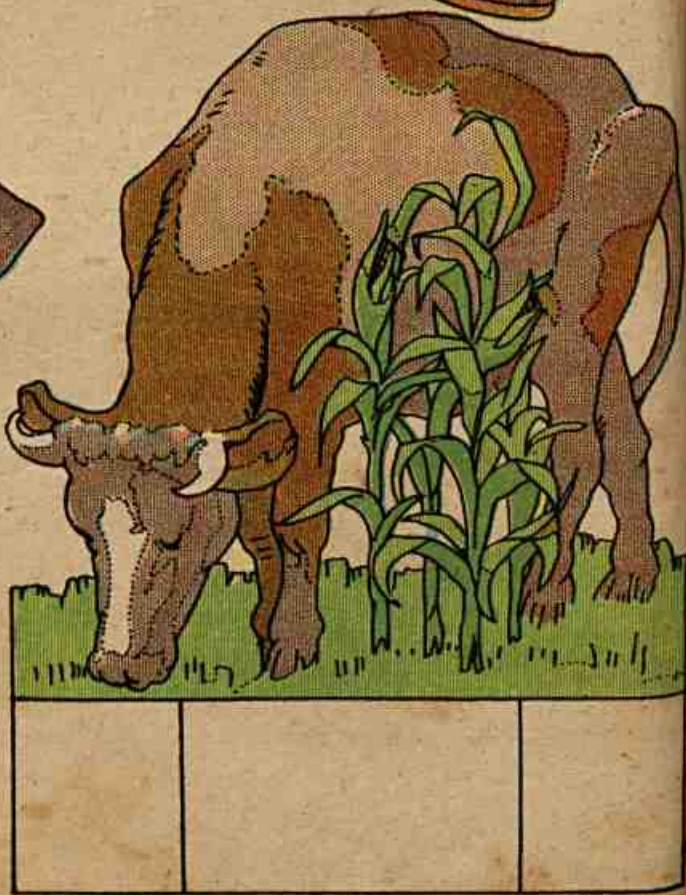
# AS AVENTURAS DO CHIQUINHO — Os caçadores de preá

...gaviões são seus formidaveis inimigos. Os caçadores não desanimaram e não tardaram a encontrar outra. *Chiquinho*, porém, no enthusiasmo de caçar, a dar cacetadas por todos os lados, em dado momento e por engano, metteu uma cacetada...

...nas costas de *Jagunço*, fazendo o cão ver estrellinhas ao meio dia, e o preá fugiu para a toca. *Chiquinho* não respeitava...

...nada quando se mettia a brincar e por isso foi se mettendo pelo capinzal sem pensar em cobras. De repente a um grito de...

...*Benjamin*, *Chiquinho* ficou apavorado. E' que encontraram uma porção de cobras; deram num ninho das ditas e... (*pernas para que vos quero*) fugiram ambos. A familia de *Chiquinho* andava como doida á procura do peralta... Imaginem... o resto.

Collem todas as peças em cartolina, recortando-as, depois, cuidadosamente. As partes brancas são os supportes para manter de pé cada figura e devem ser dobradas para traz.

Para collocar os chapéos nos pastores devem dar um pequeno córte nos logares assignalados.

# JANEIRO

**31 DIAS** **Signo: AQUARIO**

1 — Sexta-feira — *Circumcisão do Senhor* — CONFRATERNIDADE UNIVERSAL (Feriado Nacional).
2 — Sabbado — S. Isidoro.
3 — DOMINGO — S. Anthero.
4 — Segunda-feira — S. Gregorio.
5 — Terça-feira — S. Simeão.
6 — Quarta-feira — *Santos Reis* — S. Frederico.
7 — Quinta-feira — S. Theodoro.
8 — Sexta-feira — S. Lourenço.
9 — Sabbado — S. Julião.
10 — DOMINGO — S. Gonçalo.
11 — Segunda-feira — S. Hygino.
12 — Terça-feira — S. Satyro.
13 — Quarta-feira — S. Hilario.
14 — Quinta-feira — S. Felix de Nola.
15 — Sexta-feira — S. Amaro.
16 — Sabbado — S. Marcello.
17 — DOMINGO — S. Antão.
18 — Segunda-feira — S. Prisca.
19 — Terça-feira — S. Canuto.
20 — Quarta-feira — S. SEBASTIÃO (Feriado no Districto Federal).
21 — Quinta-feira — S. Ignez.
22 — Sexta-feira — S. Vicente.
23 — Sabbado — S. Ildefonso.
24 — DOMINGO — N. S. da Paz.
25 — Segunda-feira — Conv. de S. Paulo.
26 — Terça-feira — S. Polycarpo.
27 — Quarta-feira — S. João Chrysostomo.
28 — Quinta-feira — S. Cyrillo.
29 — Sexta-feira — S. Francisco de Salles.
30 — Sabbado — S. Martina.
31 — DOMINGO — *Septuagesima* — S. Pedro Nolasco.

NO DIA em que nasceu Jesus, uma estrella, caminhando pelo céo, guiou até junto da humilde manjadoura de Bethlém tres soberanos do Oriente. Melchior, Gaspar e Balthazar — felizes porque tinham fé — foram levar ao Salvador do Mundo offertas de ouro, de incenso e de myrrha. O ouro era a riqueza, e ninguem foi mais rico de bondade e de amor do que Jesus.

O incenso e a myrrha, purificavam, e subiam ao céo em espiraes de fumo branco. Jesus apontou sempre o caminho do céo ás almas immaculadas.

28 DIAS **FEVEREIRO** Signo: PEIXES

1 — Segunda-feira — S. Brigida.
2 — Terça-feira — *Purificação de Nossa Senhora.*
3 — Quarta-feira — S. Braz.
4 — Quinta-feira — S. André.
5 — Sexta-feira — S. Agueda.
6 — Sabbado — S. Armando.
7 — DOMINGO — S. Maximiniano.
8 — Segunda-feira — S. Alfredo.
9 — Terça-feira — S. Appolonia.
10 — Quarta-feira — S. Guilherme.
11 — Quinta-feira — S. Proculo.
12 — Sexta-feira — S. Julião Hospitaleiro.
13 — Sabbado — S. Benigna.
14 — DOMINGO — Carnaval — S. Abrahão.
15 — Segunda-feira — Carnaval — S. Faustino.
16 — Terça-feira — Carnaval — S. Onèsimo.
17 — Quarta-feira — Cinzas — S. Auxenció.
18 — Quinta-feira — S. Marcello.
19 — Sexta-feira — S. Conrado.
20 — Sabbado — S. Eleuterio.
21 — DOMINGO — S. Felix de Metz.
22 — Segunda-feira — A cadeira de S. Pedro.
23 — Terça-feira — S. Lazaro.
24 — Quarta-feira — S. Pretextato — PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO (Feriado Nacional).
25 — Quinta-feira — S. Cesario.
26 — Sexta-feira — S. Alexandre.
27 — Sabbado — S. Leandro.
28 — DOMINGO — S. Rufino.

MOMO é o deus da galhofa e da loucura. E' esse deus que preside os mascarados ruidosos dos dias de carnaval. O carnaval é uma das mais antigas festas que a humanidade conhece e realisa-se antes da quaresma, nos tres dias que precedem á quarta-feira de cinzas.

O Rio de Janeiro, Nice, na França e Veneza, na Italia, são as cidades que mais brilho dão ás festas do carnaval.

**31 DIAS**

**Signo: CARNEIRO**

1 — Segunda-feira — S. Adrião.
2 — Terça-feira — S. Carlos.
3 — Quarta-feira — S. Martinho.
4 — Quinta-feira — S. Casemiro.
5 — Sexta-feira — S. Pulcheria.
6 — Sabbado — S. Colleta.
7 — DOMINGO — S. Thomaz de Aquino.
8 — Segunda-feira — S. João de Deus.
9 — Terça-feira — S. Candido.
10 — Quarta-feira — S. Militão e 39 companheiros.
11 — Quinta-feira — S. Constantino.
12 — Sexta-feira — S. Eulogio.
13 — Sabbado — S. Rodrigo.
14 — DOMINGO — S. Leandro.
15 — Segunda-feira — S. Henrique.
16 — Terça-feira — S. Cyriaco.
17 — Quarta-feira — S. Agricola.
18 — Quinta-feira — Archanjo Gabriel.
19 — Sexta-feira — S. José.
20 — Sabbado — S. Gilberto.
21 — DOMINGO — *Paixão* — S. Bento (Começo de Outomno).
22 — Segunda-feira — S. Octaviano.
23 — Terça-feira — S. Liberato.
24 — Quarta-feira — S. Agapito.
25 — Quinta-feira — *Annunciação de N. Senhora.*
26 — Sexta-feira — S. Braulio.
27 — Sabbado — S. Alexandre.
28 — DOMINGO — *Ramos* — S. Dorothéa.
29 — Segunda-feira — S. Victorino.
30 — Terça-feira — S. João Climaco.
31 — Quarta-feira — S. Benjamin.

SALVE! Paz bemdicta que a 1 de Março de 1870 distendeu azas sobre o Brasil com a terminação da guerra com o Paraguay.

Lucta cruenta, que durou cinco annos, nella refulgem, cobertos de glorias, os nomes do bravo general Osorio, o vencedor das batalhas de *Estero Bellaco* e *Tuyuty;* o duque de Caxias, heróe de *Humaytá*, e o almirante Barroso, admiravel marujo que se notabilisou como vencedor da batalha naval travada nas barrancas do *Riachuelo*.

OSORIO

CAXIAS

BARROSO

# ABRIL

**30 DIAS** — **Signo: TOURO**

1 — Quinta-feira — Endoenças — S. Venancio (D. S.).
2 — Sexta-feira — Paixão de N. S. Jesus Christo — S. Francisco de Paula (D. S.).
3 — Sabbado — Alleluia — S. Pancracio.
4 — DOMINGO — *Paschoa* — Resurreição de N. S. Jesus Christo (D. S.).
5 — Segunda-feira — S. Geraldo.
6 — Terça-feira — S. Celestino.
7 — Quarta-feira — S. Epiphanio.
8 — Quinta-feira — S. Amancio.
9 — Sexta-feira — S. Marcello.
10 — Sabbado — S. Terencio.
11 — DOMINGO — *Paschoela* — S. Isaac.
12 — Segunda-feira — S. Romeu.
13 — Terça-feira — S. Justino.
14 — Quarta-feira — S. Lamberto.
15 — Quinta-feira — S. Basilio.
16 — Sexta-feira — S. Fructuoso.
17 — Sabbado — S. Aniceto.
18 — DOMINGO — S. Appolonio.
19 — Segunda-feira — S. Jorge.
20 — Terça-feira — N. S. dos Prazeres.
21 — Quarta-feira — S. Anselmo — TIRADENTES (Feriado Nacional).
22 — Quinta-feira — S. Leonidas.
23 — Sexta-feira — S. Fortunato.
24 — Sabbado — S. Alexandre.
25 — DOMINGO — *Patrocinio de S. José* — S. Marcos.
26 — Segunda-feira — S. Cleto.
27 — Terça-feira — S. Turibio.
28 — Quarta-feira — S. Vital.
29 — Quinta-feira — S. Hugo.
30 — Sexta-feira — S. Eutropio.

ERA costume antigo, pela Paschoa, deixarem as cegonhas, ovos cheios de mimos e bombons nos ninhos escondidos nos jardins. Eram presentes que Papae do Céo mandava aos meninos obedientes e estudiosos. Mas Judas, o trahidor do Divino Jesus, muitas vezes roubou dos ninhos das cegonhas os ovos da Paschoa. Por isso, quando rompe a Alleluia, Judas é castigado a pauladas e chicotadas.

# MAIO

**31 DIAS** — **Signo: GEMEOS**

1 — Sabbado — S. Thiago — FESTA DO TRABALHO (Feriado Nacional).
2 — DOMINGO — *Maternidade de N. Senhora* — S. Mafalda.
3 — Segunda-feira — S. Juvenal — DESCOBRIMENTO DO BRASIL (Feriado Nacional).
4 — Terça-feira — S. Flaviano.
5 — Quarta-feira — Conv. de S. Agostinho.
6 — Quinta-feira — S. Judith.
7 — Sexta-feira — N. S. do Resgate.
8 — Sabbado — S. Victor.
9 — DOMINGO — S. Gregorio Nazianzeno.
10 — Segunda-feira — *Ladainhas* — S. Ameliano.
11 — Terça-feira — *Ladainhas* — S. Anastacio.
12 — Quarta-feira — *Ladainhas* — S. Nereu.
13 — Quinta-feira — *Ascenção* — N. S. dos Martyrios — ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL (Feriado Nacional).
14 — Sexta-feira — S. Bonifacio.
15 — Sabbado — S. Izidro.
16 — DOMINGO — S. Honorio.
17 — Segunda-feira — S. Paschoal.
18 — Terça-feira — S. Eurico.
19 — Quarta-feira — S. Calypsa.
20 — Quinta-feira — S. Bernardino de Sena.
21 — Sexta-feira — S. Manços.
22 — Sabbado — S. Romão.
23 — DOMINGO — *Espirito Santo* — S. Desiderio.
24 — Segunda-feira — S. Afra.
25 — Terça-feira — S. Urbano.
26 — Quarta-feira — S. Agostinho.
27 — Quinta-feira — S. Olivio.
28 — Sexta-feira — S. Germano.
29 — Sabbado — S. Procopio.
30 — DOMINGO — *Santissima Trindade* — Santa Emilia.
31 — Segunda-feira—S. Petronilha.

AVE MARIA, cheia de Graça: o Senhor é comvosco. Bemdita sois entre as mulheres, e bemdito é o fructo do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, mãe Deus, rogae por nós, peccadores, agora e na hora da nossa morte. Amen.

o

Ave Maria, mãe de Jesus!
Fonte perenne de Graça e luz!

# JUNHO

**30 DIAS** **Signo: CARANGUEJO**

1 — Terça-feira — S. Ferino.
2 — Quarta-feira — S. Erasmo.
3 — Quinta-feira — *Corpo de Jesus* — S. Paula.
4 — Sexta-feira — S. Saturnina.
5 — Sabbado — S. Marciano.
6 — DOMINGO — S. Claudio.
7 — Segunda-feira — S. Gilberto.
8 — Terça-feira — S. Severino.
9 — Quarta-feira — S. Paulo da Cruz.
10 — Quinta-feira — S. Margarida.
11 — Sexta-feira — *Coração de Jesus* — S. Barnabé.
12 — Sabbado — S. Adolpho.
13 — DOMINGO — S. Antonio de Lisboa e de Padua.
14 — Segunda-feira — S. Basilio Magno.
15 — Terça-feira — S. Modesto.
16 — Quarta-feira — N. S. do Soccorro.
17 — Quinta-feira — S. Anatolio.
18 — Sexta-feira — S. Marcellino.
19 — Sabbado — S. Gervasio.
20 — DOMINGO — S. Macario.
21 — Segunda-feira — S. Luiz Gonzaga (Começo de Inverno).
22 — Terça-feira — S. Paulino.
23 — Quarta-feira — S. Aggripino.
24 — Quinta-feira — *S. João Baptista.*
25 — Sexta-feira — S. Guilherme.
26 — Sabbado — S. Antelmo.
27 — DOMINGO — *Pureza de N. Senhora* — S. Adelino.
28 — Segunda-feira — S. Irineu.
29 — Terça-feira — *S. Pedro* — S. Paulo.
30 — Quarta-feira — S. Marçal.

QUEM ainda não se entregou aos prazeres de Santo Antonio, São João e São Pedro? As pistolas e foguetões, as rodinhas, os balões, as estrellinhas, com seus chuveiros de luzes coloridas, lembram as claridades fantasticas das auroras polares. Os balões que cruzam o céo nessas noites de festas são os mensageiros dos votos dos crentes e os companheiros das irrequietas estrellas.

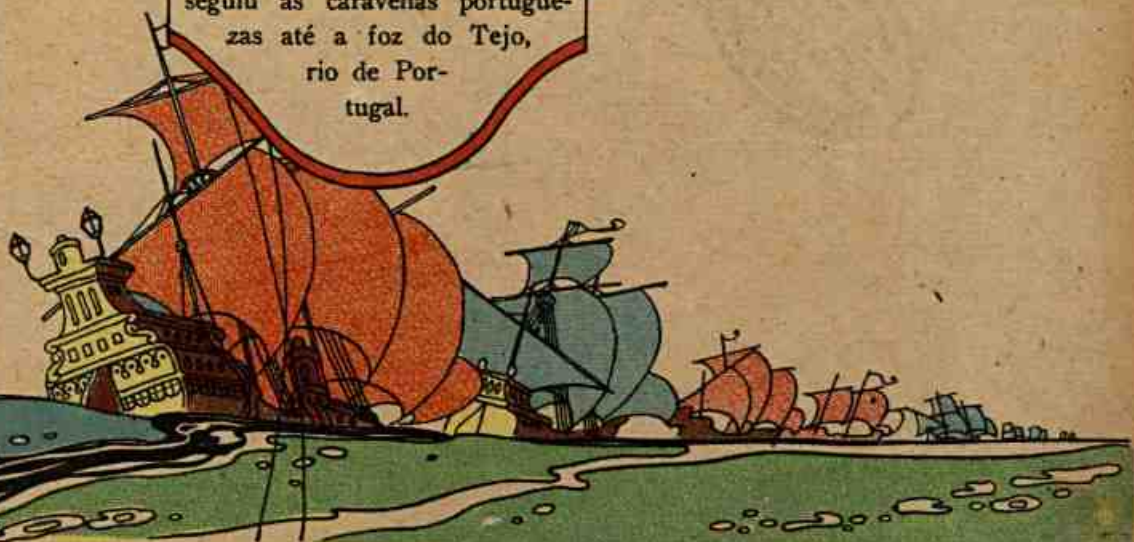
# JULHO

**31 DIAS** **Signo: LEAO**

1 — Quinta-feira — S. Simão.
2 — Sexta-feira — Visitação de N. Senhora.
3 — Sabbado — S. Jacintho.
4 — DOMINGO — S. Laureano.
5 — Segunda-feira — S. Athanazio.
6 — Terça-feira — S. Angela.
7 — Quarta-feira — S. Firmino.
8 — Quinta-feira — S. Procopio.
9 — Sexta-feira — S. Veronica.
10 — Sabbado — S. Januario e seus companheiros.
11 — DOMINGO — S. Simphronia.
12 — Segunda-feira — S. Nabor.
13 — Terça-feira — S. Anacleto.
14 — Quarta-feira — S. Boaventura — TOMADA DA BASTILHA (Feriado Nacional).
15 — Quinta-feira — S. Henrique.
16 — Sexta-feira — N. S. do Carmo.
17 — Sabbado — S. Aleixo.
18 — DOMINGO — S. Arnaldo.
19 — Segunda-feira — S. Vicente de Paula.
20 — Terça-feira — S. Elias.
21 — Quarta-feira — S. Claudio.
22 — Quinta-feira — S. Platão.
23 — Sexta-feira — S. Liborio.
24 — Sabbado — S. Bernardo.
25 — DOMINGO — S. Thiago Maior.
26 — Segunda-feira — S. Olympio.
27 — Terça-feira — S. Mauro.
28 — Quarta-feira — S. Celso.
29 — Quinta-feira — S. Olavo.
30 — Sexta-feira — S. Abdão.
31 — Sabbado — S. Ignacio de Loyola.

FOI a 2 de Julho de 1823 que terminaram as luctas pela consolidação da Independencia do Brasil. Nesse dia, o exercito brasileiro que sitiava a Bahia entrou na cidade, expulsando dali as tropas portuguezas, que fugiram para o seu paiz numa frota de trinta caravellas.

Lord Cochrane, commandante da esquadra brasileira, perseguiu as caravellas portuguezas até a foz do Tejo, rio de Portugal.

**31 DIAS** — # AGOSTO — **Signo: VIRGEM**

1 — DOMINGO — *Sant'Anna* — S. Leoncio. —
2 — Segunda-feira — N. S. dos Anjos.
3 — Terça-feira — S. Cassiano.
4 — Quarta-feira — S. Domingos.
5 — Quinta-feira — N. S. das Neves.
6 — Sexta-feira — Transfiguração do Senhor.
7 — Sabbado — S. Alberto.
8 — DOMINGO — S. Cyriaco.
9 — Segunda-feira — S. Romão.
10 — Terça-feira — S. Lourenço.
11 — Quarta-feira — S. Suzana.
12 — Quinta-feira — S. Clara.
13 — Sexta-feira — S. Aquila.
14 — Sabbado — N. S. da Bôa Morte.
15 — DOMINGO — ***Assumpção de N. Senhora.***
16 — Segunda-feira — S. Roque.
17 — Terça-feira — S. Juliano.
18 — Quarta-feira — S. Agapito.
19 — Quinta-feira — S. Magiro.
20 — Sexta-feira — S. Samuel.
21 — Sabbado — S. Umbelina.
22 — DOMINGO — *S. Joaquim* — S. Timotheo.
23 — Segunda-feira — S. Donato.
24 — Terça-feira — S. Bartholomeu.
25 — Quarta-feira — S. Luiz.
26 — Quinta-feira — S. Zeferino.
27 — Sexta-feira — S. José Calazans.
28 — Sabbado — S. Agostinho.
29 — DOMINGO — S. Adolpho.
30 — Segunda-feira — S. Fiacrio.
31 — Terça-feira — S. Cecidio.

BEMAVENTURADAS são todas as meninas que entre hymnos de amor christão vão pela primeira vez tomar parte no banquete sagrado de Jesus.

O dia da primeira Communhão dá alegrias santificadoras aos corações juvenis. Jesus Christo, na Hostia consagrada, derrama graças e virtudes sobre os commungantes. E na conservação dessas virtudes e dessas graças é que reside o condão maravilhoso da felicidade e da paz.

— Que Jesus-Hostia, viva sempre entre as meninas.

**30 DIAS** # SETEMBRO **Signo: BALANÇA**

1 — Quarta-feira — S. Constancio.
2 — Quinta-feira — S. Estevam.
3 — Sexta-feira — S. Dorothéa.
4 — Sabbado — S. Rosalia.
5 — DOMINGO — S. Bertino.
6 — Segunda-feira — S. Zaccarias.
7 — Terça-feira — S. Anastacio — INDEPENDENCIA DO BRASIL (Feriado Nacional).
8 — Quarta-feira — *Natividade de N. Senhora.*
9 — Quinta-feira — S. Sergio.
10 — Sexta-feira — S. Pulcheria.
11 — Sabbado — S. Didimo.
12 — DOMINGO — *S. Coração Santo Nome de Maria* — S. Juvencio.
13 — Segunda-feira — S. Amado.
14 — Terça-feira — Exaltação da S. Cruz.
15 — Quarta-feira — N. S. das Dôres.
16 — Quinta-feira — S. Edith.
17 — Sexta-feira — S. Fiocello.
18 — Sabbado — S. José Cupertino.
19 — DOMINGO — *As Dôres de N. Senhora* — S. Pomposa.
20 — Segunda-feira — LEI ORGANICA D. FEDERAL (Feriado no Districto Federal) — S. Eustachio.
21 — Terça-feira — S. Matheus.
22 — Quarta-feira — S. Thomaz.
23 — Quinta-feira — S. Luiz (Começa a Primavera).
24 — Sexta-feira — N. S. das Mercês.
25 — Sabbado — S. Herculano.
26 — DOMINGO — S. Cypriano.
27 — Segunda-feira — S. Terencio.
28 — Terça-feira — S. Wenceslau.
29 — Quarta-feira — S. Miguel Archanjo.
30 — Quinta-feira — S. Leopardo.

A INDEPENDENCIA da nossa cara terra foi proclamada por D. Pedro I no dia 7 de Setembro de 1822, ás margens do regato Ypiranga, em São Paulo.

O Brasil, que era uma colonia portugueza, dessa data em diante tornou-se nação livre.

Terra de riquezas maravilhosas, o Brasil ha de ser um dos mais ricos e adeantados paizes do mundo.

E para que assim seja é preciso que todos os filhos da Terra de Santa Cruz trabalhem e estudem.

**31 DIAS** — # OUTUBRO — **Signo: ESCORPIÃO**

1 — Sexta-feira — S. Verissimo.
2 — Sabbado — S. Ligorio.
3 — DOMINGO — *N. S. do Rosario.*
4 — Segunda-feira — S. Francisco de Assis.
5 — Terça-feira — S. Placido.
6 — Quarta-feira — S. Bruno.
7 — Quinta-feira — S. Augusto.
8 — Sexta-feira — S. Brigida.
9 — Sabbado — S. Andronico.
10 — DOMINGO — S. Gereão.
11 — Segunda-feira — S. Nerimio.
12 — Terça-feira — S. Wilfrido — DESCOBERTA DA AMERICA (Feriado Nacional).
13 — Quarta-feira — S. Eduardo.
14 — Quinta-feira — S. Eulampia.
15 — Sexta-feira — S. Thereza de Jesus.
16 — Sabbado — S. Martiniano.
17 — DOMINGO — *N. S. dos Remedios.*
18 — Segunda-feira — S. Justo.
19 — Terça-feira — S. Aquilina.
20 — Quarta-feira — S. Feliciano.
21 — Quinta-feira — S. Ursula.
22 — Sexta-feira — S. Euzebio.
23 — Sabbado — S. Graciano.
24 — DOMINGO — S. Raphael Archanjo.
25 — Segunda-feira — S. Chrispim.
26 — Terça-feira — S. Evaristo.
27 — Quarta-feira — S. Didier.
28 — Quinta-feira — S. Simão.
29 — Sexta-feira — S. Benvinda.
30 — Sabbado — S. Angelo.
31 — DOMINGO — S. Mathurino.

ERA um gigante poderoso e maravilhosamente rico um continente desconhecido — que o genovez Christovão Colombo affirmava existir para os lados do occidente europeu.

Colombo era um sabio e os sabios quando affirmam nunca erram. Partindo de Hespanha nas caravellas *Santa Maria, Pinta* e *Niña*, Christovão Colombo veiu a descobrir, em 12 de Outubro de 1492, esse gigante que é a America.

30 DIAS
NOVEMBRO
Signo: SAGITTARIO
1 — Segunda-feira — *Todos os Santos.*
2 — Terça-feira — COMMEMORAÇÃO DOS MORTOS (Feriado Nacional).
3 — Quarta-feira — S. Benigno.
4 — Quinta-feira — S. Carlos Borromeu.
5 — Sexta-feira — S. Zacharias.
6 — Sabbado — S. Gregorio.
7 — DOMINGO — S. Amarando.
8 — Segunda-feira — S. Deodato.
9 — Terça-feira — S. Agrippino.
10 — Quarta-feira — S. Florencio.
11 — Quinta-feira — S. Eustalia.
12 — Sexta-feira — S. Diogo.
13 — Sabbado — S. Didacio.
14 — DOMINGO — *Patrocinio de Nossa Senhora.*
15 — Segunda-feira — S. Eugenio — PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA (Feriado Nacional).
16 — Terça-feira — S. Ignez de Assis.
17 — Quarta-feira — S. Hugo.
18 — Quinta-feira — S. Maximo.
19 — Sexta-feira — S. Izabel de Hungria.
20 — Sabbado — S. Simplicio.
21 — DOMINGO — *Apresentação de N. Senhora.*
22 — Segunda-feira — S. Cecilia.
23 — Terça-feira — S. Clemente.
24 — Quarta-feira — S. João da Cruz.
25 — Quinta-feira — S. Catharina.
26 — Sexta-feira — S. Conrado.
27 — Sabbado — S. Facundo.
28 — DOMINGO — *Advento* — S. Gregorio III.
29 — Segunda-feira — S. Saturnino.
30 — Terça-feira — S. André.
ORDEM E
A FESTA DA BANDEIRA é das que mais enthusiasmam e estimulam o culto civico da mocidade. Imagem symbolica da Patria, a bandeira auri-verde do Brasil, ordeiro e progressista, deve merecer de todos os brasileiros sagrado culto de respeito e accentuado amor.
Instituiu-se a actual bandeira em 19 de Novembro de 1889.

# DEZEMBRO

**31 DIAS** **Signo: CAPRICORNIO**

1 — Quarta-feira — S. Cassiano.
2 — Quinta-feira — S. Leoncio.
3 — Sexta-feira — S. Francisco Xavier.
4 — Sabbado — S. Armando.
5 — DOMINGO — *Advento* — S. Geraldo.
6 — Segunda-feira — S. Nicolau.
7 — Terça-feira — S. Ambrozio.
8 — Quarta-feira — *Conceição de Nossa Senhora.*
9 — Quinta-feira — S. Leocadia.
10 — Sexta-feira — S. Melchiades.
11 — Sabbado — S. Damaso.
12 — DOMINGO — *Advento* — S. Justino.
13 — Segunda-feira — S. Luzia.
14 — Terça-feira — S. Agnello.
15 — Quarta-feira — S. Valeriano
16 — Quinta-feira — S. Adelaide.
17 — Sexta-feira — S. Olympia.
18 — Sabbado — S. Braziliano.
19 — DOMINGO — *Advento* — S. Nemezio.
20 — Segunda-feira — S. Alfredo.
21 — Terça-feira — S. Thomé.
22 — Quarta-feira — S. Honorato.
23 — Quinta-feira — S. Dagoberto.
24 — Sexta-feira — S. Emiliana.
25 — Sabbado — *Nascimento de Jesus Christo.*
26 — DOMINGO — S. Estevam.
27 — Segunda-feira — S. João Evangelista.
28 — Terça-feira — Os Santos Innocentes.
29 — Quarta-feira — S. Thomaz.
30 — Quinta-feira — S. Hilario.
31 — Sexta-feira — S. Silvestre.

# A VINGANÇA DOS RATOS

A rataria estava indignada e faminta. Desde cinco dias que um gato preto, enorme, de compridos bigodes e olhos chammejantes, fizera ponto de parada na despensa.

— E' um intruso, que nos quer matar á fome! — gritava um rato.

— E é mais ladrão do que qualquer um de nós. Outro dia viu-o a furtar as rosquinhas de leite do cesto grande da prateleira! — falava uma ratazana.

— A situação não póde continuar assim! — gritavam os mais exaltados. Precisamos dar cabo do bichano emquanto não morremos todos á fome.

E os commentarios e protestos, as ameaças e pragas cahiam de todas as gargantas dos ratos famintos, sem chegar, no entanto, ás orelhas do grande gato preto que ha cinco dias fôra morar na despensa farta de toucinhos, de carne, de biscoutos e de doces. E mesmo que ouvisse todos os improperios do mundo, o gato preto lá se iria incommodar com o que ratos diziam! Elle queria era comer bem, roer gostosos biscoutos, rosquinhas torradas da cesta grande e não mastigar carne crua de rato magro.

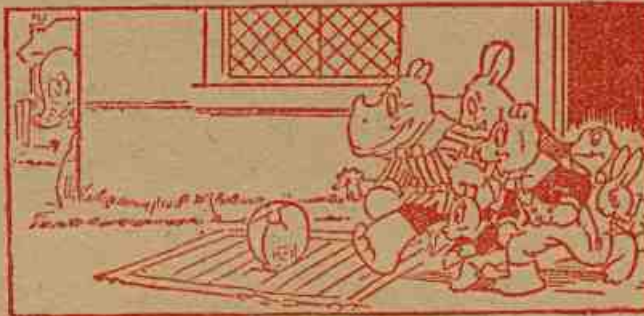
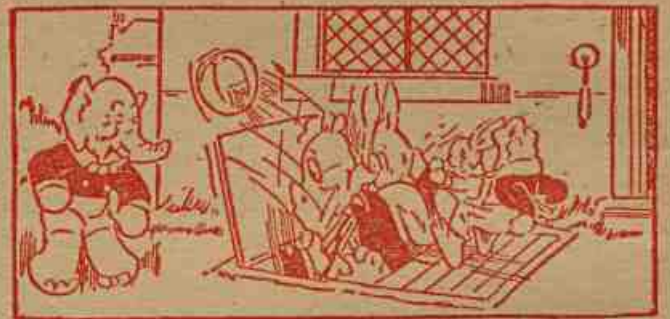
Os ratos, receiosos de serem abocanhados pelo felino, não deixavam os focinhos fóra dos buracos, entregues a um jejum forçado, e estavam inteiramente enganados com os propositos do pobre gato. A fome, porém, é má conselheira. Rato com fome é capaz de tudo e, assim sendo, numa solemne reunião, resolveram matar o gato.

A primeira proposta foi que um delles riscasse um phosphoro junto á pipa do alcool e incendiasse a despensa. O gato morreria queimado. Todos recusaram o alvitre, porque se era verdade que o gato morreria, tambem elles ficariam sem a despensa. Surgiram então outros meios, aventaram-se varias idéas, expuzeram-se planos. Venceu a proposta de envenenarem o bichano.

A proposta era simples. Um rato destemido roeria a rolha de um frasco de veneno occulto numa prateleira e despejariam o conteúdo fulminante nas ros-

# A VINGANÇA DO ELEPHANTE

— Vamos jogar foot-ball! — disse o Jumentinho. — Eu serei o "goal-keeper"! — propoz o Elephantezinho. — Não, não, hoje não jogarás comnosco! — gritaram todos.

E todos foram para o campo, abandonando o Elephantezinho. Instantes depois, a bola veiu cahir onde estava o Elephantezinho, que rapido, prendeu-a á tampa de um boeiro.

Nisso chegaram os bichanos á cata da bola. — Está aqui! — gritaram todos. — Vou "shootal-a" — gritou o Rhinoceronte. E "shootou".

A bola, impulsionada, suspendeu a tampa do boeiro, dentro do qual foram todos cahir. O Elephantezinho riase gostosamente da partida que pregara.

---

quinhas de leite que se encontravam na outra prateleira de baixo, onde o gato gostava muito de dormir.

Vencidas mil difficuldades, foi consumada a cilada no tempo escasso que o gato preto sahira da despensa para passear nos telhados.

A rataria, a postos, espiando pelos buracos das paredes, esperava a volta do inimigo que fatalmente seria abatido.

O gatão chegou e foi direito á cesta das rosquinhas de leite. Comeu á farta e desceu, indo deitar-se a um canto do chão, lambendo os fartos bigodes.

De repente, o gatão deu uma série de pulos, contorcendo-se, miando desesperadamente.

O veneno actuava, para gaudio dos vingadores. E os ratos numa furia de loucos, sahiram dos buracos e, munidos de roscas envenenadas que tiraram da cesta, perseguiram o pobre gato, que fugiu nas ansias horriveis da morte que chegava.

Rato com fome é capaz de tudo.

Que gritaria, que delirio se verificou então no interior da despensa! O pobre gato dava pulos no ar, miava, numa agonia louca, entre os gritinhos nervosos dos ratos sedentos de vingança. Mais um minuto e o gatão esticava as canellas.

A vingança consumou-se.

TIA THEREZA

# O SOLDADO
E O
# MARINHEIRO

(DIALOGO)

*PERSONAGENS*: — *Um soldado do Exercito* — *Um marinheiro*

MARINHEIRO (*Entrando e fazendo a continencia militar*)

— Bom dia, meu camarada!

SOLDADO (*Que vem entrando, corresponde á continencia*)

— Bom dia; como vae isso?

MARINHEIRO

— Vae bem, embora luctando
Sempre com muito "serviço".

SOLDADO

— Qual nada! Serviço é o nosso,
Lá no nosso regimento:
Quem "passa a prompto" trabalha
Sem descansar um momento.

MARINHEIRO

— E não tem folga?

SOLDADO

— Isso temos,
Porém não dá para nada,
Porque lá, pelo quartel,
A disciplina é *pezada*...

MARINHEIRO

— Tambem no nosso navio
A disciplina é "de facto",
Tudo tem de andar "na linha",
Não escapa nem um rato.
E nos disse um "escrevente",
Fazendo uma conferencia,
Que a Marinha Brasileira
Tem de ser uma potencia;
Precisa honrar o seu nome,
E guardar as tradições,
Venerando seus heróes
Perante as outras nações.

SOLDADO

— E, por acaso, o Exercito
Não é tambem valoroso?
Não tem tradições de gloria
Num passado muito honroso?

MARINHEIRO

— Não digo menos; porém,
A' Marinha é a quem, na guerra,
Compete a maior tarefa,
No mar defendendo a terra.

SOLDADO

— E o Exercito luctando
Em terra p'ra que não falte
O mantimento á Marinha,
E seu valor mais se exalte?

MARINHEIRO

— Não nego; mas nós luctamos
Até mesmo "em baixo d'agua",
Quando, occultos, navegamos
Nos temiveis submarinos...

SOLDADO

— E nós luctamos "nos ares",
Voando nos aeroplanos,
Sujeitos a mil azares,
Orientando a Marinha
Para o seu tiro certeiro:
E nos "reconhecimentos"
Do inimigo traiçoeiro...

MARINHEIRO

— E' certo; porém, sem nós,
O Exercito é bloqueado
Pela armada do inimigo
E fica... "desarvorado".

SOLDADO (*Rindo*)

— "Desarvorado"?!... Isso não!
Sem o Exercito, a Marinha
E' que não dá "passo á frente"...

MARINHEIRO (*Rindo*)

— Passo á frente?!... Graça tinha
Navios *andando a passo*!...

SOLDADO (*Com enthusiasmo*)

— O Exercito é a sentinella
Vigilante pela Patria!

MARINHEIRO (*Com enthusiasmo*)

— E a Marinha é quem por ella
Dá sua vida contente!...

(*Ouvem-se os primeiros 16 compassos do Hymno Nacional Brasileiro. Ambos fazem continencia, depois que cessa a musica.*)

SOLDADO

— Agora vi que valemos
Egualmente para a Patria,
Quando nossa mão erguemos
Em continencia...

MARINHEIRO

— E então?
Tanto vale o bom soldado
Como o marinheiro audaz;
Qualquer um é denodado,
E a Patria delles precisa,
— Do Soldado e o Marinheiro —
Na defesa do seu sólo,
Na defesa do Cruzeiro
Do Sul que brilha no Céo
E no nosso Pavilhão!

SOLDADO

— Muito bem; nos completamos;
Apertemo-nos a mão,
E sigamos abraçados,
Promptos a desafrontar
Nossa Patria idolatrada
Quando um dia nos chamar!

(*Sahem abraçados e cantando o final do Hymno Nacional*):

"Mas, se ergues da justiça a clava forte
Verás que um filho teu não foge á lucta,
Nem teme, quem te adora, a propria [Morte.
Terra adorada", etc.

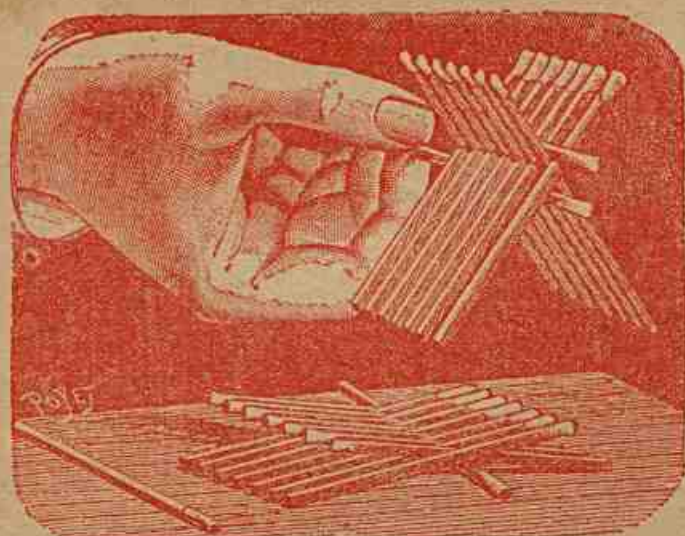
(Recife, VI — 1925)

EUSTORGIO WANDERLEY

# PASSATEMPOS

PARA

OS

# DIAS DE FÉRIAS

Dois interessantes passatempos apresentamos aos pequenos e queridos leitores nesta pagina illustrada. O primeiro delles consiste em levantar quinze phosphoros de cima de uma mesa sem outro auxilio do que um só phosphoro.

A principio, o problema parecerá um pouco difficil, mas verão que é bem facil. Colloquem um phosphoro sobre a mesa de modo que uma das extremidades do mesmo fique para fóra do bordo da propria mesa. Sobre esse phosphoro arrumem, um a um, quatorze phosphoros, de modo que sete delles fiquem collocados num sentido inverso do dos outros sete, tal qual como se vê na parte inferior do primeiro desenho desta pagina. Isso feito, tomem um phosphoro e o deixem descansar sobre a linha de intercessão dos quatorze phosphoros. Depois, cuidadosamente, segurem a extremidade do phosphoro que está para fóra do bordo da mesa e levantem vagarosamente todo o monte de phosphoros. O phosphoro collocado na linha de intercessão dos outros quatorze impedirá que estes caiam. E vocês conseguirão a resolução do problema, como se vê na parte superior da gravura de que estamos falando.

O segundo passatempo consiste em mergulhar a mão numa bacia cheia d'agua e retiral-a secca como quando entrou. Tomem uma bacia com agua e no fundo della deixem um annel, uma moeda, um objecto qualquer. Annunciem então que são capazes de apanhar o annel sem molhar a mão.

Todos julgarão a prova impossivel e vocês irão provar que não é tal.

Para isso pulverisem sobre a agua da bacia um pouco de lycopodio, um pó que se vende em todas as pharmacias, e mergulhem a mão até o fundo da bacia, até segurar o annel ou a moeda.

Retirem, depois, a mão e mostrem-n'a á assistencia, que a verá tão secca como estava antes da prova.

E por que tal cousa acontece?

Porque o lycopodio forrou a mão de vocês como se fosse uma luva sobre a qual a agua não póde exercer acção alguma, da mesma maneira que não exerce sobre uma penna de ganso quando a mergulhamos, em virtude de uma graxa especial que essas pennas secretam sempre.

# AS LIÇÕES SÁBIAS DAS FABULAS

### MINERVA E A ARVORE

Um dia os deuses do Olympo resolveram colher uma arvore para tel-a sob protecção. Jupiter, rei, escolheu o imponente e secular carvalho, Venus deu preferencia ao myrto, e assim todos elles tomaram a si uma especie vegetal. A deusa da sabedoria, Minerva, escolheu a oliveira e como os demais deuses observassem que tal arvore não era das mais bellas, Minerva lhes disse:

— Escolhi esta arvore porque produz fructos uteis!

Jupiter, que era o rei, louvou a conducta de Minerva.

Todas as nossas acções devem visar um fim util.

### O VEADO E O BOI

Um veado, perseguido pelos caçadores, entrou num estabulo:

— Por favor, amigo boi, deixa-me esconder debaixo deste capim!

O boi consentiu mas o avisou de que corria perigo de ser descoberto pelos criados e pelo dono do estabulo.

— Não faz mal, eu tomarei cuidado em me esconder bem.

Pouco depois chegaram os criados do estabulo, passaram muitas vezes pelo monte de capim e não descobriram o veado. O dono do estabulo chegou por ultimo e com o habito, tudo inspeccionou, para tudo olhou até que descobriu o veado e o mandou matar.

Esta fabula nos prova que ninguem melhor do que o dono olha para o que é seu.

### O LEÃO E O LAVRADOR

Um leão viu a filha de um lavrador e, enamorando-se della, foi falar ao pae e pediu-a em casamento.

— Não póde ser — respondeu o lavrador — Minha filha não casa com leão.

A fera, diante da recusa, começou a ranger os dentes e ia atacar o lavrador, que achou prudente attender ao pedido do leão. E falou:

— Minha filha só se casará se você arrancar as garras e os dentes. Ella tem medo de garras e de dentes.

— Pois está feito! vou arrancar os dentes e as unhas — respondeu o leão, retirando-se.

Quando voltou, o lavrador deu-lhe tantas pauladas que o matou.

Quem se entrega ao inimigo é sempre um vencido.

### A LUTA DOS FORTES

Duas rãs viam uma luta entre dois touros e uma dellas falou:

— Ai de nós se taes feras vierem para aqui!

— Não nos acontecerá nada — respondeu a outra. Os lutadores não pertencem á nossa raça e nenhum mal nos farão.

— Estás enganada, quando os fortes lutam, sempre os fracos soffrem as consequencias. Fujamos já! E fugiram.

### O GALLO E A PEROLA

Revolvendo o monturo do gallinheiro, um gallo encontrou uma linda e custosa perola, no meio da immundicie.

— Ora, disse o gallo, antes fosses um verme qualquer, que me servisse á alimentação! Se um ourives te encontrasse ficaria contente e seria feliz. Eu, que te achei, não sinto alegria, porque de cousa alguma me serves. Preferia que te transformasses num bichinho!

E atirou a perola para o lado. Esse gallo retrata fielmente as pessoas ignorantes

que á sabedoria ou á sciencia preferem a mesa farta e os prazeres das cousas inuteis.

RELIGIÃO

# O FILHO PRODIGO

Quando Jesus-Christo andou pelo mundo semeando a palavra de bondade, os gestos de perdão, as lições de amor ao proximo, fazia-o por meio de parabolas e entre estas nenhuma outra é mais commovedora do que a do *Filho prodigo,* na qual se vê com que extrema dedicação Deus, representado pelo pae de familia, acolhe o peccador sinceramente arrependido de sua culpa.

*A volta do filho prodigo*

Jesus-Christo expoz a parabola do filho prodigo, assim falando: "Um homem tinha dois filhos. O mais moço destes, procurando-o, um dia, lhe disse: — Meu pae, dae-me, por favor, a parte da herança que me cabe.

Attendeu o bom pae e dividiu seus bens entre os dois filhos. Poucos dias depois, o mais moço tomou a parte que lhe coube e, com ella, foi viver em um paiz estrangeiro, onde, bem depressa, dissipou tudo que tinha. E logo sobreveiu grande fome naquella terra estrangeira. O filho prodigo, que gastára tudo, achou-se, assim, na indigencia. Foi obrigado, elle filho de familia, a pôr-se ao serviço de um habitante do paiz, que o empregou no mistér de apascentar porcos. Com muito gosto o pobre rapaz se teria fartado na vil comida desses animaes, mas nem isso lhe era permittido.

O excesso da penuria a que chegára fel-o reflectir, e o pobre rapaz, ás vezes, pensava suspirando:

"Quantos criados na casa de meu pae têm pão em abundancia, e aqui eu estou morrendo de fome! Levantar-me-ei, irei ter com meu pae e lhe direi:

— Meu pae, pequei contra o céo e contra vós; não sou mais digno de ser chamado vosso filho; tratae-me sómente como um dos vossos servos."

Com effeito, partiu e voltou á casa de seu pae. Estava ainda muito longe, quando seu pae, vendo-o, correu-lhe ao encontro, lançou-se ao seu pescoço e o abraçou com effusão.

— Meu pae, disse o prodigo, pequei contra o céo e contra vós; não sou mais digno de ser chamado vosso filho!

Mas o pae, cheio de jubilo pela volta do filho, disse aos servos:

— Trazei logo a mais bella roupa para vestil-o; ponde-lhe um annel no dedo e calçae-lhe os pés; trazei o bezerro gordo e matae-o; alegremo-nos e façamos festa, porque meu filho era morto e resuscitou; estava perdido e eil-o achado.

Como o filho mais velho se mostrasse offendido do acolhimento feito ao irmão, disse-lhe o pae:

— Meu filho, estás constantemente a meu lado e tudo o que tenho é teu; mas era necessario fazer um banquete e alegrar-nos porque teu irmão era morto e resuscitou, estava perdido e eil-o achado."

O filho mais velho, então, conformou-se com o que acabava de ouvir. De contrariado que estava, pareceu, de subito, regosijado.

CONTOS DA CAROCHINHA

# O "DEDO MINDINHO"

Na orla de uma grande floresta vivia com sua mulher e sete filhos um pobre lenhador. Dos filhos do casal, todos bem creanças, o mais moço era tão pequeno que o pae lhe tinha posto o nome de *Dedo Mindinho*.

Mas veiu uma grande secca, uma verdadeira miseria no paiz e o pobre lenhador viu que não lhe era possivel angariar o sustento para os filhos e entabolou conversa com a mulher:

— O melhor meio de salvar a situação cruel em que estamos — dizia elle — é levar nossos filhos até a floresta e lá os deixarmos. Talvez alguem os encontre e tome conta delles. Aqui, na nossa casa, em breve vel-os-emos morrer á fome.

A pobre mãe chorou muito e quiz ainda oppôr-se á vontade do marido. Mas foi inutil.

*Dedo Mindinho,* porém, ouvia tudo que o pae e a mãe conversavam.

No dia seguinte, pela manhã, o pae reuniu todos os filhos e disse-lhes que ia dar um passeio á floresta.

A meninada exultou de contentamento; só *Dedo Mindinho* não riu e tratou de se collocar atraz dos irmãozinhos. A' medida que caminhavam, *Dedo Mindinho* ia deixando cahir pelo caminho pedrinhas de côr que tinha escondido no bolso do casaco.

Quando todos chegaram a um logar da floresta bem escuro e cerrado, o pae ordenou:

— Todos vocês vão apanhar gravetos ahi pela floresta emquanto eu abato esta arvore!

Os meninos espalharam-se pela floresta e quando o lenhador se viu só, fugiu para casa, deixando os filhos abandonados no cerrado da matta virgem.

Pouco tempo depois as creanças voltaram e deram por falta do pae. Romperam em prantos e encheram-se de medo. *Dedo Mindinho* era o unico que estava alegre e despreoccupado:

— Não tenham medo, maninhos! Eu conheço o caminho e os levo de novo para casa.

Muito perto estava a ultima pedrinha de côr com que elle marcára o caminho percorrido, depois a outra, e mais a outra. Seguindo-as, *Dedo Mindinho* guiou seus irmãos, sãos e salvos, até a casa paterna.

A mulher do pobre lenhador estava debulhada em lagrimas, pensando que as féras, áquella hora, já teriam devorado seus amados filhinhos, quando bateram á porta. A mãe foi abrir. Era o criado de um ricaço que mandára de esmola ao lenhador grande quantidade de caça. Antes que a boa mulher pudesse agradecer o presente recebido, as sete creanças entraram pela casa a dentro, contentes e felizes:

— Perdemo-nos na floresta, mas o *Dedo Mindinho* sabia bem o caminho e trouxeram-nos até cá.

A boa mulher não cabia em si de contente por ver de novo os filhos que julgára perdidos. Logo depois chegou o lenhador e, sabendo do presente que recebera e da volta dos filhos, não poude deixar de de se alegrar tambem e se

julgar feliz. Passaram-se os dias, as provisões acabaram e o lenhador resolveu levar de novo os filhos á floresta e lá abandonal-os. E assim fez. Desta vez, porém, *Dedo Mindinho* não tinha comsigo pedrinhas de côr, mas migalhas de pão, que foram atiradas uma a uma, para marcar o caminho.

Quando o lenhador abandonou os sete filhos na floresta, *Dedo Mindinho* quiz voltar para casa, mas os passarinhos tinham comido as migalhas de pão e os meninos não acertaram com o caminho. Todos elles choravam porque já anoitecia e os uivos dos lobos se faziam ouvir. *Dedo Mindinho,* subindo a uma arvore, descobriu uma luz ao longe. Era uma casa e nella estava a salvação dos pequenos. Quando bateram á porta, recebeu-os uma velha que lhes disse nada poder fazer por elles visto como seu marido era o *Gigante das botas de sete leguas,* o mais terrivel papão de creanças que havia no mundo. Comtudo, a velhinha deixou-os entrar e os escondeu no sotão da casa. Algum tempo depois chegou o gigante, dando urros de leão e gritando que sentia cheiro de carne fresca e que queria comer.

*Dedo Mindinho* e seus irmãos, ouvindo os gritos do gigante, tremiam de medo e quasi desmaiaram quando foram descobertos no seu esconderijo pelo terrivel papão. Este examinou-os um a um e disse para a mulher:

— Estes pequenos ainda estão muito magros. Dá-lhes bastante comida e de hoje a uma semana vou comel-os todos assados! E assim falando foi dormir.

A velhinha levou então os sete filhos do lenhador para o salão onde dormiam as sete filhas do gigante numa grande cama. Todas ellas tinham á cabeça uma corôa de ouro. Ao lado da cama das filhas do gigante havia um outro leito, onde foram deitados *Dedo Mindinho* e seus seis irmãos. Durante a noite, *Dedo Mindinho* levantou-se e tirou as corôas de ouro das cabeças das filhas do gigante collocando-as nas dos seus irmãos. Mal o menino terminára essa tarefa, ouviu passos ruidosos.

Era o gigante, que passou a mão pela cabeça de um dos irmãos de *Dedo Mindinho.* Encontrando a corôa, pensou que era uma de suas filhas e encaminhou-se para o outro leito, desferindo golpes a torto e a direito e, matando, sem saber suas sete filhas. Isso feito, o gigante foi deitar-se, esperando que o dia amanhecesse. *Dedo Mindinho* não esperou mais nada: acordou seus irmãos e trataram de fugir. Quando o gigante acordou e viu a desgraça calçou enormes botas que corriam sete leguas por segundo e sahiu em perseguição dos filhos do lenhador. Quando já os ia alcançando, tropeçou, cahiu e enterrou no peito um enorme punhal que trazia comsigo, morrendo. *Dedo Mindinho,* mais que depressa, tirou as botas do gigante, calçou-as e deixou seus irmãos sob a guarda de uns lenhadores que encontrára no caminho. Quando passou no palacio, os arautos do rei annunciavam que o soberano precisava de um cavallo que corresse tanto como o vento para levar uma mensagem a seus exercitos, que combatiam muito longe.

— Eis-me aqui com minhas botas! — disse *Dedo Mindinho.* Que o rei me entregue a mensagem e eu a levarei em dois segundos! O rei mandou entregar a mensagem a *Dedo Mindinho,* que cumpriu o promettido e ganhou enorme fortuna, fazendo, assim a felicidade de seus paes e seus irmãos.

# A FEITICEIRA E SEU GANSO

Todas as peças são colladas em cartolina. As partes brancas, que servem de base ás figuras, devem ser dobradas para o lado de traz.

E' REALMENTE A ULTIMA MARAVILHA DA SCIENCIA!
RADIO

COM ISTO EM CASA SOU UM HOMEM FELIZ

LIVRA, QUE COMPLICAÇÃO! RODA, RODELA GALENA, SELF CONDENSADOR, CRISTAL, IRRA!

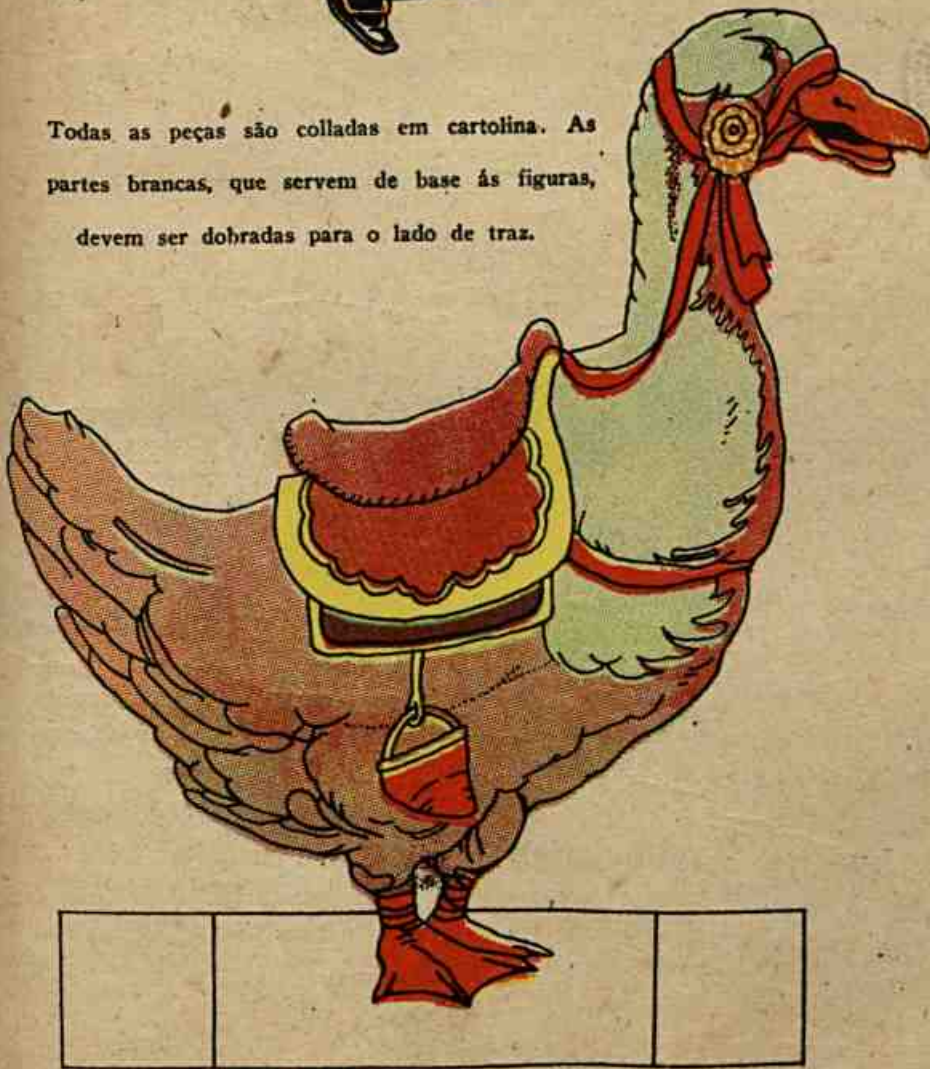
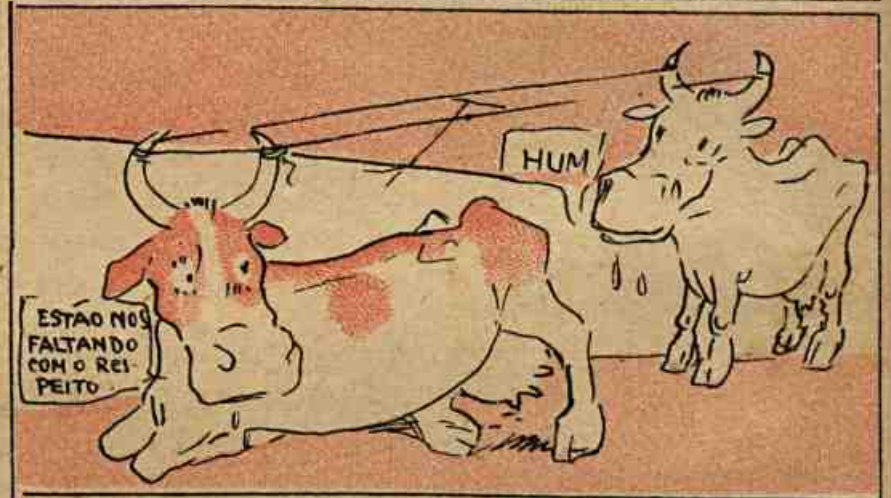
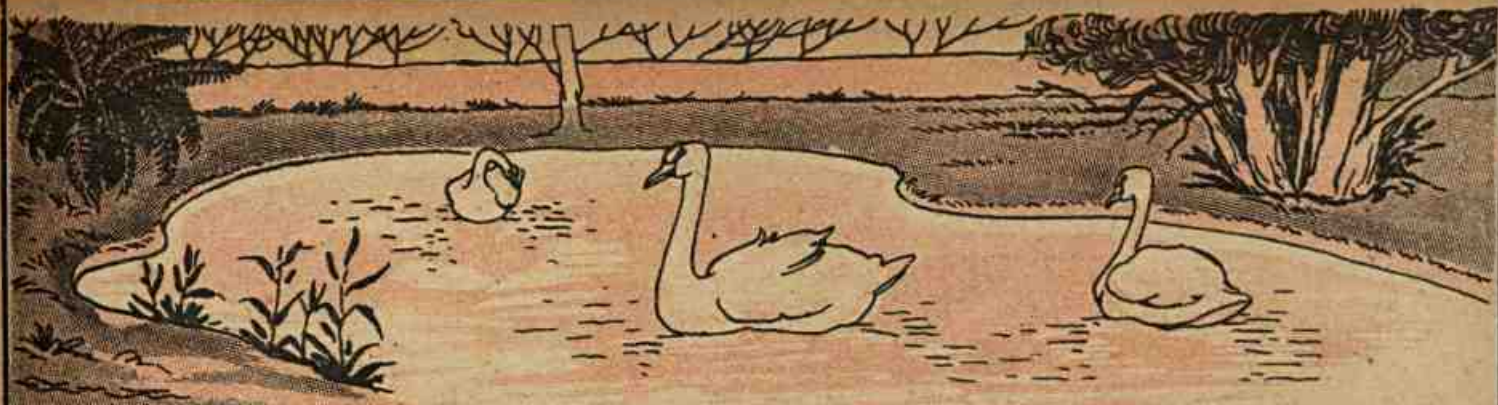
FELIZMENTE ACHEI GALHOS ONDE COLLOCAR A ANTENNA.

HUM
ESTÃO NOS FALTANDO COM O RESPEITO

E' UM ASSOMBRO! CHEGO A ESCUTAR ATE' JACAREPAGUA'.

HUM! ESTOU COM ONDAS ELECTRICAS NA ESPINHA! MAU SIGNAL!

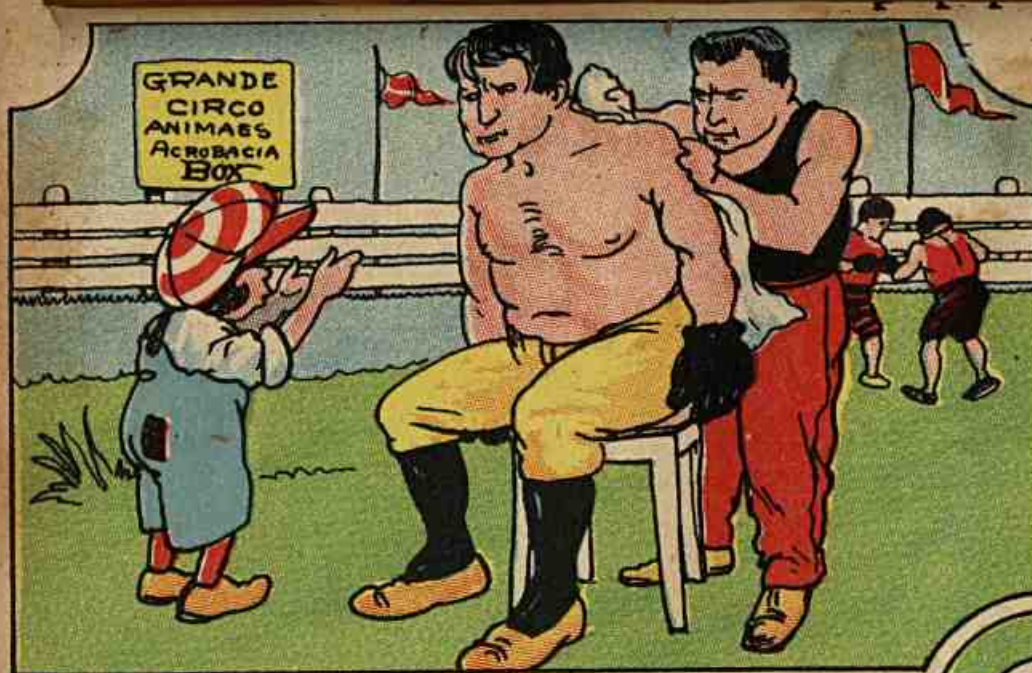
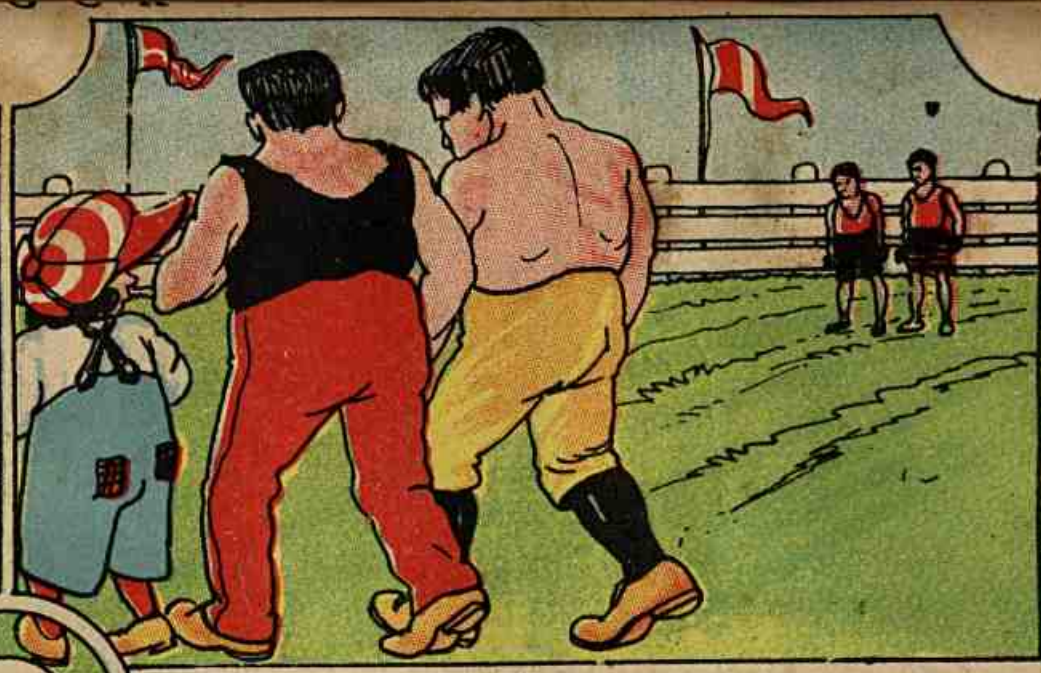
ISTO NÃO E' SERIO!

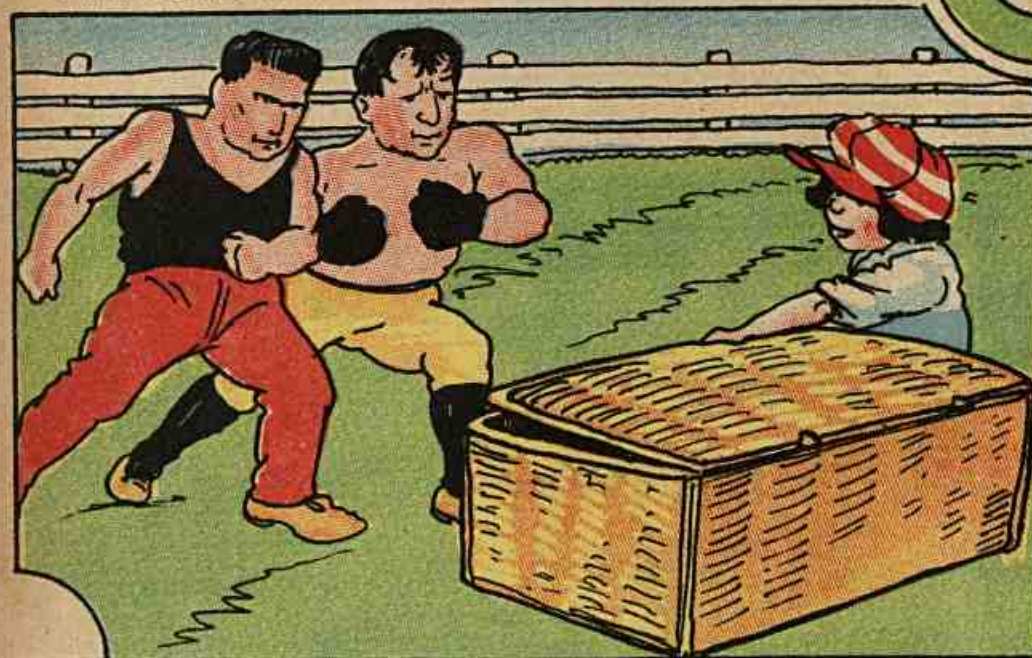
E' BÔA A INVENÇÃO MAS NÃO ME PARECE MUITO DIVERTIDA

# A LIBERDADE

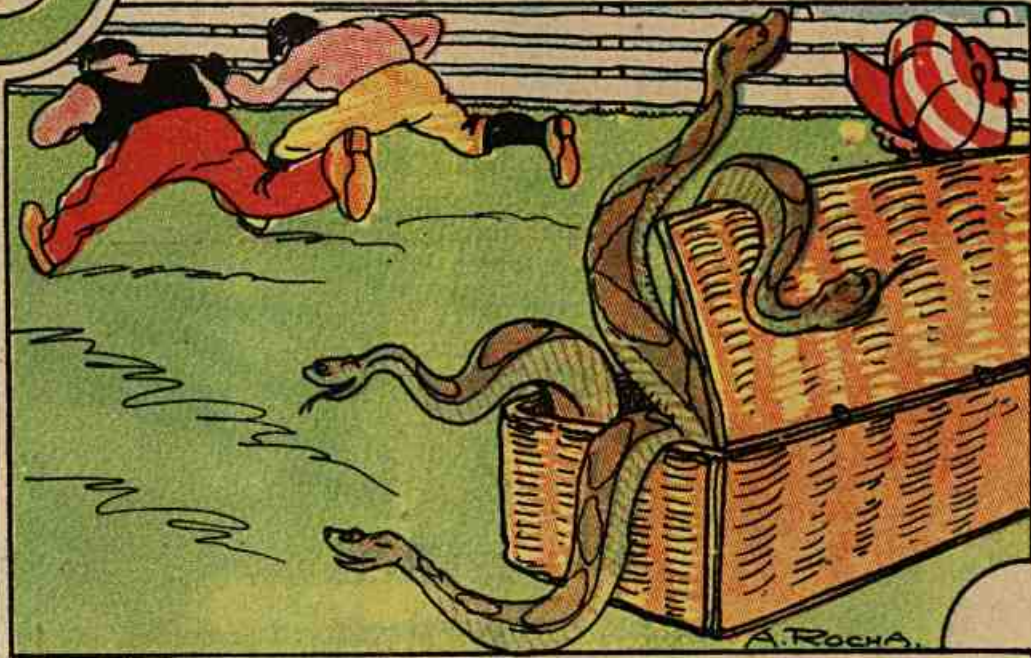
S aves são o symbolo da liberdade e por isso não comprehendemos por que se encarceram as pobres avesinhas canoras dentro de uma gaiola, de um palmo cubico, espaço, talvez, onde não caberia a cabeça do algoz que as prendeu.

Nos parques vivem a passeiar nos lagos os garbosos cysnes, com a sua plumagem muito alva; mas, uma muralha, ou gradil de ferro limita-lhes a liberdade. Elles não poderão ir além daquelle limite e sentem a nostalgia, na sua prisão, quando ouvem o chilrear da **camachilra** e o mavioso canto do tico-tico.

Numa linda gaiola dourada o canario trina, dobra o seu cantar e parece-nos que elle canta de alegria. Puro engano. Aquella avesinha cör de ouro, chóra. Naquelle canto só ha angustia; é a tristeza das prisões; é a saudade do campo. Elle preferia a lucta pela vida, como o frango d'agua que nos alagados procura os vermes de que se nutre expondo á vida ao ataque do inimigo.

Os cysnes tambem gostariam de viver á solta, livres de gradis e muralhas, expostos ao ataque das raposas, suas crueis inimigas; mas livres como o pensamente humano. Por isso, meus caros leitores, não deveis prender as pobres avesinhas, porque **prender a aza é a mesma coisa que encarcerar o pensamento humano** — como disse um grande poeta da lingua portugueza.

N'um circo, no dia da estréa, andava uma azafama terrivel. Os luctadores ensaiavam. A' noite havia espectaculo. Surge de repente, o Pipoca e diz aos luctadores:

— Accudam que dentro da cesta da roupa escondeu-se um homem armado.

Os luctadores pararam o ensaio e acompanharam o **Pipoca**.

O menino mostrou a cesta quadrada:

— E' aqui senhores! Os homens puzeram-se em guarda e esperaram a sahida do homem. Pipoca abriu de repente a tampa da cesta e de...

... dentro sahiu uma porção de cobras. O pae de **Pipoca** era domador de cobras. Os luctadores valentes do **box** fugiram horrorisados, com medo das cobras.

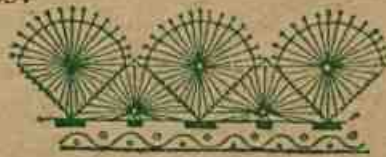
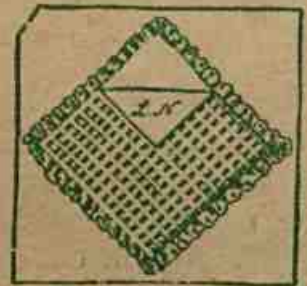
# BEBÉ JÁ SABE COSTURAR

As mãos delicadas de Bebé pódem ser como as das fadas, que executam os trabalhos maravilhosos de costura e de bordados. Com o auxilio desses geniozinhos que se chamam agulha, dedal, linha e tesoura, quantos trabalhos dignos de serem apreciados não sahirão das mãos de nossas leitoras prendadas e intelligentes? E a belleza e capricho em taes trabalhos que surgem das mãos de Bebé pódem ainda mais resaltar se elles forem figurar no encanto do quarto de dormir. Uma fronha bordada, um porta-camisas, um paninho de mesa, um enfeite qualquer augmentará os creditos de artista de que Bebé gosa. E para que assim seja, nesta pagina offerecemos ás jovens leitoras dois modelos muito interessantes de porta-camisas, acompanhados de suggestões para os motivos ornamentaes dos mesmos.

Fig. 1. Ponto para o bordado.

Um motivc de bordado a fita

Um modelo de porta-camisa

O primeiro modelo, em forma de enveloppe, deve ter a largura de quarenta centimetros por trinta, variando taes dimensões com o tamanho da camisa dobrada a ser nelle guardada. E' muito simples de cortar e sua confecção dispensa maiores explicações que a apresentação da gravura. Uma renda fina debruará o enveloppe, sobre o qual, tambem, Bebé bordará flores, rosas a linha de côr e com um ponto de facil execução.

O segundo modelo nada tem de difficil e é bem interessante. Dois quadrados em costura com excepção de um dos cantos. Nesse canto, que não será cosido, Bebé bordará sobre a ponta voltada, as iniciaes de seu nome, uma flôr, um animalzinho, uma cousa qualquer que mais interesse em gosto artistico.

Outro modelo de porta-camisa

Em vez de renda, como no modelo precedente, esse porta-camisas será debruado a fita de côr ou branca.

E Bebé poderá ainda confeccionar um jogo completo, um porta-camisas, um saquinho para pentes e um enveloppe para lenços.

# A FADA MARAVILHA

Num castello azul, todo de saphira, e ouro, construido sobre uma nuvem côr de néve que se movia em redor de uma grande montanha, morava a mais bella fada que o mundo conheceu. Ousados principes, destemidos nobres de todos os reinos da terra mais de uma vez escalaram a enorme montanha, procurando avisinhar-se da nuvem errante sobre a qual o castello azul se erguia brilhando aos raios purpureos do sol e á luz argentea da lua e das estrellas.

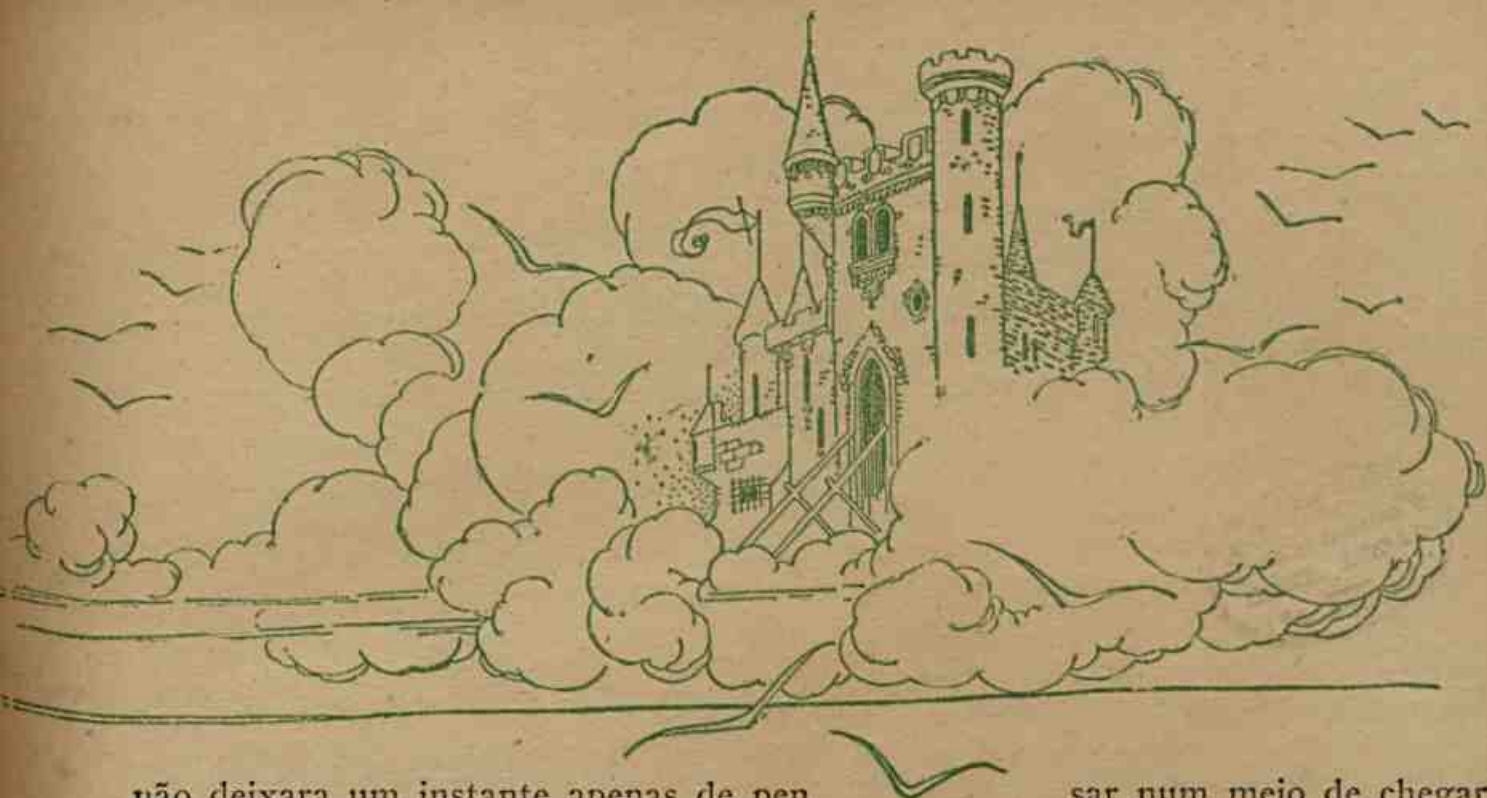
Nenhum delles, porém, conseguira tocar siquer naquelle floco de arminho, naquella ilha encantada dos oceanos do céo. Todos, no entanto, viram, mais de uma vez, a moradora do castello azul, a fada Maravilha, e abandonaram a montanha trazendo a esperança de, ainda um dia, falarem á encantadora fada, doce visão dos principes e nobres da Terra.

A fada Maravilha bem que via do seu castello azul o trabalho dos principes da Terra. Bem queria ir ao encontro delles mas não podia. E' que a pobrezinha vivia ha cem annos presa naquelle palacio do ar. Fôra um bruxo, um genio máo e rancoroso, que a transportara para alli e que só a libertaria quando, passados seculos, a fada consentisse em ser sua esposa.

A fada Maravilha preferira ficar longe do mundo, solitaria no palacio de ouro, a casar com um bruxo, feio e máo como era o que a havia castigado.

Um dia, um pastor das montanhas, olhando para o palacio azul da nuvem fugidia, vira a fada Maravilha debruçada a uma janella, acenando-lhe com um lenço.

Como poderia o pastor chegar á morada encantada da linda joven? O castello era tão alto, a nuvem caminhava sempre sem tocar siquer na montanha!

O pastor ficou muito triste por não poder acudir ao chamado da fada Maravilha, mas, desde esse dia, enamorado pelos cabellos de ouro da formosa joven,

não deixara um instante apenas de pensar num meio de chegar ao castello e libertar a encantadora prisioneira. A's aguas rumorosas das cachoeiras, aos passaros dos bosques, aos ventos, á lua, aos raios de ouro do sol, nas melodias que arrancava da sua flauta magica, o pastor pediu auxilio para libertar a bella prisioneira.

Aos appellos do pastor dedicado responderam as aguas, os passaros, os ventos, a lua e o sol: — Espera, lindo pastor, que um dia te ajudaremos a libertar a fada do castellinho de ouro!

E o pastor, de olhos fitos na nuvem errante, soltando aos ares as doces notas de canções dolentes, aguardava, cheio de esperança, o auxilio promettido.

Um dia, muito cedo ainda, o rebanho, guiado pelo pastor, deixara os apriscos, em demanda das montanhas. O sol ainda não tinha nascido e o pastor sondava no céo escuro o logar onde estava o castello de ouro da fada Maravilha. Queria o joven pastor, na aurora daquelle dia, acordal-a com os sons maviosos da sua flauta encantada. E caminhando absorto, o pastor tocou o bordão numa pedra do caminho. Arrulhos sonoros de pombas fizeram-se então ouvir e o pastor percebeu que seu bordão tocara num sacco escuro, dentro do qual esvoaçavam passaros. Abaixou-se, ligeiro, e rompeu a bocca do sacco escuro e molhado pelo sereno da fria madrugada. Uma revoada de passaros quasi atira o pastor no chão. Quando este ergueu os olhos para o alto viu que dezenas de pombos, brancos como a neve, voavam em direcção á nuvem onde se via o castello da fada prisioneira. Ao mesmo tempo, o pastor foi surprehendido por um rouco gemido que parecia surgir das montanhas. Era o bruxo que encantara a fada Maravilha. Sahia da caverna onde morava, porque fôra acordado pelo vôo dos pombos. E dirigia-se, colerico, bradando vingança, para o joven pastor. — Por que déste liberdade ás minhas pombas captivas? — perguntou elle ao pastor. Não sabes que ellas são as guardas que vigiam a fada minha noiva?

Rapido como o vento, o pastor empunhou o bordão e com elle, em forte pancada, respondeu ao perverso bruxo.

Tonto com o golpe recebido, o bruxo rolou no solo e foi cahir nas aguas rumorosas de um rio.

— Salvae-me, aguas cantantes! — supplicou elle ao rio. Mas as aguas fizeram-se surdas aos clamores do máo bruxo.

— Acudi-me, passarinhos cantores dos bosques da montanha! — gemeu o desgraçado.

Mas os passarinhos nem siquer ouviram á supplica do feroz carcereiro da fada Maravilha.

— Ventos que passaes correndo, tende piedade do bruxo que vae morrer nas aguas da torrente! — esmolou outra vez o perverso bruxo.

Mas os ventos passaram cantando, indifferentes ao appello do hediondo genio máo.

— Sol radioso e quente que daes luz ás trevas, salvae o pobre bruxo das aguas do rio! — gritou ainda o encantador da linda joven do castello azul.

Mas o sol escondeu-se atraz da montanha e não deu importancia ao pedinte.

Quando a noite cahiu, o bruxo rolava ainda, agonisante, nas aguas revoltas do rio rumoroso. A lua appareceu no céo e ia illuminar o castello azul da fada Maravilha.

— Lua de prata, bola branca de luz que rola no espaço azul do céo, vem salvar o bruxo abandonado da morte imminente! — gritou, com voz exhausta, o bruxo impiedoso.

Mas a Lua, madrinha que era de todas as fadas que moravam na Terra, não attendeu ao chamado do bruxo, que, levado pelas aguas, foi morrer nas grotas e cachoeiras do rio, depois de urrar tres vezes amaldiçoando o pastor. Mas este, de olhos fitos no castello azul da nuvem cor de arminho, nem ouviu os gritos do bruxo. Ouvia, sim, o bater das azas dos pombos que libertára e que voltavam puxando para a terra uma carruagem de ouro dentro da qual, liberta e feliz, vinha a fada Maravilha.

Quando a carruagem da joven fada tocou a planicie, um vento forte desfez a nuvem e o castello azul, que desappareceram no espaço.

O pastor, venturoso por ter libertado a encantadora prisioneira, foi saudal-a com a melodia de uma canção tirada á flauta magica.

E foi tão maviosa a canção tocada pelo pastor, tão generoso o seu gesto em favor da linda prisioneira, que a fada Maravilha resolveu com elle casar. Tres dias depois effectuou-se o casamento com festas e bailados que duraram sete semanas.

C A R L O S   M A N H Ã E S

# UM BOM MACACO

## (Historia ouvida de minha tia Coló)

A CARLOS MANHÃES

Havia um macaco de muito bom coração, generoso, altruista mesmo, que não podia ver ninguem soffrer.

Tio Simão era querido por todos, por todos era estimado, pois exercia a caridade como um apostolado.

Uma vez, aborrecido da vida, sentiu-se contrariado por ter um rabo muito comprido, que o incommodava bastante. Matutou por muito tempo no modo pratico de eliminar aquelle appendice incommodo.

Depois de longo parafusar bateu na testa, preparou-se e muito alegre e cheio de si entrou num barbeiro.

— Bom dia, *seu* Figaro.

— Bom dia, tio Simão.

— Necessito de seus serviços.

— Determine-os, á vontade, *seu* Simão.

— Desejo que me livre de uma cousa que me anda incommodando ha muito tempo...

— Mas não haverá remedio para isso?

— Está nas suas mãos, *seu* Figaro.

— Nas minhas mãos? Se assim é, eu estou aqui para servil-o.

— Então, mãos á obra.

— Que é?

— Cortar-me este rabo que Deus me deu.

— Oh! *seu* Simão! Que lembrança! Um dos ornamentos mais bellos da sua raça! Não faça semelhante asneira!

— Já pensei muito e estou resolvido a tudo.

— O senhor se arrependerá, tenho certeza e depois será tarde...

— Deixemos de observações, *seu* Figaro: corte-me esse rabo, que é meu e que Deus me deu!

— Já que é da sua vontade, prepare-se que vou decepal-o.

— Prompto!

E *seu* Figaro, foi a um estojo e escolheu a melhor e a mais afiada das navalhas.

— Então, é o seu desejo?

— Que pergunta. Sem medo e sem cerimonia.

E o barbeiro, de navalha em punho, de um só golpe, decepou o rabo do macaco.

O macaco gemeu um pouco, supportou a dôr, deixou fazer o curativo e sentiu-se satisfeito, mais alliviado do peso que carregava desde que nasceu. Pagou ao barbeiro e foi-se embora, assoviando.

Passaram-se dois dias. No terceiro o macaco, arrependido, foi á loja do barbeiro e exigiu-lhe o rabo, o rabo que Deus lhe déra e que elle não devia cortar.

O barbeiro aborreceu-se com a exigencia, fez-lhe ver que o unico culpado de ter feito a operação tinha sido elle, macaco, que insistira e que se fez surdo ás suas ponderações.

— Não quero saber de nada: eu quero o meu rabo, o rabo que Deus me deu!

— Mas, *seu* Simão...

— Não ha mas nem meio mas, eu quero meu rabo... E abriu a bocca e gritou tanto que despertou a attenção do povo.

O barbeiro, vendo a sua casa alvo de muitos olhares pelo escandalo produzido pelo macaco, chamou-o de parte e propoz dar-lhe uma navalha, pois o rabo que elle cortára, tinha-o posto fóra.

*Seu* Simão acceitou logo a proposta e agradeceu a gentileza do barbeiro.

O macaco, depois de ter recebido a navalha, sahiu da loja muito lampeiro. Passando em uma rua, perto da casa onde morava, viu um preto velho a fazer cestos e que cortava os cipós com os dentes. Parou e ficou penalisado.

— Titio: você não tem uma faca, um objecto cortante qualquer, para se servir no seu trabalho?

— Não senhor, *seu* Simão. O negocio mal dá para viver, ainda não pude comprar nem um pobre canivete.

— Coitado! Toma esta navalha e que ella te faça bom proveito.

— Obrigado, mil vezes obrigado, *seu* Simão. Deus o faça muito feliz!

E o macaco, muito contente com o acto que praticára, foi para sua casa.

Dois dias depois, *seu* Simão foi ao local onde estava o velho que fazia cestos.

— Titio: eu quero a minha navalha; a navalha o barbeiro me deu; o barbeiro cortou meu rabo, o rabo que Deus me deu: eu quero a minha navalha!

— Mas *seu* Simão...

— Não quero saber de nada: ou a minha navalha ou faço um grande barulho!

— O senhor fica corcunda; eu não pedi nada...

— Eu quero a navalha...

— Está bom, *seu* Simão, aqui está um cesto, quer?

— Vá lá! E adeusinho!

E seu Simão pôz o cesto ás costas e foi seguindo o seu caminho.

Em uma das ruas por onde passou viu uma padaria, olhou para dentro da casa e notou que o padeiro punha os pães no chão, por não ter outro logar para collocal-os. Não se podendo conter, *seu* Simão exclamou:

— Então, seu padeiro, o senhor não tem outro logar para collocar esse pão?

— Não, senhor.

— Parece incrivel. Os cestos custam barato...

— Mas o negocio não dá...

— Está direito. Olhe: aqui está um cesto ás suas ordens.

E deixou o cesto na padaria, sem esperar que lhe agradecessem. Venturoso com o que fizera, foi para a casa. Passaram-se tres dias e no dia immediato foi á padaria:

— Então, seu padeiro, o cesto tem-lhe servido?

— Muito, *seu* Simão.

— Pois eu quero o meu cesto.

—Como? O senhor não m'o offereceu de boa vontade?

— Não sei de nada: eu quero o meu cesto; o cesto o preto velho me deu; o preto tomou-me a navalha; a navalha o barbeiro m'a deu; o barbeiro cortou meu rabo, o rabo que Deus me deu: eu quero meu cesto! Do contrario eu faço o diabo!

— Não póde ser, *seu* Simão; quer um kilo de pão?

— Vá lá!

E, recebendo o kilo de pão, sahiu da padaria muito alegre.

Andou para um lado e para outro com o pão embrulhado e passando por uma rua, ouviu choro de creanças e gritos de outras pessoas, em uma casa. Parou, e vendo que era em uma casa de familia esse alvoroço, encaminhou-se para ella e bateu palmas.

— Quem bate?

— Simão, um criado para servil-o.

— Que deseja?

— Soccorrel-o. Ouvi tanto choro, tanto barulho...

— São meus filhos que choram de fome, não tenho um pedaço de pão para minorar a fome delles.

— Por tão pouco? Meu amigo: aqui está um kilo de pão. Que Deus os abençôe.

E sahiu com os agradecimentos do dono da casa.

Dois dias depois, *seu* Simão foi á casa do chefe de familia a quem soccorrera.

— Quem é?

— Simão, um seu criado.

— Entre, *seu* Simão.

— Obrigado. O que desejo é o meu kilo de pão.

— Mas...

— Não quero saber de nada: quero o meu pão; o pão o padeiro me deu; o padeiro tomou-me o cesto, o cesto o preto me deu; o preto tomou-me a navalha; a navalha o barbeiro me deu: o barbeiro cortou meu rabo, o rabo que Deus me deu: eu quero meu pão!

— *Seu* Simão: é-me impossivel! Do pão nada mais resta, meus filhos, comeram-n'o e assim mesmo não chegou...

— Eu quero meu pão...

O dono da casa, vendo que o macaco queria fazer um grande escandalo e como nada possuia para dar em troca ao macaco, consultou a esposa e resolveu dar uma das filhas moças ao macaco.

O macaco não fez questão em levar a moça, pelo contrario, ficou contentissimo e pondo a moça ás costas, encaminhou-se para a sua casa.

No meio do caminho encontra-se com um rapaz que chorava e se maldizia.

— Que é que tem?

— Perdi minha mulher, estou viuvo, sem ninguem...

— Não chore, moço, tome esta moça e faça-a feliz.

O rapaz viu que a moça era formosa e grato ao macaco, abraçou-o e offereceu-lhe a casa e os prestimos.

Passaram-se dias, e, com surpresa do rapaz, que ficara com a moça, o macaco veiu exigir-lhe aquella que era agora o encanto do seu lar.

— Não póde ser, *seu* Simão, só me matando.

— Não quero saber de nada: eu quero a moça; a moça o homem me deu; o homem comeu-me o pão, o pão que o padeiro me deu; o padeiro tomou-me o cesto, o cesto que o preto me deu; o preto tomou-me a navalha, a navalha que o barbeiro me deu; o barbeiro cortou-me o rabo, o rabo que Deus me deu: eu quero a moça!!

E o rapaz, vendo que o macaco era capaz de fazer um escandalo horroroso, foi ao interior da casa e trouxe uma viola.

— Está aqui a troca, com a minha gratidão, *seu* Simão.

O macaco, vendo a viola, pulou de contente e com ella sahiu rindo a bom rir.

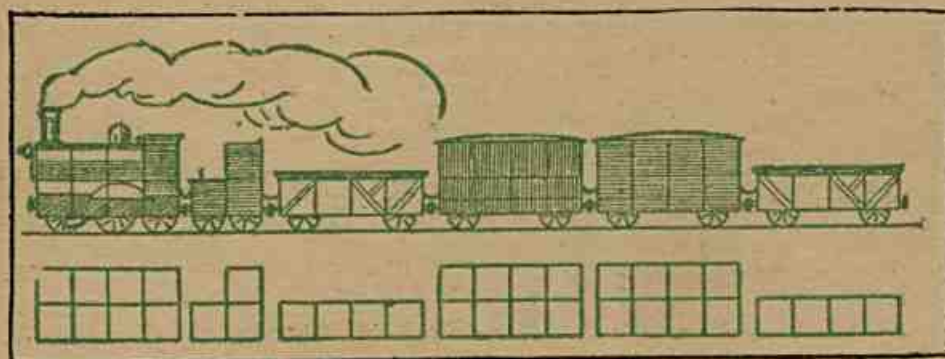
Numa praça, viu uma grande arvore, trepou-a e, do alto, começou a cantar assim:

— De um rabo fiz uma navalha
De uma navalha fiz um cesto,
De um cesto fiz um pão,
De um pão fiz uma moça,
De uma moça fiz uma viola,
Dig! dig! din!
Que eu vou p'ra Angola!
Dig! dig! din!
Que eu vou p'ra Angola!

XAVIER PINHEIRO

(1882)

FIM

# UMA LIÇÃO DE DESENHO

DE UNS SIMPLES QUADRADINHOS FAZER UM TREM DE FERRO

A primeira arte a que o homem se dedicou foi, sem duvida, a do desenho. E por ser assim é que toda a creança revela, desde a primeira idade, uma inclinação para reproduzir com o lapis no papel pequenos objectos de seu uso domestico, figuras de animaes e cousas que mais lhe agradam á vista. Claro está que, não possuindo o conhecimento de regras e preceitos indispensaveis ao desenho, a creança muitas vezes pinta um cão que mais se parece com uma panella ou um cavallo com todos os caracteristicos de uma borboleta... sem azas. O essencial, porém, não é dictar regras e estabelecer preceitos que a intelligencia do infante não póde assimilar mas estimular aquella manifestação de arte por meio de faceis suggestões e exemplos.

Dessas suggestões e exemplos nenhum mais facil de ser apprehendido pela creança do que desenhar uma infinidade de cousas e objectos partindo de pequenos quadrados. Quantos motivos originaes não pódem os pequenos amantes do desenho tirar de alguns quadrinhos marcados numa folha de papel?

Na gravura que encima esta pagina os quadrinhos da parte inferior são um lindo esboço do trem de ferro que figura na parte superior. Depois de ter seguido o modelo que damos nesta pagina, a creança póde dedicar-se a exercicios mais complexos, como reproduzir gravuras de albuns e livros, desenhar pontes, canhões, carruagens, balões, navios, tudo partindo dos simples quadrinhos, que préviamente traçarão no papel, dispondo-os de varias formas e sentidos, conforme o desenho que tenham projectado.

A' construcção dos quadradinhos deve presidir algum cuidado no traçar as linhas que os formam, podendo, para isso, a creança lançar mão do uso de regua e lapis de ponta aguçada.

Desenvolver o senso artistico infantil é missão de todos os educadores. Desenvolvel-o, porém, de modo simples, assimilavel pelo aprendiz, não é missão, é obrigação de quem educa e de quem ensina.

# O JACARÉ E O BACORINHO

FOI uma verdadeira desgraça o que aconteceu com o mestre Porco. Ao chegar á casa, a mulher, banhada em lagrimas, contara-lhe a surpreza dolorosa. O bacorinho, o filho mais novo e mais cheio de graça, desapparecera inexplicavelmente. Mestre Porco sahira logo pela floresta afóra, á procura do filho. A todos interrogava, entre afflicto e esperançado:

— Vocês não viram o meu bacorinho?

— Não, não vimos! Onde está elle?

— Não sei! — gemia o porco. Parece que m'o roubaram...

— E' possivel que t'o houvessem roubado. Andam por ahi ladrões de crianças.

E o pobre porco procurou o filho durante todo o o dia. Voltou para a casa e, triste, falou á esposa:

— Olha, minha velha, estou desconfiado de que o nosso filho foi roubado pelos macacos!

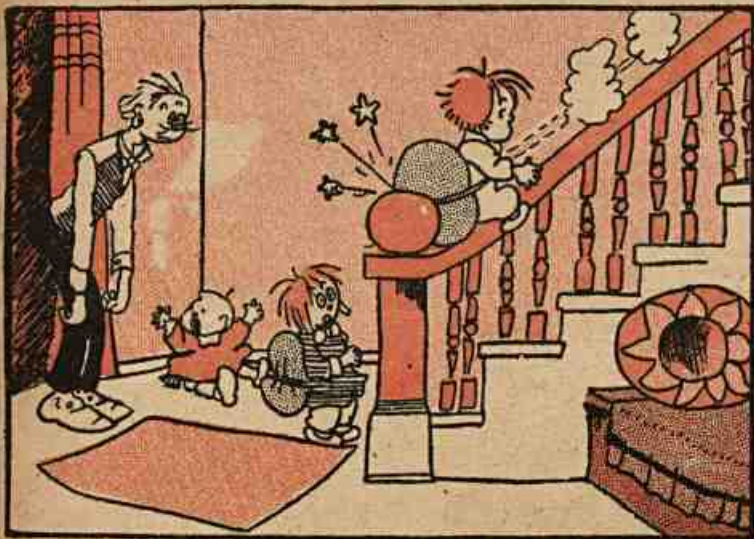
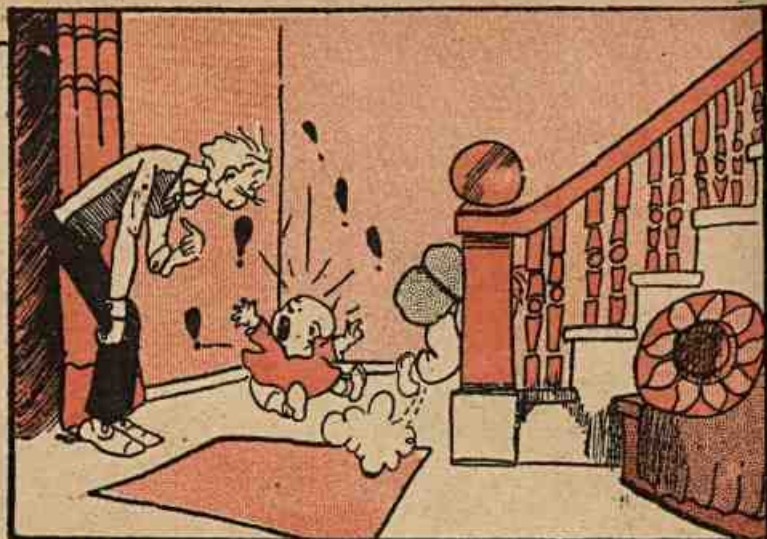
— Qual nada, seu porco, respondeu-lhe a mulher, para que macaco quer nosso filho? Macaco é herbivoro...

No dia seguinte, o Porco foi dar um passeio e encontrou-se com o Jacaré, que o convidou para uma festa.

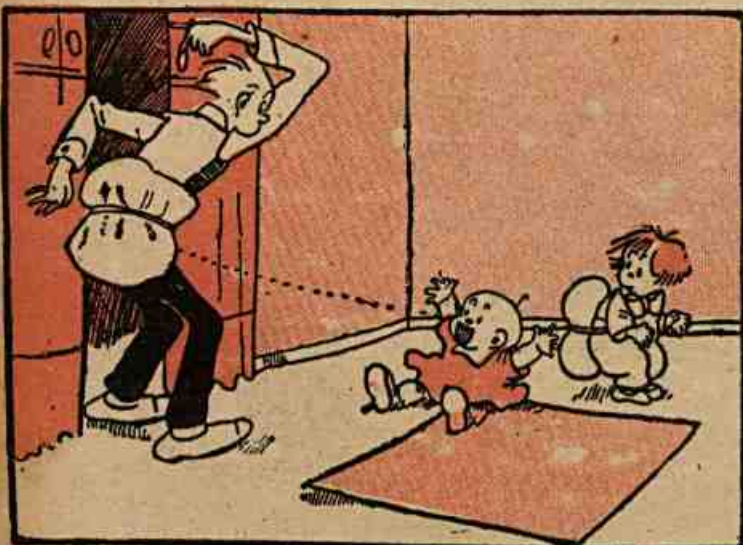
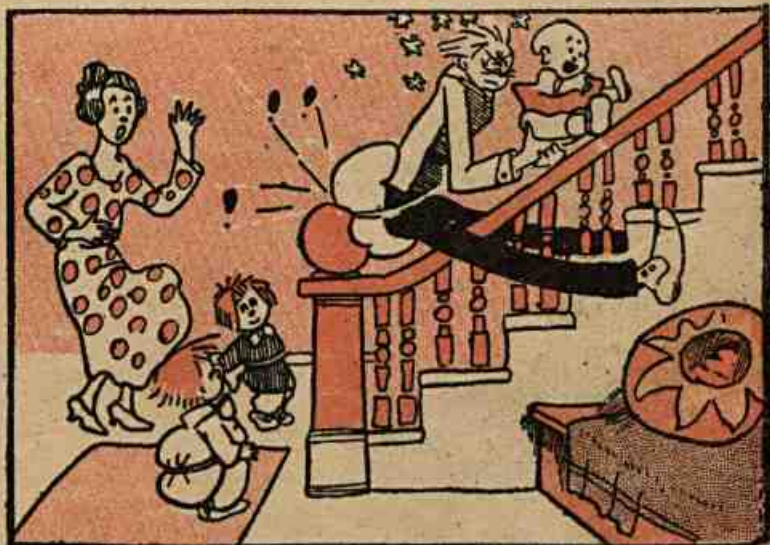
— Espero-o logo á noite, amigo Porco!

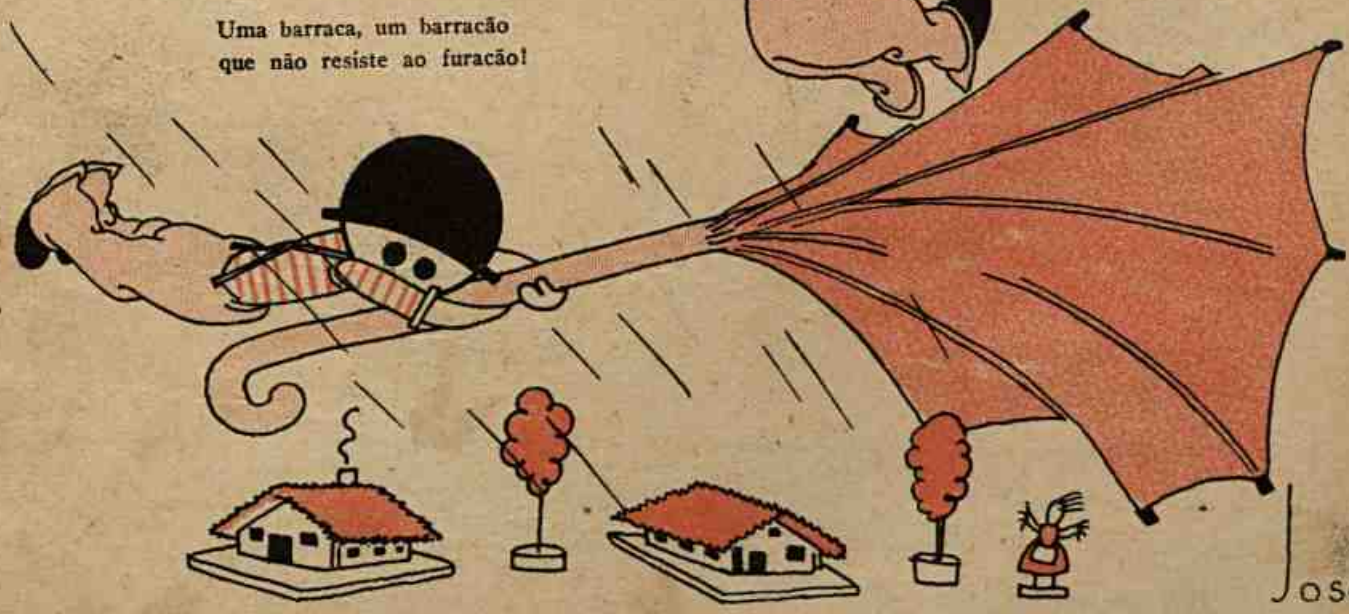
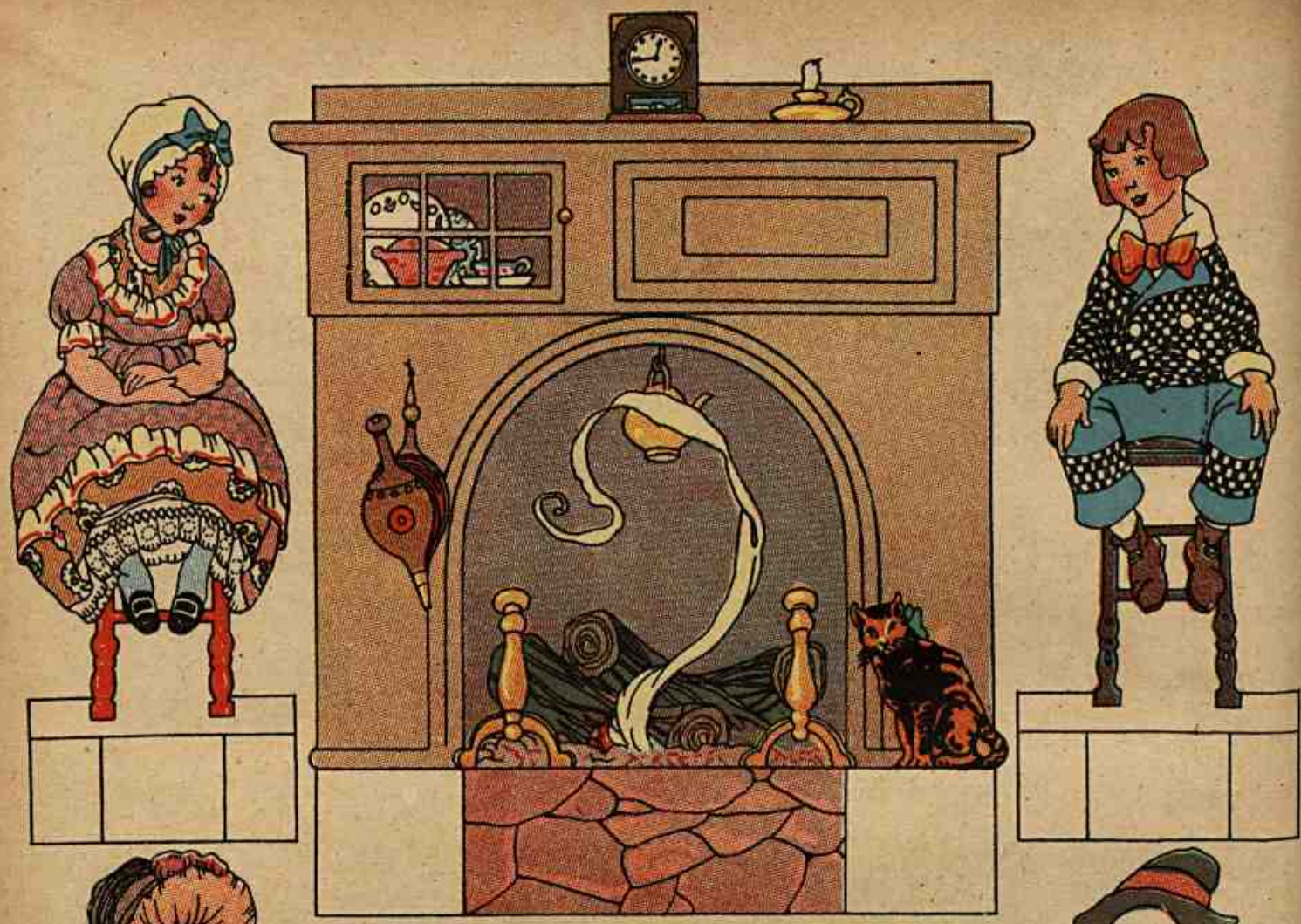
— Lá estarei, compadre Jacaré. A' noite, em casa do Jacaré, a mesa estava posta á espera dos convidados. Quando estes entraram, com o Porco á frente, soltaram um grito de espanto. E' que sobre a mesa, cercado de rodellas de limão, assadinho, estava o bacorinho, filho do Porco. Quizeram todos matar o Jacaré mas este fugiu, para o rio, deixando o mestre Porco muito desolado.

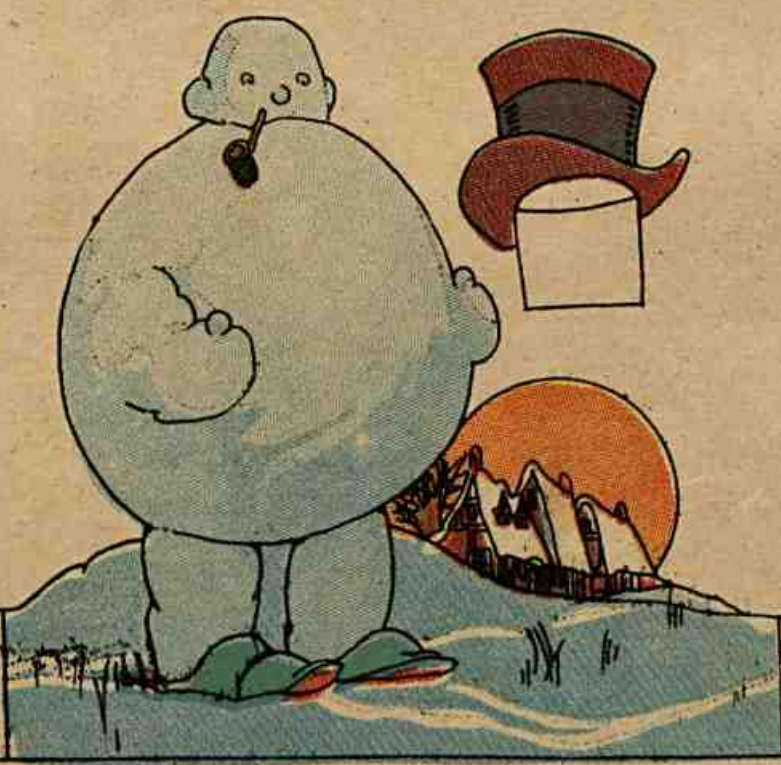
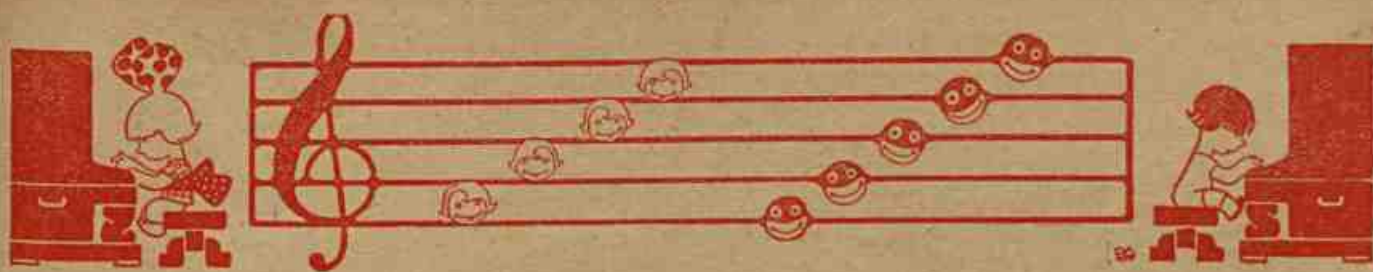
OS DANSARINOS GROTESCOS
Todas as peças devem ser colladas em cartolina
As partes brancas, que servem de base ás figuras, devem ser dobradas para o lado de traz

# O SACRIFICIO DE UM BOM PAE

São coisas da vida. O Serapião tem tres filhos que pintam a manta em quanto o sol está de fóra.

Outro dia os tres pirralhos forraram os fundilhos com uma almofada e desciam vertiginosamente pelo corrimão da escada.

Depois, acharam banal o divertimento, e pediram ao Serapião que participasse tambem da funcção.

E foi por isso que o Serapião (bom pae que é) concordou e amarrou tambem ao fundo das costas um travesseiro macio.

Os garotos receberam com muita satisfação o concurso do papae.

Dentro de poucos minutos o meigo Serapião descia tambem enganchado no corrimão da escada, subia novamente e descia outra vez e assim passou o dia inteiro, fazendo um papel ridiculo, mas divertindo os garotinhos.

Pirolito foi ás nuvens...
O Pirolito, quando chove,
Faz uma cara que commove.
E protegendo a sua jaca,
Elle se mette na barraca.
Uma barraca, um barracão
que não resiste ao furacão!
E la vai elle, sem vontade,
Pelos telhados da cidade.
José

# O INVERNO E' RIGOROSO

Todas as peças são colladas em cartolina. As partes brancas, que servem de base, ás figuras, devem ser dobradas para traz.

# AS SETE FADAS E SEUS CASTELLOS

Todas as creanças conhecem o Piano, esse maravilhoso instrumento que existe em quasi todas as casas. Dizemos maravilhoso instrumento porque nenhum mais do que elle nos revela surprehendentes encantos traduzidos em harmonias capazes de nos fazer lembrar o canto dos passaros, o sussurro da brisa, as marchas de guerra e os hymnos de victoria.

Mais do que maravilhoso, o piano devia se chamar Reino da Harmonia. De dentro delle sahem as notas musicaes que nos dá enternecimento e enthusiasmo. Vamos, então, abrir a porta desse Reino de Harmonia encantado e veremos duas fileiras de teclas brancas e pretas. As teclas brancas são as moradas das sete fadas, os castellos das sete fadas gentis e muito amigas de cantar. Nas teclas pretas residem os genios chamados *bemóes* e *sustenidos*.

Essas sete fadas têm nome como qualquer um de nós, nomes curtos, sonoros, proprios, chamam-se:

*Lá, Si, Dó, Re, Mi, Fá e Sol.*

Em quasi todos os pianos a fada chamada Lá possue oito moradas, oito castellinhos, que se chamam tambem Lá.

A Casinha da FADA LA

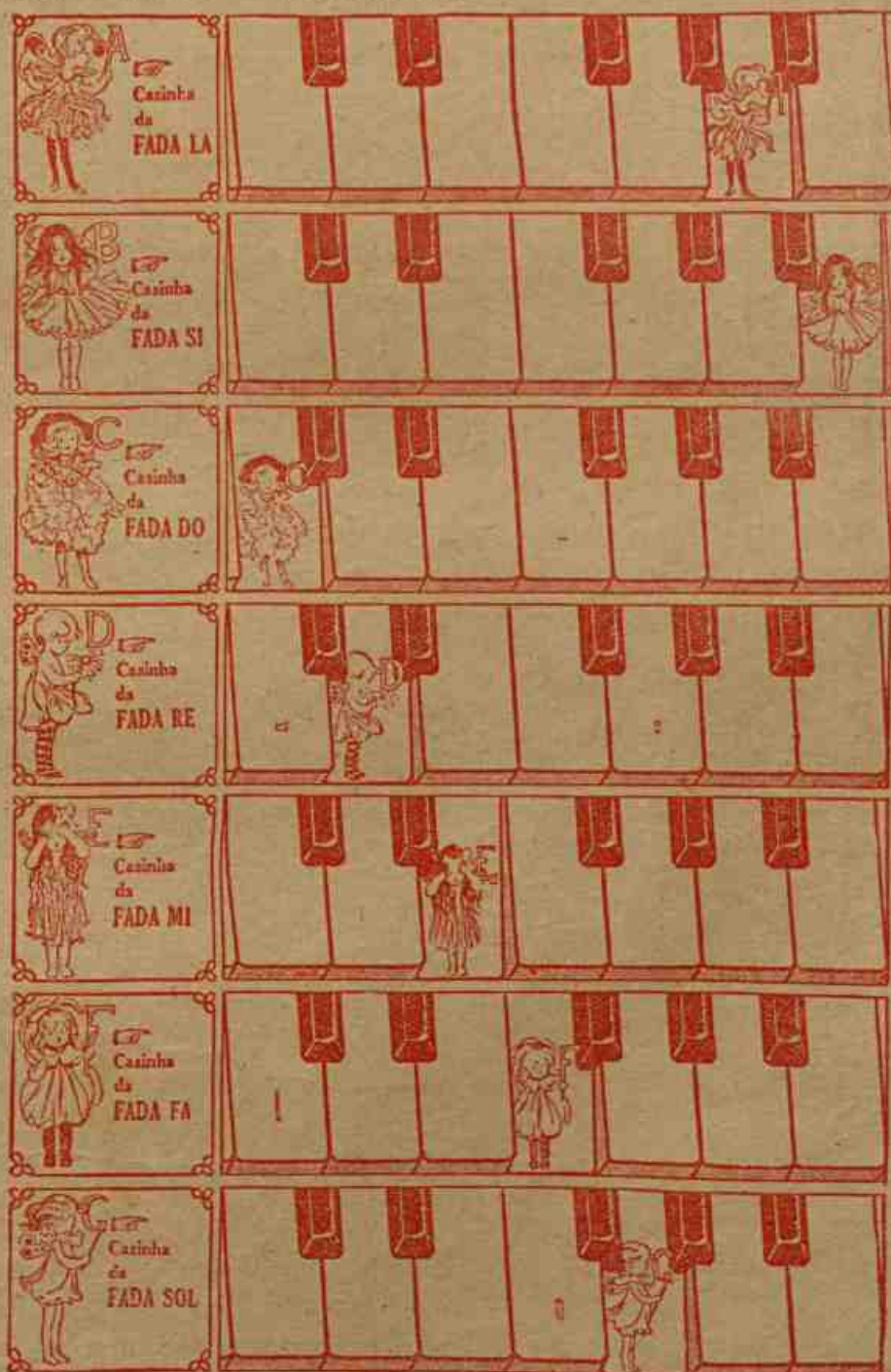
B Casinha da FADA SI

C Casinha da FADA DO

D Casinha da FADA RE

E Casinha da FADA MI

F Casinha da FADA FA

G Casinha da FADA SOL

*Este desenho ensina ás creanças a morada das fadas que têm os nomes de Lá, Si, Dó, Ré, Mi, Fá, Sol.*

# AQUILLO QUE O ESCOTEIRISMO É

*E' o jogo do qual os irmãos mais velhos têm a occasião de proporcionar aos mais moços um meio são, e de encorajar uma actividade sadia, que os possa ajudar a desenvolver seu civismo.*

*A mais forte das attracções que elle exerce, provém do seu culto á natureza e da vida ao ar livre. Elle se occupa do individuo e não da massa.*

*Elle desenvolve as qualidades intellectuaes, tão bem como as qualidades puramente physicas e moraes.*

*Desde seu inicio o escoteirismo, tem-se destinado a este fim, e nós bem sabemos por experiencia, que elle os alcança uma vez que delle saibam servir.*

BADEN POWELL.

---

Olhem para o teclado do piano e vamos ver onde é a casinha da fada Lá. Olhem para o grupo formado por tres casinhas pretas e gravem bem na memoria que o castello da fada Lá é a direita da casinha preta que occupa o centro.

A fada Si possue apenas sete castellos e está bem contente com essas sete casinhas. Vamos ver onde ella mora. Observem ainda o grupo dos tres genios pretos: — ella vive á direita da ultima casinha preta.

A fada Dó, tal qual a fada Si, tambem tem sete castellos, todos iguaes. Descubram vocês onde estão elles. E' muito facil: estão sempre á esquerda das duas casinhas negras que estão juntas.

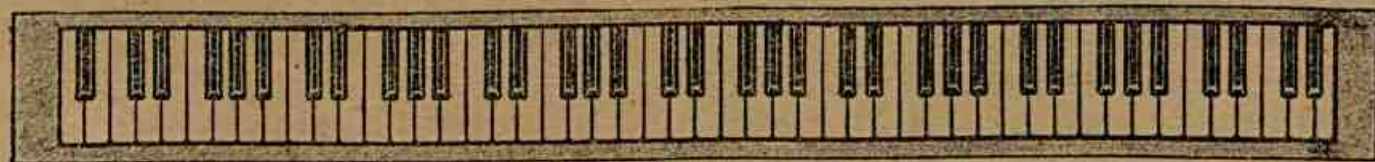
A fada Ré é a companheira inseparavel dos dois geniosinhos negros que vivem juntos. Sempre, no meio delles, está a fada Ré.

A fada que se se chama Mi é tambem companheira desses geniosinhos e mora perto da fada Ré, á direita da segunda casinha preta.

A fada Fá vive no seu castello, á esquerda da primeira das tres casinhas negras. A fada Sol é sua visinha: móra á esquerda da casinha preta do meio.

Agora que vocês já conhecem onde fica cada castellinho das bellas fadas, que são as notas musicaes, podem visital-as constantemente.

Para isso, todos os dias, procurem approximar-se do Reino da Harmonia, do maravilhoso piano e tocar, em cada castellinho de cada uma fada, saudando-as. Hão de ver que todas ellas responderão a vocês com um som harmonioso e alegre.

Nos desenhos que acompanham estas linhas terão os leitores occasião de observar que é muito, olhando para o teclado do piano, descobrir os castellos das sete queridas fadas de que falamos acima.

*O teclado do piano com as cincoenta teclas brancas e trinta e cinco pretas, castellinhos onde moram as fadas e os genios. Por aqui podem todas as creanças aprender a morada das sete fadas risonhas e cantadeiras.*

# O ANÃOZINHO CARACOL

Era uma vez uma enorme e sombria floresta onde morava um anãozinho chamado Caracol. E morava sozinho numa casinha que era uma maravilha, feita de pedaços de cascas de ovos, que os passaros jogavam dos ninhos logo que nasciam os filhos e de pedrinhas coloridas dos caminhos do bosque. Não havia duvida de que Caracol era um anãozinho intelligente. E por ser assim, todas as fadas que moravam na floresta gostavam de Caracol e elogiavam sua casinha encantadora.

O anãozinho, porém, se era intelligente tambem era egoista.

— Ide embora d'aqui! — gritava elle para todas as fadas que se approximavam da sua casinha. Esta casa é minha e como se atrevem vocês a miral-a?

— Mas a floresta não é tua! — respondiam-lhe as fadas. Depois, um gato póde olhar para a cara de um rei e, por conseguinte, uma fada póde contemplar a casa de um anão.

Essa resposta das fadas aborreceu o anão, que tomou uma resolução:

— Taparei as janellas, disse, e ninguem olhará para dentro de minha casa! E assim fez.

Pouco depois um grupo de fadas, andando pela floresta, chegou-se á casa do anão e, olhando para as janellas, nada puderam vêr.

— Caracol! Caracol! Sae da tua casinha! — gritavam as fadas batendo na porta. Mas o anãozinho não respondia.

— Está dormindo, com certeza! — disseram as fadas, retirando-se. O anãozinho, porém, não dormia. Estava era de mau humor.

— Que venham bater na minha porta porque ninguem entrará aqui! — disse Caracol trancando a porta a chave. E todo o verão o anãozinho passou sentado dentro da casinha, pensando mesmo que era um personagem importante. Chegou o inverno.

— Agora, com o frio, ninguem virá me aborrecer — disse o Caracol trancando-se na linda casinha.

Apesar do frio, alguem appareceu para falar ao anãozinho. Uma fada pequenina perdeu-se certa vez na floresta, depois de ir visitar uma amiga que estava doente, e ficou bem satisfeita ao avistar a casinha onde morava o Caracol. E correndo até a porta da casa, bateu com força.

— Vá se embora quem está batendo ! — gritou de dentro uma voz rouca.

— Mas estou com frio! — insistiu a fada tremendo.

— Pois tambem eu apanharei frio se fôr abrir a porta! — respondeu o anãozinho.

— Por favor! — supplicou a fada; mas o anãozinho já roncava, dormindo.

A pobre fada morreria alli mesmo, transida de frio, se não fosse um bando de passarinhos que, ouvindo a resposta

de caracol e vendo a pobrezinha estendida na relva molhada, a levara ao Reino das Fadas. Ao chegar ao Palacio magico os passarinhos relataram a rainha das fadas a má conducta do anão Caracol.

— Caracol é um malvado e merece um castigo! — disse a rainha.

E o anãozinho foi castigado.

Ao despertar, na primavera, de seu longo somno invernal, e ao se approximar da porta notou que não podia sahir de casa. A casinha estava adherida a elle com um unguento magico.

— Que é isto?! — gritou o anãozinho Caracol para os passarinhos que cantavam alegremente na ramaria verde das arvores — Venham, ajudem-me a sahir!

Mas nem um passarinho o attendeu porque elle nunca havia prestado auxilio a ninguem.

Desde essa occasião o Caracol, quando deseja ir ao mercado para comprar alimento, leva a casa ás costas. Todos que o vêem caminhar dizem que elle anda muito d e v a g a r porque a casa lhe pesa muito.

Bem feito! para não ser egoista.

## DESENHOS ALONGADOS

Se qualquer um de vocês olhar para os desenhos desta pagina da maneira commum, isto é se olhar com a pagina collocada sobre a mesa ha de custar a dizer o

que os mesmos representam. E á primeira vista dirão vocês:

— Que máo desenhista, o autor de taes rabiscos!

Não terão, porém, razão de assim se exprimirem. Colloquem a pagina deste almanach horizontalmente, á altura dos olhos, e hão de ver que os desenhos estão muito bem feitos.

Um monte de fructas, um gatinho, um passaro e uma casa surgirão nitidos aos olhos dos observadores.

# OS GRANDES MUSICISTAS

## MOZART

Todos vocês adoram a musica e sentem-se fascinados quando ouvem tocar as peças chamadas classicas, isto é as que são de autoria de nomes que na arte musical alcançaram fama universal. Entre esses nomes figura, cercado de resplandescente aureola de gloria, o do celebre compositor Mozart, autor de innumeros trabalhos de real merito, como sejam as operas **Don Juan, Nozze de figaro, Flauta Magica** e o famoso **Requiem**.

Wolfgang Amadeu Mozart nasceu na quieta e velha cidade de Salzburgo, no anno de 1756. Aos seis annos de idade, revelou-se uma precocidade musical admiravel e seu pae, levou-o juntamente com sua irmã Maria Anna a se exhibir nas cidades de Vienna e Munich. O successo então alcançado pelo menino Mozart foi dos mais brilhantes e, poucos annos depois, melodias e canções do joven musicista eram admiradas pelos cultores da musica.

# MARCHA DOS ESTADOS

AMAZONAS:

Em meu sólo fecundo se encontram
As mais vastas, riquissimas zonas;
Por mim corre o gigante das aguas,
Sou o immenso e feraz Amazonas.

PARÁ:

Da borracha preciosa ás industrias
Outro emporio mais vasto não ha;
Mil riquezas occulto em meu seio,
Pois eu sou o El-Dourado, o Pará.

MARANHÃO:

Por francezes já fui dominado
Mas fugi do seu jugo ao grilhão;
Sou a Athenas, gentil, brasileira,
O querido e leal Maranhão.

PIAUHY:

Nos meus campos de ricas pastagens,
Como iguaes em valor nunca vi,
Nédios bois vão mugindo saudosos,
Sou o calmo e feliz Piauhy.

RIO G. DO NORTE:

A valente nação tabajara
Que as mais fortes na guerra venceu,
Aqui está, da instrucção pioneira;
O Rio Grande do Norte sou eu.

CEARÁ:

Sou a terra da luz, de Iracema,
Onde escravos jámais haverá;
O cicio da brisa murmura
O meu nome, a cantar: Ceará...

PARAHYBA:

Pequenina, porém, muito nobre,
Grandes filhos á Patria já deu.
Quem vos fala orgulhosa dizendo:
Parahyba do Norte sou eu.

PERNAMBUCO:

Terra heroica de feitos sublimes,
De Caneca, Mariano e Nabuco;
Nessa historia resume a da Patria:
Leão do Norte, eis aqui Pernambuco.

ALAGOAS:

Sou o berço de heróes marechaes,
Sempre cheios de mil esplendores,
Denodada na paz ou na guerra,
Alagoas eu sou, meus senhores.

SERGIPE:

De Tobias Barreto fecundo,
Sou a terra que tanto exaltou;
A memoria lhe guardo e venero,
Pois Sergipe, senhores, eu sou.

BAHIA:

A primeira que foi descoberta...
Razões tenho de ser orgulhosa;
Sou Bahia de São Salvador,
Berço fui do immortal Ruy Barbosa.

ESPIRITO SANTO:

Dentre todas espero, algum dia,
Alcançar o fastigio da gloria,
Sou o Espirito Santo altaneiro,
Ha de ser sempre minha a Victoria.

RIO DE JANEIRO:

Sentinella no mar indormida
Puz de guarda o tenaz Cabo-Frio,
A Republica dorme em meu seio,
Eis, senhores, o Estado do Rio.

SÃO PAULO:

Sou São Paulo, riquissimo e illustre,
Que o confronto com os outros não teme;
No Commercio e na Industria apurada,
Bemdirei Fernão Dias Paes Leme.

MINAS GERAES:

Tenho o oiro no leito dos rios
E diamantes de brilhos fataes;
Vejo o céo de "alterosas montanhas",
Sou o Estado de Minas Geraes.

PARANÁ:

Sou a terra do pinho e do matte
Que supplanta da China o outro chá,
Da colonia allemã preferido,
Eis o alegre e ideal Paraná.

SANTA CATHARINA

Como um reino encantado de fadas,
Onde tudo são risos e flores,
Vivo aqui como num céo aberto,
Santa eu sou, Catharina, senhores.

GOYAZ:

No planalto central vejo erguida
A cidade dos meus ideaes,
Do paiz capital sobranceira,
Neste leal coração de Goyaz

MATTO GROSSO:

O meu sólo vastissimo e inculto
Guarda o viço e energias de moço;
Do Brasil o futuro celleiro
Sou o immenso, sem fim, Matto Grosso.

RIO G. DO SUL:

Nos confins do Brasil, nas fronteiras,
Sob o seu lindo céo muito azul,
Sou dos pampas o rei verdadeiro,
Sou o audaz Rio Grande do Sul.

REPUBLICA BRASILEIRA:

Num só gesto eu a todos irmano,
Sob o pallio do céo todo anil,
Desfraldando a auri-verde bandeira,
A Republica eu sou do Brasil. —
E saudemos com risos e flores
O da Patria glorioso pendão,
Entoando esse canto vibrante
Que é o hymno da nossa nação.

*(Cantam todos o hymno nacional, em continencia, marchando deante da bandeira desfraldada pela figura da Republica Brasileira.)*

E. WANDERLEY

# O FEITICEIRO DA FLORESTA

...a mais velha deu-lhe um pão

Havia, uma vez, um velho sujo e feio, que batia em todas as portas, pedindo esmolas. Não era o velho, no entanto, um mendigo mas um ladrão de crianças disfarçado. Um dia o velho sujo bateu á porta de um homem que tinha tres filhas, a mais velha das quaes deu-lhe um pão. Ao receber o pão da mão da menina, o falso mendigo tocou-lhe o braço com a mão callosa e cabelluda. Sem poder siquer gritar a menina viu-se transportada para um sacco que o velho trazia ás costas. Este levou-a para a sua casa, no meio de uma grande floresta. A menina alli ficou varios dias, admirando as riquezas sem iguaes que havia na casa do mendigo feiticeiro; até que este, um dia, disse-lhe que ia fazer uma viagem e entregou-lhe as chaves da casa e um ovo.

—Podes entrar em todos os quartos da casa, menos num da esquerda. Não deves tambem perder este ovo cuja guarda te confio. E partiu.

A menina, logo que o feiticeiro sumiu-se no caminho quiz ver o que havia no quarto cuja entrada lhe fôra vedada. Depoz o ovo no chão e abriu o quarto. Este estava cheio de meninas que o velho havia roubado. Assustada, a menina tornou a fechar o quarto e apanhou o ovo. Este estava sujo de manchas cor de sangue as quaes, por mais que a menina limpasse, não se apagavam. A' noite, quando o velho feiticeiro voltou, pediu á menina as chaves e o ovo. Quando viu neste as manchas de sangue soube que a menina havia entrado no quarto prohibido. E, raivoso, levou a menina para o quarto secreto, prendendo-a com as outras.

Depois sahiu e foi de novo bater na casa do pae da menina que aprisionara, a pedir uma esmola. Attendeu-o a segunda filha do homem, a qual teve a mesma sorte da primeira, por que tambem tivera a curiosidade de saber o que havia escondido no quarto mysterioso.

O feiticeiro voltou, ainda uma vez, á casa do pobre homem e roubou-lhe a terceira filha da mesma maneira por que havia roubado as duas primeiras. Esta ultima menina era muito sagaz e quando recebeu das mãos do feiticeiro as chaves e o ovo, a primeira cousa que fez foi guardar o ovo num armario. Depois abriu o quarto secreto para ver o que lá estava escondido. Ficou impressionada ao ver o chão coberto de meninas adormecidas, entre as quaes estavam as suas duas irmãs. Mas, como era sagaz e intelligente, fechou o quarto novamente e foi apanhar o ovo no armario, conservando-o sempre limpo.

Quando o velho mendigo regressou, a menina deu-lhe as chaves e o ovo e elle, ven-

...vestida de pennas encontrou alguns convidados

# A BÔA DIVISÃO

Um aldeão estava lavrando a terra. De repente, seu arado chocou-se contra um obstaculo, que parecia uma pedra. Era, porém, um enorme blóco de ouro, que um avarento, que havia ali vivido muitos annos antes, enterrara.

O aldeão afastou toda a terra que cobria o blóco de ouro e continuou lavrando o campo. Quando a noite cahiu, parou o serviço e procurou levantar o blóco de ouro afim de leval-o para casa. Por mais esforços, porém, que fizesse, não conseguia erguer o pesado e precioso fardo.

Então, enxugando o suor do rosto, disse o aldeão, depois de partir um pedaço do enorme blóco:

— Esta parte é para a minha alimentação!

E partindo ainda um outro pedaço do blóco, accrescentou:

— Esta é para as minhas economias.

E tirando outro pedaço:

— Esta é para poder continuar o meu officio. E aquella que ali está — falou apontando para a parte que ficara no chão, e para esmolas e obras piedosas.

Assim, dividido em quatro partes o blóco de ouro foi facilmente conduzido á casa pelo aldeão, sabio e caridoso na distribuição que fizera.

---

do o ovo muito limpo, abriu a bocca num sorriso de alegria e exclamou:

Não és curiosa, vejo bem, e por isso serás minha esposa !

A sagacidade e a intelligencia da menina quebrara, porém, o encanto do feiticeiro e, já agora, ella podia fazer delle o que quizesse. Assim, disse ella:

— Serei tua esposa mas, antes, irás levar á casa de meus paes um cesto cheio de moedas de ouro !

O feiticeiro concordou. Encheu a menina um cesto com moedas de ouro, em baixo dos quaes occultou suas duas irmãs.

— Vae depressa e não pares no caminho. Eu ficarei te espiando da janellinha do sotão !

O feiticeiro carregou o cesto e poz-se a caminho. Mas o cesto era tão pesado que o velho não o podia mais carregar. Resolveu descansar um pouco mas quando ia arriar o cesto uma voz falou:

— Olha que eu estou te espiando da janellinha do sotão !

Julgando que era a voz da noiva, o velho continuava a caminhar e cada vez que procurava descançar a mesma voz o advertia.

O velho feiticeiro, muito cançado, chegou á casa do pae da noiva e lá deixou o cesto de ouro com as duas moças.

Emquanto o velho estava em caminho a moça soltou todas as meninas prisioneiras, dando-lhes fuga, e disfarçou-se num vestido de aguia real, fugindo tambem. Ao chegar a um povoado pediu o soccorro dos habitantes para castigar o velho feiticeiro da floresta. E este foi castigado, pois voltando á casa e correndo ao sotão para ver a noiva, não mais a encontrou. E quando quiz sahir para procural-a na floresta viu que toda a casa estava em chammas e cercada de homens que o queriam matar.

O velho feiticeiro morreu queimado no fogo da casa da floresta.

# A Arca de Noé

ÃO ha creança que não tenha ouvido contar a historia do Diluvio, uma legenda muito antiga, pela qual se conta que choveu durante quarenta dias e quarenta noites, sem parar.

Em uma destas, aconteceu que a terra ficou toda coberta de agua, morrendo todos os entes vivos; só se salvaram alguns na Arca de Noé, o celebre inventor dos vinhos; mas o caso é pouco conhecido; por isso vamos relatal-o aqui minuciosamente, segundo o ouvimos de um inglez, que andou viajando pela Asia e lá soube de tudo, por um parente de Noé que ainda vive.

O facto deu-se na Arabia, que era, naquelle tempo, ha cerca de quatro mil annos, o paiz mais importante e mais adeantado do mundo. Noé era um agricultor muito rico e muito previdente, que tinha relações com os homens mais sabios do paiz. Uma vez, ouviu um destes doutores, que era entendido em cousas de astronomia, dizer que, pelo aspecto do céo, ia haver uma chuva tão grande, que provavelmente o mundo ia ficar alagado.

Vejam os nossos leitores que já naquelle tempo se tinha medo de enchentes...

Noé reflectiu muito, consultou outros sabios, observou as nuvens que se iam amontoando no céo para o lado do sul e tomou uma resolução prudente. Reuniu toda a sua familia, que era enorme, todos os seus empregados que eram muitos e tratou de explicar-lhes o perigo.

— Rapazes, vem ahi uma chuva damnada. Vae chover tanto que toda a terra ha de desapparecer debaixo d'agua e sabendo disso resolvi construir um barco muito grande para que todos nós possamos nos salvar.

Os empregados ouviram aquillo, mas nem todos acreditaram. Alguns ficaram com medo, outros riram-se, pensando que a noticia era uma brincadeira, outros ainda, fizeram pouco em Noé, dizendo que elle estava maluco. Mas Noé insistiu, gritando:

— Malucos são os que não me querem ouvir! E' como lhes digo: Deus vae acabar com o mundo enchendo-o d'agua. Felizmente eu tive um aviso e posso salval-os. Mas para isso é preciso que vocês me ajudem a construir a Arca. E tanto falou que foi convencendo a maioria.

Apezar de toda a sua eloquencia, Noé não conseguiu deixar convencidos todos os seus parentes e empregados.

Apenas uns dez ou doze, mais medrosos, acreditaram logo no perigo e atiraram-se de joelhos, pedindo ao sabio agricultor que os salvasse.

Os outros riram, ou discutiram o caso, porque é sempre assim: Os homens ignorantes consideram maluco todo

vam a madeira, transformando os troncos infórmes em tóros esquadrados e limpos. Isso durou muitas semanas, porque naquelle tempo não havia serras a vapor, nem plainas... nem cousa alguma do que a industria moderna dispõe.

Mas havia boa vontade. O pessoal trabalhava com a preoccupação de acabar depressa, para se salvar do diluvio. Cortavam, serravam e rachavam madeira, dia e noite, sem prestar attenção aos outros que riam daquella actividade, dizendo: — Que idiotas, pois não é que elles pensam mesmo que o mundo vae acabar!?

aquelle que lhes fala em uma cousa nova. Galileu foi considerado doido porque disse que a terra andava e, ha menos de sessenta annos, ainda muita gente affirmava que as estradas de ferro eram uma innovação inutil.

No tempo de Noé deu-se o mesmo. A maioria, como nunca ouvira falar em chuva de quarenta dias e quarenta noites, não fez caso das prudentes palavras de Noé.

Mesmo os poucos que o acompanharam, não comprehenderam o caso; mas eram poltrões e como Noé disse que havia perigo, quizeram logo fugir com elle.

Foi com esses auxiliares que o grande homem iniciou o seu gigantesco trabalho. Mandou cortar as arvores maiores que tinha nas suas terras e, durante muitos dias, dirigiu os esforços dos operarios que serravam e alisa-

Noé em pessoa, de oculos e prumo na mão, dirigia o trabalho com tanta sciencia, que no fim de um mez, podia-se ver sobre a areia a quilha de um barco colossal, o maior que até então tinha sido feito.

Como já lhes contei no capitulo passado, Noé, apezar de escarnecido pela maioria da gente do logar, que não quiz dar credito aos seus prudentes avisos, iniciou a construcção da Arca, com os homens que, fosse por intelligencia mais adeantada, fosse por terem medo do perigo, mesmo sem comprehendel-o, mostraram-se dispostos a auxilial-o naquelle importante trabalho, a obra mais consideravel que até então se havia feito.

Mas esses homens, crentes e precavidos eram poucos, muito poucos, de modo que a construcção foi-se adeantando com vagar alarmante.

Além disso, a situação tornou-se peor porque os ignorantes, que sempre se julgam superiores aos outros, vinham todos os dias observar os trabalhos e faziam troça dos constructores, zombando da sua credulidade e de seus temores de uma chuva de quarenta dias.

Alguns espiritos fracos, impressionados com aquellas zombarias, começaram tambem a duvidar da prophecia e foram pouco a pouco abandonando os trabalhos.

Noé, vendo aquillo e receiando que a Arca não ficasse prompta a tempo, resolveu elle proprio metter mãos a obra e, pegando num grande martello, entrou a martellar como

um desesperado. Vendo isso, alguns operarios malandros (já naquelle tempo os havia...) começaram a *fazer cera*, conversando em vez de trabalharem.

Noé zurrava de malho na mão, a bater as cavilhas da Arca. E' que elle estava firme na crença do Diluvio e não queria ir por agua abaixo, ao passo que os operarios vadios continuavam a encher tempo, esperando sómente a voz do almoço, do jantar e de largar o serviço...

Pobre do Noé se não fosse a sua energia: estaria no matto sem cachorro!

Mas a cousa não podia continuar assim.

Noé, vendo que aquella gente não só era tão estupida que não acreditava nas suas palavras de sábio, como, além disso, era preguiçosa e deixava correr o tempo sem adeantar o serviço, annunciou que não pagaria mais os operarios por dia de serviço, porque assim elles vadiavam contando com o dinheiro certo.

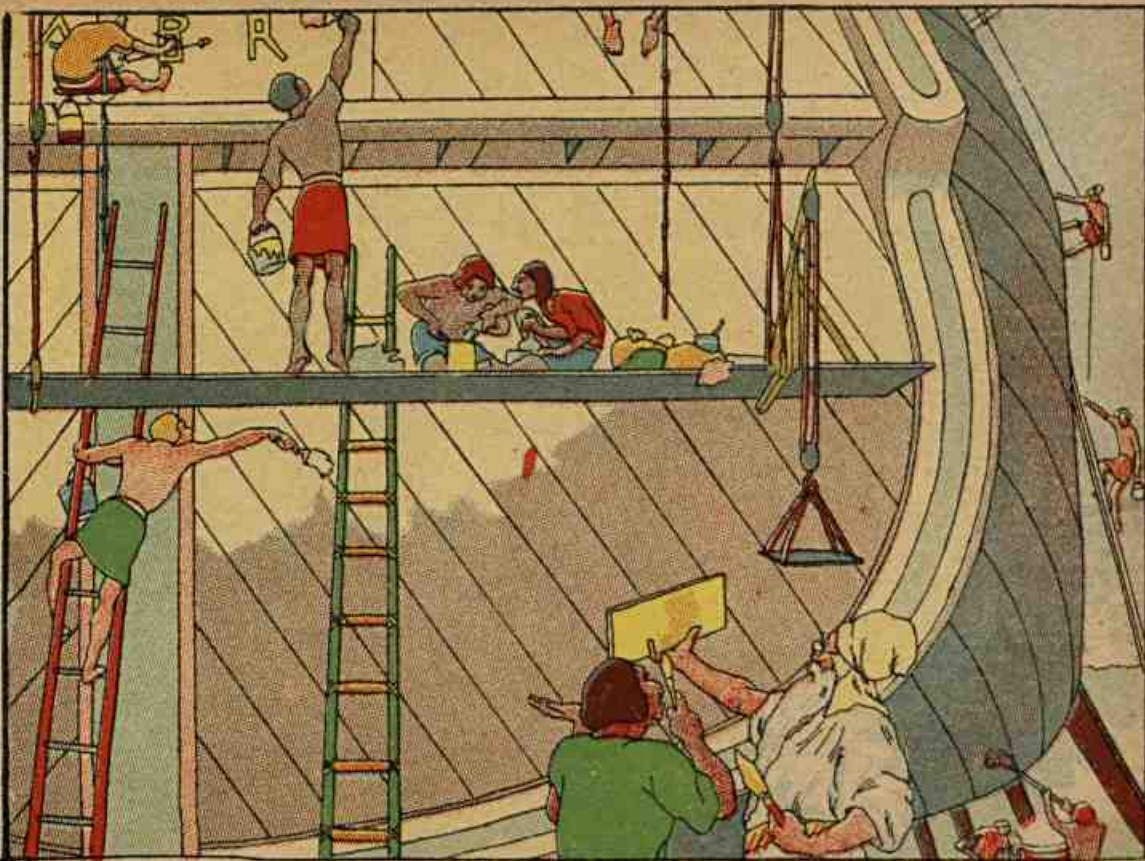
Annunciou que só pagaria o trabalho que cada um fizesse.

Deste modo conseguiu obter mais alguma actividade na construcção da Arca. Todos os dias o pessoal, com a ambição de ganhar mais dinheiro, fazia o mais que podia.

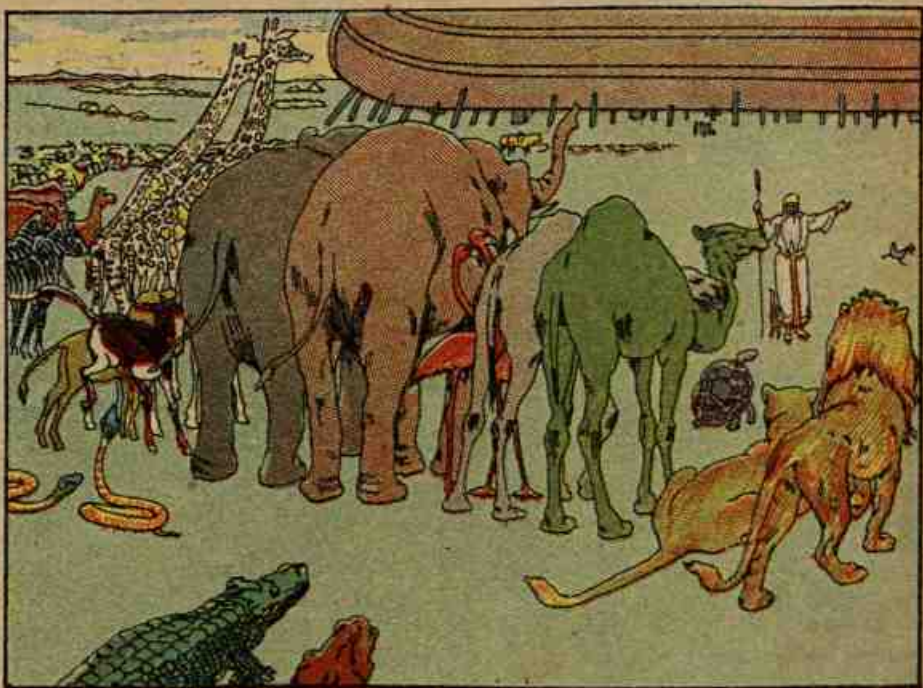
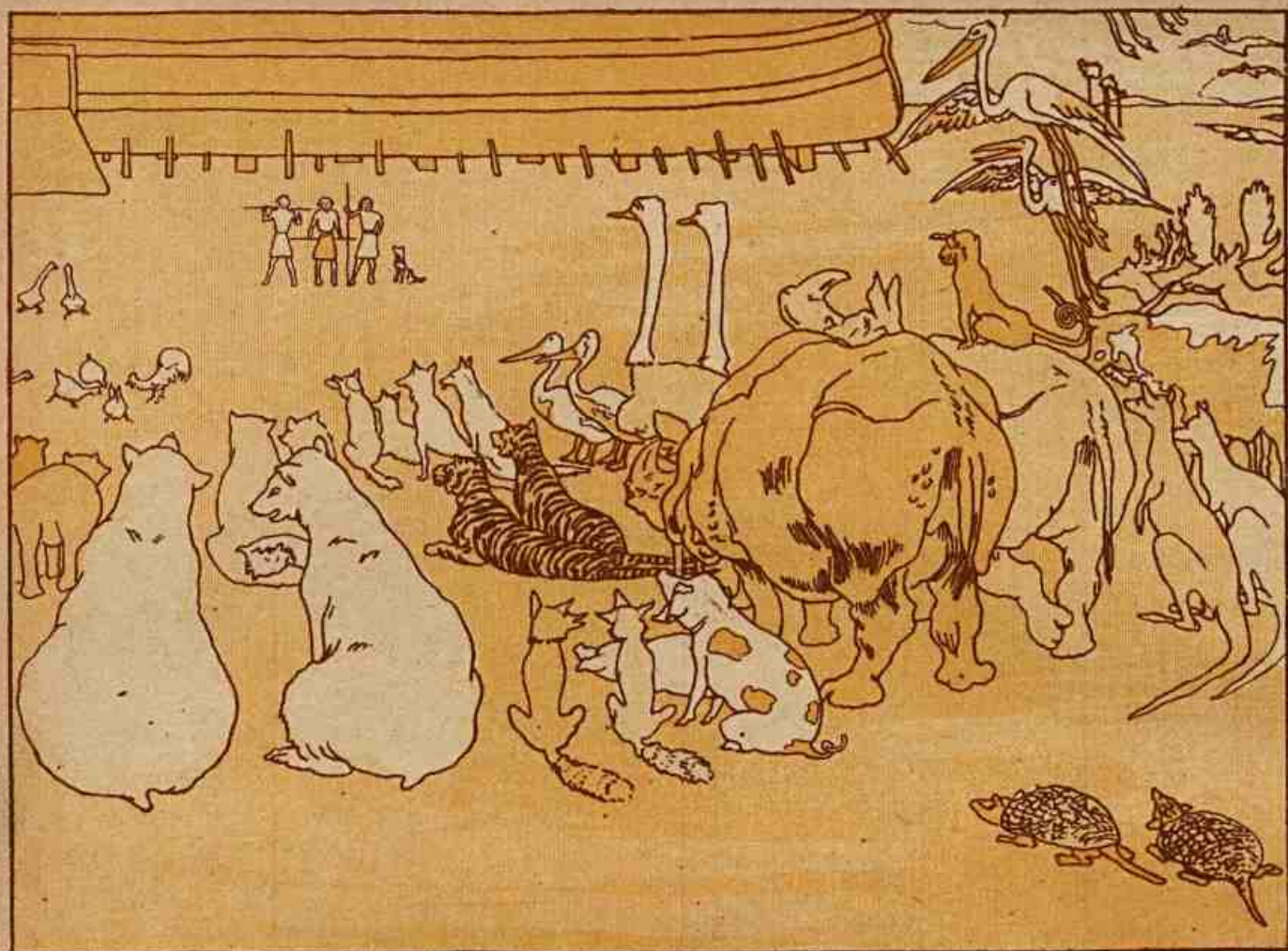
E o bom Noé ria-se ás gargalhadas vendo o resultado da sua esperteza.

Na verdade, elle mostrou, nessa contingencia, que tinha habilidade para dirigir os homens. Se tivesse brigado com os operarios, talvez não conseguisse o que desejava. Poderia não adeantar nada, castigando os vadios, ou despedindo-os; mas soube lidar com elles, soube descobrir o meio de interessal-os pela construcção.

E' sempre bom resolver as difficuldades pelos meios brandos; pela brandura tudo se consegue e Noé ahi está para o provar.

O mais interessante é que todos ainda lhe ficaram muito agradecidos. Cada qual se esforçava por fazer mais e elle a todos animava, chegando a ajudal-os quando os via atrapalhados em qualquer cousa mais difficil.

E a Arca se fez rapidamente; em menos de seis mezes ficou prompto todo o madeiramento. Começaram então a calafetal-a para que as aguas não pudessem entrar.

Terminado esse importante trabalho, começaram a pintar a Arca e era Noé em pessoa quem escolhia as côres mais brilhantes para que a Arca ficasse mais bonita.

Afinal ficou prompto o portentoso trabalho. Veiu gente de toda a parte para admirar a Arca. Nunca se vira no mundo uma cousa assim! Os homens d'aquelle tempo só conheciam botes pequenos com logares para dez ou doze pessoas ou então jangadas; não faziam sequer idéa de um navio com accommodações para algumas centenas de creaturas!

De modo que o vulto colossal da Arca equilibrada com o auxilio de uma infinidade de tóros de madeira, no meio do vasto campo da fazenda de Noé, attrahiu a curiosidade de todos os moradores dos arredores.

E ainda mais augmentou o assombro de toda a gente quando começaram a chegar os emissarios que Noé, logo ao iniciar a construcção da Arca, tinha mandado para todos os paizes arranjar casaes de todos os bichos conhecidos no mundo inteiro.

Em poucos dias juntou-se na fazenda do sabio patriarcha uma bicharia sem conta!

Noé queria salvar do Diluvio ao menos um par de cada especie de bichos e nisso ainda mostrou profunda sabedoria.

Que adeantaria elle salvando sua familia e seus amigos se não salvasse tambem os bichos? Que fariam depois os homens no mundo sem os animaes?

Porque é preciso não esquecer que os bichos são de grande utilidade; raro é aquelle que não presta grandes serviços. Por exemplo, o boi emquanto está vivo, lavra a terra, puxa carros... e depois de morto a sua carne serve para nos alimentar, o seu couro, para fazer sapatos, correias, etc....

Noé pensava em tudo isso e resolvera embarcar na Arca um casal de cada bicho, para fazer nova creação depois do Diluvio.

Vieram camellos do Egypto, leões da Arabia, jacarés do Amazonas, veados da Escossia, girafas do Congo, tigres da India, zebras do Transwaal, elephantes da ilha de Ceylão, rhinocerontes da Persia, buffalos do Canadá. A toda a parte Noé mandou empregados de confiança e todos trouxeram animaes de varios generos, apresentando uma collecção completa de animaes bravos e mansos, selvagens ou domesticos. Noé passou uma revista áquelle singular rebanho, admirado de ver que a bicharia se mostrava mais intelligente do que os homens da sua terra, porque, sendo tantos e tão differentes, juntaram-se todos sem brigar, como se comprehendessem que tinham vindo ali para cousas de grande importancia.

E o assombro d'aquella gente augmentava dia a dia porque, apezar da fazenda já estar tão cheia de bichos, que mais parecia um jardim zoologico, não cessára ainda o recebimento de animaes de todas as especies.

O povo, que era muito ignorante, até ficou espantado de ver bichos cuja existencia não suspeitava. Enormes rhinocerontes, vindos do sul da Africa, com o corpo coberto de manchas e um chifre curto no logar do nariz; kangurús vindos da Australia, e andando só em dois pés, como gente; veados da Siberia com chifres em fórma de leque e todo rendilhado; flamengos da Nova Zelandia, todos côr de rosa com pernas muito compridas, pescoço longo e azas enormes; ursos da Noruega, muito brancos e felpudos; lobos da Allemanha, que pareciam cães maltratados; pelicanos de enormes bicos, e patas em fórma de triangulos; raposas de pello macio e sedoso; kágados, com a casca que parecia toda feita de pedacinhos de diversas côres; macacos, que pulavam de um lado para outro sem ficar quietos um só momento.

Toda aquella bicharia formava em boa ordem em torno da Arca, sob as ordens de Noé.

E o povo, estupefacto, não comprehendia porque motivo Noé mandára buscar bichos tão exquisitos, porque não os queria deixar na terra.

—Para que vivem animaes assim?—perguntavam elles uns aos outros. Seria até melhor deixal-os morrer no Diluvio.

Mas Noé lá tinha os seus planos, sabia que todos os animaes têm a sua utilidade e não descansou emquanto não reuniu ali todos os bichos do mundo.

As difficuldades começaram quando se tratou de fazer entrar para a Arca toda aquella bicharia.

Com os carneiros o trabalho foi suave: bastou levar um para bordo e os outros seguiram logo, porque os carneiros têm um costume, para onde um vae, vão todos os outros. Os cavallos, não, resistiram. Um dos creados de Noé, montou num, foi puxando o outro e prompto. Assim as gallinhas, cães e gatos e outros animaes já acostumados a viver com os homens.

Mas o burro, que nunca tinha andado embarcado, ficou com medo e, teimoso como é, deu uma trabalheira medonha. Foi preciso quasi arrastal-o.

Os cabritos, que têm muito medo de agua fria e não gostam de molhar os pés, tambem resistiram muito. Os gansos, patos e marrecos, esses entraram logo para a Arca sem hesitação. Andar em cima da agua é exactamente do que elles gostam.

Os bois, resignados e calmos como sempre, deixaram-se levar socegadamente.

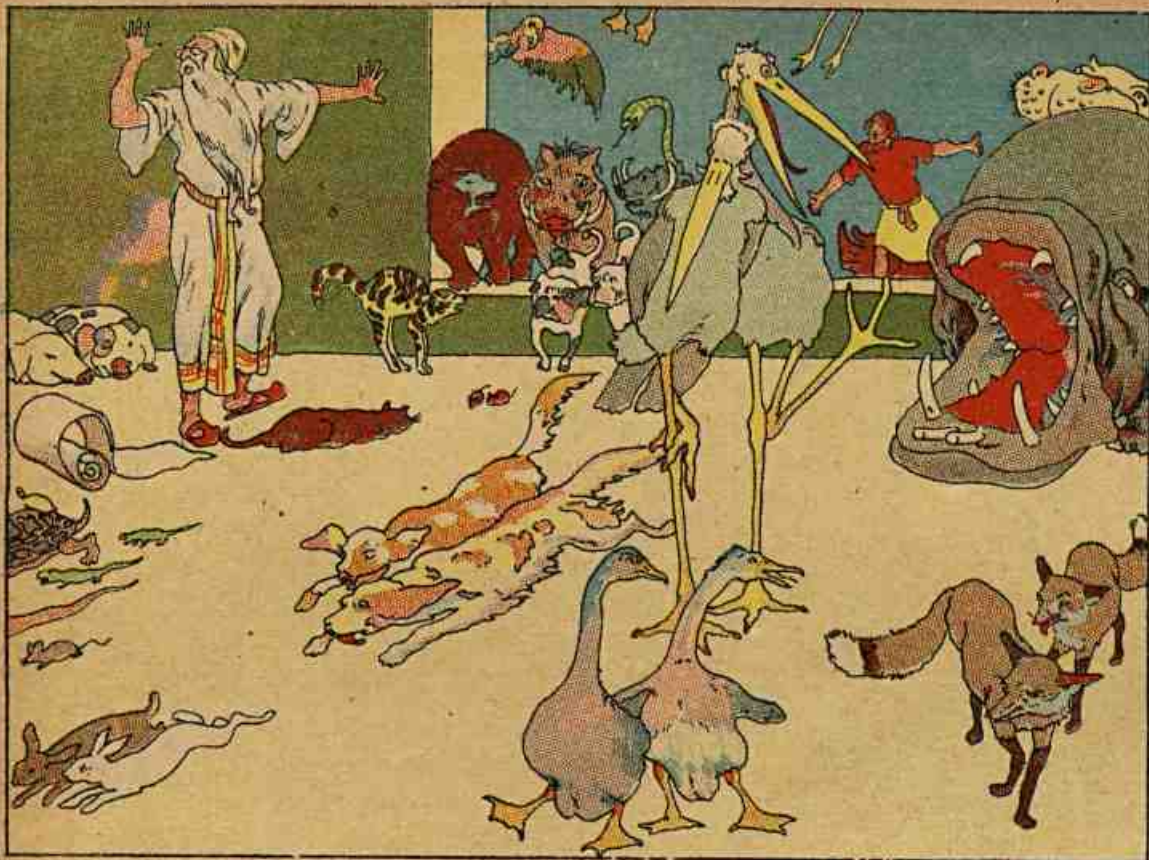
Noé, na entrada da Arca, ia tomando nota dos casaes de bichos que embarcavam, para não se esquecer de nenhum.

Mas imaginem uma bicharada d'aquellas! Foram precisos muitos dias para completar o embarque.

Felizmente, os ajudantes de Noé eram muitos e o velho sabio dirigia o serviço pessoalmente, observando tudo, fazendo-se obedecer por todos, regulando todas as cousas com methodo; deste modo conseguiu realisar os seus desejos, porque havendo ordem, calma e juizo, conseguem-se facilmente, e sem atrapalhação as tarefas mais trabalhosas.

Só depois começaram a surgir embaraços mais graves, contratempos mais sérios, explicando a razão porque Noé deixou que morressem no diluvio alguns bichos muito interessantes e de que modo se arranjou elle para aboletar na Arca animaes de genero, feitio e caracter tão diversos.

Mas ainda as difficuldades do embarque foram pequenas em comparação com os apuros em que se viu Noé quando emprehendeu a difficl tarefa de alojar toda a sua bicharia no interior da Arca, separando-os por classes, raças e especies para evitar confusões e perigo, obtendo ali tambem a boa ordem que gostava de manter em tudo.

Todos aquelles animaes, emquanto estiveram ao ar livre, contemplando o volume espantoso da monstruosa embarcação, conservaram-se tranquillos e calmos, mas quando se viram dentro da Arca, apertados num espaço relativamente pequeno e escuro, todos juntos, incommodando-se uns aos outros, começaram a apparecer incidentes desagradaveis. Os bichos de raças inimigas ao começarem a se fitar com furia selvagem, os mais impetuosos chegaram a tentar estabelecer luctas.

um javali, soltava urros de ensurdecer; um hippopotamo colossal, abria a bocca enorme, cheia de dentes que pareciam lanças, querendo devorar os flamengos de longas pernas.

E o pobre Noé, no meio daquella confusão terrivel, sem saber a que attendesse, julgou ficar maluco com tantas difficuldades.

Por fim, o sabio Noé, á força de muita paciencia e de muito cuidado, conseguiu regularisar mais ou menos a situação dentro da Arca, dividindo os animaes que já tinham embarcado, conforme as raças e os habitos.

E' que elle comprehendera que todo o mal tinha sido embarcar a bicharia sem ordem, ao acaso, e nada póde dar bom resultado, sem methodo, cautela e attenção.

Felizmente Noé reconheceu a tempo o seu erro e deu ao serviço a ordem regular, que a tudo nesta vida é tão necessario.

Mas ainda assim o trabalho foi rude e difficil.

Os bichos eram muitos e alguns, mais estupidos, deram enorme canseira aos empregados de Noé.

Os macacos, que são bichos muito medrosos, ficaram com receio de entrar na Arca, a coçar a cabeça; as tartarugas, que andam muito devagar, não teriam até hoje chegado ao logar da Arca se os criados de Noé não se dessem ao trabalho de viral-as por todo o caminho, como os carregadores fazem com os caixotes; os kangurús, que só andam aos saltinhos, os ursos pesadões e desconfiados, os elephantes que com qualquer cousa se assustam, as zebras que são extremamente selvagens, os veados que fogem de tudo a toda brida, as cobras que a cada instante fogem e se escondem em qualquer parte, as raposas, que não ficam quietas um só momento, os coelhos aterrorisados com todo aquelle barulho... toda essa bicharada exigiu esforço e pertinancia sem limites.

Mas, graças á sabedoria de Noé, foram embarcando todos ou quasi todos.

Um cão de fila, ao entrar, estacou a rosnar com odio, deante de um gato, que eriçou todo o pello, espirrando com força, disposto a resistir a qualquer ataque; outro gato sahiu a correr por todos os cantos, perseguindo os ratos, que guinchavam desesperadamente, tentando subir pelas paredes e muito atrapalhados porque a Arca, sendo nova, não tinha buracos pelas paredes; as raposas, com gestos traiçoeiros e cautelosos, approximaram-se dos gansos, que se vendo em perigo de vida, puzeram-se a gritar como doidos; dois cães de raça atiraram-se aos coelhos, que se não fossem tão rapidos na carreira teriam sido estrangulados em poucos minutos; um urso branco, aterrorisado com os dentes enormes de

Durou muitos, muitos dias o desfilar dos bichos, que se iam recolhendo á Arca para não morrer no Diluvio Universal.

Eram tantos que, apezar da boa organisação dada por Noé ao serviço, apezar da dedicação e esforço de todos os seus empregados e até dos netinhos de Noé, creanças muito espertas, que tambem ajudaram, levou mais de seis semanas o trabalho de embarque da colossal bicharada.

Tambem não admira. Havia animaes de toda a especie, tigres da India, camellos do Sahara, girafas do Egypto, pavões da Grecia, leões de Marrocos, serpentes gigantescas de Java, crocodilos do Nilo, buffalos do Canadá, cegonhas da Australia, phocas da Groenlandia, tapires do Brasil, rhinocerontes do Transwaal, e outros mais raros ainda, como o condor do Chile, o avestruz do Cabo da Bôa Esperança, as pantheras do Mexico, as rhennas da Siberia, os tamanduás-bandeiras...

Tudo isso passou durante dias e dias deante do velho Noé, que ia tomando nota e alojando tudo como melhor convinha.

Vejam vocês o trabalho que deu conservar ao mundo todos os animaes depois do Diluvio.

Mas tudo que até agora contamos não teve gravidade e a prova é que tudo acabou se arranjando mais ou menos bem, apezar de uma ou outra complicação.

Mas, depois, Noé teve de luctar com uma difficuldade insuperavel. Como já dissemos, elle fazia questão de salvar na Arca, não só toda a sua familia e seus criados, como um casal de cada um dos bichos que existiam no mundo.

E como os nossos leitores viram, embarcaram já todos os bichos conhecidos.

Mas, havia naquelle tempo, alguns animaes tão grandes e tão pesados que causavam assombro. Eram o zebitonosauro, o prutosauro, o mastodonte e outros. O mastodonte parecia um elephante, mas era cinco vezes maior e tinha dentes com tres metros de comprimento, retorcidos como chifres de carneiro. O prutosauro tinha o feitio de uma cobra, com azas enormes e garras semelhantes ás da aguia. Tinha quarenta e cincoenta metros de comprimento.

Como Noé havia ordenado que lhe trouxessem todos os bichos do mundo, trouxeram tambem esses monstros.

O primeiro a chegar foi o ichtonosauro, que ahi está no desenho.

Noé ainda quiz ver se o salvava do Diluvio, mas qual! Por mais que os seus criados se esforçassem, não foi possivel fazel-o entrar na Arca. O bicho era tão grande que não conseguiu entrar, e o seu peso era tal, que apenas collocou um pé na escada da Arca, partiu

exemplo, o mastodonte, de que falámos, era como um elephante, mas muito maior e tinha os dentes retorcidos como chifres; os dragões eram do feitio de jacarés, mas tinham azas e garras; os unicornios, eram uns cavallos, que titinham um grande chifre na testa e assim outros animaes tinham proporções gigantescas, pavorosas.

Alguns se perderam porque eram tão grandes que não cabiam na Arca, outros porque eram tão selvagens, que por mais que Noé insistisse, não quizeram embarcar.

oito degráos. A' vista disso, Noé foi obrigado a deixal-o ficar em terra firme. E quando veiu o Diluvio morreram todos.

Por isso é que o ichtonosauro, o mastodonte, e outros animaes gigantescos assim são chamados *anti-diluvianos*. E' porque elles só existiram antes do Diluvio.

O mesmo que se deu com o ichtonosauro aconteceu com outros animaes espantosos que existiam naquelle tempo.

Porque é preciso que vocês saibam que os primeiros animaes que appareceram no mundo eram todos monstruosos, enormes, de força colossal e fórmas caprichosas, como se póde ver no desenho.

Alguns dos que ahi estão são muito conhecidos. Por

Assim, morreram todos no Diluvio, mas sabe-se como elles eram porque encontraram-se os ossos e sabios muito habeis conseguiram reconstituir os esqueletos.

Noé teve muita pena de não poder salval-os, mas que havia elle de fazer? Não havia tempo para construir outra Arca maior. Quanto aos bichos menores, não quizeram comprehender as palavras do prudente velho e contra a estupidez não ha remedio.

O bom Noé fez quanto podia, por isso ficou com a sua consciencia tranquilla e tratou de proseguir na sua empreza.

Terminado o embarque da bicharia, o sabio Noé começou a cuidar de outro ponto muito mais importante do serviço que emprehendera.

Havia na Arca mais de mil bichos de variadas especies; além de todos esses animaes ainda tinham que embarcar todos os parentes, amigos e criados de Noé. Toda essa gente e todos esses bichos tinham que ficar na Arca durante o Diluvio Universal.

Ora, ninguem poderia dizer quantos dias ia durar essa chuva colossal, destinada a alagar o mundo inteiro; sabia-se apenas que ia chover tanto, que toda a terra havia de ficar coberta d'agua. Sendo o mundo muito grande, era provavel que chovesse por muitos dias, um mez talve, ou mais ainda.

Era preciso garantir a alimentação

dos passageiros da Arca durante esse tempo todo.

Prudente, como sempre, Noé resolveu juntar mantimentos para tres mezes. Elle não queria que o seu pessoal, fugindo de morrer afogado, se visse em perigo de morrer de fome.

Nem vocês imaginam o trabalho que isso deu. Noé mandou buscar quinhentos saccos de lentilhas (que era o que servia de feijão naquelle tempo), quinhentos cantaros de mel, quatrocentos melões, duas mil cenouras, batatas e repolhos, mil ovos frescos, seiscentos mólhos de alface, quatrocentas aboboras e assim por deante. Tudo em quantidade enorme.

Para os bichos vieram cinco mil feixes de capim, quatrocentos mólhos de couve e mil e quinhentos saccos de milho. E todos os criados dia e noite, sem parar, carregavam aquillo tudo para a Arca.

Alguns amigos, vendo tão grande despeza e tanto reforço, pensavam que Noé estava maluco. E o velho sabio discutia com elles, procurava convencel-os. Mas a gente estupida não acredita nunca na sciencia e por isso não evita os perigos desta vida.

Terminados, afinal, todos os preparativos, Noé embarcou com toda a sua familia e seus criados.

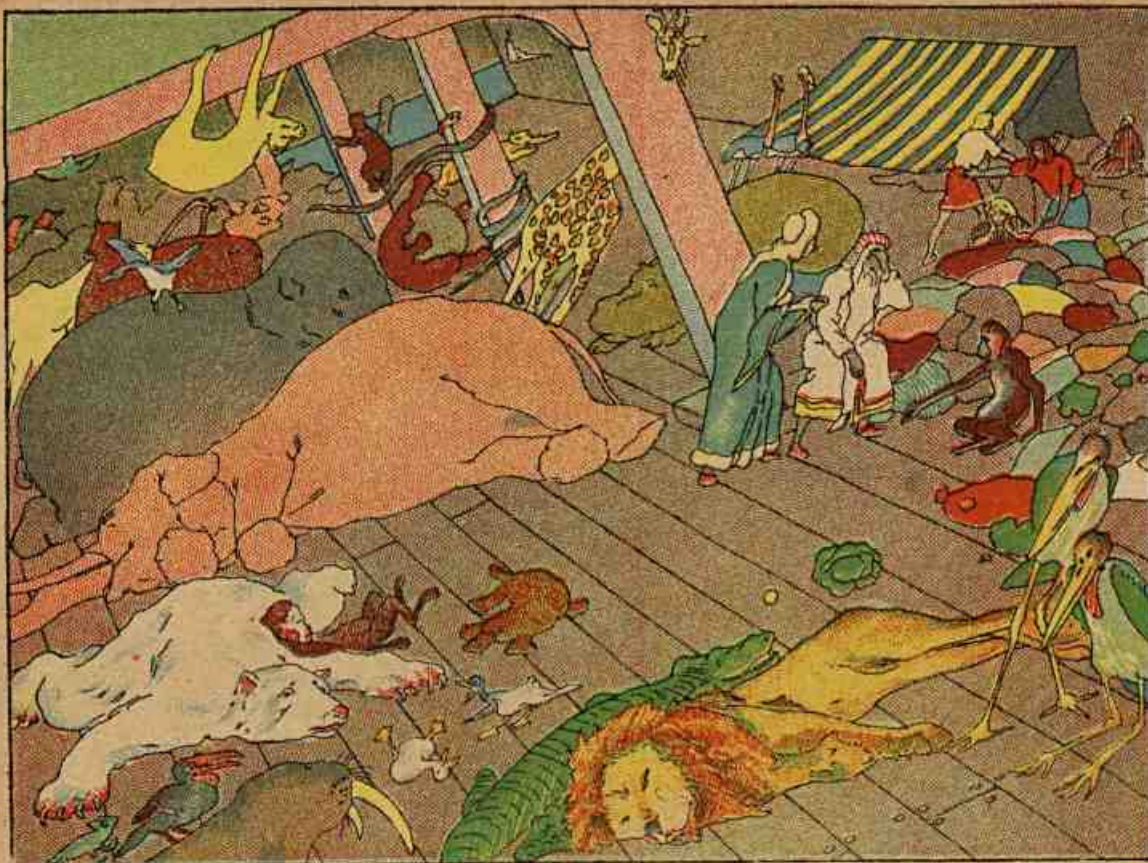
A Arca, equilibrada no sôlo por uma porção de postes, ficava muito alta e como Noé, para evitar indagação e máos conselhos, não queria que o seu pessoal voltasse á terra, retirou a escada por onde subira, e ficaram todos os da Arca completamente isolados.

Mas imaginem que por um acaso singular tudo parecia desmentir as predicções de Noé. Como quasi sempre acontece antes das grandes tempestades, o tempo estava muito quente e lindissimo.

O sol esplendido e rutilante dardejava raios vivissimos sobre a planicie em que estava a Arca. Não havia no céo o menor signal de chuva. E o povo do logar vinha se reunir em torno da Arca fazendo troça, dando vaias em Noé. E diziam: — Olha aquelle maluco! Gastou tanto dinheiro, fez uma embarcação tão grande com medo da chuva!... Onde está a chuva, ó maluco!?

Os que estavam na arca ouviam aquillo... Alguns ficavam envergonhados, outros achavam que o povo tinha razão e censuravam Noé, suppondo que elle havia feito uma tolice. Os mais intelligentes ficavam indignados por ver tratar desse modo um sabio.

Só Noé ouvia tudo sem perturbar, interessado pelo exame constante do céo, observando a fórma das nuvens e vendo nellas os primeiros avisos da chuva colossal que se preparava.

Durou pouco a alegria do povo ignorante que fazia

quella luz e d'aquella belleza da abobada celeste. Os ignorantes não percebem essas cousas.

Foi o que aconteceu com os que riam de Noé. Estavam muito bem observando a Arca, quando de repente, no momento em que o tempo parecia mais seguro, começou a cahir uma chuva grossa e pesada, que foi alagando o caminho todo.

Toda a gente começou a correr espavorida e os da Arca, contemplavam-n'os com pena.

assuada, vaiando Noé, chamando-o de tolo por ter construido a enorme Arca e reunido nella casaes de bichos de todas as especies.

Esses tolos, como viam o céo muito azul e o sol esplendido, pensavam que Noé se tinha enganado nos seus calculos e chamavam-n'o de maluco, de velho tonto...

E' que elles não sabiam que aquelle céo lindo, tão claro, tão luminoso, aquelle sol tão rutilante, de uma luz tão forte, tão ardente, era o prenuncio de uma tempestade pavorosa. Muitas vezes nos acontece quando se está preparando uma tormenta, o tempo parece melhor do que nunca, só os que estudam astronomia e os que estão acostumados a observar o céo, podem conhecer a illusão d'a-

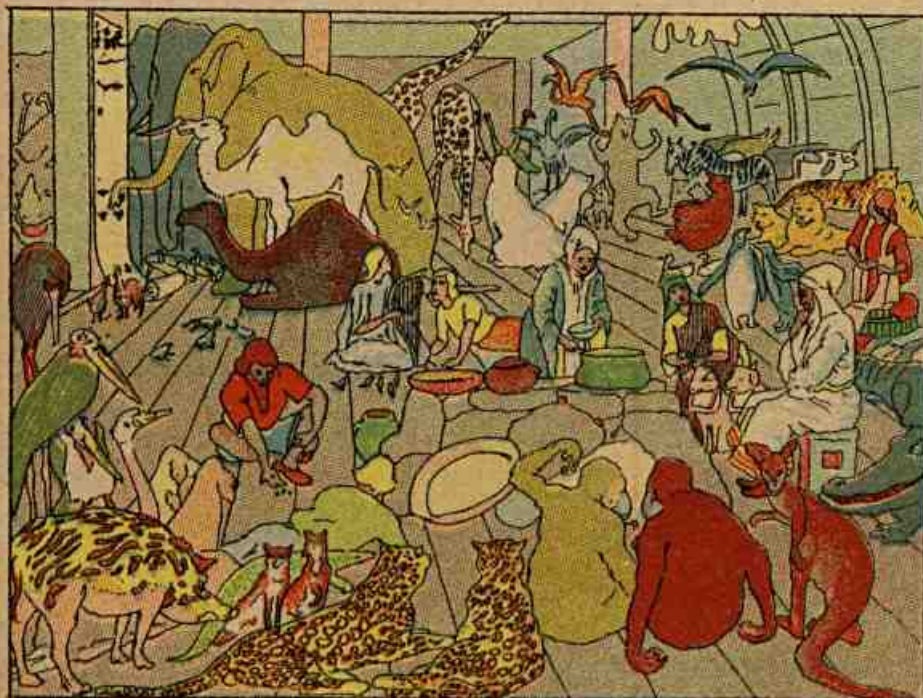
Até os bichos vieram para as janellas espiar a chuva e a gente que fugia.

Foi uma chuva tão forte, tão cerrada, que em poucas horas a planicie em que a Arca foi construida ficou transformada em uma vasta lagoa, e a colossal embarcação architectada pelo sabio Noé começou a boiar.

Deram-se então cousas espantosas. Admirados, aquelles bichos que nunca tinham andado embarcados, quando viram a Arca movendo-se em cima d'agua ficaram cheios de susto e muito afflictos.

Quasi todos enjoaram; os elephantes, leões e outros animaes de maior figura, ficaram cahidos, sem um só movimento. Um hippopotamo e um urso tentavam agarrar-se ao soalho com as garras e soltavam urros tremendos, cada vez que a Arca se balançava; uma girafa enorme e desageitada, procurava equilibrar o corpo sobre as pernas finas e batia com a cabeça no tecto, e os outros andavam por toda parte tontos, escorregando a cada passo... Os passaros esvoaçavam allucinados...

O proprio Noé, tambem afflicto, com o enjôo, não sabia a que attender por se sentir extenuado no meio de toda aquella desordem. Só alguns de seus filhos e especialmente uma de suas filhas, conservavam calma e procuravam melhorar a situação.

Não ha nada a que a gente não se acostume. O habito faz com que um organismo deixe de soffrer com circumstancias que a principio causam torturas horriveis.

Todos nós, quando embarcamos pela primeira vez, sentimos uma afflicção immensa porque estamos acostumados a viver sobre um terreno firme e estranhamos o movimento incessante do navio. A oscillação constante causada pela agua perturba as funcções do estomago e como o estomago tem grande importancia no corpo, essa perturbação causa-nos tonturas, dôr de cabeça, suores frios, uma agonia immensa.

Mas, depois, a gente acostuma e passa perfeitamente, porque o habito tudo consegue.

O mesmo acontece com todos os animaes e com todos os organismos vivos.

Assim, poucos dias depois, continuando a Arca a boiar, todos os que a habitavam foram-se acostumando áquella vida e começaram a passar calmamente os dias.

Todos os animaes ali presos andavam em perfeita harmonia e cada qual procurava se distrahir como podia, para passar o tempo.

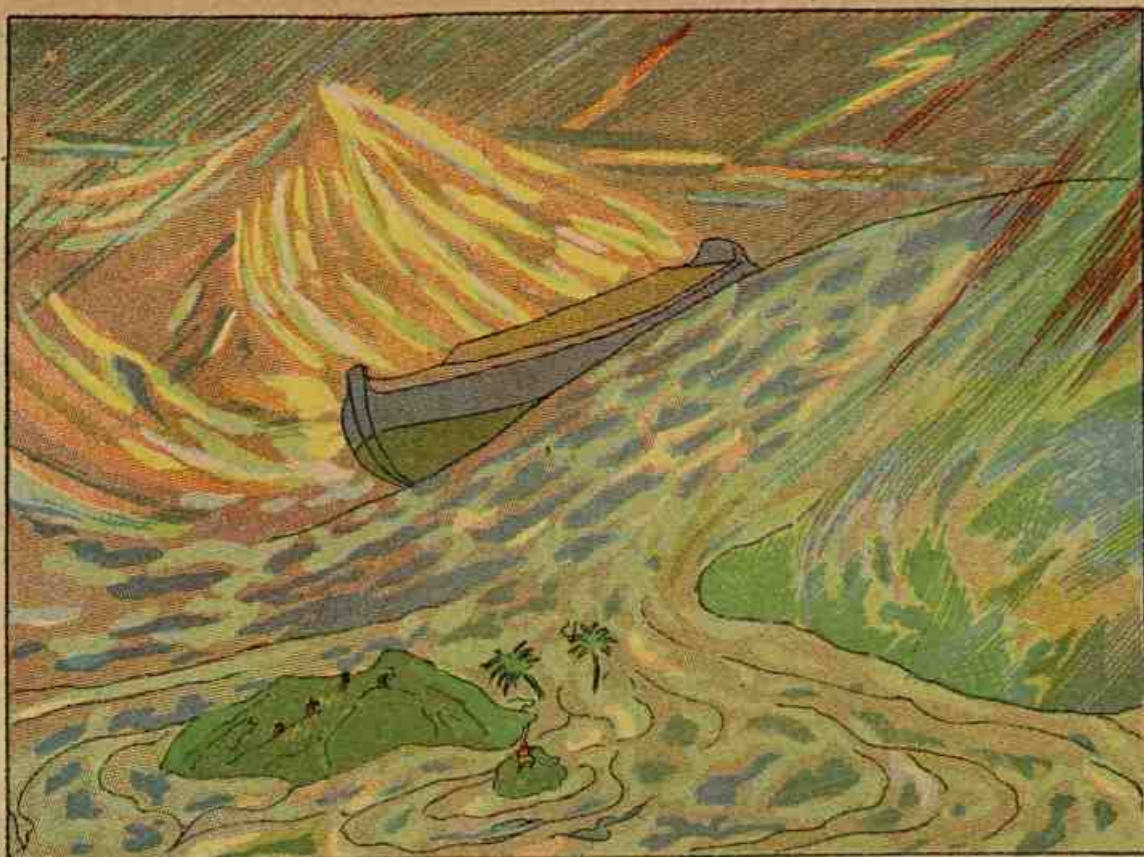
Só Noé persistia nas suas preoccupações e nos seus calculos scientificos, cheio de saudade pelos demais habitantes da terra que, por estupidez, não tinham tomado providencias para escapar ao diluvio.

Emquanto a vida corria monotona e aborrecida para os que iam dentro da Arca, lá fóra o tempo se mantinha em tempestade monstruosa, colossal, horrivel.

A chuva, que começára já forte e nutrida, continuou incessante, torrencial, augmentando cada vez mais, sem parar nem um instante.

Parecia que todo o céo, todas as nuvens, todas as estrellas tinham-se transformado em agua, que desabava inclemente sobre a terra, alagando-a.

No fim de 20 dias do Diluvio, pois assim se chamou essa chuva sem igual, toda a terra, inundada, estava transformada em um vasto lago.

Viam-se apenas, acima da agua, que tudo cobria, um ou outro pincaro das montanhas mais altas. E ahi se refugiavam os ultimos sobreviventes da humanidade, tentando fugir ainda ao perigo, que de todos os lados os cercava. Além de tudo isso, augmentando o horror d'aquelles dias calamitosos, desencadeou-se por todo o mundo uma trovoada terrivel, acompanhada de vendaval furioso e raios estrepitosos!...

Por fim, continuando a chuva sem cessar e com força, que ia cada vez augmentando, a agua que transformava o mundo inteiro num vasto mar, foi crescendo, crescendo até que cobriu a terra toda.

Os mais altos cumes das mais altas montanhas acabaram por ser tambem alcançados e cobertos pelas aguas. E todos os entes vivos que existiam no mundo ficaram

submergidos, salvando-se assim Noé e os que com elles estavam na Arca.

Esses, quando livres de tão grande perigo, não tiveram coragem de se mostrar alegres, tal o horror que lhes causou a idéa de que todos os habitantes da terra haviam morrido no Diluvio.

Ficaram impressionados com uma desgraça tamanha, preoccupados, reflectindo na sorte d'aquelles infelizes que pagaram tão caro a falta de tino, que pereciam de um modo tão triste por não serem precavidos, nem dar credito ao sabio Noé.

Além disso, até os bichos de toda a especie, que enchiam a Arca, pareciam preoccupados, inquietos, no meio d'aquelle mar sem fim e tomados tambem de terror.

Reuniram-se todos em torno de Noé e de sua familia, dando mostras da mais singular agitação. Os cães uivavam lugubremente, os leões faziam estremecer a Arca com rugidos espantosos, os bois mugiam, as cobras silvavam sem cessar, os ursos grunhiam, os carneiros baliam, emfim, todos os bichos gritavam num alarido de ensurdecer.

A chuva, que parecia sem fim, acabou por estragar o tecto da Arca e cahia lá dentro em grossos pingos, que ainda mais incommoda tornava a situação.

Foi um momento tragico esse em que a agua cobriu toda a terra.

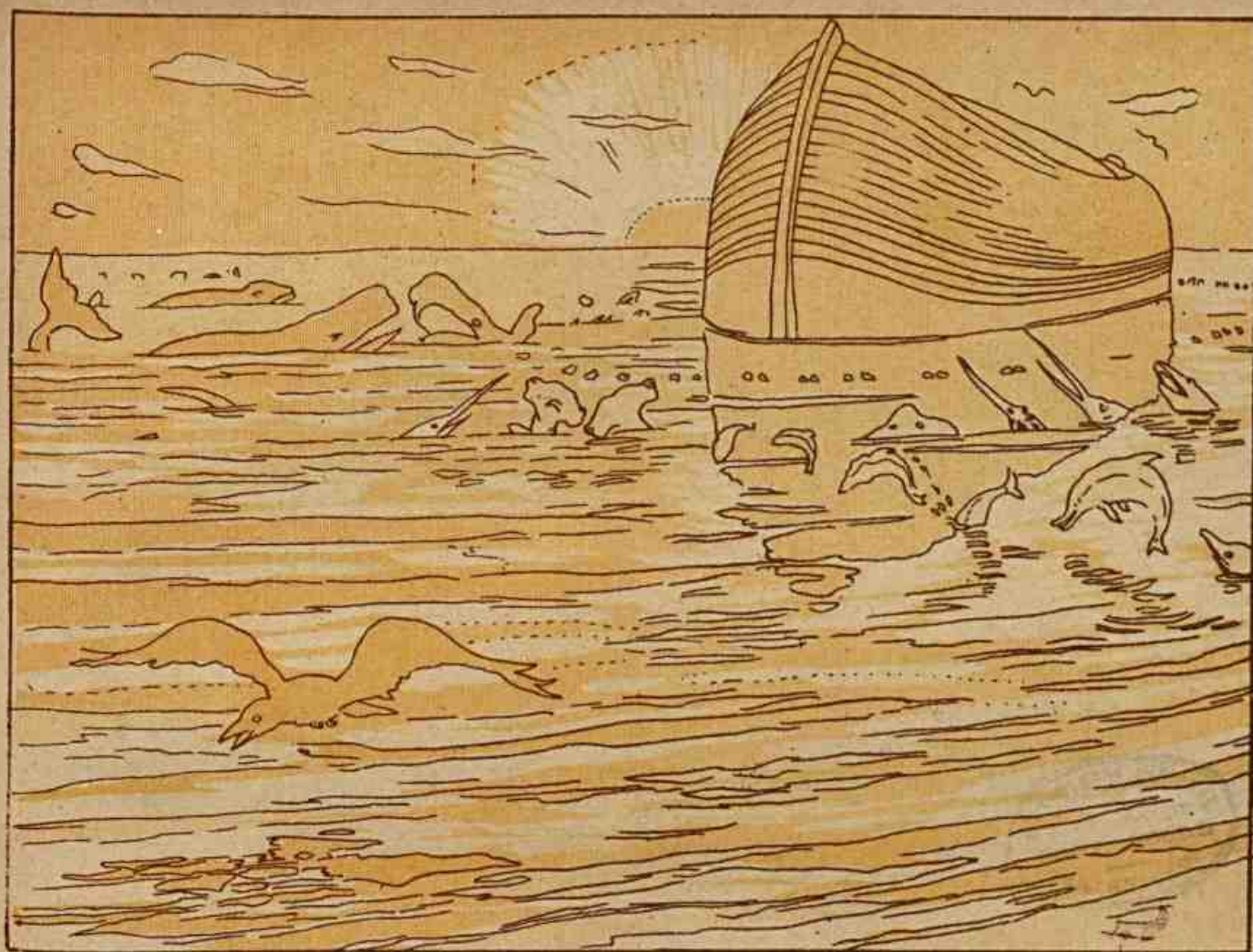
E já estava Noé preoccupado, inquieto com aquella agitação dos bichos de varias especies por elle reunidos para escaparem ao Diluvio quando se declarou a bordo da Arca um tumulto formidavel, indiscriptivel, pondo em perigo a vida dos companheiros de Noé, a segurança da Arca e até o resultado da empreza, que já tantos trabalhos lhe custára.

Imaginem que todos os animaes, já exaltados pelo aspecto aterrador da tempestade, acabaram possuidos de um terror louco... O ribombar dos trovões, o fulgor dos relampagos, o ruido constante da chuva fortissima sobre o tecto da Arca, a escuridão que as nuvens lançavam sobre a terra, ou para melhor dizer — sobre a agua que cobria o mundo inteiro — produziram nos animaes um effeito espantoso. Ficaram a principio apenas excitados como relatámos no capitulo anterior, mas depois, de repente, ficaram como doidos e sahiram a correr por todos os cantos atracando-se, travando combates monstruosos.

Os touros, bisons, cabras e veados desataram ás marradas; uma cobra enrolou-se num leão, que urrava, furioso; os elephantes com as trombas, os tigres com as garras, os jacarés com os dentes, os rhinocerontes com o chifre unico que têm por cima do nariz; todos, emfim, travaram lucta temerosa.

Até um gato se atracou com um porco.

E o sabio Noé no meio d'aquelle conflicto apavorante não sabia que fazer.

Afinal, continuando a chuva terrivel e pertinaz

durante quarenta dias e quarenta noites sem cessar, a agua subiu a ponto de cobrir até os mais altos pincaros das mais altas montanhas.

Toda a terra, o mundo inteiro ficou coberto d'agua, transformado num mar. Todas as pessoas e animaes morreram, salvando-se unicamente os que Noé tinha acolhido na Arca construida pela sua sciencia e actividade e precaução.

Ao fim de quarenta dias, finalmente, foi diminuindo a chuva, tornando-se mais escassa, até que cessou por completo e o sol resurgiu luminoso e ardente, illuminando aquelle deserto d'agua, onde a Arca fluctuava docemente impellida ao acaso pelo vento.

Em torno era tudo um mar sem limites, não se via nenhuma terra, nenhum ente vivo. Apenas algumas aves aquaticas atravessavam o ar com largo vôo e vinham-se acolher á Arca.

E no mar surgiam de todos os lados monstros e peixes de fórmas caprichosas, excitados com aquella pavorosa tempestade.

O facto do Diluvio ter sido assim como relatámos é que explica o facto de existirem ainda no mar animaes de proporção gigantesca, que já não existem na terra.

Os pentosauros, mastodontes e outros monstros terrestres dos quaes actualmente só ha esqueletos, que foram encontrados em logares desertos morreram todos no Diluvio e por isso se chamam animaes anti-diluvianos. Ao passo que a baleia, o esqualo, o cachalote, e outros monstros marinhos existem até hoje. Passaram-se muitos dias assim.

A terra, inteiramente coberta d'agua, era toda um dos no Diluvio e por isso se chamam animaes antidiluvianos.

Ao passo que a baleia, o esqualo, o cachalote e outros monstros marinhos existem até hoje.

Passaram-se muitos dias assim.

A terra inteiramente coberta d'agua era toda um vasto mar, no qual a Arca de Noé ia vogando ao sabor da brisa.

Por toda a parte agua, só agua, nem uma só creatura, nem um só animal vivo. Apenas passaros, muitos passaros que não encontrando onde pousar naquelle mar sem fim, vieram todos se acolher á Arca.

Foi isso mais um dos graves incommodos do sabio Noé, porque a embarcação foi invadida por muitas centenas de aves de toda a especie — de todos os tamanhos, aguias, condores, albatrozes, garças, pelicanos, andorinhas, rouxinóes, papagaios, araras, até tico-ticos, encheram a Arca, pondo tudo em sobresalto.

Vinham todos esfaimados, cansados de voar por muito tempo.

Mas, afinal, um dia em que o sol estava mais radiante e o céo mais azul do que nunca, ia a barca deslisando pelas aguas sem que Noé pudesse imaginar em que ponto do mundo se achava, quando de repente appareceu mais um passaro, uma pombinha delicada e graciosa.

arvores. Noé sentiu uma alegria immensa, e desde este momento o ramo de oliveira ficou sendo considerado um signal de paz, porque o apparecimento de um galho dessa arvore na Arca de Noé foi o signal de que havia cessado a furia dos elementos.

O apparecimento da pombinha alegre e fatigada, com um galho de oliveira no bico, causou alvoroço indiscriptivel entre todos os passageiros da Arca.

Mas essa linda ave não parecia fatigada, trazia no bico um raminho verde, um ramo de oliveira, a arvore que dá azeitonas.

Todos os habitantes da Arca correram, tremulos de alegria, para contemplar aquella novidade.

Até os bichos contemplaram a scena com espanto.

A pombinha trouxra um ramo de arvores.

Isso era prova de que as aguas já não cobriam o mundo inteiro, era prova de que já havia alguma terra descoberta, porque só em terra póde haver

Ha tanto tempo aquella gente vivia cercada de agua perigosa e ameaçdora sem ver um galho de arvore, um galho verde!...

Até os passaros e os animaes, que se alimentavam de hervas como os bois, cabras, cavallos, etc., que por isso são chamados herbivoros, até esses ficaram jubiloos e encantados com o aspecto d'aquellas verdes folhinhas que lhes recordavam a terra firme e animada, a vida feliz de outr'ora.

A' vista desse indicio tão cheio de esperança, Noé comprehendeu que a desgraça tivera fim, que o Diluvio terminara, que a terra voltava ao encanto e á fertilidade.

Não podia haver duvida de que as aguas, entranhando-se na terra e evaporando-se ao calor do sol, tinham de certo baixado já a ponto de deixar descobertas algumas montanhas e outros pontos altos da terra.

Mas onde estaria agora a Arca?

Durante cerca de dois mezes a enorme embarcação andava vogando sobre as aguas, sem que se pudesse ver para onde ia porque de todos os lados, pelas vastidões

dos campos, que se estendiam além, só se avistava um lago sem fim. Assim, foi com o coração palpitante que Noé encontrou uma escada á escotilha, que estivera fechada desde o começo da chuva, e abriu-a cautelosamente para observar o estado do tempo e o logar em que se achava.

Estava, com effeito, proximo, o fim da tragedia horrivel, a volta da vida á terra por tanto tempo desolada, anniquilada, submergida, pelas aguas implacaveis.

Cessando a chuva e reapparecendo o sol radioso e ardente, as aguas começaram a descer rapidamente. A cada dia iam apparecendo os cimos de novas montanhas, valles inteiros.

Mas tudo em estado desolador.

Por toda a parte a inundação diluvial tinha devastado a superficie da terra.

Felizmente, o sol parecia um symbolo da vida intensa, poderosa e fecunda, irradiando pelo mundo.

A barca foi vogando, vogando até que o abaixamento a fez encalhar sobre o monte Ararat.

Noé esperou mais tres dias e, quando em torno da Arca se abriu um largo circulo de sólo enxuto, desembarcou com sua familia e seus criados.

A passarada, que estivera por dois mezes prisioneira na colossal embarcação, partiu logo em alegre vôo, enchendo o ar de animação e bulicio.

Então, Noé, abrindo a porta principal, soltou a bicharia innumeravel.

Sahiram todos radiantes com a liberdade e o movimento, manifestando o seu jubilo em saltos, travando luctas, a brincar, como para festejar a resurreição da terra.

Só Noé, no meio dessa satisfação geral, contemplava, mudo e preoccupado, o immenso campo vazio, o tremendo espectaculo do mundo deserto.

Desembarcaram, então, todos, e nesse momento, no ar, muito claro, a luz do sol reflectiu as aguas empoçadas, formando no céo o aspecto deslumbrante do Arco-Iris.

O espectaculo era de uma tal belleza, revestia de

um caracter tão festivo a terra resurgindo do Diluvio, que todas as creatruas, tomadas de alegria inquieta, se exaltaram, como loucas de prazer.

Os animaes espalharam-se pelo campo, tomando novamente posse da terra, radiantes por tornar a vel-a.

Os bichos de grande estatura, acostumados a viver nos bosques, partiram logo, de olhar attento, á procura das grandes arvores e da sua sombra amena.

Os animaes aquaticos banhavam-se com delicia nos regatos, que por toda a parte corriam jovialmente. Os animaes mais acostumados a viver junto aos homens, agruparam-se em torno dos criados de Noé, que arranjavam o primeiro acampamento em terra, após tão longos dias de navegação forçada.

E havia em todos uma satisfação tão grande, que homens e animaes começaram a dansar, jubilosos de pisar finalmente terra firme.

Era muito grande a alegria, mas não era possveil continuar eternamente assim esta festa em torno da Arca.

Noé juntou os seu amigos, parente e servidores e disse-lhes que era preciso recomeçar a existencia e que a vida tem obrigação.

Terminou o Diluvio—disse o velho sabio — voltemos ao trabalho, ao estudo, porque só elles nos podem fazer felizes. Não se esqueçam de que foi devido aos meus estudos e ao trabalho dê todos, construindo a Arca, que conseguimos nos salvar da calamidade universal.

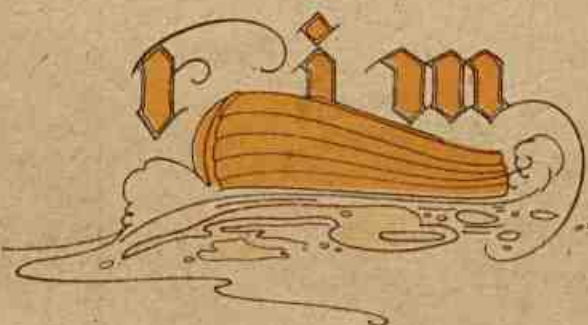
Agora o mundo ahi está de novo livre das aguas, bello e cheio de riquezas.

Pertence-nos, mas para que possamos gosar os seus thesouros é preciso trabalhar, é preciso estudar para aprender a aproveitar as forças da natureza, é preciso esforço constante e energico para obter conforto e ventura.

Os mais sabios, os mais trabalhadores serão os mais felizes. Vamos! Que cada qual conquiste a sua vida e aquelle que mais se esforçar será o mais feliz.

Assim falou o velho Noé e assim tem sido até hoje.

O mundo pertence aos laboriosos, aos sabios. Só esses sabem prever o futuro, evitar as desgraças, cercar a sua existencia de conforto e tranquillidade. Só esses gosam verdadeiramente a riqueza do mundo, prestam serviços aos seus semelhantes e vivem reputados.

Assim tem sido e será para todo o sempre.

# O NOVELLO DE PRATA

**Conto de Carlos Manhães**

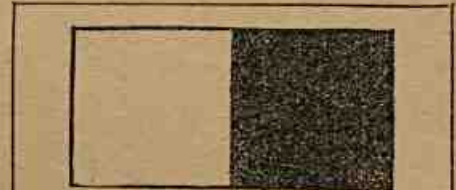
No principio do mundo todos os habitantes da Terra cultuavam, mais do que qualquer outra virtude, a bondade. O coração das fadas, das princezas, dos principes, dos genios, dos animaes, emfim, era um cofrezinho de pureza onde o odio e a malquerença nunca entraram. A Felicidade, pastora querida dos rebanhos da Terra, só tinha afagos e sorrisos para distribuir aos cordeirinhos mansos que Deus Nosso Senhor, em fórma de gente e em fórma de bichos, espalhara pelo mundo. Todas as tardes, quando as trevas da noite cobriam a Terra e o silencio pairava sobre a creação, a fada Felicidade ia dar conta a Nosso Senhor dos feitos de bondade dos seus apascentados. E Deus Nosso Senhor premiava, dia a dia, a bondade dos povos da Terra distribuindo fartas messes de ventura. Hoje era uma chuva de flores que vinha perfumar os campos e as montanhas; amanhã a musica dos gorgeios das aves; depois a luz dourada e aquecedora do Sol... Um dia, Deus Nosso Senhor, como premio á pureza do rebanho terrestre, soltou no espaço um enorme novello de prata, a que todas as fadas deram o nome de Lua. E toda a Terra fremiu de alegria intensa ao ver boiando nos oceanos do céo a maravilhosa bola de prata. E braços se agitaram no ar, pedindo fios do novello de luz. E Nosso Senhor, ouvindo a solicitação, fez que da Lua partissem em direcção á Terra raios finissimos de luar prateado. Colhendo-os entre as mãos cubiçosas, as fadas os espalharam pelos mantos, os principes pelos copos das espadas, os genios pelas longas barbas. E todos, encantados pelo argenteo ornamento, tornaram-se vaidosos e não deixaram, um dia siquer, de se mirar no espelho das aguas dos lagos e dos rios.

Só a aranha, um dos menores cordeirinhos do rebanho da Terra, soube poupar os fios de prata que a Lua lhe deu. Não se ataviou com elles nem foi se mirar no espelho das aguas. Guardou-os com cuidado e todos os dias toma-os delicadamente e vae tecer a teia prateada e finissima, com que ha de fazer um manto para cobrir os cabellos de N. Senhora.

# NOSSOS OLHOS NOS ENGANAM

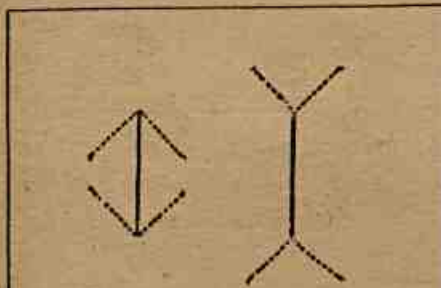
Todos vocês sabem que quando se quer salientar a incredulidade de alguma pessôa chamamol-a de São Thomé. E' que esse santo tinha o habito, aliás muito louvavel, de não acreditar senão naquillo que visse. E' que o bom santo não sabia que nem sempre devemos acreditar naquillo que vemos. A nossa visão das cousas nem sempre é perfeita. Ha sempre um defeito de visão, um erro, capaz de nos levar a affirmações que não traduzam a realidade. A prova do que affirmamos está nos exemplos que se encontram nesta pagina:

Um destes grupos de linhas parece ter mais altura do que largura, o outro parece ter mais largura do que altura, ambos, porém, são iguaes

Acompanhando a posição do Sol, de manhã á tarde, todos têm a impressão exacta de que esse astro caminha no espaço. E' uma illusão dos nossos olhos. A Terra é que se move, todos sabem

Qual das duas partes deste cartão é a maior? A nossa vista não hesitará e responderá logo que é a branca. Tal parece ter mais largura do que altura. Ambos, porém, são iguaes

Olhadas de longe, as montanhas cobertas de vegetação parecem aos nossos olhos azuladas, cinzentas. Vistas de perto são verdes, têm vegetação. São as grandes camadas de ar postas entre ellas e nossos olhos que as fazem azues

Vão tres pessoas caminhando neste tunnel. Olhando-as qualquer pessoa dirá que a maior é a do soldado. Engano. O soldado é a menor das tres figuras, sendo a maior a da pequenita que segura o arco

O viajor caminhando pelas aridas regiões do immenso Sahara descobre de longe oasis que nunca chegam a ser por elle attingidos. São as illusões, as miragens enganadoras que lhe assaltaram a visão

Qual destas linhas é a maior. A linha preta da direita parece mais comprida do que a que está á sua esquerda. Tal não se dá, no entanto, ambas são rigorosamente iguaes

A' janella de um carro de estrada de ferro, em viagem, temos a impressão de que o solo corre num sentido inverso do que caminha o trem. O que succede, todos sabem, não é o que os nossos olhos vêem

Esta gravura prova-nos como um circulo póde parecer um polygono, com lados e angulos. Os circulos pretos, se os olharmos fixamente parecerão hexagonos regulares, comtudo cada um delles é um circulo perfeito

As illusões de optica levam muita gente a dizer que uma cousa é certa quando a mesma é errada

Dê-se á pagina um movimento de rotação para a nossa esquerda: os circulos simples parecerão rodar rapidamente para a esquerda, ao passo que os demais voltam-se vagarosamente em sentido opposto

Enganadores embora, são os olhos que nos fazem sentir as bellezas inauditas da Natureza maravilhosa

# OS GRANDES MESTRES DA PINTURA ANTIGA

Nas pequenas notas que se seguem encontrarão os leitores ligeiras biographias dos mais afamados mestres da pintura antiga.

VAN DYCK — Nasceu em Amsterdam segundo uns historiadores, e em Antuerpia, segundo outros, no anno de 1680. Foi pintor da côrte da Inglaterra e deixou varios retratos de valor. Estudou a arte da pintura com o grande Rubens.

Van Dyck — Rubens — Correggio

RUBENS — Foi o mais illustre dos pintores flamengos. Nasceu em 1640 e em todos os seus quadros ha um vivo colorido que arrebata, traçado com fortes tintas que eram levadas á tela pelo artista, por grandes e longos pinceis.

CORREGIO — Pintor italiano dos mais illustres, nasceu no anno de 1494. E' justamente considerado como o artista que melhor traduziu os segrêdos da luz na tela.

á admiração do mundo. A **Ceia do Senhor** é um maravilhoso quadro do pintor italiano. O colorido que dava a seus quadros nunca foi igualado.

TIZIANO VECELLIO — O TICIANO — Foi o grande pintor da côrte hespanhola no tempo de Carlos V. Entre seus quadros, dois ha que immortalizaram seu nome — **Venus** e **Jesus e a moeda do tributo.**

RAPHAEL SANZIO — Nasceu na Italia no anno de 1483 e, ao par da pintura, dedicou-se á esculptura e á architectura.

As galerias do magestoso palacio do Vaticano guardam verdadeiras obras primas de pintura alli deixadas pelo insigne Raphael Sanzio, A **Madonna della seggiola** é uma dessas obras primas.

Leonardo Da Vinci — Tiziano Vecellio — Raphael Sanzio

Velasquez — Rembrandt — José Ribera

O **Nascimento de Jesus** é um quadro celebre de Correggio.

LEONARDO DA VINCI — Nasceu nas visinhanças de Veneza no anno de 1452 e foi um dos homens mais illustres do seu tempo. Pintor, esculptor, engenheiro, inventor, em todas essas modalidades impoz-se Leonardo Da Vinci

Gainsborough

Murillo

Turner

VELASQUEZ — Nasceu no anno de 1599 e foi o maior pintor nascido na Hespanha. Seus quadros enriquecem as paredes dos palacios da Hespanha.

REMBRANDT — Nasceu em 1609, na Hollanda e, filho de um moleiro, foi sempre pobre. Suas telas, quasi todos retratos, são celebres pela viva expressão das figuras que nellas se vêm.

# CONTO DE NATAL

*Era um sapato muito velho, com a bocca aberta num sorriso desdentado, um triste sorriso acanhado de sapato pobre, que sorri humildemente, como a pedir desculpas de viver, de ainda ser alguma cousa entre os sapatos.*

*Com os seus dedinhos fracos, desageitados, lá ia Maria Elisa dando uns pontos muito grandes, fechando trabalhosamente aquelle sorriso, tranformando-o, aos poucos, num rictus de immensa tristeza.*

*A physionomia dos sapatos...*

*Aquelle sapatinho era muito velho, mas era enorme a sua superioridade sobre os sapatos novos, incaracteristicos.*

*Tinha um ar maguado, resumava da sua personalidade o que quer que fosse que exprimia um grande soffrimento.*

*Levara annos calçando uns pésinhos maltratados, pés que andavam quasi sempre nús, e que a poeira das ruas, o attricto dos seixos, o cansaço das longas caminhadas haviam tornado feios e callosos.*

*E ao contacto daquelles pésinhos miseraveis, os sapatos foram perdendo o ar lustroso e asseado trazido da loja, e irmanando-se com a sua desgraça.*

*Era vespera de natal e Maria Elisa tinha esperança de que o menino Jesus lhe trouxesse alguma prenda.*

*O anno passado, ella fôra esquecida. Chorara muito. Mas consolara-se. Jesus, provavelmente, não tivera tido tempo: eram tantas creanças a attender!*

*Mas este anno, quem sabe, talvez chegasse a sua vez.*

*Passou na estrada um menino.*

*— Que fazes ahi? perguntou-lhe.*

*— Concerto meu sapato; assim furado, póde perder o que o menino Jesus me trouxer.*

*— Então vaes ganhar um presente?*

*— Eu? Pobre de mim, si nem sapatos tenho!*

*Maria Elisa sentiu uma grande pena daquelle menino. Coitadinho, então ainda era mais pobre do que ella!*

*— Olha, tenho dois sapatos, si queres, dou-te um.*

*O menino acceitou e continuou o caminho.*

*Maria Elisa não podia adormecer, na vespera emocionada do presente de natal.*

*A' meia noite, pareceu-lhe ver que o quarto se illuminava. A claridade foi augmentando e ella distinguiu um menino, vestido de ouro, com uma grande estrella na cabeça.*

*O coração começou a bater-lhe.*

*O menino approximou-se. Atraz delle, como um creado, vinha um velho de longas barbas, trazendo ás costas um grande sacco, deixando entrever, pela abertura, cousas fascinantes, de que devia estar cheio: bonecas, palhaços, trens de ferro, pacotes de balas...*

*A um signal do menino, o velho começou a despejar aquillo tudo aos pés da cama.*

*Maria Elisa quiz falar, mas a admiração e a alegria eram tantas que lhe tolhiam a voz.*

*E, encarando melhor o menino, reconheceu nelle o pobresinho com quem partilhara o seu unico par de sapatos.*

CHRISTOVÃO DE CAMARGO

---

JOSÉ RIBERA — Nasceu na Hespanha no anno de 1588 e morreu em Napoles. Foi um pintor realista de merito incontestavel.

GAINSBOROUGH — Nasceu na Inglaterra em 1756 e pintou retratos admiraveis de homens e lindas mulheres.

MURILLO — Bartholomeu Estevão Murillo nasceu na Hespanha em 1617. Foi inexcedivel nas Virgens da Conceição que pintou em grande numero.

TURNER — Nasceu na Inglaterra no anno de 1775 e dizem que foi a artista que "roubou os raios do sol e transportou-os para suas telas."

# Estréa desastrada

Não sei porque me assaltou agora a idéa — a bonita fatiota que me fizeram presente quando completei meus oito annos...

Um primor, aquella jaquetinha côr de óca, acompanhando calcinhas verdes, salpicadas de pintinhas pretas e orladas com biquinhos de renda branca.

Lembro-me que a D. Benta, uma perita doceira, nossa vizinha ao lado, que me estimava muito e sempre me abarrotava de beijos e doces, assim que me viu, bateu palmas, exclamando alvoroçada:

— Como está encantador este diabinho!... Parece mesmo um anjinho de procissão!

E eu, — como era natural, — sahi d'ali orgulhoso e teso, a correr de alto a baixo a rua em que morava, para fazer os outros meninos, meus companheiros de brinquedos, arrebentarem de inveja.

Satisfeita a vaidade, ao regressar á casa, a passos medidos, como quando andava de espada de páo ao hombro, na frente do batalhão dos *soldados* da minha idade, marchando ao som do *Rato na Casaca*, fui mirar o effeito do meu todo em frente do espelho. Achei-me tão varonil e marcial, que pedi para ser retratado.

Fizeram-me a vontade e ainda hoje conservo o quadro, no logar de honra da minha sala, e posso garantir, — ai! de mim! — que estou muito mudado, muito differente, — de cara e corpo, — do que era nesse alvorecer da minha recuada adolescencia...

Esta recordação prende-se á outra:

Ao voltar do retratista, annunciaram-me que tinhamos entradas para o espectaculo da noite.

O espectaculo!...

Eu nunca tinha ido ao theatro, mas em meus sonhos infantis sonhava sempre com aquillo. Possuia immensos desejos de ver, observar o que ouvia contar dos actores e das actrizes, — esses entes privilegiados que sabiam com facilidade mudar as physionomias dos espectadores, — ora pondo-lhes os olhos em pingadeiras de lagrimas, ora transformando-lhes as boccas com gargalhadas bulhentas como morteiros em festa...

Quando subi as escadas do velho casarão (velho hoje, naquelle tempo radiante de mocidade), enrolado na capinha côr de pinhão, que me protegia da friagem e do sereno, levava o coração a palpitar de curiosidade.

Senti-me deslumbrado por tudo quanto meus olhos viam: — a quantidade de lampeões de kerozene, com luz enfumaçada; o gigantesco lustre que descia do centro; o immenso panno de bocca representando figuras mythologicas; a variedade de figurinhas e figuronas, nos camarotes, com caras antigas e novas, bonitas e feias, cheias de caiação e brilhantes, a chamarem a attenção com o agitar dos leques; a infinidade de sujeitos, muito graves, lá em baixo, de pé, com os elegantes binoculos em punho, guardando os logares (nessa época era contra a etiqueta irem senhoras para a platéa), tudo me causou espanto, abalo, uma embriaguez indescriptivel.

Com as pupillas dilatadas, não querendo deixar escapar nada, mirava tudo, levando a vista aqui, ali, numa fascinação delirante de curiosidade intima.

Indignei-me quando a Joanna, — uma santa creatura que me ajudou a crear, — segredou-me ao ouvido:

— O' menino, tenha cuidado, não vá dormir...

Insensata advertencia. Dormir? Eu?! que todo meu desejo era que aquella noite fosse interminavel para poder, com segurança, fócar na imaginação as scenas inéditas que se iam desenrolando deante de mim.

Não demorou a abertura, finda a qual ouviu-se o trilar de um apito, — como se estivessem a chamar a policia, — e em seguida ergueu-se a immensa parede de lona.

Representava-se o *Anjo da Meia Noite*.

Oh! *Anjo da Meia Noite*, como tu me ficaste gravado na imaginação, até hoje, que faz uma comprida enfiada de annos!

Quando regressava do theatro, vinha pezaroso por ter acabado tão cedo, — eram apenas duas horas e o drama só tinha um

prologo, cinco actos e não sei quantos epilogos!...

Não dormi o resto da noite e no dia seguinte, — a todos que me encutavam sorrindo, — dizia que a minha carreira estava escolhida, meu destino traçado: — não queria ser banqueiro, nem sapateiro, nem ministro, nem barbeiro, nem Deus nem o diabo! Queria ser comediante, um artista laureado, para arrancar da multidão applausos e lagrimas, — como tinha visto os outros fazerem.

Assim foi o tempo desdobrando a marcha veloz. Aos domingos, reunia os collegas da escola, e as colchas e tapetes pegavam fogo. Improvisava theatro na varanda, e não ficava nada no logar: — mesas e cadeiras, cobertores e alguidares, vinha tudo para a scena!

Dinheiro que me davam para gulodices era logo applicado em comedias, que lia com attenção, decorava com facilidade e guardava com respeito.

Eu era filho unico nesse tempo e andava nas palminhas da familia, não me faltando mimos e consentimento para fazer as travessuras que entendesse.

Depois de uma noite de espectaculo, era contar que levava dias, semanas, a recitar monologos, em altos brados, com gestos meus, accionados, inventados por mim, numa gesticulação de moer braços e estafar pulmões!

Escrevi sem cansar. Já estavam promptos tres soberbos dramas, a *Sardou;* seis excellentes comedias a *Labiche*, e uma excellentissima tragedia, — que eu dizia ser, — no entrecho e no *arrepio*, — muito acima das do *Chá que espirra!* Tanto a fertilidade como a inspiração eram tão robustas, que até me custava a lhes aguentar o peso!

Nesse tempo, installou-se uma sociedade num velho galpão, que foi mais tarde cocheira e é, hoje, um templo maçonico onde, — segundo consta, — se fala com o diabo á meia noite!...

Ahi assisti aos *Seis degráos do crime* e a *Nova Castro*. A immortalisada Ignez de Castro, — a que depois de morta foi rainha, — era desempenhada pelo Virócas, um geitoso sacristão que já fazia a barba e falava grosso, — mas encobria bem o sexo com a sua saia de setim roxo e blusa de malha azul, adornada de variadas fitas, que, mal comparado, parecia a bandeira do Divino, quando anda em peditorio! Podia-se ver por gosto. Os outros eram franganotes de quinze a dezoito annos, — mais *homens* do que eu, que regulava os meus doze.

Muitas vezes assaltaram-me impetos de ir a elles e fazer-lhes sentir que eu era actor, — ainda em embryão, é verdade, — mas se quizessem tirar a prova, me dessem papel numa peça para verem como se representava bem, e que, não sendo egoista, estava prompto a indicar-lhes novos processos de segredos scenicos descobertos por mim. Tinha certeza de deixal-os assombrados, mas me retrahia, enchendo-me de acanhamento e vergonha de offerecer-me como se fosse uma mercadoria qualquer. Os grandes genios devem ser assim: — procurados, nunca offerecidos.

Afinal, meu ideal, minha ambição, converteu-se em realidade. Fundámos theatro, mas theatro direito, com panno, scenarios e até com buraco para o ponto!

Não tinhamos pretenções de fazer confronto com o *Scala*, de Milão, o *Real*, de Madrid, ou a *Opera*, de Paris.

Era mais modesto, muito mais modesto, — mas deve-se começar pelo principio.

O nosso *templo de arte*, erguia-se na parte baixa da casa que habitava minha familia. Um rico porão, amplo, largo, onde, — sem exaggero, — cabiam quarenta pessoas. Era pouco publico para apreciar a aurora de um talento que desabrochava, mostrando os raios do seu esplendor... mas antes isso que nada.

O pintor foi um parente meu, tão habil na broxa como eu no palco. A decoração do panno não se entendia, mas as côres eram de primeira. Os arabescos vivos, bizarros, confundiam-se, embaralhavam-se de fórma a encherem logo a vista. Os bastidores foram confeccionados por um aprendiz de sapateiro, que tambem era amador. Obra asseiada, feita com elegancia e capricho, tendo apenas um defeito: — as portas ficaram estreias e chatas, — só se podia entrar de esguelha e de pescoço encolhido.

Faltava musica, mas não me apertei: — sempre fui de emprehendimentos largos e tirões de arrojo. Venci o obstaculo, comprando um assobio, arranjando um tambor e pedindo emprestado um realejo. Este terceto reunido em sociedade, cada um no seu papel, — a soprar, a rufar, a moer com geito, embora não fosse no passo do compasso, era impossivel que não acordasse accordes que estivessem de accordo com a

harmonia usada nas philarmonicas de nome. Eu era o ensaiador e tinha escolhido a melhor producção para essa estréa, em que ia completar-me, immortalisando-me como actor e autor, de excepcional aptidão.

Chegou o dia desejado, — as quatro da tarde de um bello domingo de Novembro. Dia memoravel, tão glorioso, que mais tarde cubiçaram a mesma data para proclamar a Republica no Brasil.

Estava tudo á cunha, cheio, atulhado de rapazes de todas as idades, alguns ainda de perna á vela e outros tão ingenuos, que traziam calções inteiros abertos por detraz, — que tinham sido convidados com mezes de antecedencia.

O ingresso era barato e franco, cem réis por cabeça, — mas quem viésse sem verba tambem podia entrar com a condição de dar palmar e atirar flores.

Tudo estava disposto da melhor fórma possivel: o recinto ostentava um aspecto encantador, com os requisitos que exige o bom gosto e impõe uma sala de espectaculo.

Para a cousa ser completa e conservar a linha, o bello sexo se fazia representar por umas quantas mestiças, — crias e criadas de familias matrimoniadas, que moravam por ali perto.

A symphonia, — parece incrivel, — não agradou! Trocaram o silencio commovente, —que era de justiça,—pelo rumorejar vago e surdo, prenuncio de tempestade proxima.

Cheirando-me aquillo a desaforo, vim á scena, já pintado e barbado, e com este verboso discurso, impuz a ordem:

— Isto aqui é casa séria e quer-se respeito e bico calado. Quem não estiver satisfeito é rodar nos calcanhares e levar o corpo ao fresco.

Produziu effeito, calaram-se, retirei-me e o panno em seguida, lentamente foi subindo, — sem pegar, — como manda a regra.

Eu era o primeiro que apparecia. Genial figura! Longas barbas, — arranjadas de um pellego velho, — meias azues da Joanna e uma camisa nova, mas encardida, que me emprestára a cozinheira. Tudo isto transformára-me num personagem esquipatico, de envergadura estrambotica, bem caracterisado! Para *Sultão*, só me faltava o turbante, que fôra substituido por uma barretina vermelha, — respeitavel reliquia que pertencera a um dos meus antepassados.

Desci a rampa, altivo, passos largos, catadura sombria e erguendo o braço, com o pé de todo esticado para os vigamentos do fôrro, comecei, ao som pianissimo do realejo, a entoar, com voz redonda e grossa, voz de baixo profundo, uns versos languorosos, cheios de *ooo* e *aaa*, que andavam em moda, que vinham a proposito e que com muito aproveitamento eu accommodára na peça:

> Cupido quando nasceu
> tres beijos á mãe pediu...

Ainda não tinha alcançado a metade da decima quadra, quando, em logar da chuva de applausos, que era de esperar, desabou um alarido, que foi crescendo, subindo, até se transformar numa balburdia infernal, acompanhada de batidellas de pés e uma berrata de fóras e assobios, que parecia querer acordar os alicerces do porão! E no meio da confusão, ouviam-se palavras inconvenientes, malcreadas e insultosas: — que aquillo era longo e não prestava, que as meias indicavam *dias santos grandes*, que a camisa estava de luto pelo sabão... e não sei mais o que...

Parei assombrado, a medir com firmeza melodramatica a turba, com os nervos em pé e as arterias a papejarem.

Depois, — não sei como aquillo foi, — numa transição de furia, aquella mesma que fez de Alexandre um assassino, (vide Simão de Nantua), simulei uma sahida falsa e com o sangue fervendo, a tramontana desnorteada, passei a mão num *sceptro*, — que era um cabo de vassoura, — e arvorado em revolucionario, levando os companheiros a reboque, dispostos a morrer ou vencer, corremos com o auditorio em massa pela porta afóra!...

Foi um cae aqui, e ali levanta, pavoroso. Uma gritaria, um bate pé e treme terra, como não ha exemplo de outro igual em historia publicada... nem mesmo por publicar!

Quando voltei, alagado, mas triumphante, — a brandir a arma victoriosa, vieram chamar-me ás pressas.

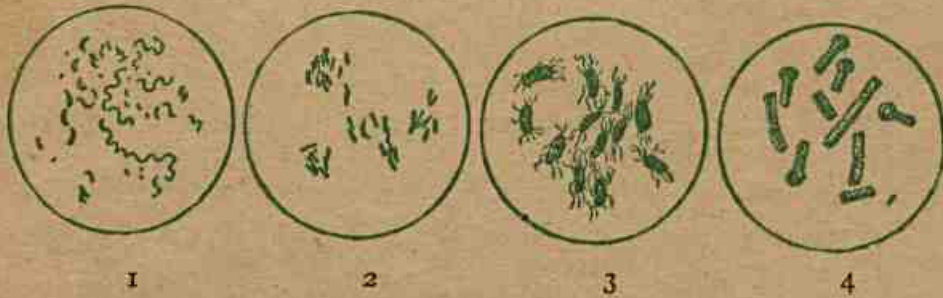
Um revés nunca vem só.

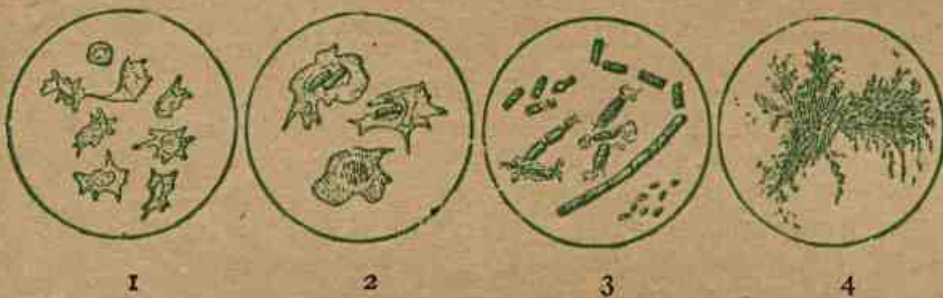
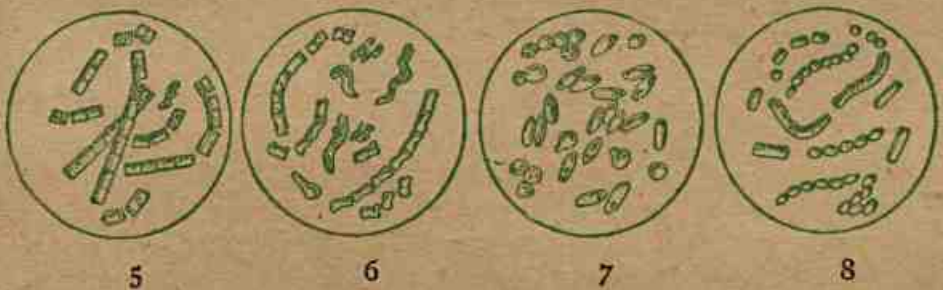
Umas senhoras, de carnes frouxas e folego curto, que estavam de visita á minha familia, com a barafunda, desaparafusaram os nervos, imaginando a casa envolta em chammas, e começaram aos gritos, que foram acabar em desmaios!...

Tive de sahir a toque de caixa, em procura de medico, ainda theatralisado a zarcão e zebrado a rolha queimada!...

A miuçada que se reunira em grupos,

# OS EXERCITOS INVISIVEIS DOS MICROBIOS

MICROBIOS NOSSOS INIMIGOS

1) *Microbios do cholera.* 2) *Microbios da tuberculose.* 3) *Microbios da frebre typhoide.* 4) *Microbios do tetano. Todas essas gravuras têm mil vezes o tamanho real do microbio.*

MICROBIOS NOSSOS AMIGOS

1) *Phagocitos, microbios que vivem no nosso sangue e o conservam são.* 2) *Os mesmos microbios devorando outros, que nos são damninhos.* 3) *O crescimento de um microbio.* 4) *Uma colonia de cultura de microbios.*

5) *Microbios que azedam o leite.* 6) *Microbios que produzem o alcool.* 7) *Microbios que fazem o vinagre.* 8) *Microbios que auxiliam a fazer o queijo. Sem esses microbios não poderiamos viver.*

O nosso corpo, o corpo de qualquer animal, é habitado por milhões de seres vivos, pequeninos, invisiveis a olho nú, chamados microbios. Esses seres vivos tanto servem para nos causarem doenças como para nos conservarem a saude. Ha alguns dotados da inestimavel virtude de annular a acção, de outros microbios malignos, emquanto ha outros, que, não encontrando inimigos, microbios tambem, capazes de os vencerem, tornam-se senhores absolutos e corroem o corpo onde habitam. Nas gravuras desta pagina vocês podem conhecer tanto, alguns dos microbios amigos como tambem, dos inimigos do homem.

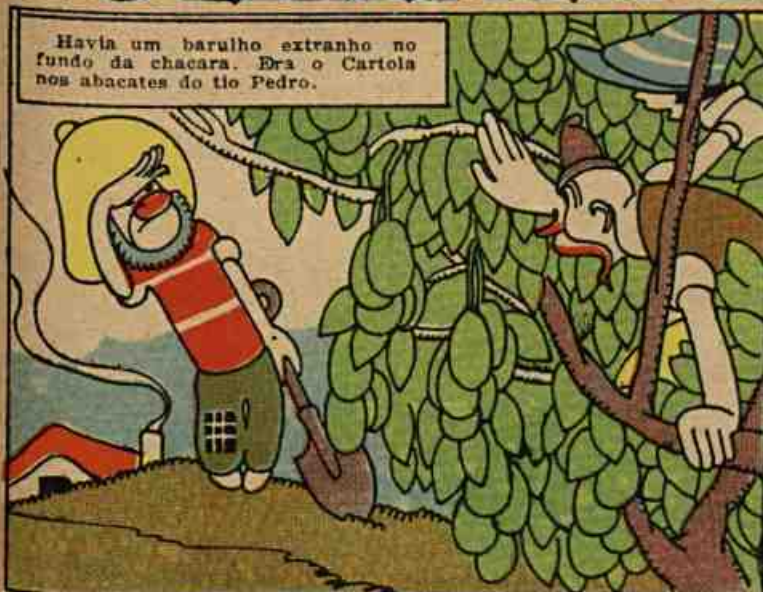
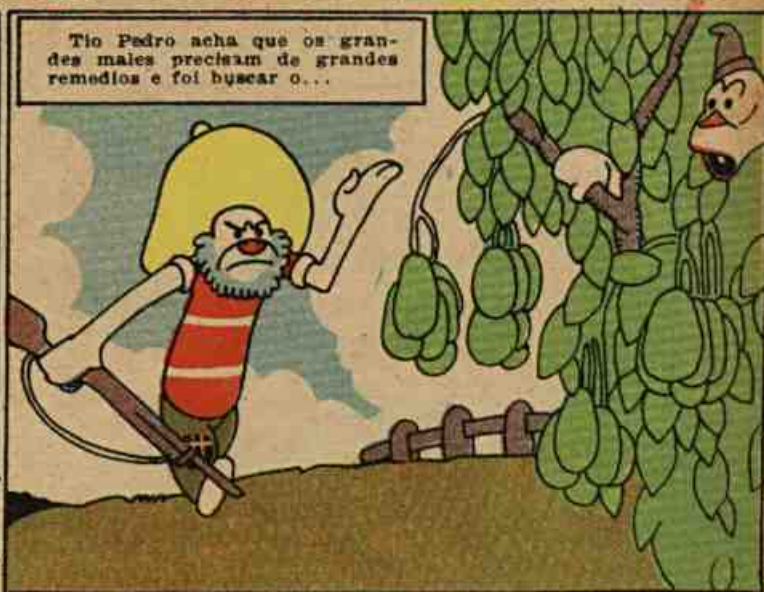
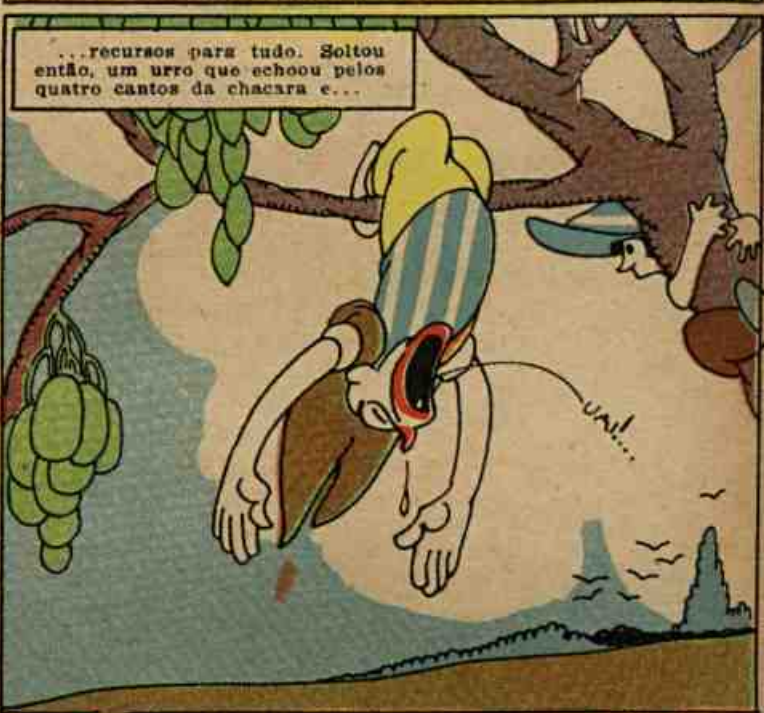
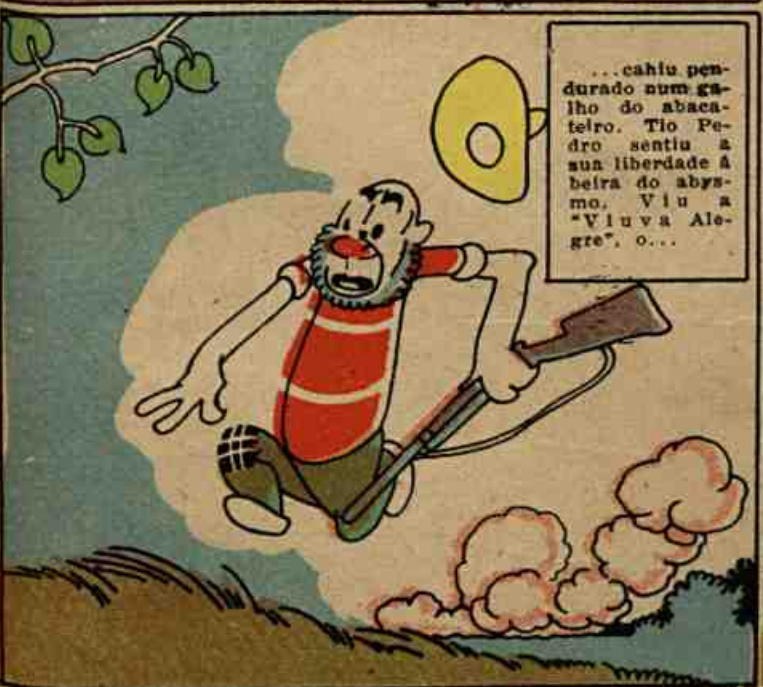
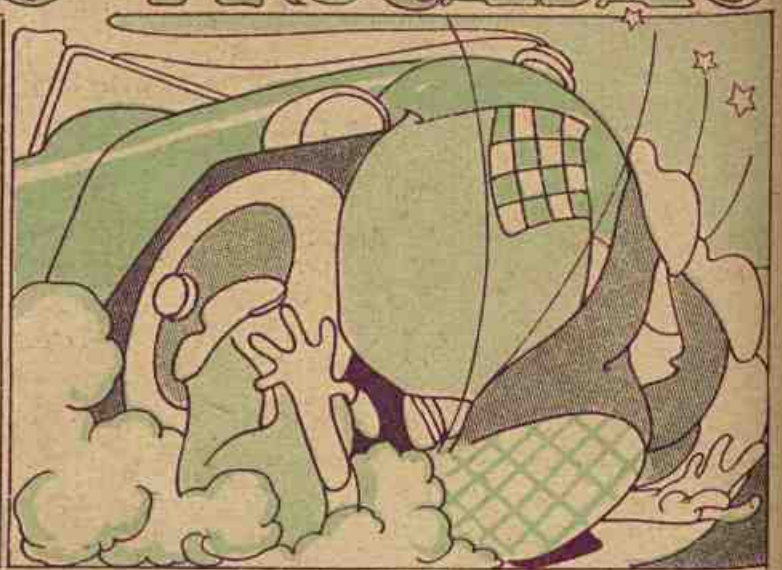
na rua, em acalorados commentarios, fez-me cerco, com ares ameaçadores de futuros valentões: — uns, mais financeiros, exigiam o dinheiro, e outros, mais alentados, queriam esbandalhar-me a cara!...

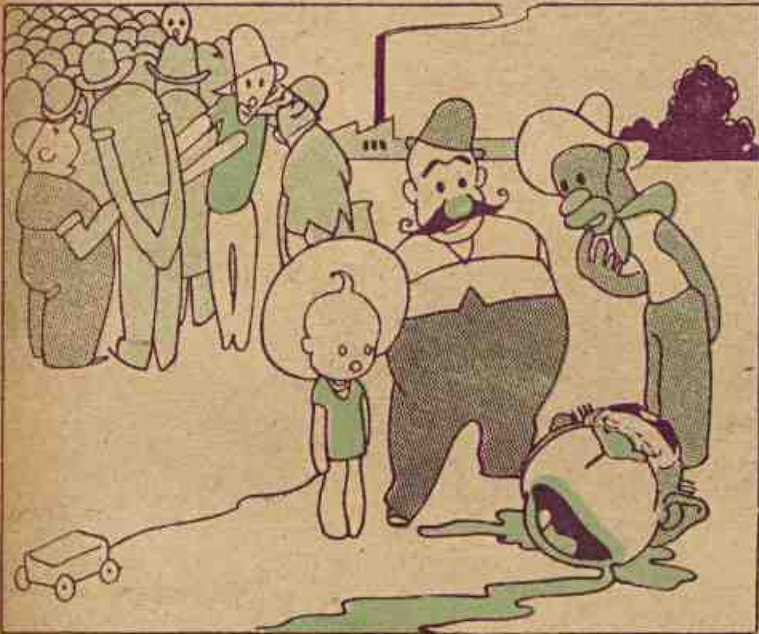
Vi-me perdido: — eram muitos e eu só, — a tanto não chegava meu valor. Felizmente, — como defesa, — appareceu a intervenção de uns cavalheiros prestativos e conciliadores e tive de abrir mão ao capital apurado na bilheteria, que sommava em dois mil e duzentos e vinte réis, tudo em cobre graúdo, de um que ha muito já desappareceu de todo.

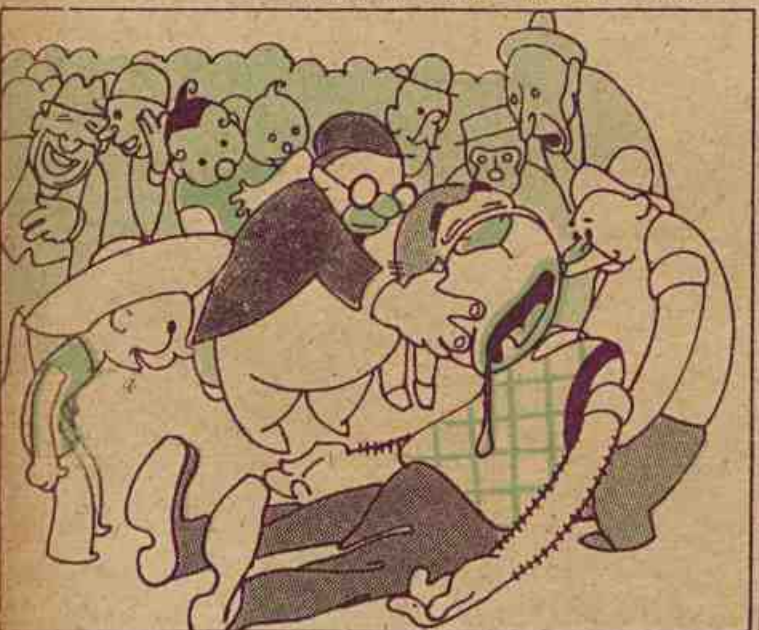
Horas depois, deitaram-me o theatro abaixo, em nome do socego do lar e da tranquillidade alheia, e eu, *descoberto* de gloria, sem campo para a lucta, estendi a mão sobre as ruinas e jurei para todo o sempre, deixar Thalia em paz! Se bem jurei, melhor cumpri: — nunca mais pisei em palco...

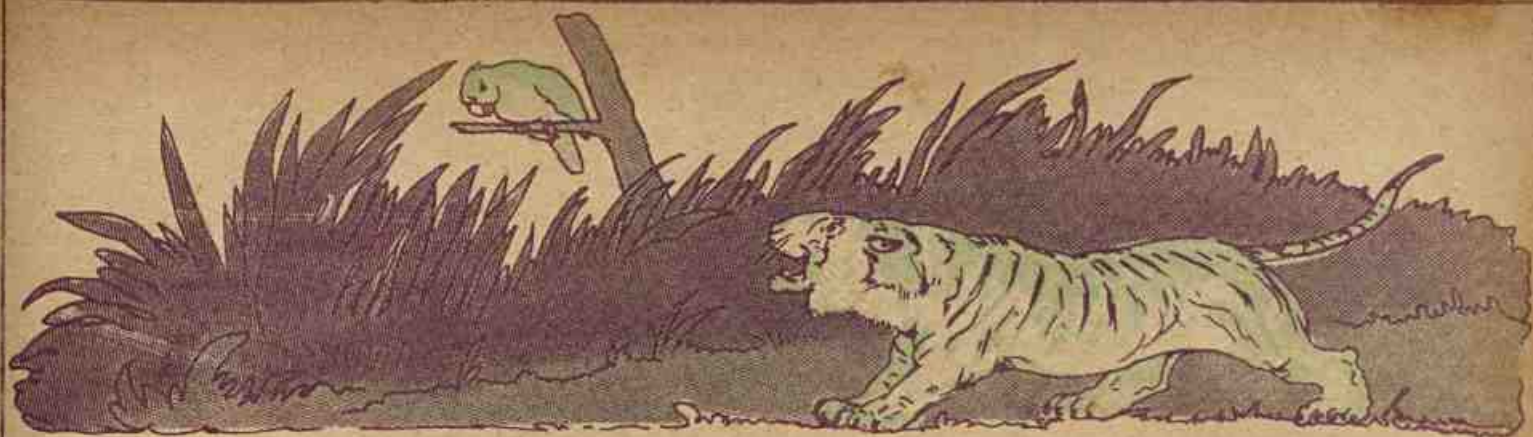
A R E I M O R

(Do livro *Humorismos innocentes*).

OS ABACATES DE TIO PEDRO
Havia um barulho extranho no fundo da chacara. Era o Cartola nos abacates do tio Pedro.
Tio Pedro acha que os grandes males precisam de grandes remedios e foi buscar o...
...bacamarte. Fez a mais perfeita pontaria de sua vida e despachou duas grosas de chumbinhos meudos. Cartola tem...
...recursos para tudo. Soltou então, um urro que echoou pelos quatro cantos da chacara e...
UAI!...
...cahiu pendurado num galho do abacateiro. Tio Pedro sentiu a sua liberdade á beira do abysmo. Viu a "Viuva Alegre", o...
...carro da Detenção, o cubiculo, etc., etc., e chispou. Cartola desceu então. E, muito tranquillo, arrecadou cincoenta e oito abacates maduros.

# AS CABEÇAS TROCADAS

Uma vez dizia o Barafunda ao Garatuja: — A Providencia errou um dia. Minha cabeça devia ser a tua, e vice-versa.

Mal tinham sido ditas essas palavras, os dois desgraçados foram atropelados por um...

...automovel enfurecido. Depois, ficaram no chão apenas os restos dos dois homens. Mas sempre existe uma alma caridosa...

...e essa era a do Dr. Sa Pateiro. O doutor correu, solicito, apanhou a cabeça do Barafunda e collocou-a sobre o pescoço...

...do Garatuja; depois tomou a cabeça do Garatuja e levou-a ao do Barafunda. Estavam os dois perfeitamente consolados. A Providencia, que...

...nunca errara, acabava de lhes fazer a vontade; entretanto, entre ambos havia uma tal confusão que os dois resolveram adoptar um nome só: — Irmãos Barafunda.

# O PAPAGAIO E O TIGRE

PAPAGAIO real, para Portugal, quem passa meu loiro... E o papagaio que assim palrava, pousado a um galho, um velho loiro, fugido da casa de seu amo, calou-se assustado com o rumor que ouvira sob o juncal. Depois appareceu-lhe um grande tigre esfaimado. A féra viu o papagaio e pensou logo em devoral-o, mas o loiro mudou-se logo para uma arvore mais alta. Isso não desanimou o tigre sanguinario, carniceiro e, grande trepador tambem, galgou com facilidade uma bôa altura do pau, approximando-se muito do papagaio.

—Tigre real, senhor destas mattas! disse o papagaio. Foge que alli vem um indio caçador de tigres, foje emquanto é tempo! E o papagaio voou para outra arvore, livrando-se ao mesmo tempo, de uma formidavel patada do tigre.

Este, duvidando do papagaio, despresando o seu conselho, ainda tentou apanhal-o.

Entrementes, o caçador surgiu sobre uma rocha e d'ahi alvejou com a sua certeira flexa o tigre em pleno peito.

A féra rolou espumando e exhalando o ultimo suspiro e o papagaio continuou — Papagaio real, para Portugal...

A. Rocha

*Explicação* — Preguem tudo em cartolina e recortem a canivete. A figura I é rectangular, isto é, será cortada nas suas quatro linhas rectas e sobre ella será pregada a fig. II. A figura, depois de recortada e dobrada pelas suas linhas pontuadas será collada pelos numeros correspondentes aos da fig I. Com um fio liguem o monge pela cintura, nos pontos CC, fazendo dois nós nas extremidades do fio. Preguem o monge no traço 13 da fig. II. Preguem depois o sino, fazendo eixo na letra A e no respectivo A da fig. II. Para isso, preguem primeiro um pedaço de rolha no A da fig. I, depois mettam um alfinete atravessando a fig. II e o sino e espete-se na cortiça. Procedam do mesmo modo na letra C, do monge. Tomem depois um fio comprido e amarrem-n'o num pedacinho de elastico; prendam o elastico no telhado naquelle ponto preto, depois na letra B do sino, descendo, o fio vem prender-se á mão do monge sahindo a extremidade pelo chão, no ponto D. Puxando-se por esta extremidade o monge abaixa-se como se estivesse batendo o sino.

Fig. II

ABRAM A CANIVETE ESTA JANELLA

ABRAM A CANIVETE ESTA JANELLA

ABRAM A CANIVETE ESTA JANELLA

ABRAM A CANIVETE ESTA PORTA

Fig. III

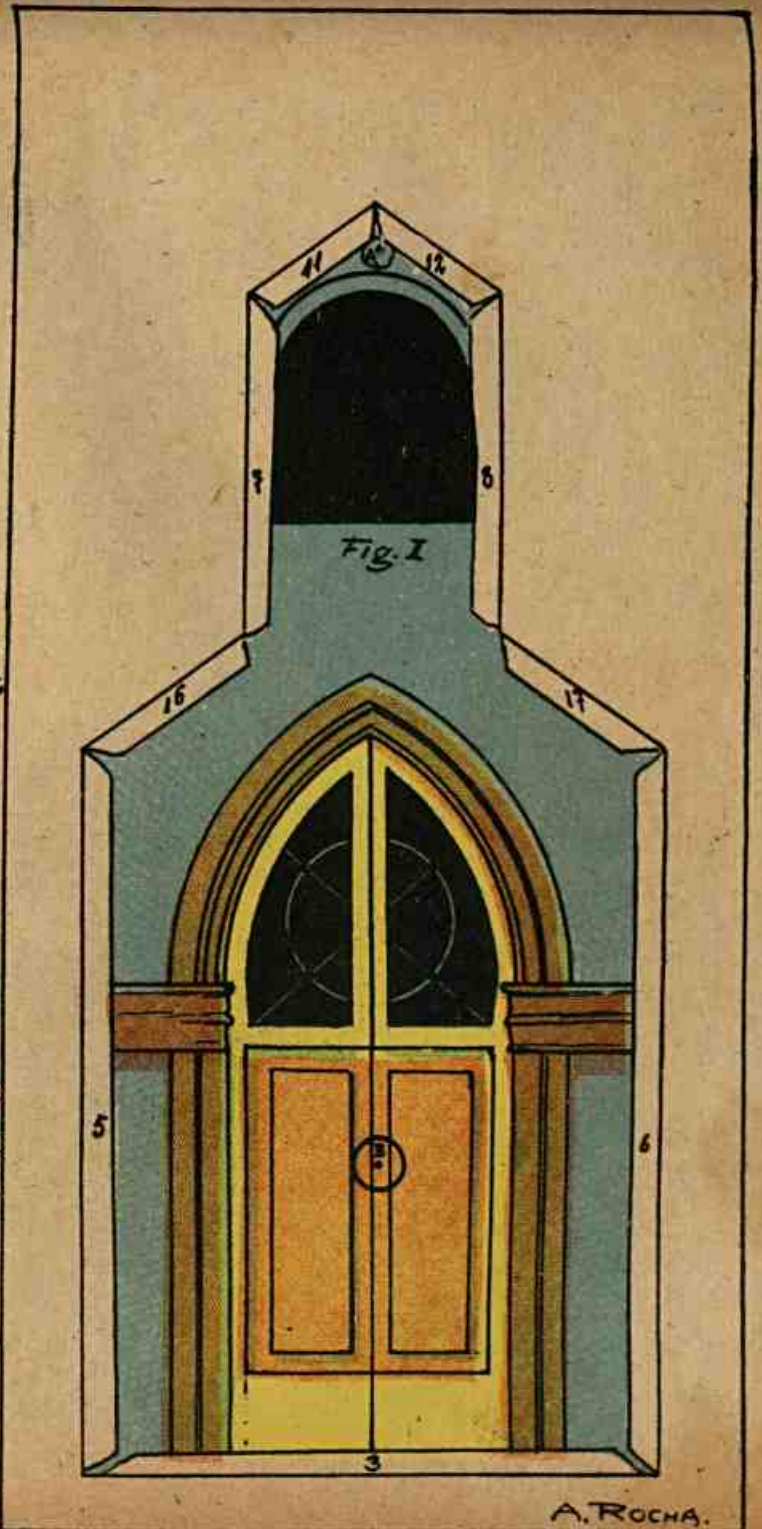
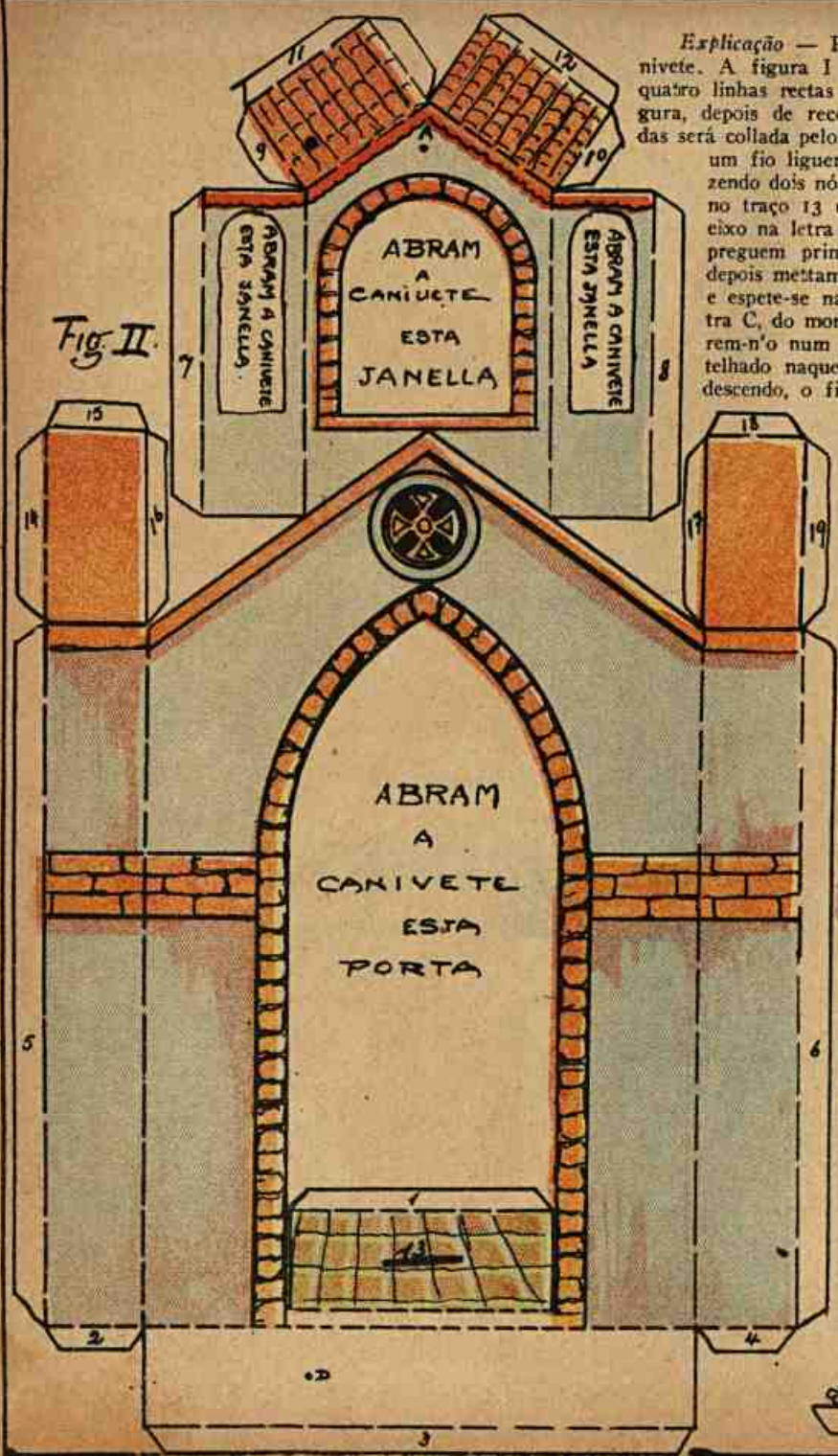
Fig. IV

Schema.

a - mãos com o fio enrollado
b - o fio
b' - continuação do fio
c - amarração no sino
d - pedaço de elastico

MODELO

Fig. I

A. ROCHA.

## UM INSECTO CURIOSO

# AS LIBELLULAS

São muitos, são incontaveis, os insectos que vocês conhecem. Desde a mosca incommoda e nojenta, o mosquito irritante, ás borboletas de variadas e fortes côres, têm os nossos leitores conhecido uma multidão de insectos. E é provavel mesmo que um ou outro insecto, dentre tão grande multidão, tenha chamado a attenção de vocês, já pelo bizarro colorido das azas, pela exquisitice das antennas ou, ainda, por um detalhe que fira a vista de qualquer pessoa observadora.

Mas, nas linhas que se lêem só ha a preoccupação de falar a vocês de um insecto muito conhecido, muito commum e que possue varias particularidades capazes de interessar a um infante estudioso.

— Que insecto será esse?—perguntarão vocês.

E' o que se vê, esvoaçando, na gravura que encima esta pagina.

Querem saber o nome de tão lindos insectos? São as libellulas ou "lavandeiras", que voando, ao sol, dão a impressão de possuirem azas de prata. Têm taes insectos o abdomen muito fino e longo e as azas, transparentes, geralmente coloridas de azul, purpura ou amarello.

Voam com extraordinaria rapidez, caçando insectos pequeninos e vivem quasi todas junto á agua, onde se criam tambem as suas larvas.

E é pelo facto de viverem junto á agua, junto ás tinas das lavadeiras, que se lhes dá, certamente, o nome de lavandeiras.

Dizem os estudiosos que esse lindo insecto é privilegiado com o dom maravilhoso de ter a visão constante para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo.

E assim acontece porque em cada uma das pequeninas espheras collocadas de cada lado da cabeça, possue a libellula doze mil olhos!

Vinte e quatro mil olhos, vinte e quatro mil orgãos de visão, perfeitos, completos, num insecto de talhe pequeno. Que prodigio e sabedoria da Creação se revelam nas pesquizas como essa!

Nas margens do gigantesco rio Amazonas, que, como sabemos, é o maior do mundo em volume de agua, existem as maiores e mais bellas especies de libellulas, que são objecto de commercio dos mercadores e colleccionadores estrangeiros.

# VIOLETAS ROXAS

*— Lembras-te, Elza, de que, certa vez, me perguntaste porque é que havia violetas roxas como as tardes nostalgicas de Agosto, e que eu, pretextanto uma resposta futil, nada te respondi?*

*Não te lembras mais, talvez.*

*A pergunta que me fizeste era como a minha desculpa: frivola e futil. Fizeste-m'a apenas levada por essa curiosidade innata nas mulheres.*

*Eu, porém, Elza, é que nunca mais deixei de procurar saber a origem das violetas roxas. Manuseei velhissimos "in-folios" e consultei profundos sabios, mas nem livros, nem sabios cousa alguma me revelaram.*

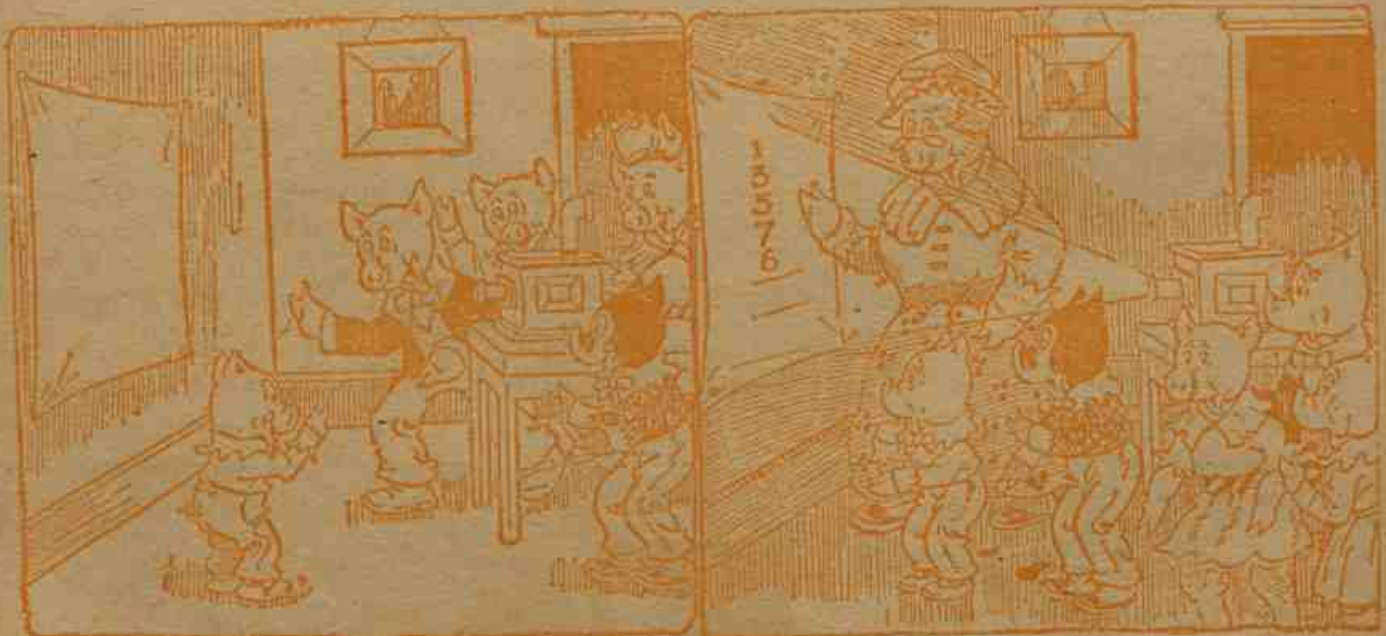
*Desesperançava já de te poder ciciar aos ouvidos uma resposta segura á tua pergunta ingenua, quando, á porta do meu tugurio, bate uma velhinha — triste como a Saudade e meiga como o Perdão — e conta-me esta curta e commovedora historia:*

*"Eram, em tempos idos, todas as violetas brancas como o arminho; semelhavam, por entre as suas moitas virides, perolas espargidas sobre tufos de velludo glauco. De mãe amantissima, porém, um filho morre. Enterra-o a um canto do pequeno cemiterio, e na terra fôfa, que a creança esconde, planta um pé de violetas brancas e rega-o todas as tardes com o pranto amargo dos seus olhos.*

*A planta viceja, abotoa-se e florí, mas as flores, em vez de brancas como o arminho, são roxas como as tardes nostalgicas de Agosto. E d'ahi é que vem a origem das violetas roxas..."*

*— Elza, ouviste? Da terra fôfa que um filho querido cobre e do pranto amargo de extremosa mãe, é que vem a origem das violetas roxas.*

BELMIRO BRAGA

# D. PORQUITA E SEUS FILHINHOS

— Venham, venham! — gritava um dos porquinhos. Mamãe comprou uma lanterna magica e já agora não estudaremos á noite.

Mas quando mamãe pôz a lanterna a funccionar esta só projectava contas de sommar, para que os porquinhos aprendessem arithmetica.

# PLANTAS E FLORES, FRUCTOS E SEMENTES

A TERRA é um thesouro maravilhoso do qual cada um de vocês póde tirar, com pequeno trabalho, proventos e utilidades sem conta. Toda a alimentação vegetal que o sêr humano consome como alimento é da terra que nasce. Ella é prodiga no dar, opulenta no produzir. Em troca da pequena semente que se lança em seu seio, dentro em pouco a terra nos mostra o vegetal rico de folhas, farto de flores, sobejante de fructos.

Todo menino, nas horas de folga deve cuidar da terra, revolvendo-a, adubando-a, e entregando-lhe a semente que germinará e dará a planta que, por sua vez, ha de florir e fructificar. E para que assim proceda, deve a creança conhecer, de um modo geral, alguns elementos de botanica rudimentar. Taes conhecimentos são expostos nas linhas que se seguem.

Em quasi todos os vegetaes ha sempre quatro partes distinctas a saber: a raiz, o caule, as folhas e as flores.

A raiz é a parte da planta que se introduz na terra, servindo para fixar o vegetal. E' pela raiz que a planta tira da terra a agua e as particulas mineraes que lhe servem de nutrição. Essas particulas e essa agua circulam no organismo da planta com o nome de seiva.

O caule é o corpo do vegetal e tem varias denominações. Nas arvores, de grossura regular e de fórma cylindrica e ainda ramificadas, chama-se tronco; nas plantas delgadas recebe o nome de haste. As folhas nascem do caule e dos ramos das arvores. Constam ellas de tres partes: limbo, peciolo e bainha. Limbo é a lamina chata que fórma propriamente a folha. Toda folha tem a parte superior lisa e a inferior aspera. Peciolo é o supporte que prende o limbo ao caule. Bainha é a dilatação da base do peciolo.

O fructo é a producção do vegetal que succede á flor. Todo fructo se divide em duas partes essenciaes. pericarpo e semente. Pericarpo é o que fica do fructo tirando-se a semente. Esta é a parte por excellencia do fructo. Lançada á terra, germina e dá origem a um novo vegetal semelhante áquelle que a produziu.

Eis, em poucas palavras, superficiaes conhecimentos de botanica elementar, que todos os meninos devem aprender. E, possuidores de taes conhecimentos, não devem esquecer os cuidados que a terra reclama, taes são a rega, a ventilação e a adubação.

# O PRINCIPE RÃ

CONTO DE *GRIMM*

Havia, ha muitos annos, um rei que possuia varias filhas de rara formosura, mas a mais joven era tão linda que o proprio Sol, que tantas cousas tem visto, ficava extasiado quando a olhava.

Perto do palacio real havia formoso bosque onde, á sombra de secular carvalho, se via um poço. Era nesse bosque que a mais joven das filhas do rei passeava nas horas de calor, entregando-se ao seu divertimento favorito, que consistia em atirar ao ar e apanhar no ar uma bolinha de ouro. Lindo brinquedo para uma linda princeza.

Um dia, a princezinha assim brincava quando a bolinha de ouro não voltou ás mãozinhas que a lançaram no ar pelo facto de ter cahido ao chão e rolado até o pôço. A princezinha seguiu-a com o olhar, mas a bola desappareceu no poço, tão profundo que ninguem lhe via o fundo.

A princezinha, inconsolavel, desatou em soluços convulsivos quando ouviu uma voz que lhe dizia:

— Que tens, princezinha? Choras tanto que até as pedras poderiam compadecer-se de ti.

Volveu a princezinha o rosto para o logar de onde vinha a voz e viu uma rã emergir a finissima cabeça das aguas do pôço.

— Ah! E's tu, velha Turba-aguas? — perguntou a princeza. Choro porque minha bolinha de ouro cahiu dentro do pôço.

— Cala-te e não chores — disse-lhe a rã — eu posso dar-te um bom conselho; mas que me darás se te restituir a bolinha de ouro?

— O que quizeres, boa rã — respondeu a menina. Dar-te-ei meus vestidos, minhas perolas, meus brilhantes e até o diadema de ouro que trago na cabeça.

A rã respondeu-lhe:

— Nada disso desejo. Se me queres bem, serei tua companheira e camarada em teu folguedos, sentar-me-ei a teu lado na mesa, comerei em teu prato de ouro, beberei em teu copo e dormirei em tua caminha. Se tudo isso me promettes, baixarei ao fundo do pôço e trarei a bolinha de ouro.

— Pois sim! — exclamou a princeza. Se me trouxeres a bolinha de ouro far-te-ei o que me pedes!

Mas no seu intimo a princezinha dizia: — Que cousas deseja a infeliz! Se ella é rã deve ficar na agua com seus semelhantes e nunca poderá viver com entes humanos!

Obtida a promessa da princeza, a rã mergulhou, foi até ao fundo do poço e ao cabo de pouco tempo voltou, satisfeita, trazendo na bocca a bolinha de ouro, que foi atirada na relva. A princezinha exultou de alegria ao ver de novo o seu passatempo favorito. Apanhou a bolinha e sahiu correndo.

— Espera-me, espera-me, gritava a rã. Leva-me comtigo, não posso correr como tu!

Mas de nada serviram os gritos desesperados da pobre rã; a princezinha não fazia caso e quando chegou ao palacio, nem mais se lembrava se havia rãs no mundo. E assim a pobre rã, que prestára tão grande favor á menina, teve de se recolher outra vez ao pôço.

A princezinha passou a noite intranquilla, pois a consciencia a accusava de ter faltado á palavra.

Mas, para desculpar-se, a menina raciocinava:

— E' verdade que prometti á rã trazel-a commigo, mas seria, por acaso, mais feliz no meu palacio do que em seu pôço? Ella não está acostumada a essa vida e nella não encontraria prazer. Foi sem duvida um capricho de que já estará arrependida. Voltarei um dia destes ao pôço e offerecer-lhe-ei alguma outra recompensa. Se eu levasse todos os dias um pedaço de doce á rã? Perguntarei á minha preceptora.. E com esse ultimo pensamento adormeceu. E sonhou que era obrigada a viver com as rãs no fundo de um pôço e que sua pelle de neve e rosa se transformara — era agora verde, viscosa e repugnante. Despertou sobresaltada, chorando amargamente. A' rainha, que a acudira, quiz saber o que a princezinha sonhára, mas a menina temendo que sua mãe se desgostasse, resolveu não dizer.

No dia seguinte, quando a princezinha se havia sentado á mesa com o rei e os cortezãos, e comia em seu prato de ouro, *plich, plach, plich, plach*, pela escada de marmore, se ouviu um ruido que se approximava e, junto á porta, chamar:

— Princezinha, a mais joven das filhas do rei, abre-me a porta!

Ella propria correu para ver quem a chamava e, ao abrir a porta, deu com a rã. Fechou depressa a porta e voltou-se a sentar á mesa, cheia de angustia.

O rei percebeu que o coração da filha batia violentamente e lhe disse:

— Que temes, minha filha? Está á porta algum gigante que queria levar-te?

— Não, meu pae, não é nenhum gigante e sim uma misera rã — respondeu a princezinha.

— E que deseja essa rã?

— Ah! meu pae! — falou a princezinha. Hontem, quando estava junto ao pôço, brincando, a bolinha de ouro aconteceu cahir na agua. Vendo-me chorar, a rã foi ao fundo do pôço, trouxe-me a bolinha, mas, como me exigisse por força, promettilhe que seria minha companheira. Não acreditava que as rãs pudessem sahir da agua, mas vejo agora que a rã está ali na porta e quer entrar. Nesse momento ouviu-se gritar:

— Princezinha muito joven, abre-me a porta e recorda-te do que hontem junto ao pôço me prometteste!

O rei, então, falou á filha:

— Uma promessa é uma divida. Vaes cumprir o que prometteste. Abre a porta.

A princezinha abriu a porta e a rã saltou para dentro do salão seguindo os passos da menina até que chegou junto á mesa e falou:

—Levanta-me e colloca-me ao teu lado.

A princezinha vacillou, mas o rei mandou que fizesse o que o animal pedia. Uma vez satisfeita, a rã quiz subir á mesa e, ao estar nella, disse:

— Agora, approxima-me de teu prato para que possamos comer juntas.

A princezinha obedeceu, mas visivelmente angustiada. A rã pôz-se a comer, engasgando-se varias vezes. Finalmente, disse:

— Já estou farta e cansada; leva-me ao teu quarto e prepara a tua cama porque estou com somno e quero dormir ao teu lado.

— Eu te daria a melhor cama que existe no palacio de meu pae, com cobertas tão finas que são uma caricia sobre a pelle. Rescendem a lyrios e quem sob ellas dorme levanta-se com tão grande bem estar que parece haver dormido annos inteiros. Minha cama é muito estreita e nas que te vou dar as cobertas vão a calhar no teu corpo, acostumado á suavidade da agua.

— Não — respondeu a rã. Ha muitos annos eu sentia frio no fundo do pôço de onde sahi e sonhava com o suave calor de um corpo.

— Pois dar-te-ei mantas tecidas com a lã das melhores ovelhas do reino de meu pae.

— Não as quero. Desejo é o calor do teu corpo, é a tua companhia. Não é o meu corpo

que tem frio, é a minha alma! — Alma? Tu tens alma, desprezivel animal?

— Sim, princeza, tenho mais alma do que tu, que esqueces uma promessa sagrada. Vamos, leva-me ao teu quarto. Se te negas, serei eu que te arrastarei ao fundo do pôço por meio de um poder magico de que mal suspeitas.

A princezinha começou a chorar, pois tinha medo da rã, que era muito fria e que teimava em querer dormir em sua cama, tão limpa e formosa.

O rei, mais uma vez, teve de intervir:

— Não tens direito, minha filha, de depreciar quem te auxiliou numa necessidade.

A princezinha segurou então a rã apenas com dois dedos e levou-a ao seu quarto de dormir, deixando-a no chão. Mas o animalzinho falou:

— Estou cansada e quero dormir tão á vontade como tu. Põe-me em tua cama, senão falo a teu pae.

A princezinha, então, pela primeira vez na vida, se encolerisou. Apanhou a rã e, com toda a força de que dispunha, a arremessou contra a parede, murmurando: — Agora descançarás, rã miseravel!

Mas ao cahir ao chão já não era uma rã que a princeza via, mas um principe de rara belleza que, por vontade de seu pae, o rei, tornou-se o companheiro e esposo da princeza.

Contou, então, o principe á princeza, que uma bruxa o havia encantado e que ninguem, senão a joven princeza, poderia desencantal-o e tiral-o do pôço. Accrescentou ainda o principe que no dia seguinte teria de partir para o seu reino.

A princezinha accedeu, pedindo perdão ao principe por lhe ter magoado tanto.

O principe perdoou-a e começou a descrever as magnificencias do seu palacio, o bem que os seus subditos lhe devotavam e como elle desejava que a princeza o ajudasse para conseguir a felicidade de seu povo.

A princezinha, que era boa, prometteu ajudal-o.

Na manhã seguinte, quando o sol os despertou, embarcaram num coche tirado por oito cavallos brancos enfeitados de pennachos de pennas de avestruz e ajaezados com cadeias de ouro.

Na trazeira do coche ia o criado do joven rei, chamado Henrique.

Este fiel Henrique ficou tão penalisado quando seu amo foi transformado em rã, que passou tres fortes cadeias de ferro em redor do coração para que este não lhe saltasse do peito de tristeza e de dôr.

O coche que devia conduzir o joven rei a seu reino partiu.

Num certo ponto do caminho ouviu o rei um estranho ruido de ferros que se partiam. — Henrique! O coche partiu-se?

— Não, meu senhor, não é o coche. E' uma das cadeias que trago no coração desde o momento em que fostes encantado! Por duas vezes mais se ouviu o ruido de ferros que se partiam. O principe ainda duas vezes julgou que fosse o coche que se despedaçava. Eram as cadeias de ferro que se quebravam ante a alegria do coração do bom Henrique ao ver que se senhor estava livre e feliz.

# RECREIOS DE HONTEM

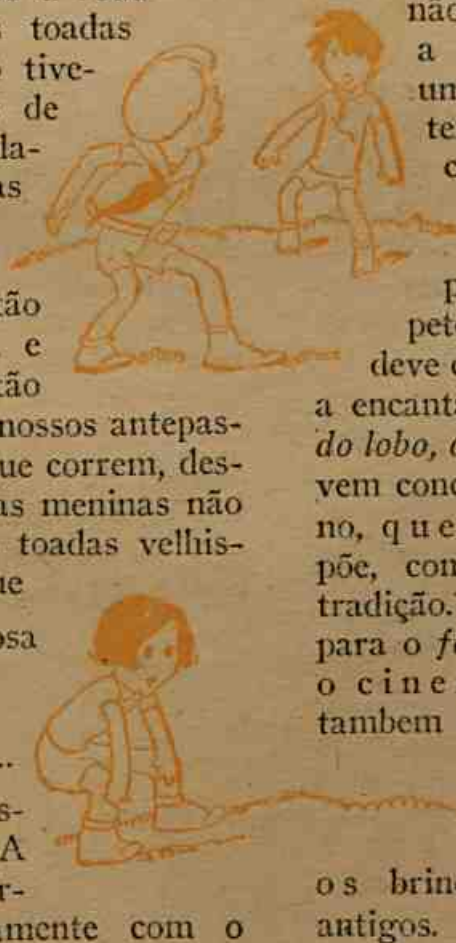
## JOGOS DE HOJE

Entrae na roda, ó linda roseira!
Entrae na roda, ó linda roseira!
E abraçae a mais faceira!

Estes versinhos, como muitos outros, eram recitados e cantados pela meninada numa roda, que era tanto mais bella quanto maior o numero de creanças que nella tomavam parte. Ha vinte annos passados ainda a *roda* era o recreio favorito das meninas e dos meninos. Quantas avózinhas vendo a *roda* formada, e ouvindo as toadas singelas, innocentes, não tiveram aos olhos lagrimas de saudade, de recordação daquelles tempos das saias a balão e dos laçarotes de fita a ornamentar os cabellos! Mas as *rodas*, tão queridas das avózinhas, e simples e encantadoras, tão gratas á recordação dos nossos antepassados, vão, nos tempos que correm, desapparecendo. Já agora, as meninas não encontram encantos nas toadas velhissimas que affirmavam que

O cravo brigou com a rosa
A rosa pôz-se a chorar...
A rosa teve um desmaio,
O cravo pôz-se a dansar...

Ha recreios mais fascinadores e modernos. A hora das *rodas*, ao entardecer, coincide perfeitamente com o inicio das sessões dos cinemas onde são passadas fitas de comicos estrangeiros que saltam barreiras com os olhos fechados ou mantêm os primeiros logares nos concursos de *fox-trots*. A *roda* vae, por isso, sendo esquecida pelas meninas de hoje, meninas ingratas, que abandonam a poesia encantadora de tão mimoso recreio! E os meninos? Tambem são ingratos! Esqueceram os serões das semanas de chuva, os mil e um passatempos, os jogos de paciencia. Adoram, agora, a peteca, amam o football. Com oito annos de idade, não ha gury que não conheça toda a série de *defesas* e *partidos* de um torneio de football e que não tenha de cór a collocação dos clubs nos torneios annuaes.

Os exercicios physicos são necessarios á saude do corpo. Todo menino deve atirar a peteca, jogar o football! Mas não deve esquecer os recreios de antanho, a encantadora simplicidade dos jogos *do lobo, da barra*. Todas as creanças devem conciliar o espirito moderno, que o progresso impõe, com o encanto da tradição. Que haja hora para o *footing*, o cinema, e tambem para os brinquedos antigos.

# SOB QUE PESO VIVE O HOMEM

Em diversas de suas lições, Vôvô tem falado aos leitores d'*O Tico-Tico* da pressão atmospherica, do peso que tem o ar que envolve a crosta do globo terrestre. Vocês não podem fazer idéa do peso que tem o ar, apparentemente invisivel e leve. E' tal, porém, a quantidade de ar que existe em volta do globo em que vivemos, que esse ar não só se torna visivel como de um peso colossal.

O ar que existe sobre cada metro quadrado da Terra tem o peso formidavel de dez mil trezentos e trinta kilos.

Assim sendo, podem vocês fazer calculos bastante interessantes, como os que se seguem:

Cada centimetro quadrado da Terra supporta uma quantidade de ar que pesa 1 kilo e 33 grammas e cada metro quadrado supporta 10.033 kilos.

Portanto, cada decametro ou are supporta 1.033.000 kilos e cada hectometro ou hectare supporta 103.300.000 kilos. Cada kilometro quadrado supporta 10.330.000.000 kilos.

Ora, como o globo terrestre tem uma supperficie de 510 milhões de kilometros quadrados, segue-se que o peso total do ar sobre a Terra é de

5.268.000.000.000.000.000 kilos!

E nós todos, homens e bichos, andamos na terra sem dar por isso.

Por que razão? Porque já nascemos debaixo desse peso, já estamos acostumados a elle e por isso não o sentimos. E' um caso semelhante a esse o que se dá com o movimento da Terra, que tambem não podemos notar, porque esse movimento é constante, e nós quando nascemos já o encontrámos.

Pois olhem que o peso supportado por cada um de nós é formidavel. Querem saber qual é esse peso?

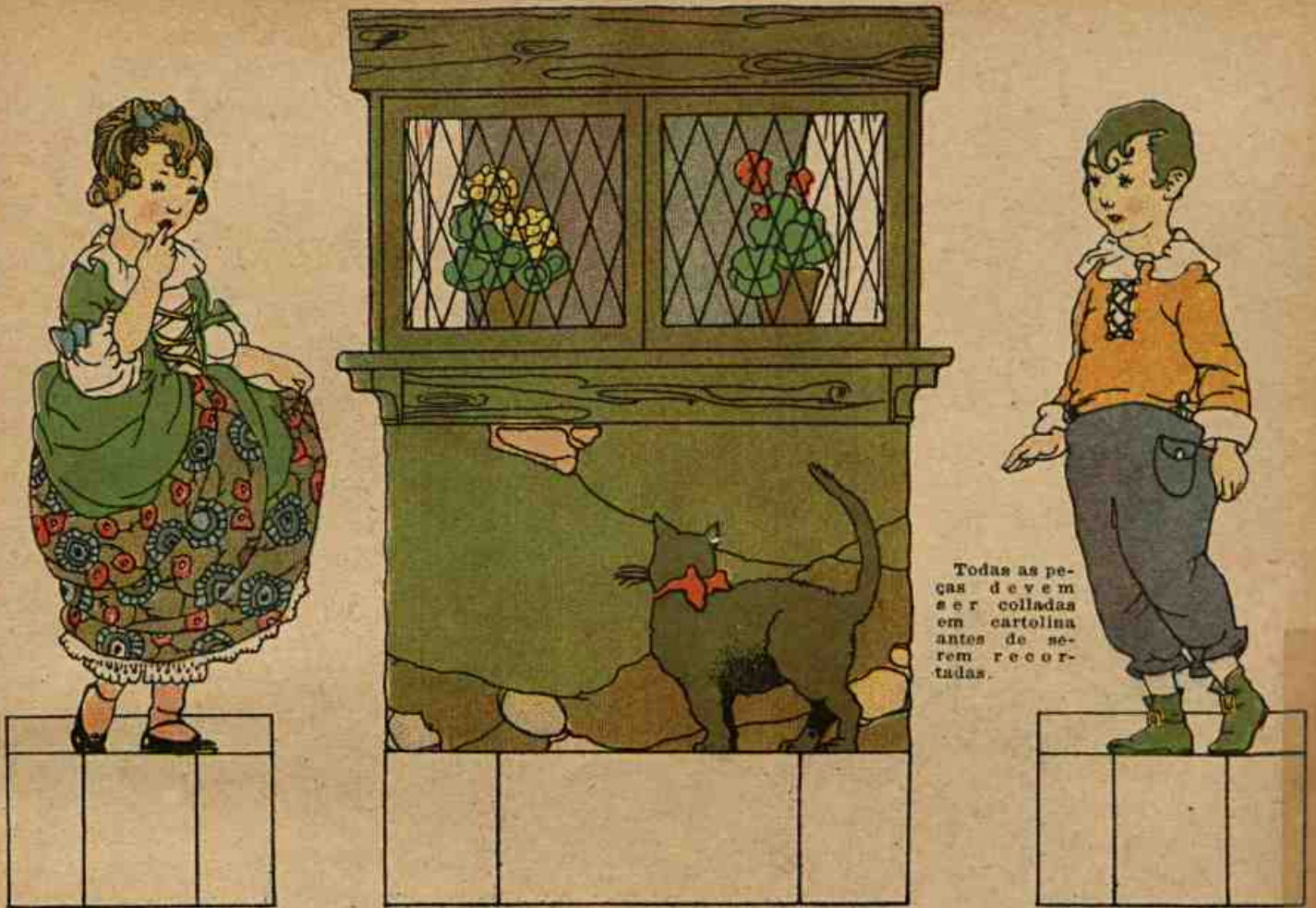
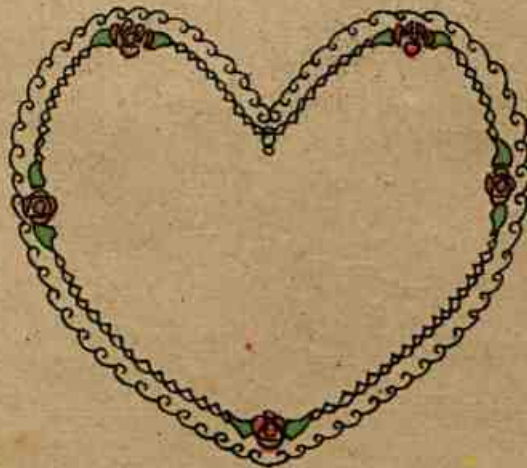
E' facil fazer a conta. O corpo humano tem uma superficie de metro e meio quadrado. Portanto, cada homem supporta uma quantidade de ar que pesa quinze mil kilos. Imaginem: se puzessem um peso de 15.000 kilos deante de um homem, pareceria impossivel a este levantal-o. Quinze mil kilos esborrachariam o maior e mais possante animal! Entretretanto, é esse o peso do ar sob o qual o homem e os animaes vivem tranquillamente e sem esforço.

Nós já estamos tão acostumados a viver sob a pressão d'esse peso enorme que, privados d'elle, soffreriamos horrivelmente.

Quem se eleva em balão a grande altura, fica assim tendo sobre si menor quantidade de ar e, portanto, menor peso — fica incommodado, sente vertigens, começa a sangrar pelos ouvidos, perde os sentidos e morre.

E' que o nosso corpo, habituado á pressão de 15.000 kilos de ar, não póde passar sem ella.

Nas linhas acima ficam os leitores sabendo, a mais, a resistencia do corpo humano. Supportar uma pressão de quinze mil kilos sem esforço, sem dar mostras de cansaço já é ser forte.

O que vale é que o peso de tão grande numero de kilos não nos é prejudicial. E' por uma simples questão de habito, talvez.

PAGINA DE BEBÉS
Todas as peças devem ser colladas em cartolina antes de serem recortadas.
As partes brancas devem ser dobradas para traz, afim das figuras poderem ficar de pé.
Para segurar as roupas, dobrem para traz as alças brancas.

DEPRESSA, O TREM SAE ÁS OITO!

AINDA NADA NAS MALAS! ISTO É UM DESESPERO!

UFF! MINHAS CALÇAS, A CAMISA, O SAPATO O... UFF!

DE PRESSA, MULHER QUE ESTAS A FAZER AHI FEITO MUMIA?
HA TEMPO DE SOBRA, QUE AFOBAÇÃO É ESSA?

ESTOU VENDO QUE NÃO ALCANÇO O TREM

JA' PERDI UMA MALA E ESTOU SEM FOLEGO

BILHETES
DE PRESSA. UM BILHETE PARA S. PAULO

RAIOS! NÃO É QUE ESQUECI O DINHEIRO EM CASA?
BILHETES

AGORA EM CASA APANHO O RESTO
Jantok

# O TERRA NOVA

QUANDO os bichos fallavam, uma vez tres cães emprehenderam uma grande viagem e, assim reunidos, os tres cães se auxiliariam em toda a viagem, cada qual concorrendo com o que pudesse. Cada

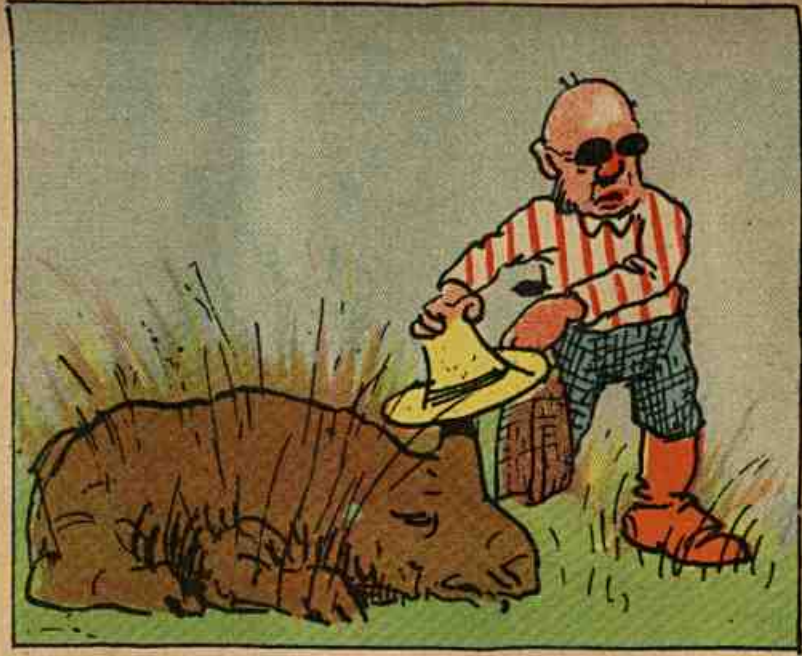
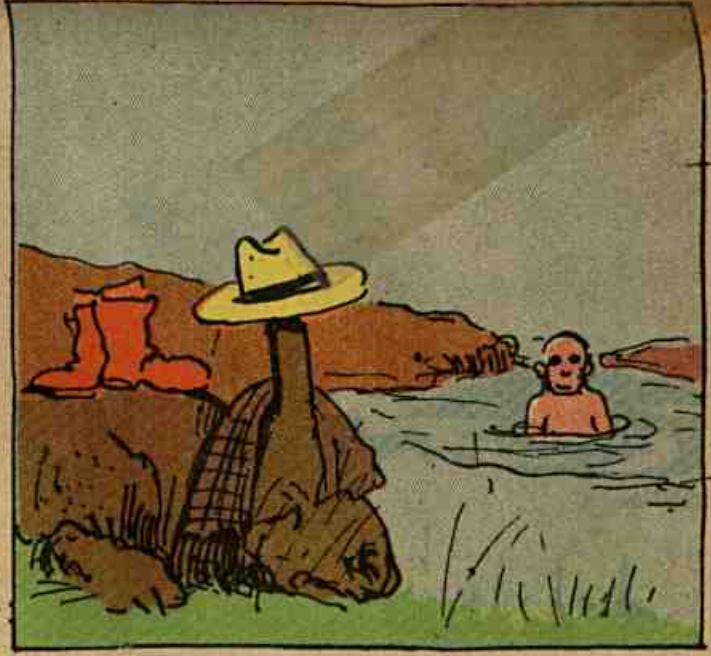
cão dessa comitiva pertencia a uma raça especial: Um era galgo, lebreiro, de longas pernas e faro curto, peito arqueado e vasto, cabeça esguia e orelhas pequenas; excellente para correr e pessimo para farejar. O outro era pequeno sagaz e astuto como a raposa, forte como o **bull-dog**, era um **fox-terrier** de faro para sentir a caça nos buracos.

Finalmente, o terceiro era um cão felpudo um terra-nova, nadador eximio, mas máo caçador.

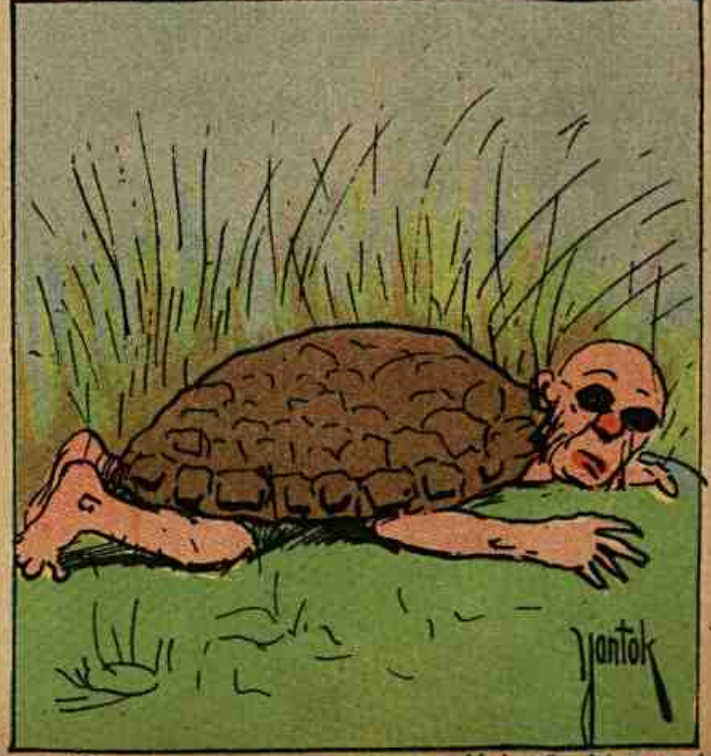
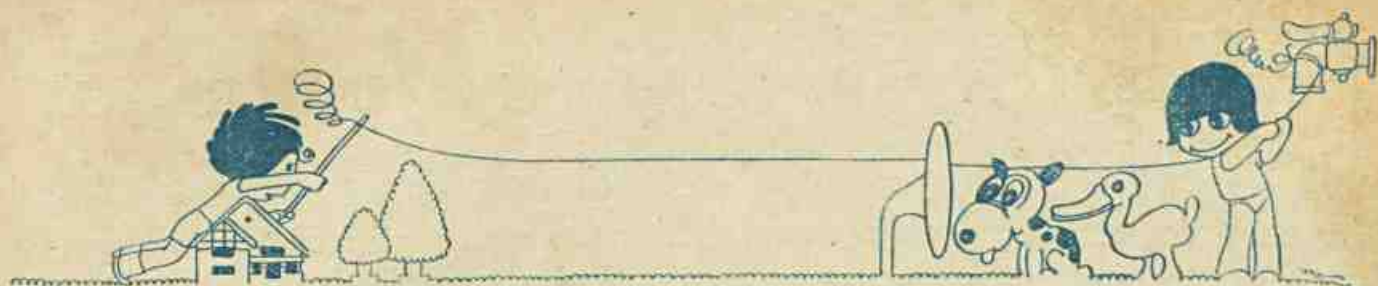
Partiram os tres: Ora o **fox-terrier** tirava um coelho do buraco; ora o galgo corria até pegar uma lebre fugitiva. O terra-nova, porém, nada fazia. — E' um trambolho que nos acompanha! Dizia um. — E' verdade, não faz cousa alguma e ainda come do que caçamos — E' demais, devemos pol-o fóra da nossa companhia...

Mas havia agora para termino da viagem, um rio, largo e impetuoso que lhes embargava o passo. Era agora o momento de apparecerem os serviços do terra-nova, o cão d'agua. Eil-o que atravessa, arrastando os dois companheiros.

# O BANHO DE MESTRE WASEKATAR

Uff! que calor! Por que cargas d'agua vim eu me amofinar na Africa!

Ainda bem que aqui temos uma lagôa. Vamos tomar um banho. Temos aqui um cabide, com que não contava.

— Que del'cioso banho! Ha mais de quatro mezes que eu não sabia o que era agua.

— Uê! O meu cabide deu para ir passear! Assim não vae bem. E agora, vou ficar nu aqui no meio da Africa!

—Uma tartaruga. Que boa idéa! vou despejar o inquilino e me cobrir com o casco.

— Não me tome por uma tartaruga. Ainda não dei carta de fiança mas já estou morando na casa.

AS DESCOBERTAS MARAVILHOSAS

# A RADIO-TELEPHONIA

Todos os meninos conhecem o que é um apparelho radio-telephonico e muitos possuem-n'o mesmo em suas casas, constituindo isso um motivo de recreio espiritual.

O que os nossos leitores talvez desconheçam é como são trazidos até aos phones ou ás cornetas dos apparelhos radio-telephonics os sons da musica, do canto, das palavras que ouvimos nesses apparelhos. Vamos, pois, vêr em que consiste tal maravilha.

Como vocês sabem, o som se propaga em ondas no ar, ondas que vêm bater no tympano dos nossos ouvidos. Pois são essas ondas sonoras,- o canto, a palavra, a musica, que produzidas deante de um apparelho transmissor transformam-se em ondas electro-magneticas ou ondas do radio. Essas ondas do radio são projectadas do apparelho transmissor, por meio de uma antenna, á atmosphera, na qual se movem em todas as direcções com a velocidade de cento e oitenta e seis mil milhas por segundo.

Nessa carreira de bolido, as ondas do radio atravessam montanhas, paredes, florestas e vão fazer vibrar as antennas, que se collocam no alto dos predios ou os quadros dos apparelhos radio-telephonicos.

Esses apparelhos, recebendo as vibrações das ondas de radio, transformam-n'as, em seus receptores, em ondas sonoras nitidas, perfeitas, iguaes ás que foram produzidas deante dos apparelhos transmissores, deliciando com ellas os nossos ouvidos, trazendo-nos a reproducção fiel de uma obra-prima musical tocada por uma orchestra que se encontra a centenas de leguas de distancia.

O uso da radio-telegraphia e radio-telephonia é hoje universal. Vocês os conhecem, mas não podem fazer uma idéa dos estudos e das experiencias que foram levadas a effeito para a construcção dos delicados apparelhos que levassem a palavra falada a muitas leguas de distancia com toda nitidez e segurança.

FIGURAS DA HISTORIA PATRIA

# O CARAMURÚ

Em 1510, naufragando na costa da Bahia uma náu portugueza, alguns dos que iam a bordo, entre os quaes um certo Diogo Corrêa, conseguiram chegar á terra. O gentio, apinhado na praia, vendo surgir da agua o naufrago, logo lhe poz cerco, olhando-o pasmado, e não sem gestos e esgares que despertaram desconfianças no espirito do malaventurado.

Para qualquer lado que olhasse com a esperança de descobrir um rosto amigo, apenas via indios, que saltavam, significando uma grande alegria pouco tranquilisadora.

Vendo-se tão mal cercado, e, como houvesse conservado o seu mosquete, teve a feliz lembrança de alli disparal-o, certo que ao menos surpreza, senão medo, provocaria nos indios.

Aconteceu que, levantando os olhos, viu um passaro nos ares, e logo, fazendo certeira pontaria, disparou a arma, derrubando-o morto entre os selvagens. A grita que se levantou foi grande, de susto muitos rolaram por terra, outros fugiram, e um só grito sahiu de todos os peitos: Caramurú!

Segundo Varnhagen "é este o nome de certa enguia electrica, isto é, de um peixe comprido e fino como uma espingarda, que por suas virtudes de fazer estremecer, e por damnar e ferir, poderia ser applicado ao tremendo instrumento e por uma facil e sensivel ampliação ao seu portador".

Maravilhados, os indios, receberam com demonstrações de respeito o homem que lhes parecia possuidor do raio, e de tanto lhe valeu o estratagema, que, levado em triumpho á cabilda, logo o trataram como chefe, e sabendo o Caramurú de então por diante conservar o mesmo prestigio sobre os selvagens.

Affazendo-se á vida, tomou uma india para companheira. Paraguassú chamava-se ella; e mais tarde recebeu da rainha o nome de Luiza.

Nasceram a Caramurú varios filhos, e de tal modo adoptou a vida nova, que, quando á Bahia chegaram os jesuitas, encontraram o colono tão identificado com os indios, que por bem pouco delles se distinguia: até a lingua natal quasi esquecera. Todavia, reconhecendo os compatriotas, prestou-lhes relevantissimos serviços, pondo-os em contacto com os selvagens, servindo, por assim dizer, de interprete entre a civilização e a barbaria.

Nos ultimos mezes do governo de D. Duarte da Costa, falleceu na Bahia o famoso Diogo Alvares, depois de ter revisto a terra amada da patria em companhia de sua esposa, a india Paraguassú.

# O CAVALLO PRODIGIOSO

A cidade de Chiraz, na Persia, estava em festas, toda engalanada e barulhenta para commemorar a entrada do anno novo. Grande cortejo desfilava pela rua central, perante o "shah", quando se apresentou na côrte um prestidigitador famoso, montado num cavallo feio como a noite, magro como um palito e aleijado de uma pata.

Vendo o grotesco animal, todos, inclusive o "shah", não puderam deixar de rir.

O prestidigitador, deante de tanto riso, protestou e dirigiu-se ao proprio "shah", dizendo:

— Se soubesseis o valor do meu cavallo não ririeis assim. O vosso filho, o valente principe Fronz, se o montar ha de ver o quanto vale meu animal.

— Vejamos! — falou o principe, e de um salto atirou-se para o lombo do magro cavallo, ferrando-lhe as esporas na barriga. Nessa occasião, o cavallo elevou-se aos ares como se fosse um passaro e em poucos segundos desapparecia aos olhos da côrte.

O principe, a principio, gostou da velocidade com que o animal cruzava os ares, mas, depois, quiz governal-o, puxando as redeas na intenção de voltar a Chiraz.

O cavallo, porém, não obedeceu á redea e continuou a voar em linha recta. O principe não desanimou e procurava por todos os meios parar o cavallo.

A um dado momento, tocando em certo ponto da perna do animal, este foi diminuindo a marcha e baixando até parar no terraço de um grande palacio. Era já noite e todos dormiam no palacio. O principe, que estava com muita fome, foi entrando pelo palacio e encontrou, num grande salão, deitada num divan, adormecida, uma joven muito bella, cercada de dez mulheres que tambem dormiam.

*— Vejamos! — falou o principe, e de um salto, atirou-se ao lombo do animal.*

O principe deteve-se e ainda por algum tempo a admirar a formosura de tão linda joven; depois, approximando-se do divan, despertou a joven, a quem contou a estranha aventura do passeio a cavallo que déra pelos ares. Terminando, o principe falou:

— Sabeis já quem sou eu. Agora dizei-me quem sois e onde estou.

— Sou a poderosa princeza de Bengala e estaes no meu magestoso palacio — respondeu a joven, que immediatamente mandou preparar um banquete e aposentos para o fidalgo hospede.

No dia seguinte, o principe levantou-se muito satisfeito e foi conversar com a princeza, sentindo um pelo outro grande sympathia.

No decorrer da conversa, combinaram os dois que se casariam e no dia seguinte, muito cedo ainda, reuniram-se

os dois no pateo onde estava o cavallo prodigioso e montaram ambos nelle, dirigindo-se para a Persia, onde pretendiam effectuar o casamento.

O principe, que já sabia então guiar o cavallo, fel-o baixar num castello perto de Chiraz. Ali deixou elle a princeza preparando-se para o casamento e foi prevenir seu pae.

Não levou, porém, comsigo, o cavallo prodigioso, que ficou guardado nas cavallariças do castello.

Emquanto o principe contava ao pae a estranha aventura do seu passeio nos ares, o prestidigitador, que o ouvia, partiu correndo para o palacio onde ficára o seu cavallo. E ali chegando, procurou a princeza, a quem falou:

— O principe vosso noivo deseja vel-a já e enviou-me para que vos conduza á sua presença no cavallo prodigioso! A princeza acreditou e montou com elle no cavallo, que partiu, não para Chiraz, mas para Cachemira, onde desceram numa praça justamente na occasião em que por ali passava o sultão.

*O cavallo prodigioso partiu levando a princeza e o principe.*

A princeza correu então para junto do sultão e disse-lhe:

— Salvae-me, senhor. Este homem me enganou.

O sultão, puxando a espada, cortou logo a cabeça do prestigitador e levou a princeza para seu palacio, offerecendo-lhe aposentos luxuosos e dando-lhe duzentas escravas para a servirem.

Essas attenções surprehenderam a princeza, que comprehendeu que escapára de um perigo para cahir noutro maior. E' que o sultão lhe mandára dizer que dentro de quinze dias queria com ella se casar.

Quando a princeza recebeu o recado do sultão ficou devéras encolerisada e gritou por soccorro durante varias horas, acabando por enfermar.

O sultão, receioso de que a princeza morresse, mandou chamar os dez medicos mais afamados que houvesse no paiz. Quando esses chegaram, um delles se destacou promettendo curar a princeza em duas horas.

Fazendo, em seguida varias perguntas com respeito á doença, responderam-lhe que o mal era devido a ter montado num cavallo encantado.

— Pois quero levar a princeza até junto do cavallo encantado — falou o medico.

Immediatamente attenderam-n'o, e quando o medico se encontrou bem junto da princeza, disse-lhe em voz baixa:

— Sou o principe Fronz, que venho salvar-lhe, disfarçado em medico, depois de vos ter procurado por dez paizes!

A princeza deixou-se conduzir até ás cavallariças e, ali chegando, de um salto montou no cavallo prodigioso em companhia do principe. O animal voou ligeiro para Chiraz, onde chegaram em menos de duas horas, casando-se logo, para felicidade propria e alegria de todo o povo da Persia.

# A BUSSOLA-A AGULHA DE MAREAR

Todos vocês conhecem a bussola ou a agulha de marear, esse prodigioso apparelho que serve para orientação, tanto em terra como no mar, e graças ao qual o navegante vae direito ao porto desejado e o caminheiro attinge a meta sonhada.

A bussola era desconhecida dos povos antigos; os chinezes já a conheciam mil annos antes do nascimento de Jesus Christo e foram elles que a passaram aos arabes e estes aos europeus. Como vocês sabem, a bussola é uma caixa com uma abertura circular, dentro da qual se move uma agulha magnetica, collocada horizontalmente na extremidade de uma pequena haste vertical e cuja cura e determina sempre ponta, oscillando, pro- o lado do norte. O circulo percorrido pela agulha é dividido em trinta e duas partes e chama-se "rosa dos ventos". Todo menino deve saber de cór os trinta e dois pontos da "rosa dos ventos", partindo do norte por leste e voltando ao norte, para poder ler a bussola ou a agulha de marear.

As trinta e duas quartas de uma bussola ou da agulha de marear

A gravura desta pagina mostra os trinta e dois pontos ou quartos.

Os quatro pontos cardeaes estão marcados N, S, E, e O, e representam o norte, o sul, o leste (ou éste) e o oeste.

A distribuição dos pontos entre os cardinaes é semelhante em todos os quatro quadrantes da bussola ou da agulha de marear.

No meio, entre o N e E está o nordeste, representado por NE, e ao meio, entre N e NE está NNE ou nornordeste.

O ponto médio entre NE e E é ENE ou lesnordeste.

Os outros pontos são N4 NE ou norte quarta de nordeste; NE 4E, ou nordeste quarta de leste; e E4NE, ou léste quarta de nordeste.

As outras quartas da agulha, nos tres demais quadrantes, têm nomes correspondentes e estes.

A agulha desses apparelhos aponta sempre para o pólo magnetico da terra e não para o geographico.

A differença entre esses dois pólos chama-se declinação. Eis, em simples palavras, o modo de ler a bussola ou a agulha de marear.

Saber ler uma bussola ou uma agulha de marear é uma necessidade não só para os marujos, os escoteiros, como para todos os meninos. E' com o auxilio da bussola, da agulha de marear, que o viajor e o navegante se orientam em terra e no mar e, ainda, determinam a direcção dos ventos.

# A Verdade sempre triumpha

Era uma vez um reino chamado Tranquillidade. João, o Bom, e a rainha Credulidade eram seus monarchas, que possuim como filhos, o principe Credulo e a princeza Altiva.

O reino não era rico, mas João, o Bom, transformára-o num recinto de felicidade e delicias.

Era todo elle perfumes, flôres e risos.

O sol lá era mais suave e a lua mais prateada. As arvores ciciavam sonhos e as estrellas se miravam rindo nos lagos. Era não sómente o reino da Tranquillidade como o da Poesia.

Mas, não ha felicidade completa e certo dia a cobra Inveja sussurrou aos ouvidos da Rainha a mentira infame de que a Princeza era ladra.

A Rainha em lugar de perceber tratar-se de uma intriga para lhe roubar o socego, chamou Altiva á ordem e a Princeza que não se sabia culpada de tão horrivel crime, sentiu-se profundamente, porque até aquella data havia pensado possuir a confiança da Rainha e a amizade da Cobra, e retirou-se para a casa de sua madrinha, a rainha Energia. Lá, recebeu a noticia do adoecimento da Rainha e se deu pressa em voltar ao reino de seus paes. Como o achou mudado!

A tristeza se estampara em todos os rostos e João, o Bom, mostrou-se desolado, pois a Rainha havia enlouquecido. A Princeza Altiva mostrou-se bôa alumna de sua madrinha e foi chamar o sabio Esculapio, medico da Rainha. Este, porém, mandou-a procurar o principe Coração de Ouro, unico, conforme dizia, que poderia salvar a Rainha. Veiu o Principe e principiou a combater o terrivel mal da Rainha. Fazia toda honra ao nome que trazia e a Princeza começou a consideral-o seu melhor amigo. Porém, novamente surgiram as cobras Mentira, Intriga e cuspiram peçonha nos dois principes.

Neste tempo João, o Bom falleceu e a Princeza que o havia sempre tido por bom pae e conselheiro, já não sabia em quem depositar credito, a quem dar fé.

O principe Credulo deixou-se, como antes a Rainha, cegar pelas cobras e molestou a irmã com sua desconfiança.

Estavam as coisas neste ponto quando, um dia, estando a Princeza a vagar surumbatica e silenciosa pelo mattagal escuro e encoberto por densas nuvens negras, sem vêr mais sahida, um raio rasgou as trevas e a Justiça appareceu á Princeza e segurando-lhe um facho acceso diante dos olhos, fez-lhe ver o caminho da Verdade e pondo-se ao lado de Altiva guiou-a pela mão do labyrintho 'a fóra.

Escusado é dizer que Principe Coração de Ouro e Princeza Altiva já são novamente bons amigos.

# UMA LENDA AFRICANA

FOI no tempo em que os animaes falavam. O leão era rei de um bello paiz cujos habitantes, (todos animaes), obedeciam-lhe cegamente. O rei, embora severo, fazia justiça a seus vassallos, e nos seus dominios todos mostravam-se satisfeitos.

Um vasto parque plantado de variados arvoredos cercavam o palacio de S. M. e nos prados reaes pastavam numerosos rebanhos. A' alguma distancia do palacio estendia-se um tanque cheio de limpida agua, dotada de propriedades maravilhosas; e neste tanque, o leão, por ordem do seu medico, o macaco, estava habituado a tomar um banho todas as manhãs.

Um bello dia o leão julgou-se o animal mais infeliz do seu reino, porque o tanque, tão util á S. M., começou de repente a seccar, sem que se soubesse a razão.

As aguas baixaram gradualmente, tornaram-se um pequeno filete e, emfim, desappareceram completamente. Grande foi a contrariedade do rei. O castor, que exercia as funcções de engenheiro foi de opinião que se cavasse o sólo profundamente para se descobrir novas fontes.

Nada adeantou, o tanque continuou secco. A saude do rei alterava-se, porque as aguas de uma outra procedencia, que lhe offereciam, não tinham as propriedades bemfazejas da agua do tanque. Depois de muito reflectir, o rei teve uma inspiração.

Isto parece feitiçaria, pensou elle. Ora, a aranha é um pouco feiticeira. enviemos um mensageiro á caverna que ella habita no fundo da floresta.

Immediatamente, executando seu pensamento, o leão mandou vir á sua presença o cavallo.

— Aqui estou ás ordens de V. M., prompto a prestar meus serviços, disse o corcel, agitando a bella crina. O leão não perdeu tempo em longos discursos.

— Tu vaes correndo á casa da aranha.

— Sim, meu rei.

— E perguntarás como fazer correr agua no meu tanque. Entendes?

— Sim, meu rei.

O cavallo partiu a galope. Algumas horas mais tarde, depois de ter atravessado uma espessa floresta, parou numa caverna cuja entrada estava meia escondida pela tecira que a aranha tecia havia já muitos annos.

A aranha era muito grande e muito velha. Alongando lentamente um dos seus compridos braços negros fez signal ao mensageiro para approximar-se.

— Qual o motivo que te conduz á minha casa, meu filho, disse ella com bondade. Desejas um pedaço da minha teia para fazeres um cabeçalho?

— Não, minha mãe, não é isso. O leão, meu senhor e rei, deseja saber de vós o meio de fazer voltar a agua no seu tanque.

A aranha meditou um pouco, depois levantando um dos braços, disse:

— Responda ao rei leão que faça cortar todas as amendoeiras do parque e a agua encherá de novo o tanque.

O cavallo agradeceu vivamente a aranha e embrenhou-se na floresta. Como ia a galope, os cascos bateram bruscamente na raiz de um álamo atravessado no caminho. Encolerisou-se, amaldiçoando o álamo, chamando-o de carrasco e máo; e relinchando dolorosamente, pensou:

— Estou estropiado para o resto dos meus dias! E manquejando voltou ao palacio.

A' pergunta impaciente do rei, o cavallo, preoccupado com sua malventura, responde:

— Sire, a aranha recommenda que cortem os álamos dos arredores e a agua encherá o tanque immediatamente.

Radiante, o leão mandou buscar uma tropa de elephantes e ordenou-lhes que abatessem todos os álamos dos arredores. Isto bem inutilmente! O tanque continuou secco. De alegre que estava o leão, tornou-se furioso. Mensageiro infiel, rugiu elle, atreves a caçoar com teu rei? Não serei por mais tempo burlado; e sem mais nada dizer, S. M. saltou ao pescoço do cavallo e o estrangulou.

No dia seguinte, tendo recuperado o sangue frio, o leão chamou o boi e, por seu turno, o enviou a consultar a aranha.

A boa e serviçal aranha interrompeu seu trabalho e, como tinha feito ao cavallo, respondeu ao boi:

— Diga ao leão que córte as amendoeiras e a agua correrá.

O boi voltou á floresta. Vendo que a noite approximava-se e sentindo fome, pastava ao acaso, comendo a relva que encontrava. Subitamente deu um berro; espinhos de amoreiras selvagens rasgaram-lhe as ventas.

Quando o boi chegou, o leão o interrogou com anciedade.

— Sire, respondeu elle, ainda ferido e alterado, a aranha aconselha a V. M., para fazer correr agua no tanque, mandar abater todas as amoreiras do parque.

De novo os elephantes trabalham, porém, por mais que fizessem, embora tambem ferissem a tromba cortando as amoreiras, a agua não correu.

O leão, a esta segunda prova, foi tomado de um accesso de furor tal, que, atirando-se ao boi, o devorou.

No dia seguinte o rei não sabia o que havia de fazer, quando a lebre appareceu. Entre todos os cortezãos não havia igual á lebre em astucia, sendo ao mesmo tempo faladora, medrosa, orgulhosa e aduladora.

— E' possivel que S. M. tenha esquecido sua fiel servidora; disse ella com voz mellifiua. "Meu coração corta-se só com o pensamento de que o meu rei soffre e que ninguem soube soccorrel-o. Um cavallo! Um boi! Preguiçosos e incapazes, para que prestam? Só pela lebre a missão do rei póde ser levada a bom fim.

Ouvindo este discurso, a esperança renasceu no coração do leão. Deu suas instrucções á lebre.

A flecha é menos rapida no seu vôo que a lebre na sua carreira. Espumava quando parou na entrada da caverna.

A raanha não esperou o fim da phrase da mensageira:

— Verdadeiramente, disse ella um pouco impaciente, do que serve repetir-vos a mesma cousa, já que não tendes miolos. Para fazer correr agua no tanque do leão, cortem as amendoeiras do parque e que não me falem mais nisso. Puxando violentamente um pedaço da sua cortina, a aranha desappareceu aos olhos da lebre. Esta, pouco se incommodou. Sem mesmo um agradecimento, voltou apressadamente, repetindo, amendoeiras, amendoeiras; não me esquecerei.

Atravessando uma clareira da floresta, avistou uma nogueira, cujos fructos cahidos, cobriam o sólo. A occasião tentou a lebre, comeu uma noz, depois duas, depois dez. Sentindo sêde, foi saciar-se num riacho que corria mais abaixo da clareira, e depois de uma série de saltos e cabriolas, sentindo-se fatigada, dormiu um dia inteiro.

O sol brilhava havuia muito tempo, quando a lebre, com a sua "toilette" feita, as orelhas em ponta e a cauda em trombeta apresentou-se ao leão. Na sua volta triumphante, só tinha esquecido uma cousa, a resposta esperada; nem por isso deixou de dizer com segurança.

— Sire, a aranha saúda V. M. e manda dizer por meu intermedio que é preciso abater as nogueiras do parque. O leão não duvidou do successo e precede os elephantes numa das extremidades do parque, num bosque de nogueiras. Vlan! aqui, vlan! ali, os galhos juncam o sólo.

Mas, ah! uma vez ainda nem uma gotta d'agua appareceu no tanque.

O leão volve olhares ameaçadores! Nunca se viu monarcha mais encolerisado. Com um rugido terrivel, S. M. saltou sobre a lebre, mas esta, agil e astuciosa, dando um pulo para traz, evitou as garras reaes e desappareceu por entre as arvores.

A consternação reina no palacio real. S. M. passa noites sem dormir. O macaco, seu medico, vendo-se impotente para fornecer o remedio necessario, nada diz.

Uma bella manhã, o leão meditava tristemente nas margens do tanque fatal. Um ruido lento e regular o fez voltar a cabeça, vendo então uma tartaruga com sua grande casca verde-escura. Chegando perto do rei, a tartaruga alongou o pescoço e perguntou:

— V. M. consente que eu vá á casa da aranha?

Embora triste, o leão não poude conter o riso.

— Tu, enviada como mensageira! Mas, pobre animal, para ir á casa da aranha e voltar levarás seis mezes.

— Levarei seis mezes se fôr preciso, mas, sómente quando voltar tereis agua no vosso tanque.

O leão, incredulo, sacudiu a juba e deixou a tartaruga partir.

Durante semanas, sem perder a coragem, a mensageira anda, anda sempre, até o dia em que chegou á caverna, termo da sua viagem.

A velha aranha não pensava mais em toda essa historia, julgando que tivessem seguido o seu conselho. A's primeiras palavras pronunciadas pela tartaruga, ella zangou-se, ficando toda vermelha.

— O tanque do leão não tem agua, disse duas vezes, agitando seus braços; e que bem me importa! Se falta agua, que ponham vinho, xarope ou limonada. Nada tenho com isso.

Com doçura e paciencia a tartaruga acalmou a aranha e depois de muito agrado, conseguiu obter a resposta desejada.

Já havia seis mezes que a mensageira tinha partido, quando um dia o leão passeando no seu parque, avistou ao longe a tartaruga.

Chegando aos pés do rei, a mensageira disse, simplesmente:

— Sire, fazei abater as amendoeiras do parque e a agua correrá n otanque.

— Ainda uma mystificação, sem duvida, disse o leão.

— "Sire", repito fielmente á V. M. as palavras da aranha.

— Seja, as amendoeiras serão cortadas, porém, receio muito que a tua cabeça de tartaruga tenha a mesma sorte.

A tartaruga ficou impassivel, emquanto perto do tanque, numa álea de amendoeiras, os elephantes começaram seu serviço.

Um rugido de alegria escapou ao leão. Oh prodigio! A agua começou a surgir do sólo em volta do tanque, no fundo do qual cahia em jactos e cascatas, com um ruido de crystal. Logo, o tanque ficou de novo cheio de magnifica e limpida agua.

O leão, no cumulo da satisfação, pousou suavemente a pata sobre o casco da tartaruga e, dirigindo-se aos animaes que tinham accorrido curiosos, disse:

— Vêde, o poder da paciencia, da boa vontade e da dedicação. Uma pobre tartaruga deu uma boa lição ao cavallo, ao boi e á lebre. Estes, orgulhosos e egoistas, não pensavam senão em si e pouco se incommodavam com os interesses do rei. O vassallo que desprezei, ensina-me tambem que não se deve esquecer nem um dos humildes que nos cercam.

Os animaes escutaram interdictos.

Então o rei disse á tartaruga que ia mandar construir para ella uma bella casa perto do seu palacio e que daria criados para seu serviço.

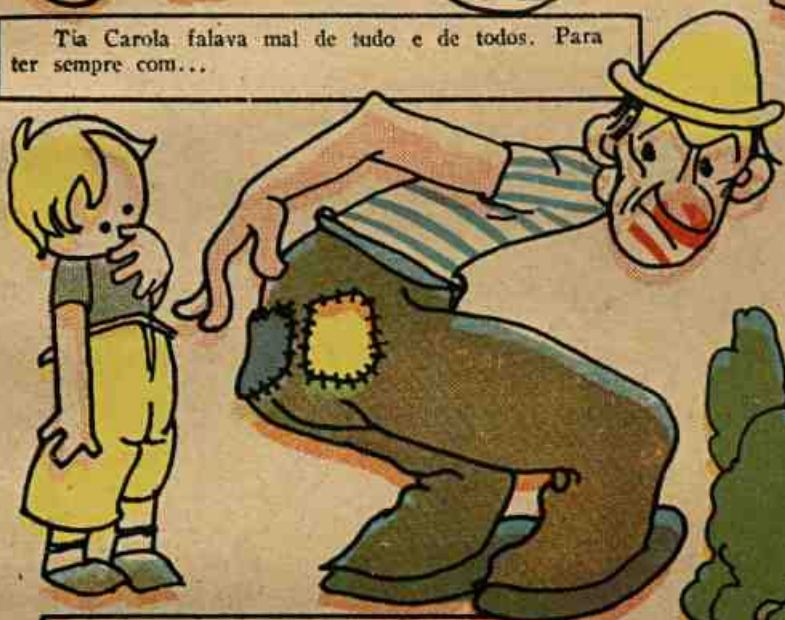
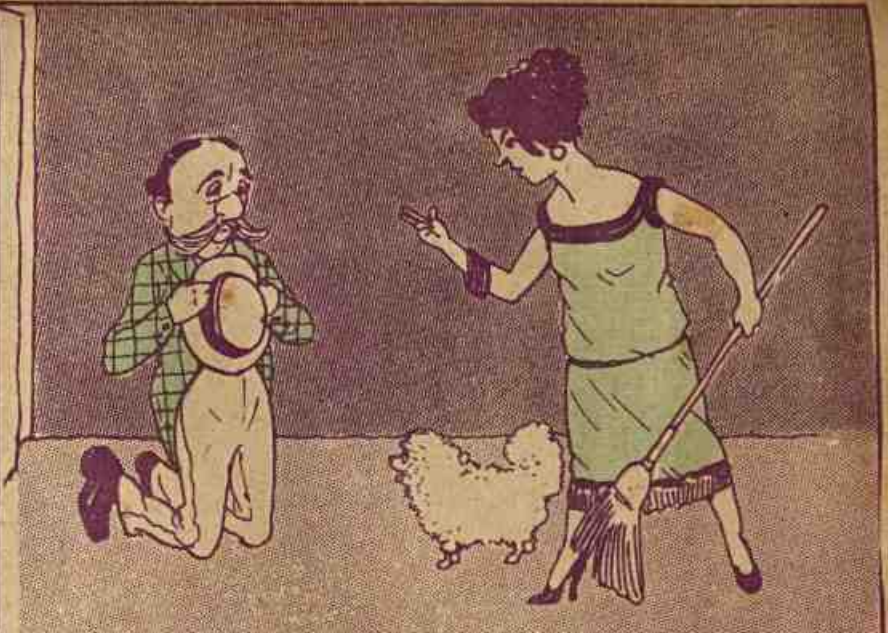
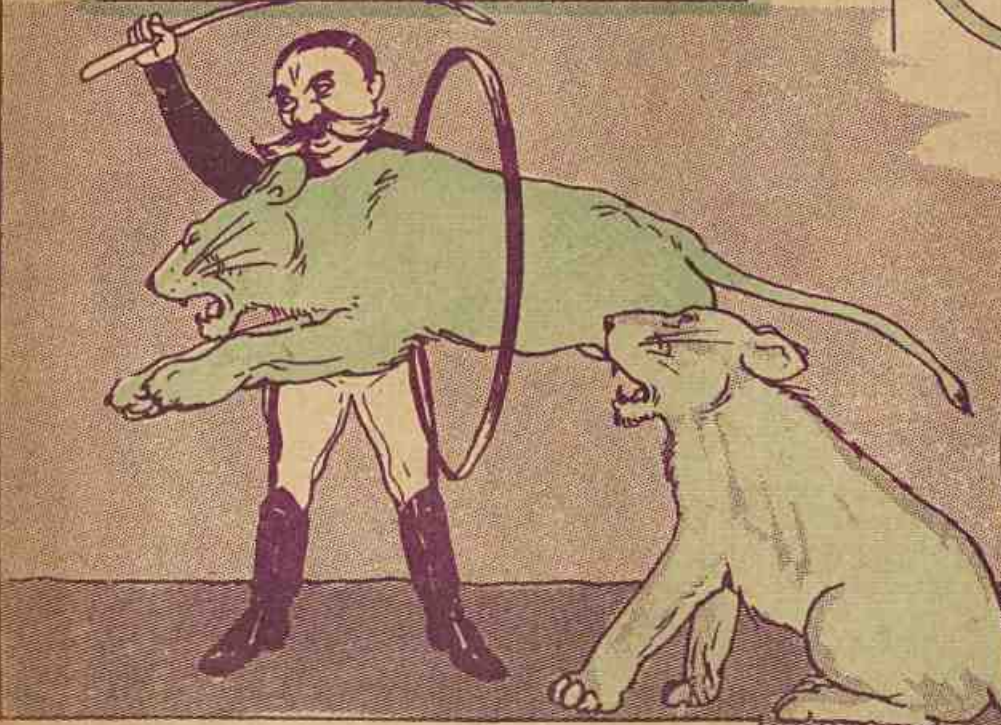
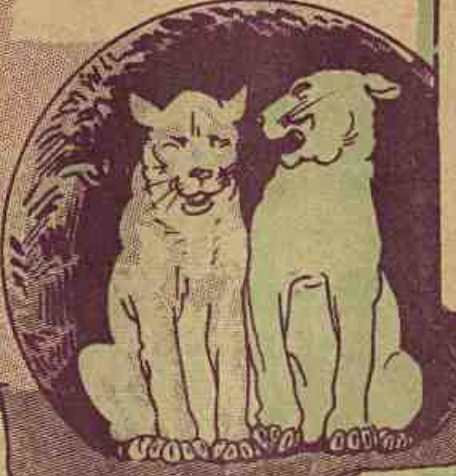
Com grande admiração de todos, a tartaruga agradecendo o rei, recusou acceitar estas dadivas.

— Sire, disse ella tranquillamente, minha casa eu carrego nas costas, meus criados são minhas patas e minha cabeça. Não ambiciono mudar de vida. Supplico sómente á V. M. que consinta que eu volte ás margens do tanque onde meus dias correm em paz.

— Seja, então, acquiesceu o rei maravilhado por tanta simplicidade, seja; e que jámais qualquer dos meus descendentes levante sobre ti ou sobre os teus uma garra mortifera.

Os negros da Africa Austral explicam por este conto, a razão porque o leão dos nossos dias, que devora os animaes de todas as especies, não come nunca uma tartaruga, lembrando-se, assim, da 'promessa do leão de outras éras.

(Conto de *J. Baissac* — Traducção de J. M. F)

A lingua da tia Carola.
Tia Carola falava mal de tudo e de todos. Para ter sempre com...
...quem falar chegou até a comprar um papagaio.
Um dia, tia Carola falou das calças do Viriato. E o Bilú que era...
...amigo do Viriato, jurou vingar-se. Arranjou uma taboa, um pouco de tinta e fez uma...
DÁ-SE UM GRAMOPHONE
...taboleta, que foi pregar á porta de tia Carola, juntando toda a gente que queria um gramophone...
José

A LEÔA
João Valente era um domador de féras. Possuía duas leôas com as quaes se exhibia em publico, num circo. Admiravel nos seus trabalhos era sempre applaudido. As leôas o temiam.
Valente era dado a pandegas depois que acabava o espectaculo e uma vez uma de suas leôas observou pelo buraco da fechadura...
...uma scena ridicula do domador. E' que o Valente veiu tarde para casa e sua mulher, furiosa, peor que as leôas, recebeu-o de cabo de vassoura...
...em punho. Valente prostrou-se, covarde e submisso. Não parecia aquelle Valente valente, que obrigava as suas féras a saltar arcos e a fazer mil proezas e de azorrague em punho castigava-as.
As duas leôas combinaram não mais obedecel-o. Aquillo não era domador, pois, tinha medo de...
...uma leôa... leôasinha de saias e de juba *a la garçonne*. E jámais o domador Valente entrou na jaula de suas leôas. A leôa é que entrava no *pello* do Valente.
A. Rocha

# Bibliotheca Scientifica Brasileira

Appareceu este anno, sob a direcção do Exmo. Sr. Dr. Pontes de Miranda, esta monumental publicação, de cerca de 300 volumes, de que já se disse, com acerto, representar o nosso movimento de Independencia Intellectual. Eis o programma:

I. CULTURA FUNDAMENTAL. — 1. Theoria do Conhecimento. 2. Logica. 3. Logica Mathematica. 4. Methodologia Mathematica. 5. Arithmetica. 6. Theoria dos Numeros. 7-9. Algebra Elementar, Complementar, Superior. 10-12. Analyse Mathematica. 13. Theoria das Funcções. 14. Fundamentos da Geometria e Geometria Geral. 15, Geometria. 16. Geometria Analytica. 17. Geometrias Multidimensionaes, não euclidianas, não archimedianas, etc. 18. Calculo das Probabilidades. 19. Cinematica. 20. Mecanica. 21-22. Physica. 23. Chimica Mathematica. 24-25. I. Astronomia Mathematica; II. Astronomia Physica. 26. Chimica Geral (Leis). 27. Chimica Analytica. 28. Chimica Mineral. 29-30. Chimica Organica. 31-33. Sciencias dos Mineraes: I, Crystallographia; II, Mineralogia; III, Geologia. 34. Physica do Globo. 35-36. Geographia I, Geographia Mathematica, II, Physiographia. 37. Meteorologia. 38. Climatologia. 39-40. Biologia Geral. 41-42. Botanica. 43-45. Zoologia. 46. Geographia Physica. 47. Paleontologia. 48. Biogeographia, I. Phytogeographia, II. Zoogeographia. 49-50. Anthropogeographia, Anthropogeographia do Brasil. 51. Anatomia Geral e Comparada. 52. Anatomia Humana. 53-55. Histologia, Embryologia. 56-57. Physiologia. 58. Morphologia. 59-60. Psychologia, Pedagogia. 61-62. Introducção á Sociologia Geral, Demogenia ou Formação das Populações Humanas.

II. COLLECÇÃO SOCIOLOGICA (ESPECIALMENTE DO BRASIL) — 63-64. Sociologia Geral, Geographia Social. 65-66. Analyse Social: Espaciologia Social; Sociometria. 67. Morphologia Social. 68-69. Demographia, Geographia Demographica. 70. Prehistoria. 71. Archeologia. 72. Geographia Prehistorica e Historica, Geographia Catastrophica. 73. Anthropologia. 74-75. Ethnographia, Ethnogeographica. 76-77. Linguistica. 78. Sociologia Gnoseologica. 79. Sociologia Esthetica. 80. Sociologia Religiosa. 81. Sociologia Ethica. 82. Sociologia Juridica. 83. Sociologia Politica. 84. Sociologia Economica, Geographia Industrial. 85. Technologia. 86. Ethnologia. 87. Psychologia Social, Pedagogia Social. 88. Sciencia Positiva do Direito. 89. Politica Scientifica. 90. Eugenica.

III. COLLECÇÃO POLYTECHNICA (ESPECIALMENTE DO BRASIL). — 91. Topographia e Geodesia. 92. Mechanica Applicada. 93. Resistencia dos Materiaes. 94-95. Astronomia Applicada, Navegação. 96. Hydraulica. 97. Engenharia Sanitaria. 98-100. Estradas de Ferro, Geographia Ferroviaria, Legislação Ferroviaria. 101. Estradas de Rodagem, Geographia dos Caminhos, Legislação. 102. Minas do Brasil, Economia, Finanças, Legislação. 103. Pontes. 104-105. Construcções, Cimento Armado. 106-107. Architectura. 108. Estatistica. 109-111. Chimica Industrial. 112. Machinas. 113. Calor e Frio. 114. Electrotechnica. 115. Metallurgia.

IV. COLLECÇÃO MEDICA (ESPECIALMENTE DO BRASIL). — 116-117. Parasitologia. 118-119. Bacteriologia. 120-122. Pathologia Geral, Cancer. 123. Semiotica Medica. 124. Radiologia. 125. Semiotica Cirurgica. 126-132. Pathologia Interna; Apparelho Circulatorio, Apparelho Respiratorio; Hematologia, Doenças Infecciosas, Orgãos Abdominaes, Glandulas de secreção interna. 133. Medicina Tropical. 134. Animaes Venenosos do Brasil. 135. Pathologia Cirurgica. 136-137. Anatomia Pathologica. 138. Diagnostico Medico. 139. Medicina Operatoria. 140. Therapeutica Clinica. 141-142. Hygiene. 143-144. Medicina Legal. 145-146. Pediatria. 147. Pediatria Cirurgica. 148. I, Hygiene Infantil; II, Doenças nervosas das Crianças. 149. Orthopedia. 150-151. Obstetricia. 152-153. Gynecologia. 154. Urologia. 155. Neurologia. 156-157. Psychiatria, Hygiene Mental. 158. Dermatologia. 159. Syphiligraphia. 160. Oto-rhino-laringologia. 161-162. Ophtalmologia. 163. Toxicologia. 164. Bromatologia. 165. Pharmacia Galenica. 166. Pharmacia Chimica. 167. Pharmacognosia. 168-170. Pathologia e Therapeutica Odontologica. 171. Chimica Medica. 172. Diagnostico de Laboratorio. 173. Chimica, e Metallurgia Applicada.

V. COLLECÇÃO ECONOMICA E JURIDICA (ESPECIALMENTE DO BRASIL). — a) Parte Scientifica.

174. Introducção á Sciencia do Direito. 175. Methodologia Juridica e Politica Juridica. Os Methodos e a Technica. 176. Ethnologia Juridica, Direito Antigo, Geographia Juridica. 177-178. Economia. 179. Finanças.

b) Parte de Historia e de Direito vigente, com applicação critica da parte scientifica:

180. Direito Preromano, Romano e Postromano. 181. Historia do Direito Nacional. 182. Direito Publico e Constitucional. 183. Direito Administrativo. 184-187. Direito Civil. 188-189. Direito Criminal, e Regime Penitenciario. 190-193. Direito Commercial. 194-195. Theoria e Pratica do Processo. 196-197. Direito Internacional Publico. 198-199. Direito Internacional Privado. 200. Direito Intertemporal. 201-204. Direito Social Contemporaneo: Direito da Mulher, Direito Eugenico e Sanitario; Direito Industrial, Legislação Operaria.

VI. COLLECÇÃO AGRONOMICA (ESPECIALMENTE DO BRASIL). — 205. Chimica Agricola. 206. Entomologia Agricola. 207. Zootechnica. 208. Construcções Ruraes. 209. Policia Sanitaria Animal. 210. Economia Rural. 211. Semiologia e Clinica Veterinaria. 212-215. Zoocultura: I, Piscicultura; II, Sericultura; III, Apicultura; IV, Ostreicultura. 216. Agricultura. 217-218. Parasitologia dos Animaes domesticos. 219. Phytopathologia. 220. Industrias Agricolas. 221. Medicinas agricolas. 222. Direito agricola.

Appareceram este anno:

Ophtalmologia, pelo prof. Dr. Abreu Fialho.

Anatomia pathologica, pelo prof. Dr. Leitão da Cunha.

Introducção á Sociologia Geral, pelo Dr. Pontes de Miranda.

Chimica organica, pelo prof. Dr. Otto Rothe (obra que tirou o 1º premio da Academia).

A marca registrada

# Germania

E' A MELHOR PARA TINGIR EM CASA QUALQUER TECIDO

CAIXA —1500

Sylvio

# Um pharmaceutico atarefado

Tiiirriiin!

— Numero, faz favor.

— Central 7777.

— Está occupado.

— Mas, senhorita, é a quarta vez que peço ligação!...

— Está occupado...

— Não é possivel que um pharmaceutico leve o santo dia preso ao telephone...

— Entretanto, só a senhora já quiz falar com elle 4 vezes...

— E que lhe importa isso?!...

— A mim, nada...

— ALLÔ! Olhe!... Não corte...

— Que deseja?

— Não poderia encarregar-se de um recado para esse pharmaceutico, assim que o deixarem livre dessas sanguesugas que o prendem no apparelho?

— Talvez... embora já imagine...

— E que é que Você pensa?

— Que será a senhora uma dessas... sanguesugas...

— O que é que diz?!...

— ...como as outras que têm deixado recado para esse requestado pharmaceutico...

— Ouça. Aqui não ha maldade, ouviu?

— Perfeitamente... Mas não posso continuar falando que é prohibido...

— Não com o seu... reserva naval?

— Senhorita... Senhora... eu não tenho.

— Bem. Foi para rir. Ouça. Parece que é impossivel falar-se com o pharmaceutico...

— Com os quatro sete, central...

— Isso mesmo.

— Ora, desde que elle encheu a vitrine com os vidrinhos das Pilulas de Reuter, foi como se expuzesse mel ás moscas... O telephone não dá vasão aos pedidos...

— Realmente?

— Certamente, porque essas Pilulas de Reuter são as mais efficazes que se podem tomar para conservar a saude e, segundo as moças formosas, as melhores para conservar a pelle fresca e sem espinhas.

— Isso mesmo já me disseram e era por isso...

— Sim.

— ...que eu queria telephonar... Mas faça-me o favor de pedir a esse pharmaceutico que me mande, hoje sem falta, meia duzia de vidrinhos, á rua...

— Pois não. Não é preciso dizer, que eu conheço o endereço.

— Então, muito agradecida. Não vá esquecer.

— Sim, senhora.

— Obrigada.

— Tiiirrriiiin!...

# PREVIDENCIA PRECOCE

Juquinha, de 7 annos, ladino como poucos, conversa co Manduca, de 5 annos, tambem de tres assovios.

Juquinha, do alto da sua importancia de proprietario, explica ao amigo como um homem póde começar a fazer-se desde creança. Ouçam, lá, o dialogo:

J. — Você sabe que eu sou proprietario?

M. — Não. E como você arranjou isso?

J. — Muito facilmente. Papae, todos os mezes, no dia do pagamento, dava-me brinquedos que, no pagamento seguinte já não existiam. Eu achei que aquillo não estava certo e perguntei ao papae quanto gastava por mez. "20$000", disse elle. Eu, então, declarei que não queria mais brinquedos: queria ser proprietario!...

M. — Que bobagem!... Com 20$000?...

J. — Bobo é sapo... e você tambem. Vaes ver... Eu tinha guardado um prospecto de terrenos em prestações (Manduca arregala os olhos) e espeguei nos olhos do *velho*, que os arregalou, como você agora, e disse: 'E' isto que quero, Sr. meu pae. Trate do meu futuro. Um terreno comprado hoje que estou com 5 annos deve valer 50 vezes mais, quando eu fôr maior."

M. — O velho cedeu? Devia ceder logo.

J. — Elle riu, mas, eu que penso no futuro, andei com elle do cabo *curto*; todos os dias, no cafézinho, zás, (terreno! Até que elle lá foi commigo ver os terrenos e comprar um por 400$000, que já vale 2:000$000 e eu não vendo. Você, se quizer ser gente, faça o mesmo. Não deixe seu pae socegado. E' terreno no café, no almoço, no jantar e no deitar. O velho achou bom e já está pagando outro terreno para a Ritinha.

M. — Você é um *bicho*. Vou fazer isso. E dou conselho de o fazerem a todos os pirralhos que lêem *O Tico-Tico*. Mas, onde devo ir com o *velho*?

J. — A' Companhia Territorial do Rio de Janeiro, rua da Assembléa, 79, falar com o Alvaro, que gosta de creanças, ou pedir uns prospectos pelo telephone Central 2351.

PARAISO DAS CRIANÇAS
CONFECÇÕES
FINAS PARA
CRIANÇAS,
MOCINHAS
e RAPAZES
ENXOVAES COMPLETOS PARA RECEMNASCIDOS
E BAPTISADOS
J. PAIM & C.
RUA 7 DE SETEMBRO, 134
Tel. Central 1231-Rio de Janeiro

JATAHY
PRADO
o rei dos remedios
Brasileiros
CREANÇAS FELIZES
Livres dos males do peito!
São creanças que tomaram
JATAHY PRADO
O REI DOS REMEDIOS BRASILEIROS
PREPARADO PELO PHARMACEUTICO HONORIO DO PRADO
O mais poderoso remedio contra a TOSSE, BRONCHITES, ASTHMA, ROUQUIDÃO e COQUELUCHE.
Não acceiteis tão bom e nem melhor,
porque não ha outro que o eguale.
Unicos depositarios; ARAUJO FREITAS & Cia.
Rua dos Ourives, 88 e 90
RIO

# OS PERIGOS DA RUA

Expôr a vida por uma causa justa, nobre e grande... vá lá!

Expol-a, porém, ao ridiculo da humanidade é uma cousa que não tem desculpa.

A pobre moça atravessa essas ruas, impregnadas de perigos, para levar á clientella de sua casa as tranças, cabelleiras, "chinós", que a preguiça e indolencia moderna puzeram em uso, como substituto dos encantos naturaes inimitaveis, dos quaes deveria fazer uso absoluto.

As mulheres de hoje tratam os cabellos de uma maneira indifferente e até com desdém.

Conheço algumas que os cortam para, com mais commodidade, pôr postiços.

Mas que *horror!*

*Como pretexto* de que cabem ou de que os têm desiguaes, mettem-lhes a tesoura com o maior descaramento, para pôres em seu logar fementidas cabelleiras de pellos de defuntos.

E como seria facil ostentar os seus diademas imperiaes proprios, naturaes, offerecidos pelo Creador!

Usando o maravilhoso tonico *Tricofero de Barry,* que é o reconstituinte mais extraordinario do cabello, o que lhe dá brilho e perfume, o que limpa o couro cabelludo, incita-o a crescer e desenvolver-se, mesmo nos craneos mais rebeldes, as mulheres andariam como deusas ostentando a principal, a mais attrahente das suas bellezas.

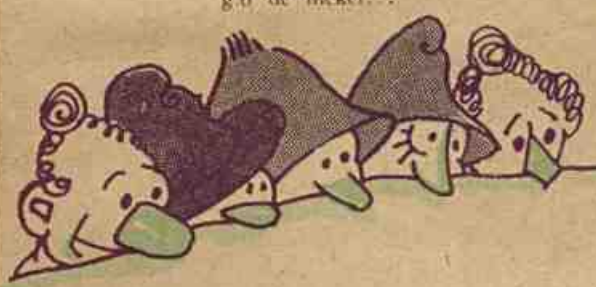
Chiquinho e os seus companheiros tambem sabem o que é bom. Veja-se a manifestação de alegria que lhes merece o apparecimento de uma lata de chocolate **BHERING !**

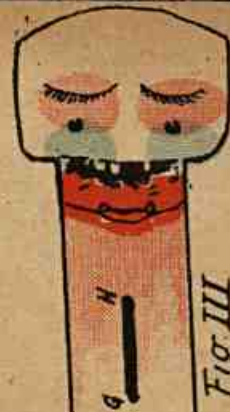
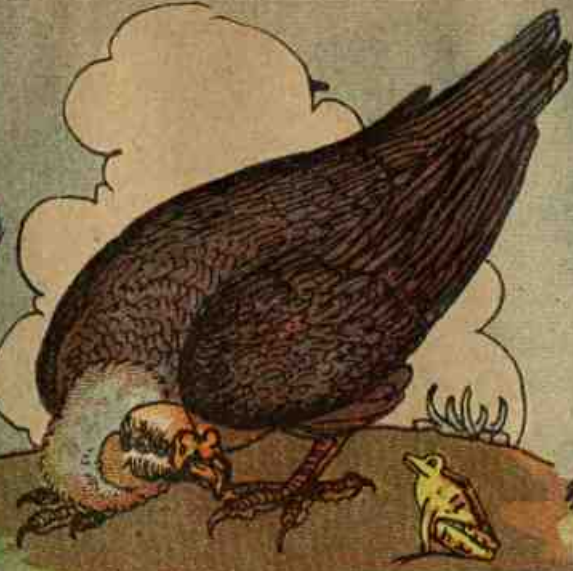
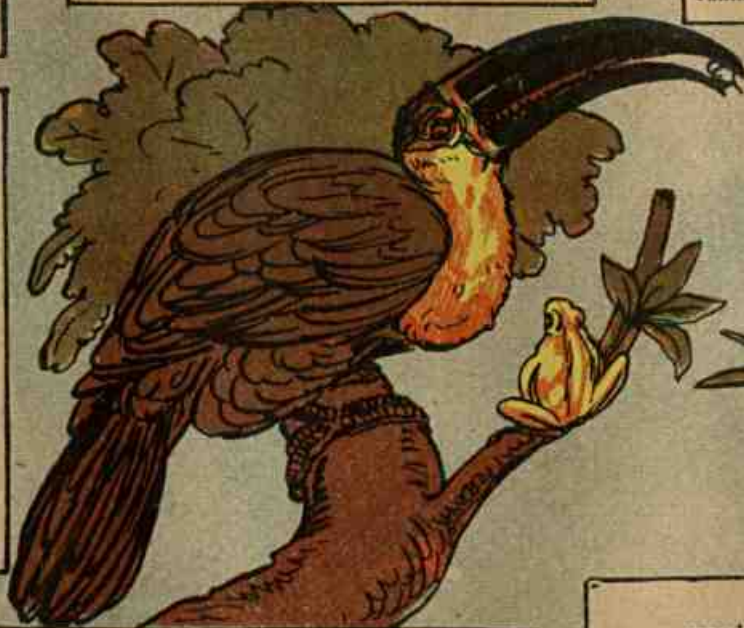
MODO DE USAR: Dissolvam-se 20 grammas (uma colhér das de sopa) de CHOCOLATE "BHERING" em uma chicara com agua ou leite, leve-se ao fogo, agitando sempre, até abrir fervura, e desta fórma obtem-se uma excellente e deliciosa chicara de CHOCOLATE "BHERING".

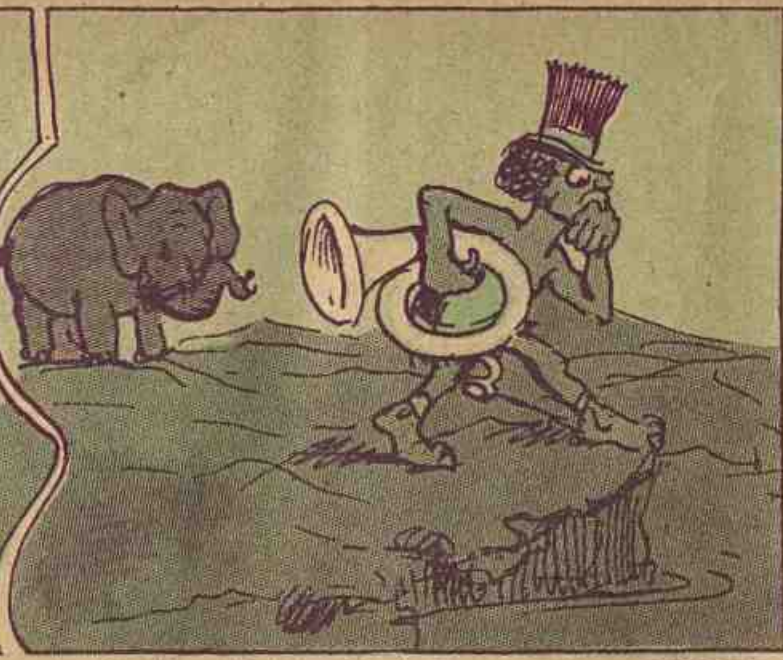
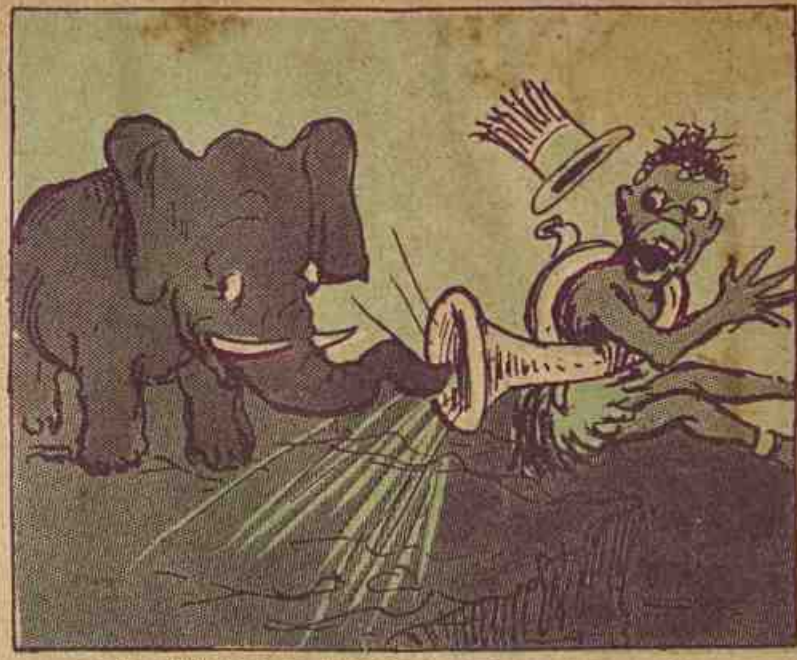
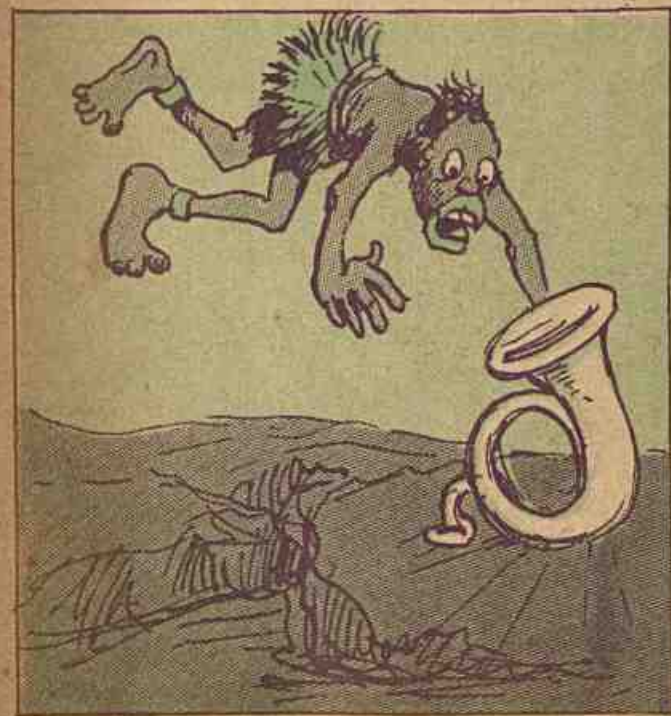
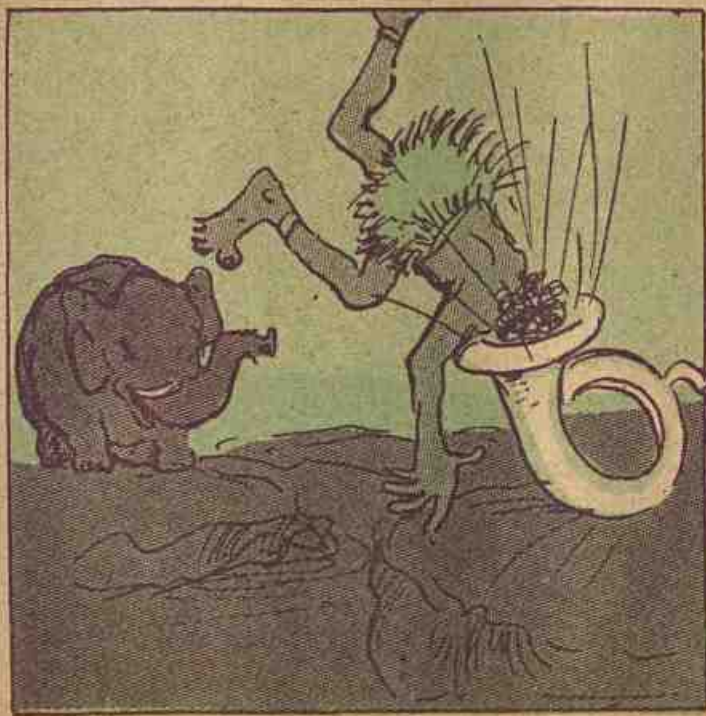
*Grande variedade de Balas — Bonbons — Caramellos — Canella — Pimenta*

**BHERING & CIA.**

RUA SETE DE SETEMBRO, 113. — Telephone, Central, 148. — *RIO DE JANEIRO.*

O Relogio do Chico
"O Chico tirou numa rifa um grande relogio de nickel...
Desde então o Chico começou a andar por toda a villa.
O povinho da localidade, vendo que o Chico não parava mais, pensou que elle estava doudo, e...
XADREZ
José
...mandaram o Juca da Onça, que era valentão, mettel-o num sacco para leval-o ao Doutor. Ahi o Chico explicou-se: "Eu...
...ando, *seu* Doutor, eu ando sempre mas, não é por mal, é só para o meu relogio não parar!..."

# O VENTRILOQUO

Preguem tudo em cartolina e recortem depois as figuras I, II e III. Abram cortes nas linhas A B, C D, E F, e G H. Retirem o preto dos olhos, deixando ahi dois buracos para se vêr os olhos que estão na figura III. Furem os pontos nos hombros do boneco que está sentado, nas pernas do ventriloquo e tambem os pontos marcados nos braços (fig. II). Prendam os braços nos respectivos logares com um fio com dois nós. Tomem a fig. III e introduzam-n'a pela fenda A B, fazendo entrar por traz da cabeça; depois ella entrará na fenda C D, e descendo pelas costas da figura entrará na fenda E F. Enfiem as pontas dos braços na fenda G H da fig. III. Abaixando-se e suspendendo-se a fig. III ver-se-á o boneco abrir e fechar os olhos conjunctamente movendo os braços.

O sapo entendeu que havia de fazer um passeio aereo. Via os passaros e os aeroplanos voarem e imaginava como deveria ser agradavel voar. E como lhe...
...faltassem azas, foi pedir aos papagaios e cacatuas para leval-o ás costas. A cacatua sentiu-se offendida com a proposta e mandou que o...
...sapo batesse a outra freguezia; e elle foi ao urubú-rei. Esse só não o comeu porque o sapo não era carniça. E o sapo procurou a aguia. A rainha...
...olhou-o com desprezo e o sapo foi a coruja, que desculpou-se dizendo que ella só voava á noite e o sapo foi ao tucano. Aquelle bico formidavel fez-lhe medo.
O bicanca naquelle momento acabava de engulir um rato. O sapo não quiz conversa, saltou ao chão e depois de andar um pouco encontrou o secretario o...
...comedor de cobras que não lhe deu tempo de fazer o pedido. — Eu te levarei, disse o secretario, mas, no papo. E engoliu o sapo.
A. ROCHA.

# PUNGA MALOMBO VAE AO JAZZ

Sabem quem é Punga Malombo? E' o chefe trombonista do "Jazz-band" do cinema Katastrophico, o maior da Africa.

Quando se dirigia ao "Jazz", Punga encontrou-se á beira de um rio, que não podia passar sem molhar os callos e enferrujar o trombone.

— Eu tambem quero aprender a tocar trombone — disse um elephante que por lá passava. E, assoprou no trombone para experimentar.

O sopro foi um pouco puxado e Punga Malombo voou para a outra beira do rio. Lá esperava por...

...elle o trombone, que o recebeu de bocca aberta. Não é que Punga Malombo metteu-se no trombone...

[illegible] o elephante riu a bom rir, mas desistiu de aprender a tocar. — Vou usar trompa, [illegible] para [illegible].

# CASA GUIOMAR

## CALÇADO "DADO"

A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

**AVENIDA PASSOS, 120 — RIO**

Conhecidissima em todo o Brasil por vender barato e servir bem, lança, a titulo de RECLAME, aos seus freguezes, tres marcas de sua creação, mais barato 40 % do que nas outras casas.

**45$000**
MAIS UMA

Lindos, modernos e finos sapatos em fina camurça côr marron. Gaspia de fina pellica envernizada côr cereja, salto cubano, com linda fivellinha do lado, custam nas outras casas 60$000.

**45$000**

O mesmo modelo em fina camurça preta, gaspia de fina pellica envernizada, preta com salto Luiz XV e linda fivellinha do lado conforme o cliché, custam nas outras casas 60$000.

**36$000**
MAIS UMA

Lindos e finos sapatos em fina pellica envernizada preta, com furinhos, salto Luiz XV. Rigor da moda, e tambem em fino buffalo branco.

**45$000**

O mesmo modelo tambem com furinhos egual ao cliché, em fina pellica amarella, artigo de superior qualidade e caprichosamente confeccionado RIGOR DA MODA.

Ainda o mesmo modelo em fina camurça preta tambem com furinhos, salto Luiz XV.

### ULTIMA NOVIDADE EM ALPERCATAS

Em fino couro estampado de linda côr caprichosamente confeccionadas, toda forrada e debruada, manufacturada exclusivamente para a CASA GUIOMAR.

De 17 a 26 .................... 12$000
De 27 a 32 .................... 14$000
De 33 a 40 .................... 16$000

Pelo correio mais 1$500, por par

Pelo Correio, mais 2$500 por par — Remettem-se catalogos illustrados para o interior, a quem os solicitar. Pedidos a

*JULIO DE SOUZA*

## CURE-SE E FORTALEÇA SEU FILHO

### Hustenil
Xarope

(Aconito-allium-belladona-bromoformio-louro-cerejo). Poderoso especifico dos bronchios, Tosses reneldes-anginas-grippe-resfriados-coqueluche e asthma. (Lic. 3064.)

### Lactovermil

Polyvermicida 90 % mais efficaz que os vermifugos communs. Usado pelo Dep. Nac. de Saude Publica, e receitado pela totalidade da classe medica do Brasil. (Lic. 408).

### Laxo Purgativo Infantil

Base manita do maná). Unico no genero para crianças, é efficaz, tem sabor de assucar e não habitua o organismo. (Lic 407).

### Pepsil

Tri-digestivo infantil (papaina-takadiastase-pancreatina-vitaminas). Poderoso auxiliar da digestão e correctos das perturbações na nutrição da criança. (Lic. 3008)

### Tonico Infantil
(Concentrado)

(Sem alcool). Poderoso reconstituinte das crianças e unico no genero. (Iodo-tanico-arrheno-glycero-phospho-calcio-nucleo-vitaminoso). Sabor muito agradavel. (Lic. 406).

### Creme Infantil

(Em pó dextrinisado). 14 variedades de farinhas, com digestão quasi feita. Os pacotes são acompanhados de conselhos muito uteis sobre regime alimentar e hygiene.

### Leite Infantil
Fabricado em S. Paulo e Rio

Todos os preparados trazem nos rotulos as formulas respectivas. — A' venda em todo o Brasil.
LABORATORIO NUTROTHERAPICO Dr. RAUL LEITE & Cia. — Rua Gonçalves Dias 73 — Rio

# Pelas Nuvens

Os sports aereos estão-se divulgando em grande escala.

E se alguem perguntar se amam o perigo, respondem, sorrindo:

— Talvez o faça por necessidade.

— Como? A Sra. tem necessidade de procurar o ar nas alturas?

— Talvez; a causa é tambem outra.

— Poderemos sabel-a?

— Não ha inconveniente.

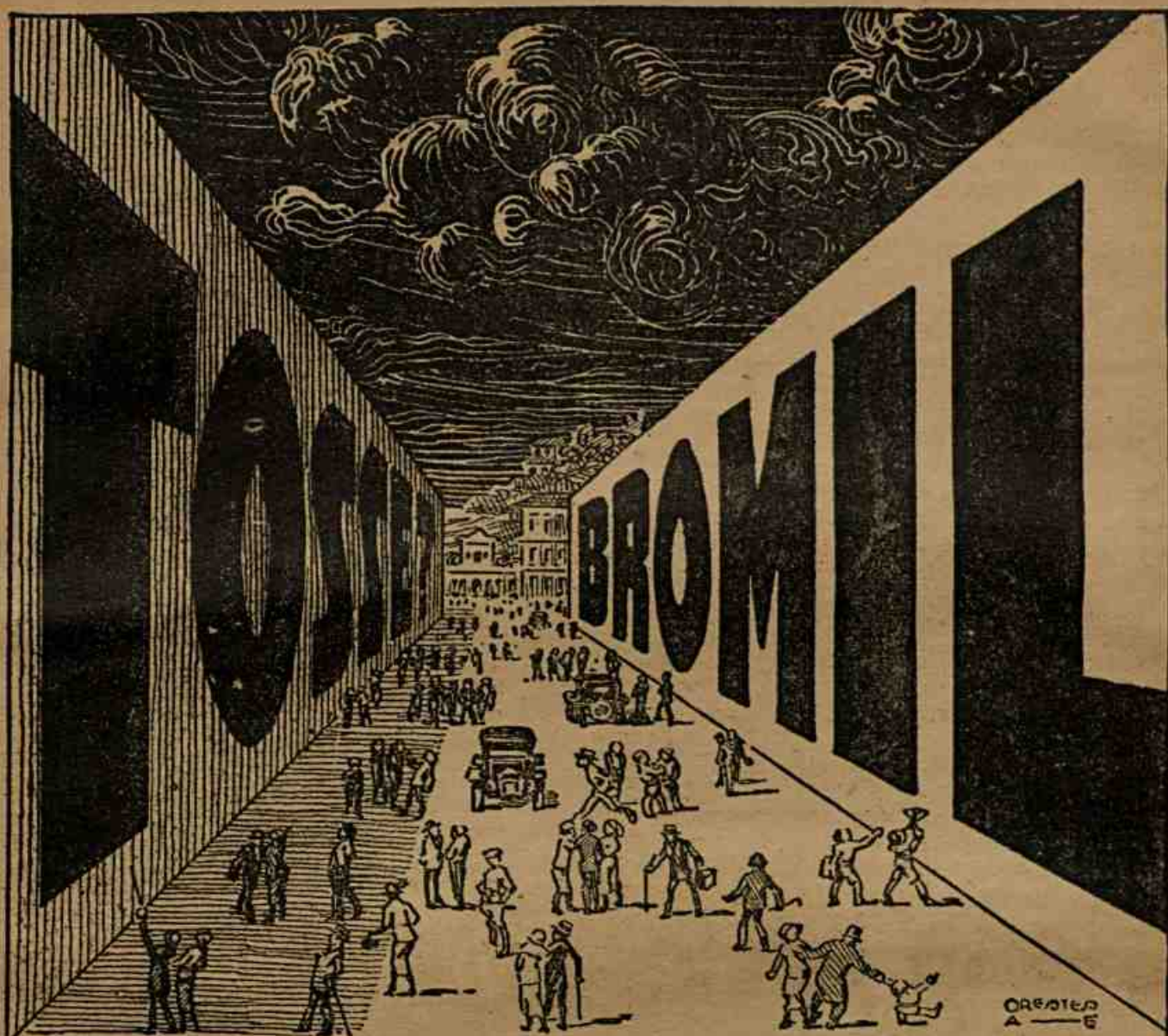
— Vejamos.

— E' o sabonete *Barry*.

— Que diz a Sra.?

— Como a Sra. ouve.

— Explique-se.

— Como se espera um verão muito calido, e a gente asseada augmenta nesta cidade como por encanto, ouvi dizer a todas as minhas amigas e conhecidas, que o sabonete *Barry*, unico sabonete puro, hygienico, perfumado, vae andar este verão *sobre as nuvens*. Eis a razão, porque ando ensaiando-me na aviação, para estar em condições taes que, quando o sabonete de *Barry* (sem o qual é-me impossivel passar) faltar na terra, possa com toda a commodidade ir buscal-o nas alturas.

BROMIL

# PATRIA

A Patria é a familia amplificada.

E a familia, divinamente constituida, tem por elementos organicos a honra, a disciplina, a fidelidade, a bemquerencia, o sacrificio.

E' uma harmonia instinctiva de vontades, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas entrelaçadas.

Multiplicae a cellula, e tendes o organismo.

Multiplicae a familia, e tendes a patria. Sempre o mesmo plasma, a mesma circulação sanguinea. Os homens não inventaram, antes adulteraram a fraternidade, de que o Christo lhes dera a formula sublime, ensinando-os a se amarem uns aos outros: Diliges proximum tuum sicut te ipsum.

Dilatae a fraternidade christã, e chegareis das affeições individuaes ás solidariedades collectivas, da familia á nação, da nação á humanidade.

Objectar-me eis com a guerra? Eu vos respondo com o arbitramento.

O porvir é assaz vasto, para comportar esta grande esperança. Ainda entre as nações independentes, soberanas, o dever dos deveres está em respeitar nas outras os direitos da nossa. Applicae-o agora, dentro das raias desta; é o mesmo resultado: bemqueiramo-nos uns aos outros, como nos queremos a nós mesmos.

Si o casal do nosso visinho cresce, enrica e pompeia, não nos amofine a ventura de que não compartilhamos. Bemdigamos, antes, na rapidez de sua medrança, no lustre da sua opulencia, o avultar da riqueza nacional, que se não pode compor da miseria de todos.

Por mais que os successos nos elevem, nos comicios, no foro, no parlamento, na administração, aprendamos a considerar no poder um instrumento de defesa commum, a agradecer nas opposições as valvulas essenciaes de segurança da ordem, a sentir no conflicto dos antagonismos descobertos a melhor garantia da nossa moralidade.

Não chamemos jamais de *inimigos da patria* aos nossos contendores. Não verberemos jamais de *traidores á patria* aos nossos adversarios mais irreductiveis. A patria não é ninguem: são todos; e cada qual tem no seu seio o mesmo direito á idéa, á palavra, á associação.

A patria não é um systema, nem uma seita, nem um monopolio, nem uma forma de governo; é o céo, o sólo, o povo, a tradição, a consciencia, o lar o berço dos filhos, o tumulo dos antepassados, a communhão da lei, da lingua e da liberdade.

Os que a servem são os que invejam, os que não infamam, os que não conspiram, os que não sublevam, os que não desalentam, os que não emmudecem, os que não se acobardam, mas resistem, mas ensinam, mas esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, á admiração, o enthusiasmo. Porque todos os sentimentos grandes são benignos e residem originariamente no amor.

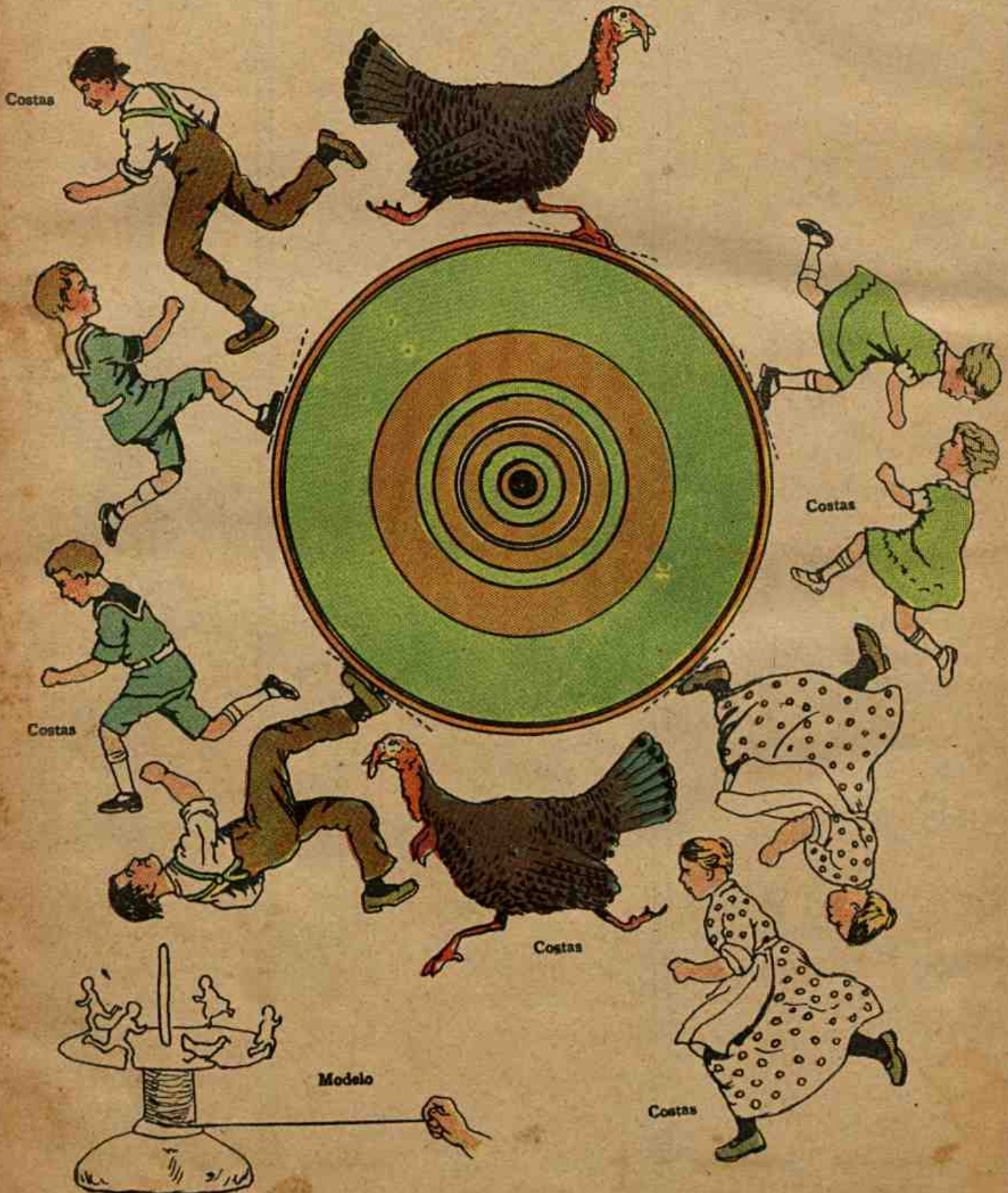
No proprio patriotismo armado o mais difficil da vocação, é a dignidade, não está no matar mas no morrer.

A guerra, legitimamente, não pode ser o exterminio, nem a ambição: é simplesemnte a defesa. Além desses limites, seria um flagello barbaro, que o patriotismo repudia.

RUY BARBOSA.

# A VINGANÇA DO POLICHINELLO

# A PÉGA AO PERÚ — Pagina de armar

EXPLICAÇÃO: — Collem a figura central em cartolina e recortem cuidadosamente. Dobrem para cima, pela linha ponteada, o perú e as pessoas, forrando-os, depois com as respectivas costas. Cortem uma batata ingleza, enfiem nella um pedaço de arame ou varinha de madeira, a qual, atravessando um carretel de linha vasio e o centro do circulo da figura central, tornará armada e prompta a pagina da pega ao perú. Um cordel fino, enrolado no carretel e em seguida puxado bruscamente, como se vê no modelo, fará rodar o circulo, como um carroussel.

ELIXIR
DE
INHAME
DEPURA
FORTALECE
ENGORDA

ENCONTRAM-SE NA

# LEITURA PARA TODOS

LITERATURA, ARTE, SCIENCIA, HISTORIA, VIAGENS, THEATRO, CINEMA, MUSICA, SPORTS, AGRO-PECUARIA, TAES SÃO OS ASSUMPTOS DE QUE HABITUALMENTE SE OCCUPA EM CADA NUMERO, SÃO CENTO E TRINTA PAGINAS DE TEXTO ILLUSTRADAS, TRAZENDO SEMPRE REPRODUCÇÕES DE QUADROS CELEBRES, A DUAS E TRES CORES.

Si
um menino
e corado
tudo ao
Biotonico
Fontoura
BIOTONICO
FONTOURA
ANEMIA
NEURASTENIA
DEBILIDADE
TUBERCULOSE
BIOTONICO
O BIOTONICO
NERVOS
O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE